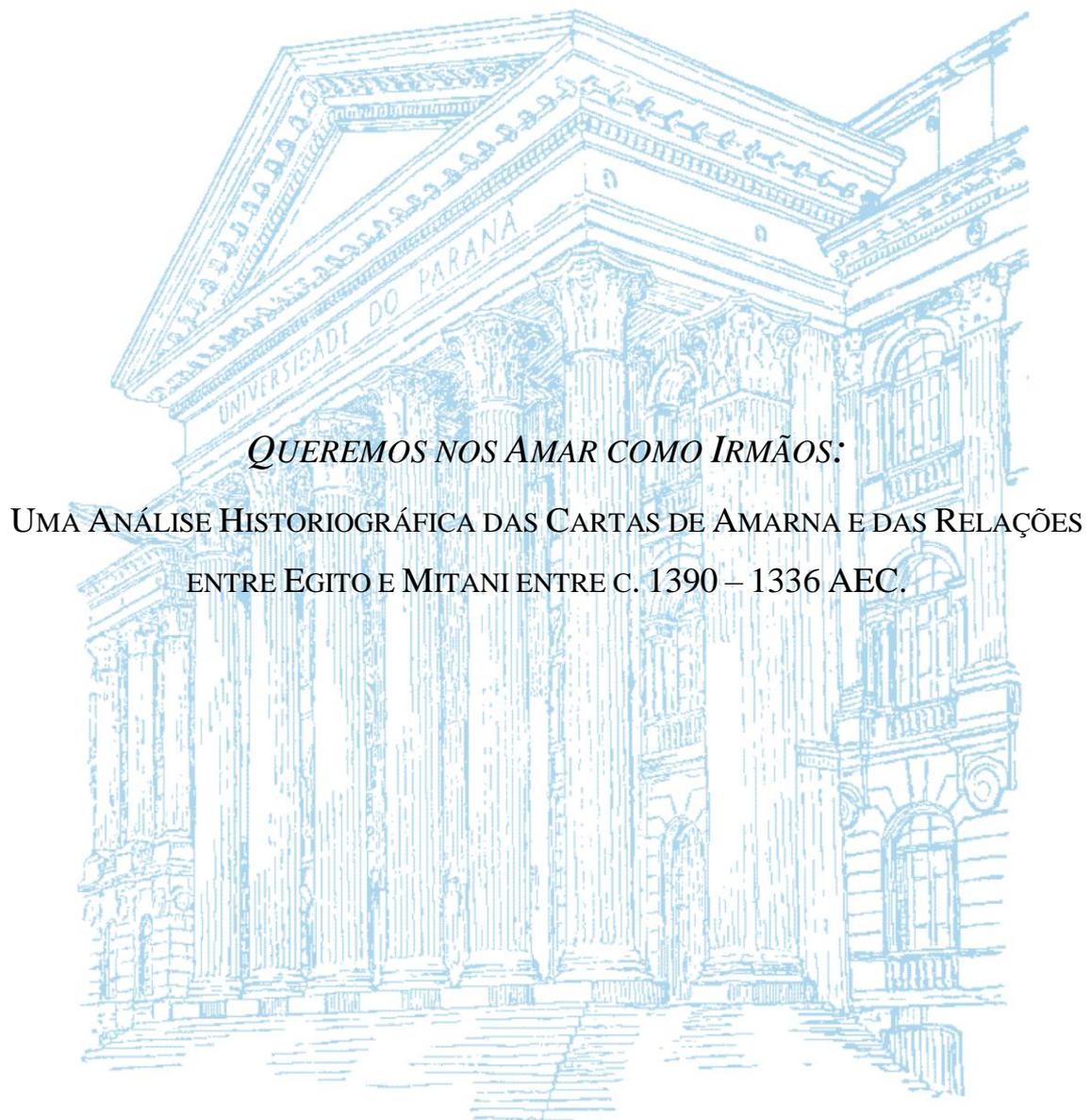


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PRISCILA SCOVILLE



QUEREMOS NOS AMAR COMO IRMÃOS:

UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DAS CARTAS DE AMARNA E DAS RELAÇÕES
ENTRE EGITO E MITANI ENTRE C. 1390 – 1336 AEC.

CURITIBA

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PRISCILA SCOVILLE

QUEREMOS NOS AMAR COMO IRMÃOS:

UMA ANÁLISE HISTORIOGRÁFICA DAS CARTAS DE AMARNA E DAS RELAÇÕES
ENTRE EGITO E MITANI ENTRE C. 1390 – 1336 AEC

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em História, no Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Dr. Renan Frighetto

Coorientadora: Dra. Liliane C. Coelho

CURITIBA

2017

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Scoville, Priscila

Queremos nos amar como irmãos: uma análise historiográfica das cartas de Amarna e das relações entre Egito e Mitani entre C. 1390 – 1336 AEC. / Priscila Scoville – Curitiba, 2017.
234 f.

Orientador: Renan Frighetto

Coorientadora: Liliene Cristina Coelho

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. História – Mitani – 1.390-1336 a.C. 2. Egito - Civilização antiga. 3. Cartas de Amarna. 4. Oriente Próximo – História. I. Título.

CDD 932.011



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós Graduação em HISTÓRIA
Código CAPES: 40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **PRISCILA CRISTINA NASCIMENTO LOPEZ DE SCOVILLE**, intitulada: **""Queremos nos amar como irmãos"": uma análise Historiográfica das cartas de Amarna e das relações entre Egito e o Reino de Mitani entre 1390 - 1336 AEC.**", após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO.

CURITIBA, 10 de Março de 2017.

RENAN FRIGHETTO
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

MOACIR ELIAS SANTOS
Avaliador Externo (UNIANDRADE)

MARIA THEREZA DAVID JOÃO
Avaliador Externo (UNINTER)



AGRADECIMENTOS

“O que eu sou hoje...”, Fernando Pessoa disse uma vez, em um de seus poemas. Hoje sou aquilo que me fizeram e me possibilitaram ser. O meu eu contemporâneo foi construído pelo eu passado e este dependeu de muitos que passaram pela minha vida. Toda a trajetória até aqui só foi possível com o apoio daqueles que me acompanharam. Posso dizer, com toda a certeza do mundo, que este trabalho não se construiu sozinho e que meus estudos não são somente meus, mas de todos nós. Por isso, gostaria de agradecer a cada uma dessas pessoas.

Em primeiro lugar, agradeço a minha família, por todo o suporte que sempre me deram. Aos meus pais, Débora, André (e Carla, uma verdadeira segunda mãe); aos meus avós, Maria Cecília, Francis, Zenilda, José Alípio e Matutina (bisa também é avó); aos meus irmãos, Bianca e Felipe; à Fabiana e ao Vento. Sou grata também, pela família que escolhi, ao Otávio, que me acompanhou pelos últimos anos em cada passo que eu dei, sendo um suporte, uma âncora; e à família Degani, que me recebeu em sua casa tantas e tantas vezes.

Devoto, também, aos amigos minha *gratidão*, para usar a palavra mais adequada e definidora de um certo grupo de amigas de infância: Alessandra, Bruna, Carolina, Giovanna, Letícia, Marina C., Marina S., Nathalia, Thiana e Verônica. Igualmente, não posso deixar de agradecer aos amigos que o mestrado me deu, o C&P + Kimberley, melhor linha de pesquisa: Mariana, Gabrieu, Luciane, Andreia e Lucca, o mestrado não teria sido o mesmo sem vocês. E por último, mas não menos importante, aos amigos que o Eliseu Guimarães Grupo de Dança me trouxe (me perdoem, como vocês são muitos, não dá para listar o nome de todos aqui, mas vocês são igualmente amados por mim) - gostaria de destacar a Rafaela, porém, que passou horas comigo, ouvindo sobre meus problemas e dividindo os próprios comigo. Rafa, eu disse que faria um agradecimento especial para você, então aqui vai: VLW, FLW.

Em terceiro lugar, agradeço aos meus orientadores, Dra. Liliane Coelho e Dr. Renan Frighetto; e aos professores e funcionários que me ajudaram a chegar até aqui: Marcella, Pedro, Maria Cristina, Isabelle, Moacir e Maria Thereza - listo apenas alguns, mas tantos outros foram igualmente importantes, em todos os graus de minha formação.

Agradeço também alguns outros nomes que me auxiliaram e insentivaram para essa pesquisa: Kátia Pozzer, Marcelo Rede, Matthew Rutz, Jacob Lauinger e Júlio Gralha; professores que demonstraram interesse pelos meus estudos; e Anita Fattori, Fábio Frizzo e (novamente) Alessandra, que me ajudaram com materiais e textos que foram usados por mim. Agradeço ao pessoal que conheci no Museu Egípcio, Vivian, Marisa, Marcela e Marlon, que, cada um a sua forma, sempre me fizeram acreditar em mim e estavam lá quando eu precisasse.

Por fim, agradeço à CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa concedida, que possibilitou o desenvolvimento dessa pesquisa. Às instituições, British Museum e Vorderasiatisches Museum, que me permitiram um estudo aos seus acervos, garantindo meu acesso às fontes. E ao ASE - Association for Students of Egyptology.

*Da delicada troca de civilidade e ameaças que
constituía a diplomacia.*

Diana Gabaldon

RESUMO

No Antigo Oriente Próximo, vimos nascer civilizações, línguas, culturas e manifestações que conectavam diferentes territórios. Da integração dos povos antigos desenvolveu-se a Idade do Bronze, por exemplo. As relações, porém, precisaram ser reguladas e moldadas para atender as necessidades que cada reino envolvido possuía. A normatização dos contatos, por sua vez, permitiu a troca de cartas por meio de um sistema diplomático, sobre o qual hoje temos as Cartas de Amarna como seu maior reflexo. Contudo, a prática e a teoria nem sempre andam juntas. Por isso, mais do que as leis, é preciso que os estudos levem em consideração as convenções e motivações intrínsecas ao sistema e aos envolvidos. Neste trabalho busco entender o caso entre Egito e Mitani, compreendendo os motivos que o rei mitânico, Tushratta, teria para manter uma aliança com os faraós egípcios, mesmo tendo tantas reclamações sobre eles. Para tanto, foi necessária uma análise interdisciplinar que nos auxiliasse a diferenciar os argumentos políticos, oficiais e retóricos que as correspondências nos apresentam. Com os estudos de variados campos, é possível perceber elementos como a reciprocidade e a economia de oferta, que juntas nos mostram uma visão de caráter individual dos reis. Enquanto oficialmente Grande Reis deveriam tratar-se por iguais, esses aspectos nos apresentam uma hierarquização sutil, ou, ao menos, uma tentativa de mostrar superioridade. Esta pesquisa, então, utiliza-se da linguagem e estilo de escrita usados por Tushratta para buscar respostas sobre suas intenções e anseios. Manter uma relação com o Egito era vantajoso em questões econômicas, primeiro por este ser fornecedor de ouro e, em segundo lugar, por ter domínio de grande parte do Levante e, conseqüentemente, suas rotas e matérias. Tushratta possivelmente acreditava que manter uma aliança com o Egito traria benefícios econômicos e militares, o que auxiliaria nos confrontos com Hatti. Contudo, é preciso convencer os faraós de que tal amizade seria vantajosa também para eles e, por isso, a retórica é utilizada para enaltecer Mitani e as atitudes de Tushratta.

Palavras-chave: Mitani; Antigo Egito; Diplomacia; Cartas de Amarna; Oriente Próximo.

ABSTRACT

The Ancient Near East saw the rise of civilizations, languages, cultures, and manifestations that connected different territories. Through the integration of ancient peoples, the Bronze Age was developed, for example. Relationships, however, needed to be regulated and shaped to answer the needs that each kingdom had. The normalization of contacts, on the other hand, allowed letter exchange to occur through a diplomatic system, and, currently, the Amarna Letters are its greatest reflection. Nevertheless, practice and theory do not always walk together. Because of that, beyond laws, it is needed to consider conventions and motivations intrinsic to the system and the ones involved. With this dissertation, I aim to understand the case between Egypt and Mitanni, by comprehending the reasons that the Mitannian king, Tushratta, could have to maintain an alliance with the Egyptian Pharaohs, even after many complaints about them. To help us differentiating political, juridical and rhetorical arguments within the correspondence, an interdisciplinary analysis was needed. With researches from various areas, it is possible to notice elements like reciprocity and gift economy, that together show us the individual character of the kings. While officially Great Kings should be treated as equals, these aspects present a subtle hierarchy or, at least, an attempt to shown superiority. This research, thus, uses Tushratta's writing style and language to investigate his intentions and yearnings. To maintain a relation with Egypt was advantageous in terms of economy, firstly because it was a provider of gold, and secondly, because it controlled many parts of the Levant and, hence, its routes and materials. Tushratta possibly believed that by keeping an alliance with Egypt, economic and military benefits would be guaranteed, and that would help with Mitannian battles against Hatti. However, they needed to persuade the Pharaohs that such friendship would be beneficial for them also, and, to do that, rhetoric would praise Mitanni and Tushratta's acts.

Key-words: Mitanni; Ancient Egypt; Diplomacy; Amarna Letters; Near East.

LISTA DE MAPAS

Contatos através da Eurásia (c. 2000 – 1300 AEC)	23
Antigo Oriente Próximo (c. 2000 – 1500 EAC)	51
Expansão de Fronteiras e Reinos (c. 1600 – 1220 AEC)	58
Antigo Oriente Próximo na Era de Amarna (c. 1350 AEC)	60
Síria no século XIV AEC	83
Zona de Influência Egípcia no Levante entre c. 1550 e 1352 AEC	85
Média de Chuvas Anuais	90
Rotas e Comércio entre o Egito e o Oriente Próximo	94
Antigo Egito	99
Estratégia da Batalha de Megido	108
Investidas egípcias no início do Reino Novo	110
Mitani	120
Territórios aproximados do Egito e Mitani nos governos de Amenhotep II e Saushtatar	126

APARATOS TÉCNICOS

- [] Texto restaurado.
- [...] Texto faltando.
- Muito danificado ou não claro.
- < > Omissão do escriba.
- > < Repetição por erro do escriba.
- () Comentário para facilitar a leitura. Por Rainey.
- { } Comentários e reconstituição da autora na comparação das versões de Moran e Rainey.

A tradução das Cartas de Amarna, neste trabalho, é de minha autoria e feita a partir do inglês (não diretamente da fonte). Para a realização desta, utilizei como as traduções de Moran e Rainey, com consulta direta, também, à transliteração do cuneiforme, disponibilizada na edição de Rainey. A fim de facilitar a leitura, foram retirados da fonte os símbolos relacionados à restauração de textos com símbolos danificados, mas ainda evidentes.

Trago, nas traduções, apenas as cartas trocadas entre Egito e Mitani, por ser o foco da pesquisa. Três cartas, porém, foram excluídas de minha seleção pelos seguintes motivos: EA18, está muito fragmentada; EA22 e EA25, são inventários anexos, com uma listagem de materiais sendo enviados, mas sem uma mensagem.

Além disso, no Apêndice (Tabela 4: Fontes) é possível encontrar informações técnicas e os trechos (com suas transliterações) citados por mim no decorrer do trabalho. Uma última observação se dá em relação aos nomes egípcios nas cartas, que se diferenciam do uso mais recorrente atual. Os reis egípcios nessas cartas são apresentados pelos seu o nome de trono e não o de nascimento. Assim temos como equivalência:

- Tothmés IV: Min-kheperu-Re'
- Amenhotep III: Nibmu'eya, Nimmureya, Nimmure'a
- Akhenaton /Amenhotep IV: Naphurreya, Naphurreia, Naphurireya, Naphureya
- Tiye: Teye

SIGLAS

- BB BEZOLD, C.; BUDGE, E.A.W. *The Tell el-Amarna Tablets in the British Museum*. Londres: The British Museum, 1892.
- BM British Museum.
- VAT Vorderasiatische Abteilung Tontafeln.
- VS *Vorderasiatische Schriftdenkmäler der Königlichen Museen zu Berlin*.
- WA WINKLER, H.; ABEL, L. Der Thontafelfund von El Amarna. IN: *Mitteilungen aus den Orientalischen Sammlungen*. Berlin: Königliche Museen zu Berlin, Hefte 1-3, 1889 – 1890.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	II
RESUMO.....	V
ABSTRACT	VI
LISTA DE MAPAS	VII
APARATOS TÉCNICOS	VIII
SIGLAS	IX
INTRODUÇÃO.....	12
1. O HISTORIADOR OLHA PARA A ANTIGUIDADE:.....	21
1.1. ALGUMAS NOÇÕES GERAIS	21
1.2. A QUESTÃO DO TEMPO.....	31
1.3. A HISTÓRIA PARA OS EGÍPCIOS	34
1.4. A ESCRITA DA HISTÓRIA DO EGITO	39
2. RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS E REIS IRMÃOS	47
2.1. O SURGIMENTO DA DIPLOMACIA.....	48
2.2. O SISTEMA DE AMARNA.....	61
2.2.1. AS CARTAS E A ESCRITA	62
2.2.2. LEIS E REGRAS NO SISTEMA DE AMARNA	70
2.2.3. OS GRANDE REINOS	74
2.2.3.1. ASSÍRIA (EA15 – 16):	77
2.2.3.2. BABILÔNIA (EA1 – 14):	78
2.2.3.3. HATTI (EA41 – 44):	80
2.2.4. OS SUBORDINADOS.....	81
2.2.5. ESCRIBAS E MENSAGEIROS	86
3. ENTRE O CONFLITO E A AMIZADE.....	96
3.1. EGITO	97
3.2. MITANI.....	114
3.3. AS RELAÇÕES ENTRE EGITO E MITANI.....	124
3.4. O SISTEMA DE AMARNA E SUAS IMPLICAÇÕES	145
CONCLUSÃO	152
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	157
DOCUMENTAÇÃO:	157
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:	158

EA 17	168
TRADUÇÃO:.....	169
EA 19	171
TRADUÇÃO:.....	172
EA 20	175
TRADUÇÃO:.....	176
EA 21	179
TRADUÇÃO:.....	180
EA 23	181
TRADUÇÃO:.....	182
EA 24	183
TRADUÇÃO:.....	184
EA 26	193
TRADUÇÃO:.....	194
EA27	196
TRADUÇÃO:.....	196
EA 28	201
TRADUÇÃO:.....	202
EA 29	203
TRADUÇÃO:.....	204
EA 30	213
TRADUÇÃO:.....	214
APÊNDICE	215
TABELA 1: REIS DE MITANI	215
TABELA 2: REIS DO EGITO (INÍCIO DO REINO NOVO).....	215
TABELA 3: CRONOLOGIA.....	216
TABELA 4: FONTES	220

INTRODUÇÃO

O tempo, na medida em que transcorre, é um grande reflexo de mudanças; a moda, os padrões, a arquitetura, os caminhos, tudo está submetido a ele e muda em decorrência disso. Com a História, isso não é diferente. Nossa forma de entender a disciplina está em constante transformação, desde sua origem. Philippe Ariès, em *O Tempo da História*¹, nos conta sobre essa inconstância. Norberto Luiz Guarinello, em *História Antiga*², ainda que de forma sucinta, também. As prioridades, as buscas e as perguntas que fazemos ao passado variam de acordo com o nosso presente e com a nossa vivência. Como resultado disso, temos o surgimento de correntes historiográficas distintas, e cada tem um enfoque específico. O apelo pessoal é outro fator que influencia diretamente as pesquisas na área. Nesse sentido, cada historiador faz um estudo único e ajuda a complementar nosso conhecimento sobre outros tempos.

A instrumentalização política da História, que cria identidades nacionais, é mais um elemento que age sob nossos conhecimentos e motivações. Nós, brasileiros, somos acostumados desde o Ensino Fundamental a estudar uma História focada no ocidente e, no que diz respeito à antiguidade, focamo-nos quase que tão somente em Grécia e Roma, passando rapidamente por Mesopotâmia e Egito ainda nos primeiros anos de nossa formação. Na Academia, de forma geral, isso não muda. A História Antiga se mantém centrada em seu contexto greco-romano e é muito discreta quando passa por outras civilizações. Consequente e por causa disso, há uma divisão entre oriente e ocidente, herdada, especialmente, do colonialismo. Com essa divisão, há, entre outras motivações, uma tentativa de justificar a colonização e afirmar uma superioridade ocidental. Assim, gregos e romanos tornaram-se a referência para a ideia de Cultura Ocidental, enquanto egípcios e mesopotâmios representavam a Cultura Oriental³.

¹ ARIÈS, Philippe. *O Tempo da História*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

² GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

³ FUNARI, Pedro P.; GARRAFFONI, Renata. História Antiga na Sala de Aula. IN: *Textos Didáticos*. Campinas, IFCH/UNICAMP, n. 51, 2004, p. 4.

Aliado a isso, temos um discurso formado sobre o oriente que permeia o imaginário a partir de noções contrastantes com o ocidental. Isso significa que o oriente como objeto de estudo é construído a partir de noções externas a ele e, para citar Said, “o oriente não era (e não é), um tema de livre pensamento e ação”⁴. Esse tipo de abordagem, partindo de centros ocidentais, é o que chamamos de Orientalismo e afeta diversas áreas do conhecimento, como as artes, a história e a literatura. Há um grande debate sobre o Orientalismo na Academia. Edward Said, responsável pela propagação do conceito, baseia muitas de suas ideias em uma análise foucaultiana, que propõe um entendimento sobre os trabalhos acerca do oriente a partir de discursos de poder. Seus críticos, por sua vez, o acusam de usar o termo *Orientalismo* como uma “fonte de todo o mal” e entendê-lo de forma quase metafísica, permeando épocas e gêneros de expressão diferentes⁵. O Orientalismo em si, de forma neutra, como proposta por Halliday, não é questionado, mas sim a forma de entender o conceito e suas implicações.

Sabemos que os povos orientais eram os agentes de si, mas na medida em que passaram a ser vistos pelos olhos dos ocidentais, criaram-se noções distorcidas e uma dicotomia “civilização do ocidente e barbárie do oriente”. Como consequência de referências literárias e artísticas de forma geral, encontramos, no imaginário comum, um oriente exótico (tanto em relação às pessoas como ao ambiente e a cultura), propiciador de aventuras. Isso implica na existência de um oriente como uma possibilidade para o Ocidente, ou seja, a sociedade europeia (e americana), se molda e se forma a partir do Outro, sendo o oriente o local para exploração e para experiências diferenciadas. Nesse sentido, o oriente existe para reafirmar a superioridade do Ocidente. É claro que o modo de se tratar o oriente não permaneceu imutável ao longo dos anos, pelo contrário, houve (e há) diversas vertentes de pesquisas que o encaram de variadas formas. Contudo, ainda podemos identificar um ponto comum: a não existência de um “oriente puro”⁶. Assim, “o Orientalismo reagia mais à cultura que o produzia do que a seu suposto objeto, também produzido pelo Ocidente”⁷. Além disso, foi somente a partir do século XVIII que o oriente

⁴ SAID, Edward W. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 30.

⁵ HALLIDAY, Fred. ‘Orientalism’ and Its Critics. IN: *British Journal of Middle Eastern Studies*, v. 20, n. 2, 1993, p. 158.

⁶ SAID, Edward W. *Op. Cit.*, p. 53.

⁷ *Idem, ibidem*.

recebeu um olhar mais científico e, ainda assim, bastante carregado de ideias pré-formadas e entendidas sob uma perspectiva ocidental.

Pensar a História Oriental, então, requer algumas atenções tanto na bibliografia e como na forma de encarar a própria pesquisa. No caso da História Antiga, em especial, temos, além da separação ocidente/oriente (e as consequências que ela carrega), um foco na *Cultura Ocidental*, e uma noção isolacionista que nos coloca distantes da sociedade e do objeto de estudo temporal e humanamente. Nós, enquanto pessoas, também estamos subjugados ao tempo e, por isso, mudamos de diversas maneiras. Não somos mais capazes de entender o mundo tal qual os antigos entendiam e nem mesmo nos identificamos com suas práticas e costumes. Muitas lacunas ainda precisam ser preenchidas e o máximo que podemos fazer é uma aproximação. Uma análise sobre o passado na qual projetamos o nosso presente, nada mais é do que anacronismo. Por isso, é importante que não procuremos no passado uma relação com o presente, mas a relação do passado no presente. Por outro lado, não podemos nos distanciar das pessoas, isto é, devemos conferir aos homens da antiguidade suas características humanas, como seres que influenciam e são influenciados, que agem e se arrependem, que mudam, que sentem. Não podemos tentar entendê-los de forma estática, porque, assim como nós, eles também eram subjetivos e variáveis. Afinal, "o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça"⁸.

A volta ao passado ainda encontra mais um empecilho dentro da própria História. Existem várias correntes de pensamento que enxergam a História de maneiras diferentes e, portanto, há na Academia um constante debate sobre o conceito da disciplina, que varia em cada lugar e cada época. Por isso, eu começo definindo a história de forma simples, ao meu ver, sem, necessariamente, me vincular a uma das vertentes. Podemos dizer que a História é essencialmente do tempo presente, uma vez que somos seres da contemporaneidade, como explicarei no início do primeiro capítulo. Tudo que lemos e escrevemos passa pelo nosso senso crítico, pelos nossos ideais e nossas visões de mundo. Não podemos recriar o passado, nem mesmo o mais próximo – como ontem. Podemos apenas nos aproximar dele. Por isso a disciplina da História tem métodos e critérios que devem ser levados em consideração a fim de fazer essa aproximação a mais verdadeira

⁸ BLOCH, Marc. *A Apologia da História ou O Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002, p. 54

possível. É preciso que conheçamos o contexto de cada documento, cada fonte. E, para além disso, conheçamos o modo de vida daquele povo. Sabemos que nunca alcançaremos o passado tal qual ele foi, mas na medida em que conseguimos abranger o maior número de conhecimentos, práticas e modos de vida do período de nosso objeto de pesquisa, mais acurado será nosso trabalho. Essa atenção possibilita que cada vez menos semeemos anacronismos e generalizações, já que, afinal, escrevemos sobre a humanidade e os homens, e, ninguém é constante ou igual ao outro. Evidentemente, não podemos entender todos os casos, mas podemos sim ter um parâmetro geral que se sobressaia e especificar o máximo possível os detalhes de nossa pesquisa. Nesse sentido, é importante que tenhamos em mente que a história que escrevemos não é um reflexo exato do passado, mas, como dito, uma aproximação que passou pelos nossos filtros e está distanciada no tempo. E o tempo, além de mudar as coisas, também filtra os achados arqueológicos e documentos aos quais temos acesso. Daí a necessidade em transmitir ao leitor todas as informações possíveis para que ele se guie da maneira mais plausível.

Pensando nessas questões, proponho, com essa dissertação, uma visão integradora do passado. A História Antiga tende a apresentar povos de forma sucessiva e isolada, como se um começasse quando o outro acaba. Sabemos, porém, que a realidade era (e é) outra. Assim, apresentar o mundo antigo com suas conexões parece-me uma forma de repensarmos a História Antiga e os povos orientais.

O caminho para a realização deste trabalho foi longo. Entusiasta do Antigo Egito desde a infância, ao ingressar na faculdade recebi ferramentas necessárias para desenvolver uma pesquisa. Contudo, devido aos problemas da própria História, o estudo do oriente foi, de certo modo, vago e carecia de uma atenção especial. Por conta disso, o período de estágio no Museu Egípcio de Curitiba foi essencial para minha formação e só fez crescer meu interesse – expandindo-o pelas áreas do Oriente Próximo, além do Egito. Conhecendo a situação de estudos da antiguidade oriental no Brasil, mais do que nunca me senti na obrigação de fazer um trabalho que não somente abordasse o tema, mas também, ajudasse a disseminá-lo. Assim, minha experiência com o público não acadêmico possibilitou a percepção de fatores que mereciam ser melhor explorados. Deste contato surgiu a inspiração para a monografia de conclusão de curso, que abordou temas relacionados a política, gênero e sociedade e que desmistificassem o que

conhecemos por meio do senso comum. Durante minhas pesquisas, deparei-me com Mitani, um reino sobre o qual nada sabia. A curiosidade me guiou e fez com que o interesse crescesse. Mitani havia sido um dos reinos mais poderosos da antiguidade, apesar de ter tido um curto período de duração. Entretanto, as pesquisas sobre Mitani são escassas – por diversos motivos, mas, o principal deles é a falta de documentação. Me perguntava como um reino tão poderoso pôde ser esquecido pelos acadêmicos. O tempo encarregou-se de me responder, ao menos em parte, a essa pergunta.

Quanto mais estudava, mais eu descobria a dificuldade de se pesquisar Mitani. Não temos fontes e nem vestígios suficientes para que possamos nos aprofundar no assunto tal como desejado. Conhecemos referências externas à Mitani, mas sequer conhecemos sua capital. O tempo foi cruel com Mitani e, por causa disso, muito foi perdido – inclusive sua memória, por muitos anos. Contudo, ainda assim, insisto e acredito que esse mesmo tempo que nos fez esquecer sobre Mitani irá nos proporcionar cada vez mais pesquisas e descobertas dedicadas ao reino.

Ao ingressar no mestrado, resolvi trabalhar outro ponto que o senso comum propaga: o isolacionismo. Para tanto, desenvolvi a pesquisa pensando em como apresentar o mundo antigo de forma integrada e plural. Assim, objetivo apresentar o passado a partir de outra perspectiva, uma não isolada, mas a partir dos contatos e, em especial, da diplomacia. Parto da hipótese de que havia um sistema que interligava os reinos do Oriente Próximo e que moldava o mundo antigo⁹. Proponho oferecer uma forma diversa de trabalhar a antiguidade e elencar elementos de diferentes sociedades como um todo, que garantiriam o funcionamento político e econômico dos envolvidos. Reconheço, por outro lado, as limitações que a própria pesquisa tem e eu não poderia fazer um trabalho adequado envolvendo todo o Oriente Próximo para essa discussão. Por causa disso, selecionei os reinos do Egito e de Mitani, este pela necessidade de ser colocado na Academia e aquele por ser o local do contexto arqueológico das fontes que utilizo. Portanto, a problemática que guia minha pesquisa, está em entender como as relações entre esses dois reinos aconteceram e porque existe diferença no modo como Tushratta

⁹ Nesse sentido, discordo de Marcelo Rede, que afirma não haver um sistema de direito internacional neste momento, uma vez que não há organismos supranacionais. Contudo, ao meu ver, é preciso que levemos em consideração que tal “organismo supranacional” era a jurisdição divina e, por mais que nos dias atuais tal instituição não possa funcionar dessa forma, para os antigos, respeitar a lei dos deuses era um fator válido e possível.

lida com os dois faraós com os quais se correspondeu, além de, num sentido maior, compreender o surgimento e o desenvolvimento da diplomacia (e das noções de diplomacia) no mundo antigo.

Assim, visto compreender as motivações de Tushratta para manter uma relação amistosa com o Egito, mesmo após tantas queixas. Acredito, e trago isso como uma hipótese da pesquisa, que os protestos de Tushratta foram usados como um arcabouço retórico que enaltecesse Mitani para garantir as relações entre os dois reinos. Isso porque as desavenças com Hatti apontavam, cada vez mais, para uma batalha iminente e manter vínculos com o Egito era vantajoso tanto em questões militares como econômicas.

Metodologicamente, por princípios pessoais e didáticos, recuso-me a utilizar trabalhos específicos de apenas uma área, a História, ainda que minha análise seja focada nela. Nutro-me, então, de pesquisas interdisciplinares, uma vez que, se o mundo é plural, não podemos tratá-lo apenas por um único aspecto. Assim, utilizo pesquisas não só da História, mas também da Arqueologia, da Egiptologia, da Assiriologia, da Antropologia, da Filosofia, da Filologia e da Sociologia. Cada campo contribuiu para uma visão mais diversa e inclusiva. O contato com áreas diversas auxiliou em novas percepções e possibilidades. A História é a responsável pela aproximação, reunindo os contextos e atividades passadas e esquematizando esses conhecimentos para que possam ser entendidas as motivações. A Filologia nos ajuda a pensar em padrões de escrita e de retórica, diferenciando argumentos políticos e persuasivos, por exemplo. A Antropologia, a Filosofia e a Sociologia, por sua vez, contribuem para pensarmos em motivações e características mais humanas, não oficiais, dos antigos. A Egiptologia e a Assiriologia nos guiam para um debate específico sobre os povos envolvidos. A Arqueologia, por fim, nos ensina como tratar nossos materiais e entendê-los como tal. Ter contato com a materialidade da fonte que utilizamos gera empatia pela nossa pesquisa e nos aproxima de seu passado. Felizmente, tive a oportunidade de trabalhar com toda a documentação primária que utilizo (exceto uma carta que estava em exposição em Berlim) em duas oportunidades: primeiro em Londres, no British Museum; depois em Berlim, no Vorderasiatisches Museum.

Com base nas particularidades apresentadas, a dissertação foi estruturada de forma o leitor possa ser inserido aos poucos no mundo antigo e conheça os elementos trazidos

do presente para a pesquisa. Assim, conhece-se um contexto ideológico e histórico do passado para, somente então, tentarmos desconstruí-lo e analisá-lo.

No primeiro capítulo, *O Historiador Olha para a Antiguidade*, dedico-me a fazer essa imersão do leitor na antiguidade. Para tanto, trago noções do mundo antigo e termos que aparecerão no decorrer da dissertação. Começo o capítulo tratando de alguns conceitos que utilizarei e como entendo-os em meus estudos. Em seguida trago, uma discussão sobre a visão da disciplina. Neste momento, apresento a forma como a História lidou com o Antigo Egito e vice-versa. Acredito que um debate sobre a concepção de memória e tempo se faz necessária para que entendamos o mundo egípcio, uma vez que sua organização era muito ligada a essas questões. Com isso, o leitor será apresentado a um contexto ideológico diverso e, ao mesmo tempo, será guiado para pontos que eu abordarei a partir da forma como eu os entendo e utilizo em meus estudos. Desse modo, o leitor poderá entender os parâmetros do passado e diferenciar as questões que o presente e a História nos proporcionam sobre ele.

Uma vez feita a inserção no contexto ideológico e psicológico antigo e conhecendo as motivações históricas, ainda que de forma geral, conheceremos um contexto histórico mais específico: o da diplomacia. Neste segundo capítulo, *Relações Diplomáticas e Reis Irmãos*, trago essa questão em dois momentos. No primeiro, exploro a diplomacia, em relação as suas origens e motivações. No segundo, foco no Sistema de Amarna, com seus conceitos, padrões, regras e agentes. Neste capítulo encontram-se questões fundamentais para que possamos entender as relações entre Egito e Mitani em seu contexto. Assim, a leitura dos capítulos primeiro e segundo proporciona os conhecimentos necessários para entender os elementos ideológicos, jurídicos e historiográficos envolvidos em minha pesquisa. Penso que essa construção gradual de parâmetros da antiguidade auxilia o leitor a absorver de forma mais eficaz as informações, sendo guiado paulatinamente até o caso final de Mitani. Defendo essa ideia porque nada surge repentinamente e criando-se uma base que nos auxilie no entendimento sobre as motivações das coisas, compreendemos melhor nosso objeto. Muitas atitudes são tomadas por questões pessoais e nem sempre o que é dito é verdadeiro, assim, quando percebemos alguns processos mentais do homem na antiguidade, suas ações tornam-se mais claras para nós.

Por causa disso, coloco, aos poucos, cada vez mais informações que serão utilizadas para a compreensão ideológica e mental ou estrutural do passado. Assim, ainda no segundo capítulo, trago o primeiro contado com as Cartas de Amarna, fonte desta dissertação, e com outras de teor parecido, para que o leitor se familiarize com a estrutura quando chegarmos em uma análise mais focada, apontando alguns elementos que serão recorrentes.

Quando chegamos ao terceiro capítulo, *Entre o Conflito e a Amizade*, espera-se que o leitor consiga pensar na fonte com todas as particularidades apresentadas nos capítulos anteriores. Conhecendo costumes e parâmetros políticos e sistemáticos em voga no período, podemos, enfim, concentrar-nos no caso específico dos reinos Egito e Mitani. É aqui, então, que temos o contexto egípcio e mitânio apresentados separadamente, de forma focada. Por fim, reúno as informações trazidas nos capítulos anteriores para poder realizar um estudo das relações entre eles. Esta análise, porém, é feita no caráter diplomático desse contato, com um debate retórico e político em questão. Busco responder a hipótese de que Tushratta usava artifício retóricos para enaltecer Mitani e reforçar a aliança com o Egito, mesmo com seu aparente descontentamento com Akhenaton. Para tanto, analiso os tipos de argumento e o estilo de escrita do rei mitânio como forma de convencimento a partir de uma sujeição, implícita, de superioridade. Assim, proponho pensarmos nas motivações do desentendimento destes reis, indo além da persuasão de fins econômicos. Nesse sentido, apresento possibilidades e respostas para entendermos as atitudes ambos os lados da discussão.

O mundo antigo, para além da Grécia e de Roma, muito se distanciou de nós. Isso significa que há certa dificuldade em se entender a antiguidade de modo integrado; isolamos os povos e os imaginamos de forma homogênea. Esquecemos que o homem do passado também tinha ideias e gostos diferentes de seus companheiros e, assim, acabamos por não saber diferenciar muito bem cada sociedade. Há, sob o Antigo Oriente Próximo uma neblina que camufla os povos, as fronteiras e seus períodos, e, conseqüentemente, confunde os menos interessados ou mais distraídos. Por esse motivo, a dissertação, além de proporcionar o conhecimento sobre a diplomacia entre Egito e Mitani, tem como objetivo apresentar o passado a partir de outra perspectiva. Assim, tenho vários propósitos com a realização desse estudo. Em primeiro lugar, procuro construir uma antiguidade

com povos integrados, mostrando suas ações em conjunto e como elas moldaram o passado e a História (esse assunto é tratado no segundo capítulo). Minha segunda causa, também é parte da metodologia, e visa evitar o uso de documentos ocidentais para que se tenha uma visão oriental sobre o próprio oriente, ao menos em relação as fontes, ainda que a bibliografia seja falha nesse sentido (por isso, essa desocidentalização se dá pelo foco do trabalho e de seus resultados). Retirando o foco do Ocidente da História Antiga, podemos encontrar outros elementos não comuns a nós e desmistificar questões trazidas pelo senso comum, pela literatura e pelos multimeios. A terceira intenção é o objetivo específico, que se alia aos dois primeiros: entender os recursos diplomáticos do passado e os propósitos dos antigos, com o caso de Egito e Mitani (apresentado no segundo capítulo e trabalhado no terceiro). Neste ponto, busco entender o porquê das constantes reclamações de Tushratta sobre Akhenaton e das diferenças de como o rei mitânio tratava Amenhotep III e seu filho. Em quarto lugar, tenho como intuito fomentar o interesse no Oriente Antigo no Brasil e, ainda nesse aspecto, trazer Mitani para os estudos da Academia, nesse caso, não somente a brasileira. Se o Oriente Próximo já não é um assunto muito explorado, Mitani é quase esquecido, e timidamente começa a reaparecer para o mundo. Por isso, juntamente com minha análise das relações diplomáticas, fiz uma tradução para o português das fontes utilizadas por mim, a fim de garantir o melhor acesso a elas. Trago, também, a transliteração texto original de trechos citados e imagens das fontes (com apenas uma faltante, EA27, por não estar disponível no dia em que fiz a pesquisa *in loco*). Esses elementos, aliados as tabelas e aos mapas, possibilitam um conhecimento da materialidade e da acessibilidade que essas fontes e os povos tinham no passado. Ademais, auxiliam a criar uma visão agregadora do passado, colocando-o em um contexto mais real e incisivo.

Portanto, esta dissertação tem, por objetivo geral, abordar (e compreender) o nascimento e o desenvolvimento da diplomacia e das relações internacionais no mundo antigo, em especial no que diz respeito ao Oriente Próximo. Para tanto, uso-me do estudo de caso da interação entre Egito e Mitani, partindo dos seguintes pontos: Seria Akhenaton realmente responsável pela negligência que motivou Tushratta a adotar uma retórica de reclamação? Que tipo de prática está por trás das linhas ideais de documentos diplomáticos? Com essas questões em mente, é possível identificar padrões e expectativas, para, enfim, entendermos os moldes da diplomacia na antiguidade.

1. O HISTORIADOR OLHA PARA A ANTIGUIDADE:

INTERAÇÃO E CATEGORIAS DE CONTATO

1.1. ALGUMAS NOÇÕES GERAIS

Assim, a preocupação leva para o centro da análise a referência do presente, da mesma maneira que o ser-para-a-morte impõe referência ao futuro, e a historicidade, referência ao passado.

Paul Ricoeur

A História é, inevitavelmente, do tempo presente¹⁰. Isso independe do objeto de estudo do pesquisador, já que, assim como nossos olhos e visões de mundo, somos seres da contemporaneidade. Ao lermos um texto antigo, o interpretamos a partir de nossos conhecimentos sobre ele e não com os olhos do escriba que o escreveu. Do mesmo modo, manipulamos também a escrita, uma vez que não podemos escrever sem intervir no texto com nossas ideias e vivências, e que selecionamos o que consideramos mais relevante aos nossos objetivos¹¹. Um dos fatores que auxiliam nessa seleção é a experiência pessoal. Ao revelarmos nossas histórias, no caso do testemunho, somos guiados pelos sentimentos e levados pela emoção do que vivemos no passado, o que pode, ao mesmo tempo, aumentar ou diminuir algum acontecimento, seja consciente ou não¹².

Como o ser humano é mutável, não podemos saber como o antigo egípcio pensava e via o mundo sem antes filtrarmos seu texto pelo nosso conhecimento. Não há alguém

¹⁰ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora Unicamp, 2007, pp. 394 - 404.

¹¹ Paul Ricoeur, em “A memória, a história, o esquecimento”, discute a impossibilidade de se reviver o passado, mesmo através da memória. Apresenta, ainda, o historiador como agente ativo na escrita, adaptando-a e modificando-a, uma vez que ele se mune de questões para um documento que as respondam. “Preso no feixe das perguntas, o documento não para de se distanciar do testemunho. Nada, enquanto tal, é documento, mesmo que todo o resíduo do passado seja potencialmente rastro. Para o historiador, o documento não está simplesmente dado, como a idéia de rasto deixado poderia sugerir. Ele é procurado e encontrado. Bem mais do que isso, ele é circunscrito, e nesse sentido constituído, instituído documento, pelo questionamento. [...] Torna-se assim documento tudo o que pode ser interrogado por um historiador com a idéia de nele encontrar uma informação sobre o passado”. RICOEUR, Paul. *Op. Cit.*, p. 189.

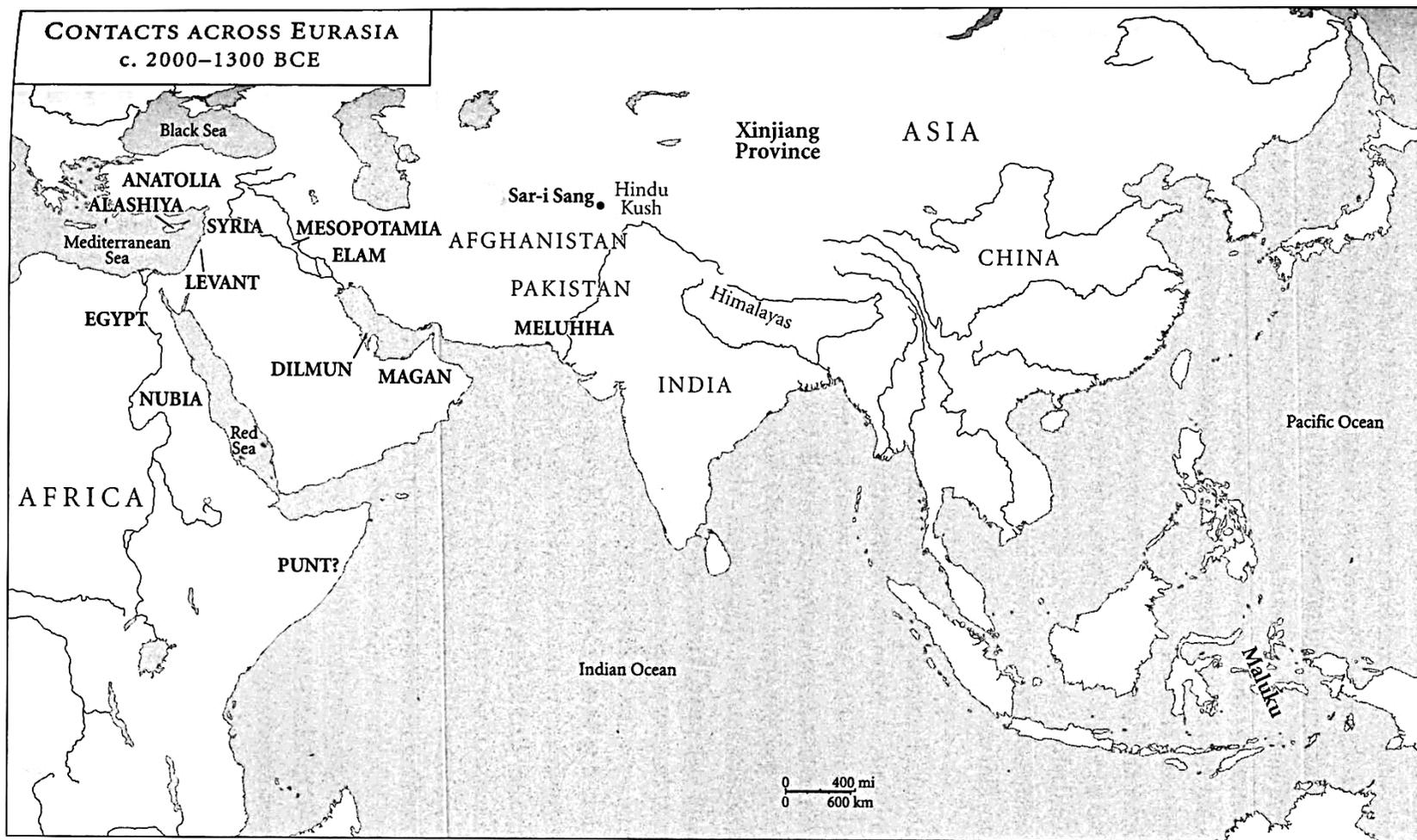
¹² Esses assuntos permeiam em diferentes momentos de RICOEUR, Paul. *Op. cit.*, pp. 25 - 193, destaco aqui a primeira parte do livro, “Da memória e da reminiscência”, e o primeiro capítulo da segunda parte do livro, “Fase documental: a memória arquivada”.

que seja ou tenha sido completamente estável, estamos sempre em constante transformação. Deste modo, não podemos estabelecer parâmetros fechados e definidos para cada povo que já habitou a Terra. Não podemos, por exemplo, dizer que todos os gregos se encaixam em um mesmo modelo; assim como não se pode dizer isso sobre romanos, persas, mesopotâmicos, egípcios, etc.

Se pensarmos em uma pessoa que habitava a Terra há dois mil anos, é mais fácil que encontremos diferenças do que semelhanças em relação à nossa vida contemporânea. Então, por que o senso comum nos leva a pensar o mundo egípcio como uma unidade estável e homogênea ao longo de seus mais de três mil anos de existência? Assim como nós, o homem da antiguidade não era imutável. O egípcio do início do período dinástico não é o mesmo que o do período de Ramsés ou do período helenístico ou romano, por exemplo. Isso se dá porque o homem está em constante adaptação em relação ao mundo e o mundo em adaptação ao homem. Nada é constante.

Na medida em que nós nos desenvolvemos – não me refiro aqui ao sentido evolutivo da palavra, mas em seu caráter de mudança -, nossos modos também se transformam. Entre as motivações para as inconstâncias, está a dinâmica social. Os povos da antiguidade não foram e não pretendiam ser isolados; havia um recorrente contato com o restante do mundo conhecido (Mapa 1). Diversos povos interagiram e suas noções de mundo circulavam pelos territórios. Não é de se surpreender que essas noções permeassem as diferentes culturas, por isso encontramos tantas semelhanças em cosmogonias e formas organizacionais de variados povos do Oriente Próximo¹³.

¹³ De acordo com VAN DE MIEROOP, Marc. *A History of the Ancient Near East ca. 3000-323 BC*. Oxford: Blackwell, 2007, p.1, a expressão “Oriente Próximo” foi usada para identificar o que restaria do Império Otomano na margem leste do mar Mediterrâneo durante o século XIX. Atualmente, chamamos esta região de Oriente Médio, mas muitos arqueólogos e historiadores utilizam Oriente Próximo em suas pesquisas, tratando-o como a região física na antiguidade. Os limites, porém, não são bem estabelecidos e cada autor define sua área. Neste trabalho entendemos como Oriente Próximo a região que compreende a costa da Anatólia, a Babilônia e o Egito, entre os mares Cáspio, Negro e Mediterrâneo. Dito isso, é importante lembrarmos que na antiguidade tal noção não era conhecida nem limitada nesse sentido, as ideias circulavam o mundo conhecido, que se estendia pouco além das fronteiras indicadas aqui, chegando, por exemplo, ao sul da Europa, Líbia, Kush e até mesmo na China



MAPA 1: Contatos através da Eurásia (c. 2000 – 1300 AEC)

Fonte: PODANY, Amanda H. *Brotherhood of Kings*. How International Relations shaped the Ancient Near East. Nova York: Oxford University Press, 2010, p. 95.

O Egito foi uma importante rota comercial na antiguidade, sendo o grande fornecedor de ouro¹⁴ para os povos do Oriente Próximo¹⁵; por isso a circulação de diferentes crenças, culturas e cores na região foi inevitável¹⁶. Isso significa que havia no Egito diferentes visões de mundo. A partir destes contatos, podemos perceber e estudar as estruturas políticas, organizacionais e religiosas na antiguidade.

O contato pode ser entendido de diversas maneiras. Para alguns, depende de uma relação pessoal direta ou indireta, isto é, pode ser feito por meio do ver e do tocar o outro ou pela troca de mensagens, seja pela escrita de cartas ou pela oralidade de um mensageiro (ou, numa adaptação à nossa contemporaneidade, redes sociais e celular, por exemplo). Contudo, entendo aqui que, em uma primeira instância, o contato é puramente o conhecer. Não há pré-requisitos, nem mesmo a necessidade de ter alguma experiência pessoal com o outro. O simples conhecimento da existência de um povo com diferentes crenças e modos de se portar ou pensar implica em contato. Isso porque saber que há um modo de vida diferente já é o suficiente para que se reflita sobre o próprio. Imaginemos: se eu, hebreu, sei que há diversos povos politeístas ao meu redor, mesmo que eu nunca tenha visto um estrangeiro, eu pensarei no porquê da necessidade de tantos deuses ou se o meu deus possui todas as atribuições que os panteões estrangeiros possuem. Essa reflexão pode fazer com que eu repense as questões trazidas pela minha religião e se elas realmente englobam tudo que preciso. Não há uma necessidade de conversão para o politeísmo, mas caso eu não concorde com algum elemento da doutrina hebraica, irei adaptá-la a um modo que me satisfaça e ainda seja aceita em meu meio social. Com isso, entendemos o motivo de religiões antigas¹⁷, como o judaísmo e o hinduísmo, por exemplo, não serem

¹⁴ De acordo com BIERBRIER, Morris L. *Historical Dictionary of Ancient Egypt*. Toronto: The Scarecrow Press, Inc. 2008, p. 83, e SHAW, Ian & NICHOLSON. *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*. Londres: The British Museum Press, 1995, pp. 114 – 115, o ouro egípcio vinha da Núbia e de localidades no leste do deserto, como Wadi Hammamat, desde o início do período dinástico. Segundo Shaw e Nicholson, durante o Reino Novo obtinha-se ouro também de territórios do Levante, mas em menor escala, sob forma de tributos.

¹⁵ As Cartas de Amarna apresentam-nos frequentemente os reis do Oriente Próximo, pedindo para que o faraó mandasse ouro a eles. Na Carta EA19, linhas 59-61, por exemplo, Tushratta, rei de Mitani diz: “E nas terras de meu irmão ouro é abundante como pó”. RAYNEY, A. *The el-Amarna Correspondence*. Leiden: Brill, 2015, p. 145). Esta expressão, “ouro é abundante como pó”, é encontrada em seis cartas endereçadas ao faraó, cinco de Mitani e uma da Assíria. A tradução em inglês das Cartas de Amarna pode ser vista, além do livro de Rayney, em MORAN, William. *The Amarna Letters*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1992.

¹⁶ O estudo de Gestoso nos aponta esses intercâmbios. GESTOSO, Graciela. *El Intercambio de Bienes entre Egipto y Asia Anterior*. Desde el reinado de Tuthmosis III hasta el de Akhenaton. Buenos Aires: Society of Biblical Literature - Centro de Estudios de Historia del Antiguo Oriente, Universidad Católica Argentina, 2008.

¹⁷ O estudo de religiões antigas se dá através da escrita e da cultura material deixados como vestígio, contudo, além disso, a religião engloba crenças, ritos, cultos. Desde modo, conhecemos apenas uma parte

exatamente as mesmas do tempo de sua origem. A constante circulação de ideias por meio de contatos faz com que as sociedades se adaptem às mudanças do homem e do mundo¹⁸.

O contato, porém, pode evoluir de diferentes maneiras. Há o contato impessoal, quando não há uma interação com o outro, e o contato pessoal, que envolve uma relação, que pode ser direta ou não. O contato pessoal possui, então, uma gama de vertentes, podendo ser comercial ou fronteiro, por exemplo. Este tipo de contato é o que normalmente entendemos em nosso cotidiano, quando as pessoas se conhecem e trocam informações pessoalmente ou através de algum meio de comunicação, como já comentei antes. O contato comercial, pelo que o nome sugere, é a troca e a negociação de materiais, que nos ajuda a pensar a dinâmica econômica e entender a cultura a partir disso, isto é, vendo os materiais que se negociam, podemos entender o que era valorizado em cada região. Nesse sentido, o contato comercial pode ser pessoal, se pensarmos na ação de negociação, ou impessoal quando pensada na relação de pessoas (não comerciantes) e objetos. No caso das fronteiras, podemos entendê-las em duas partes: a fronteira como espaço físico e a fronteira como espaço imaginário, sendo este determinado pelas dinâmicas e interações entre culturas, e aquele, pela delimitação política da zona de influência de determinada sociedade. Além disso, a fronteira também serve como ferramenta para explicar dadas características de grupos sociais, sejam elas políticas, econômicas ou indenitárias¹⁹.

A conceitualização de fronteira, assim, parece importante para entendermos como esses contatos funcionam. Quando a historiografia passa a vincular a fronteira com questões de identidades, a partir do final da década de 1980²⁰, inicia-se uma discussão sobre a dinâmica social destas regiões, bem como sobre o movimento territorial e seu reflexo em construções de identidades, isto é, estas localidades de fronteira possuem suas próprias características, que divergem dos padrões de ambos os lados geográficos²¹.

– a oficial – de qualquer religião antiga, a crença em si, se perde ao longo do tempo com as adaptações do homem e do mundo ao seu redor.

¹⁸ O livro FUNARI, Pedro Paulo (org.). *As religiões que o mundo esqueceu*: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Contexto, 2012, nos introduz ao assunto.

¹⁹ ESTEVEZ, María de la Paz. **La conquista de Toledo em 1085. Génesis y desarrollo de una frontera a través de sus fuentes**. IN: NEYRA, Andrea V. & RODRÍGUEZ, Gerardo (dirs.), *Qué implica ser medievalista? Prácticas y reflexiones en torno del historiador*, Mar del Plata: Universidad de Mar del Plata, Sociedad Argentina de Estudios Medievales, 2012, v.2. pp. 23-43.

²⁰ Segundo ESTEVEZ, María de la Paz. *Op. Cit.*, p. 28, os debates de identidade de fronteira acompanham o sentimento nacionalista do fim da década de 1980. Das pesquisas sobre o tema, a autora destaca, por exemplo, NORA, Pierre. *Les Lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1992; e SÉNAC, Philippe (ed). *Frontières et espaces pyrénéens au Moyen Âge*. Persignan: Université de Persignan, 1992.

²¹ ESTEVEZ, María de la Paz, *Op. Cit.*, pp. 23 - 26

O estudo de María de la Paz Estevez, apesar de refletir acerca da dinâmica entre cristãos e muçulmanos em 1085 e, portanto, estar cronologicamente distante do foco desta pesquisa, nos ajuda a compreender a importância da fronteira como meio da circulação de ideias e tendências. Deste modo, a fronteira não é somente um espaço físico ou zona de contato, mas, também, gera relações sociais, como produto de formas de apropriação, padrões de funcionamento e aspectos de interação em questões materiais e culturais; ou seja, um conjunto de atitudes e relações que promovem contatos pessoais entre sociedades e culturas, sendo o centro tanto dos intercâmbios quanto da propagação deles. Para as pessoas que habitavam essas regiões, pouco importava qual era a delimitação fronteiriça, pois esta era muito mais algo oficial do que prático.

O contato fronteiriço, assim, é bastante flexível e cria uma identidade própria, a partir da adaptação de crenças e culturas dos territórios políticos que os governam. É preciso notar, também, que os limites oficiais dessas regiões estavam em constante mudança, até mesmo no período faraônico. À medida que campanhas militares são lançadas, conquistas ou perdas territoriais acontecem.

Essa dinâmica territorial pode ser entendida no mundo antigo, por exemplo, por meio das expedições lançadas por faraós ao leste, no início do Reino Novo (c. 1539 -1077 AEC)²². Quando a dinastia hicsa²³ é finalmente vencida pelos tebanos, a recém-inaugurada XVIII dinastia egípcia (c. 1539 – 1292) marca o fim do Segundo Período Intermediário²⁴ (c. 1759 - 1539). Este foi apenas o início das grandes campanhas militares promovidas pelos faraós para fortalecer seu poder dentro e fora do Egito, pois estar

²² Há dois fatores a serem apresentados aqui. Primeiro a datação: dado o recuo no tempo, as datas podem variar de acordo com cada autor. Neste trabalho a periodização utilizada foi proposta por HORNING, E.; KRAUSS, R.; WARBURTON, D. (ORGS.). *Ancient Egyptian chronology*. Leiden: Brill, 2006. Este livro discute a questão da cronologia nos estudos do Antigo Egito a partir de diversos aspectos. Em segundo lugar, o uso de AEC: opto pela sigla de “Antes da Era Comum” como uma tentativa de não trazer uma ideologia religiosa a partir do uso de a.C. (“Antes de Cristo”), uma vez que esta está interligada ao cristianismo. A diferença, porém, está apenas nas siglas, isto é, as datas são equivalentes.

²³ O assunto voltará a ser abordado no capítulo 3. Mas, de forma breve, podemos dizer que, segundo Manethon, os hicsos são estrangeiros invasores que teriam tentado governar o Egito no Segundo Período Intermediário. Hoje em dia, muito discute-se sobre a visão de Manethon sobre esse povo. Pesquisas mais recentes apontam que os hicsos não são invasores e, aparentemente, teriam entrado no Egito durante a XII Dinastia de forma pacífica e se adaptando a cultura local. Para mais ver: BIETAK, Manfred. **From Where Came the Hyksos and Where did they go?**. IN: MARÉE, Marcel (ed.) *The Second Intermediate Period (Thirteenth–Seventeenth Dynasties)*. Leuven: Uitgeverij Peeters; Departement Oosterse Studies, 2010, pp. 139 -182.

²⁴ Convencionalmente, separamos o Egito faraônico em períodos chamados de reinos (antigo, médio, novo) e três períodos intermediários. Chama-se de reino os momentos de maior centralização do poder monárquico, isto é, existia apenas um rei responsável por todo o território, mesmo tendo vice-reis. Período intermediário, por sua vez, é um momento de desagregação política, no qual governantes locais possuíam o domínio do território, a partir disso, podemos entender o porquê de existirem dinastias coexistindo em alguns períodos da história egípcia.

unificado não significa estar estável, e, por isso, a “instituição”²⁵ centrada no faraó²⁶ ainda era frágil. Um faraó notável por seus feitos militares, por exemplo, foi Tothmés III; em seu governo, o território egípcio compreendia toda a região entre a quarta catarata do rio Nilo e o rio Eufrates²⁷. Uma vez estabelecido como uma potência no mundo antigo, o Egito passou a se relacionar com os reinos que o cercavam para manter a paz e estabilidade da região.

Como forma de amenizar os conflitos e manter a hegemonia do poder, isto é, a supremacia e o domínio de um povo sobre outro; cria-se a diplomacia. Regras, normas de conduta e padrões retóricos são inseridos nos contatos, tornando-se um sistema de relacionamento entre os governantes (que aliados aos funcionários, são os agentes das relações). Identificam-se hierarquias e padrões que não são necessariamente vistos em um contato, que, como dito, não possui qualquer pré-requisito. Segundo Sahlins, o processo da criação da paz não é um evento intersocial esporádico, mas responde à negociação de grupos para alcançar um acordo satisfatório para ambos os lados, que envolve a troca de objetos e materiais²⁸ e, no caso amarniano, a reciprocidade²⁹.

Se a diplomacia nasce da tentativa de evitar embates, é importante termos em mente que ao se escrever sobre a paz, o objetivo era alcançá-la e, portanto, não era a realidade. A lógica por trás desse argumento é bastante simples: nós não costumamos

²⁵ Instituição aqui significa os requisitos administrativos da figura do faraó, não personificado em uma pessoa, isto é, apesar de todo o poder governamental ter se unificado, o Egito havia acabado de passar por um momento de desestabilidade e crise e, por isso, precisava se fortalecer, a simples centralização do poder em todo o território não era suficiente para superar todos os problemas. Era necessário que o faraó controlasse possíveis revoltas internas e se impusesse como governante no exterior, evitando ataques de inimigos.

²⁶ Apesar de convencionalmente o faraó ser tido como o responsável pelo Egito em todos os âmbitos administrativos, sabemos que na prática isso não acontecia. Em JOÃO, Maria Thereza David. *Estado e elites locais no Egito do final do IIIº milênio a.C.* 2015, 281 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015, discute-se a questão do Estado Egípcio, com uma análise do funcionamento administrativo da região. João apresenta a dependência do faraó de outros funcionários e, portanto, a distinção entre faraó e Estado, sendo este mais do que o simples setor institucional, mas também uma relação social. O faraó, por outro lado (e consequentemente) não era um poder central, apesar das fontes o colocarem desta forma.

²⁷ Sobre a consolidação do Reino Novo, ver tópico 3.1.

²⁸ SAHLINS, Marshall. *Stone Age Economics*. Chicago: Aldine. Atherton, Inc., 1972, p. 187.

²⁹ O conceito de reciprocidade que trago aqui se baseia nas discussões da antropologia cultural, com autores como Lévi-Strauss e Sahlins. De modo simples, podemos dizer que a reciprocidade evoca o dom e contradom, que no caso do Sistema de Amarna significa a troca de bens (incluindo princesas para casamentos). É de comum acordo que a reciprocidade prevê equilíbrio e estabilidade a partir das trocas culturais que ela causa. Assim, quando esquematizada em um sistema, como o de Amarna, possibilita a manutenção do poder por meio da diplomacia, isso porque “as trocas são guerras pacificamente resolvidas, as guerras são o desfecho de transações infelizes” (LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 107). Nesse sentido, “se amigos fazem presentes, presentes fazem amigos” (SAHLINS, Marshall. Op. Cit. p. 186. Tradução da autora).

cobrar por coisas que estão sendo feitas. Por exemplo, se um aluno se comporta em sala de aula e faz todos os deveres, o professor não irá pedir para que ele aja adequadamente, mas, se o aluno for bagunceiro e relaxado, o professor escreverá para os pais da criança sobre as atitudes de seu filho. O mesmo acontece com a política. Leis são criadas para regular o comportamento do povo, normas são ditas para que não haja atitudes transgressoras e a diplomacia aparece para apaziguar os desentendimentos. A diplomacia, deste modo, expõe uma fragilidade pelo simples fato de existir, já que precisa do caos (ou da ameaça deste) para permanecer ativa.

Para que evitemos anacronismos, precisamos ponderar, também, o termo “diplomacia”, uma vez que normalmente o associamos às relações internacionais, que, por sua vez, estão ligadas à Idade Moderna, visto que o conceito de nação aparece neste período com a criação dos Estados Nacionais³⁰. Portanto, diplomacia e relações internacionais não são diretamente aplicáveis à antiguidade. Entendo que o sistema diplomático no Egito faraônico correspondia a atitudes, comportamentos e negociações feitas entre governantes de reinos conhecidos. Tais reinos estavam posicionados de forma hierárquica, tendo as potências (Hatti, Mitani, Egito, Babilônia e Assíria), uma posição privilegiada e compondo unidades culturais e políticas, de modo parecido ao que se define um Estado³¹.

Por isso, devemos saber diferenciar o que é um contato e uma relação diplomática. Como dito, a diplomacia é a mantenedora da paz, possui regras e padrões a serem seguidos e visam promover os interesses de governantes. Já o contato é o conhecimento mútuo de dois povos, podendo ser um contato comercial, com a troca de mercadorias, ou um contato fronteiriço, por exemplo. Portanto, o contato não segue um padrão estabelecido e não busca manter a paz, ele simplesmente existe através do conhecimento do outro. Já a diplomacia é a expansão deste conhecimento por meio da formação de alianças e criação de regras de conduta.

³⁰ SILVA, Kalina Vanderlei & SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 308 e, para uma discussão antropológica do conceito ver: GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, pp 202 – 215.

³¹ Para SILVA, Kalina Vanderlei & SILVA, Maciel Henrique. *Op Cit*, p. 115 e p. 308 “o Estado é, poderíamos assim sintetizar, entidade composta por diversas instituições, de caráter político, que comanda um tipo complexo de organização social. Muitas vezes associamos Estado e Nação, tratando-os como sinônimos, mas enquanto o Estado é uma realidade jurídica, a Nação é uma realidade sociológica e, para estudiosos como Miguel Reale, o Estado seria a Nação politicamente organizada”. Deste modo, a “Nação, em seu significado mais simples, é uma comunidade humana, estabelecida neste determinado território, com unidade étnica, histórica, linguística, religiosa e/ou econômica. O Estado seria, nesse sentido, o setor administrativo de uma Nação.”.

Tendo isso em mente, não podemos falar que houve um sistema diplomático institucionalizado no Egito antes do Reino Novo³². As trocas culturais, até então, seriam apenas contatos formais, cabendo ao Sistema de Amarna o papel de configurar a diplomacia no Egito pela primeira vez, como veremos mais adiante. Isso acontece porque o Egito somente pôde ser considerado um império, com uma vasta área hegemônica, após sua imposição além de suas fronteiras. Isso significa que a região passou a conduzir povos com diferentes crenças e culturas, que, por sua vez, mantinham contatos com outros grandes reis do Oriente Próximo. Todas essas divergências deveriam que ser administradas pelo governante egípcio, evitando discordâncias e insurgências entre os povos em seu território ou em suas proximidades.

Por mais que os termos e conceitos não existissem na antiguidade, podemos perceber algumas relações com o que hoje chamamos de Estado e diplomacia. Entretanto, sabemos que as práticas de governo egípcias, não eram entendidas da mesma forma que as entendemos nos dias atuais e que estes termos sequer existiam para os antigos. Na antiguidade, muitas noções são trazidas de modos diferentes, por isso, parece-me que as pesquisas atuais têm certa dificuldade em se aproximar do pensamento político egípcio. É preciso que o pesquisador assuma essa diferença ideológica e consiga interpretar a documentação à luz do que conhecemos sobre as concepções de mundo deste povo.

O mundo egípcio, por exemplo, era cercado pela dualidade³³, sendo o faraó a personificação de caracteres políticos e religiosos, cuja função era manter a *maat*³⁴ em

³² A diplomacia aparece no Egito quando sua área hegemônica ultrapassa seu território, no momento em que os grandes reis do período começam a se comunicar com um sistema regrado e hierárquico. O sistema amarniano, que trabalharemos nessa dissertação, é apenas um exemplo, havendo também as cartas de Nuzi e Bogazkoy, por exemplo.

³³ Esta dualidade confere mais de um significado para os aspectos da vida egípcia. Segundo “El paso del tiempo y el recuerdo del pasado em el antiguo Egipto”. IN: *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, Online, v. LIX, nº 1, 2014, p. 38. Disponível em: <http://rdtp.revistas.csic.es>; esse mundo egípcio é percebido por “distintas percepções de uma mesma realidade que não competem entre si, apenas tem a finalidade de completar umas as outras para cobrir os múltiplos aspectos de uma realidade complexa”. Tradução da autora.

³⁴ Maat é o nome de uma deusa egípcia. Era representada com a forma de uma mulher, normalmente alada, cujo símbolo era uma pena. Maat era a deus responsável pela ordem, verdade e justiça, por isso, no livro dos mortos, diz-se que quando o morto estava perante o deus Osíris, tinha seu coração pesado com a pena de Maat. Os corações justos seriam mais leves e as pessoas que tivessem cometido atos ruins em vida, teriam o coração mais pesado. Isso porque, sendo as crenças egípcias, o coração era o centro da consciência do corpo, essa pesagem iria medir o quão bom o morto havia sido. Por ter essa representação, o nome da deusa passou a ser também uma palavra, *maat*, com o mesmo significado das coisas regidas por ela. Deste modo, ao falar de *maat* (letras minúsculas e itálicas), refero-me à palavra, em geral traduzida como “ordem”; enquanto a deusa tem seu nome, Maat, sem itálico e com a inicial em letra maiúscula.

*kemet*³⁵, dominando o caos – muitas vezes associado ao exterior³⁶. Deste modo, a concepção do poder estava ligada diretamente ao faraó, sendo ele o responsável por manter as formas políticas, econômicas e religiosas, uma vez que, para os egípcios, essas coisas não se separavam e constituíam uma unidade. Como podemos ver pelos estudos da egiptóloga Gertie Englund:

De acordo com os egípcios, existe uma unidade e uma coerência em toda a criação. A existência, por si, forma uma unidade, um todo, com o estado primordial. A existência é um ser manifesto, a divindade manifesta. Apesar desta unidade há, contudo, uma diferença entre a unidade absoluta da existência potencial e da pluralidade criada manifesta. Esta compreensão é trazida no fato de que todas as unidades da criação são apresentadas como dualidades, como as Duas Terras, a coroa dupla, as Duas Senhoras, etc.³⁷.

É esta “concepção unitária da natureza inteira”³⁸ a que chamamos de monismo³⁹, e diverge das nossas formas de governo. Enquanto nós separamos economia, religião e os três poderes (judiciário, legislativo, executivo – também fragmentados), por exemplo, os egípcios tinham uma visão de mundo integrado por mais que possuísse a forma dual vinculada em si. Para entendemos melhor, o caráter monista está ligado à figura política, no caso, o faraó, uma vez que ele é o responsável por toda a organização de seu território, contudo, o faraó é dual na medida em que ele tem uma parte humana e uma parte divina.

É por causa desta noção monista que não podemos separar os aspectos políticos, religiosos, artísticos, econômicos, entre outros, no mundo egípcio⁴⁰. Toda a estruturação organizacional do território respondia a estas questões, sendo necessária para que a *maat* continuasse a existir. Romper um vínculo significaria dar início ao caos e a desordem, por isso os egípcios não eram muito receptivos a mudanças.

³⁵ Esse termo egípcio significa “terra negra” e era o modo como os egípcios chamavam o Egito por causa da cor das terras próximas à margem do Rio Nilo devido às cheias que adubavam a terra. Em contrapartida o deserto era chamado de *desheret* (“terra vermelha”) e o Mar Mediterrâneo de *wadj-wr* (“o grande verde”).

³⁶ Devemos ter em mente, porém, que essa especificação é um artifício retórico da própria fonte, que possui vinculada em si uma concepção ideológica a partir de quem a ordenou, no caso a monarquia. Isso significa que, o discurso que nos é apresentado não é meramente para explicar as coisas como eram, mas também servia para afirmar a importância do rei egípcio.

³⁷ ENGLUND, Gertie. Gods as a frame of reference. On thinking and concepts of thought in Ancient Egypt. IN: _____ (org.). *The religion of the ancient Egyptians. Cognitive structures and popular expressions*. Uppsala: 1989, pp. 25 - 26 apud JOÃO, Maria Thereza David. *Dos Textos das Pirâmides aos Textos dos Sarcófagos: a "democratização" da imortalidade como um processo sócio-político*, 2008, 187 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Niterói. 2008, p. 120.

³⁸ HAEKEL, Ernest. *O Monismo*. Tradução de Fonseca Cardoso. Porto: Livraria Charton, 2002, p. 11.

³⁹ Para mais sobre estas questões no mundo egípcio, ver ENGLUND, Gertie. *Op. Cit.* O debate filosófico sobre o monismo pode ser encontrado em autores como Spinoza e Haekel.

⁴⁰ CHAPOT, Gisela. Akhenaton e a Construção de uma Cosmologia Positiva durante a Reforma de Amarna. IN: *XII Jornada de Estudos da Antiguidade, 2010*. Niterói. Anais da XII Jornada de Estudos da Antiguidade CEIA-UFF, 2010, pp. 1-9. Disponível em: <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/praticas-discursivas/artigos/akhenaton.pdf>

Na prática, porém, é muito difícil manter o controle sob uma área territorial tão vasta. Assim, a circulação de ideias e materiais interferia na vida dos egípcios normalmente acompanhado de uma justificativa pautada em tradições egípcias, e não de modo invasivo. Um exemplo disso está no momento em que hicsos, dominaram a região noroeste do Egito: este governo se moldou às crenças egípcias, mas ainda trouxe elementos novos para a região, como o carro puxado por cavalos, armadura de escamas, uma série de armas, novos desenhos de adagas e espadas, novos métodos de tecelagem e fiação (como o tear vertical)⁴¹. Tais elementos foram adaptados e utilizados pelos tebanos para combater os hicsos no Egito e na Palestina. Deste modo, podemos ver a adaptação consciente dos objetos para facilitar as atividades e torná-las mais efetivas. Contudo, para que os hicsos fossem aceitos como governantes, foi necessário que eles estivessem de acordo com os modos egípcios, isto é, um faraó hicsos deveria agir como um rei egípcio em todos os âmbitos, seja religioso, político, artístico, etc., já que, reforço, estes aspectos eram inseparáveis e deveriam ser mantidos como nos tempos passados⁴².

1.2. A QUESTÃO DO TEMPO

“Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu”, disse o Chapeleiro, “falaria dele com mais respeito”.

Lewis Carroll

A história é inseparável do tempo e, por isso, para pensá-la, devemos levar em consideração tanto o tempo presente como o passado. Ricouer aponta: “a operação historiográfica procede de uma dupla redução, a da experiência viva da memória, mas também a da especulação multimilenar sobre a ordem do tempo”⁴³.

O tempo pode ser interpretado e entendido de diferentes formas, porém, sua percepção somente é possível por meio da mudança. Se tudo continuasse estático sem nenhuma movimentação – o sol estivesse sempre no mesmo ponto no céu, os pássaros

⁴¹ De acordo com ALDRED, Cyril. *Os egípcios*. Editorial Verbo: Lisboa, 1966, p.129, o Egito também recebeu novos instrumentos de música e alimentos como a azeitona e romã. Os selos em forma de escaravelho, que haviam sido transformados em amuleto durante o Reino Médio (c. 2055 – 1650), foram adotados pelos hicsos e produzidos em larga escala. O bronze passou a ser de uso mais recorrente, pois era mais fácil de trabalhar do que o cobre e mais eficiente para a confecção de armas e instrumentos. E foi nessa época que se desenvolveu uma nova forma de coroa, representada em muitas cenas de guerra (provavelmente feita de cabedal cosido com discos de metal dourado).

⁴² Manter as tradições, como veremos mais adiante, era uma questão de suma importância no Egito, não só para manter a *maat*, mas, também, pela própria noção de tempo e de suas implicações na vida cotidiana.

⁴³ RICOEUR, Paul. *Op. cit.*, p. 170.

não voassem e o vento não soprasse nas árvores – não saberíamos medir o tempo⁴⁴, visto que não teríamos uma noção do antes e do depois. Ambos seriam a mesma coisa. É preciso que o passado nos deixe vestígios para que possamos percebê-lo e, assim, notemos o tempo⁴⁵. Paul Ricoeur nos apresenta alguns meios de se entender o tempo: tempo crônico⁴⁶, tempo cíclico⁴⁷ e tempo linear⁴⁸. Para o egiptólogo José Manuel Galán, no Egito houve duas percepções de tempo distintas, cíclico e linear. Tais percepções não competiam entre si, mas completavam-se, deste modo agia a ideia de dualidade no pensamento egípcio⁴⁹.

A concepção cíclica do tempo, de acordo com Galán, está ligada à natureza, a partir de elementos como o sol e as cheias do rio Nilo, e à morte, uma vez que, quando a forma física do homem morre, ele renasce no reino de Osíris⁵⁰. Deste modo, encontramos referências a esta noção de tempo em contextos funerários e religiosos, raramente em inscrições comemorativas de tipo laico ou político⁵¹.

A concepção linear do tempo, por sua vez, está associada ao exercício da memória, com a recordação do passado e dos antepassados por meio da tradição e de inscrições; e à valoração do passado, que varia de acordo com o contexto – por um lado diz-se que o passado é melhor que o presente e, por outro, o passado poderia ser melhorado, sendo o presente (e o futuro) a superação dele⁵².

A linearidade do tempo pode ser encontrada nos contextos religioso e civil. A religião é usada como forma de recordar as origens e tradições, uma vez que “é nos primeiros momentos, no começo, que se encontra o estado perfeito das coisas”⁵³. O passar

⁴⁴ RICOEUR, Paul. *Op. Cit.*, p. 163.

⁴⁵ *Idem*, p. 364.

⁴⁶ Eixo do tempo definido por um elemento fundador, com possibilidade de percorrer o tempo em duas direções (antes e depois do acontecimento) e constituído de um repertório de unidades para denominar intervalos como dia, mês e ano, por exemplo. RICOEUR, Paul. *Op. cit.*, p. 163 - 167. Um exemplo disso é a nossa datação comum: Pedro Álvares Cabral chega ao Brasil no ano 1500 depois do nascimento de Cristo.

⁴⁷ Repetição de elementos, normalmente associados a movimentos naturais, como, por exemplo, o nascimento do sol todas as manhãs. RICOEUR, Paul. *Op. cit.*, pp. 165- 167

⁴⁸ Periodização da história, elencando elementos em uma sequência. RICOEUR, Paul. *Op. cit.*, pp. 165-167.

⁴⁹ GALÁN, José Manuel. *Op. Cit.*, p. 38.

⁵⁰ Osíris originalmente foi um deus da vegetação, mas com o decorrer dos anos passou a ser relacionado com a *dwat* (mundo dos mortos) possuindo o epíteto “o que está à frente dos ocidentais” (*Khentiamenti*), evidenciando sua relação com a morte, uma vez que, para os egípcios, o mundo dos mortos ficaria ao oeste. HART, G. *The Routledge dictionary of Egyptian gods and goddesses*. London; New York: Routledge, 2005, pp. 114 - 124.

⁵¹ GALÁN, José Manuel. *Op. Cit.*, p. 38

⁵² *Idem*, p. 39.

⁵³ *Idem, Ibidem*. Tradução da autora.

do tempo, assim, é tido como o responsável pela desvirtuação de ideias e modos, pois, como dito anteriormente, o homem não é estável e está em constante mudança.

Para referirem-se aos tempos ideais, neste sentido, os egípcios utilizavam a fórmula *sep tepí* (a primeira vez) ou utilizam-se de expressões como “no tempo/na época de Rá⁵⁴/Hórus⁵⁵”, aludindo ao período em que os deuses teriam governado o mundo⁵⁶. Esta relação do passado religioso pode ser vista, por exemplo, com o papiro real de Turim⁵⁷, feito em c. 1200 AEC, que lista os nomes dos deuses que teriam governado o Egito antes de Narmer⁵⁸, como Geb⁵⁹, Osíris, Seth⁶⁰, Hórus, Toth⁶¹ e Maat. Segundo Galán, após listar os deuses, referenciam-se uma série de governantes míticos, como os “seguidores de Hórus” (*shemsu hor*)⁶², que teriam lutado ao lado de “Hórus pela supremacia política do território egípcio”⁶³.

É interessante notar que, nessas listas reais⁶⁴, não há uma divisão entre os tempos divinos e Narmer. Segundo Galán, isso acontece porque os conceitos de história e

⁵⁴ Segundo HART, G. *Op. Cit.*, pp. 133 - 135, Rá era o deus solar, o deus criador na cosmogonia de Heliópolis. Segundo a crença, Rá teria surgido do oceano primordial, Nun, com a montanha “benben”. Outra versão diz que Rá surge como criança a partir da flor de lótus primordial.

⁵⁵ Segundo HART, G. *Op. Cit.*, pp. 70 - 76, Hórus é o deus associado ao faraó, sendo este considerado o “Hórus em vida”. Esta relação acontece porque, segundo a crença, antes dos homens habitarem a o mundo, o deus Osíris era o responsável pelo governo do Egito, mas seu irmão, Seth, o mata, tomando para si o poder. Hórus, filho de Osíris, vence uma batalha contra Seth, e retoma o governo do Egito. Assim, surge a personificação de Hórus como faraó, uma vez que a função do rei egípcio era manter a *maat*, dominando o caos, assim como Hórus triunfa sob Seth.

⁵⁶ GALÁN, José Manuel. *Op. Cit.*, p. 39

⁵⁷ O Papiro Real de Turim possui textos administrativos e uma lista de governantes, com seus anos de governo, sendo uma fonte para a datação cronológica do Egito. Foi encontrado em Deir el-Medina e hoje está no Museu de Egípcio de Turim, sob o número de inventário “Cat. 1874 RCGE 17467”. Disponível em: <http://collezioni.museoegizio.it/eMuseumPlus?service=ExternalInterface&module=collection&objectid=99492&viewType=detailView>

⁵⁸ De acordo com DAVID, A. R.; DAVID, A. E. *A biographical dictionary of ancient Egypt*. London: Seaby, 1992, p. 86. Narmer, chamado de Meni na lista real e Menes pelos gregos, foi o primeiro rei do Egito, sendo o responsável pela unificação dos Alto e Baixo Egitos.

⁵⁹ Segundo HART, G. *Op. Cit.*, pp. 58 - 60, Geb é o deus da terra, filho mais velho de Shu.

⁶⁰ De acordo com HART, G. *Op. Cit.*, pp. 143 - 145, Seth é o deus das forças caóticas, comandando a veneração e a hostilidade. Foi patrono da cidade de Naqada e foi associado tanto à realeza como aos inimigos do Egito. Seth, também, possuiu uma função importante na *Amduat*, quando a barca de Rá passa pelo mundo dos mortos.

⁶¹ Toth, de acordo com HART, G. *Op. Cit.*, pp. 156-157, teria entregado a escrita aos egípcios, por isso é considerado o deus dos escribas e do conhecimento. Toth, por poder ser representado como babuíno, é associado à lua, uma vez que os babuínos na região costumavam, periodicamente, olhar a lua. Toth também pode ser representado como uma íbis.

⁶² GALÁN, José Manuel. *Op. Cit.*, p. 39.

⁶³ COELHO, Liliâne C.; SANTOS, Moacir E. A escrita da história do Egito Antigo. IN: *NEARCO*, Rio de Janeiro, ano VII, nº 1, 2014, p. 268. Disponível em: <http://www.revistanearco.uerj.br/arquivos/numero13/16.pdf>

⁶⁴ As listas reais são comuns no Antigo Egito. Galán nos apresenta a lista mais famosa e completa que conhecemos, mas Coelho e Santos nos apresentam outro exemplo: a Pedra de Palermo, que é o documento mais antigo com uma lista de reais. A Pedra de Palermo data da V Dinastia e traz nomes de governantes

mitologia e de história e ficção não eram antagônicos ou excludentes, mas complementares⁶⁵.

Entendemos, assim, que a complexa realidade egípcia era contemplada de forma dual, na qual o divino e o humano interagiam. Por isso, o tempo também é percebido de formas diferentes, de modo a incluir os aspectos não terrenos no cotidiano. Para os egípcios, o tempo era visto em eternidades, *neheh* e *djet*, respectivamente associadas aos deuses Rá e Osíris⁶⁶.

O templo cíclico, *neheh*, a título de ilustração, nos ajuda a pensar nos aspectos religiosos ligados à natureza e à morte, além de superar a própria vivência, sabendo das épocas de plantio, colheita e cheias do Nilo, por exemplo, o que auxilia na criação de rotinas e datação. Por outro lado, o tempo linear, *djet*, tem uma função política e também religiosa, já que não há essa separação no período faraônico. Nesse sentido, há uma recordação do passado, mítico ou não, para se justificar o poder do faraó atuante e as medidas tomadas por ele. É necessária a retomada do passado para que haja uma continuação da tradição, tal qual os deuses praticavam em seu período na Terra. Assim, enquanto a eternidade de Osíris “constituía a permanência do existente, a *neheh* assegurava o seu funcionamento”⁶⁷.

1.3. A HISTÓRIA PARA OS EGÍPCIOS

Esquecer é desexistir, é não ter havido.

Bartolomeu Campos de Queirós

A história como disciplina certamente não existiu no período faraônico, mas ainda assim podemos encontrar registros de sua escrita. É claro, porém, que a noção de historiografia atual em muito diverge da dos egípcios. Para eles, a história estava ligada à concepção linear do tempo, sendo um exercício de memória. A questão da ligação entre história e mito, comentada anteriormente, nos auxilia a pensar o estilo de escrita, na qual frequentemente o faraó é associado ou faz referências a algum deus e ao passado, como podemos ver, por exemplo, em uma inscrição de Amenhotep II em Gizé:

desde o período dos “servidores/seguidores de Hórus” até o reinado de Niuserra Ini (c. 2403 -2374), o sexto rei da dinastia. COELHO, Liliane C.; SANTOS, Moacir E. *Op. Cit.*, p. 268.

⁶⁵ GALÁN, José Manuel. *Op. Cit.*, pp. 39 - 41.

⁶⁶ COELHO, Liliane C.; SANTOS, Moacir E. *Op. Cit.* pp. 264 – 265.

⁶⁷ COELHO, Liliane C.; SANTOS, Moacir E. *Op. Cit.*, p. 265.

*Após isso, sua majestade pôde se fazer rei; a uraeus tomou seu lugar em sua testa; a imagem de Rá estava estabelecida em seu posto. A terra, como antes, estava em paz sob o seu senhor*⁶⁸.

É notável, a partir deste trecho, a ideia de passado ideal. Para que esta ligação se mantivesse, era comum que os faraós se representassem, por meio de inscrições e imagens, como filhos ou escolhidos de algum deus. Um caso bastante conhecido é o de Hatshepsut (c. 1479 – 1458 AEC), que afirma ser filha do próprio deus Amon⁶⁹. Um recurso usado para a rememoração era a consulta e cópia de textos de períodos mais antigos, em alguns casos, incluía-se o nome do faraó vigente nas cópias, para que, assim, este perdurasse⁷⁰.

Por ser ligada à linearidade do tempo e a manutenção das tradições, ao se falar de história, devemos, também, pensar na memória. A memória e o esquecimento formam uma dualidade inseparável do ser humano. Desde os tempos antigos, o homem pensa e interage com essas questões. Para os egípcios, tal dualidade interferia diretamente em seu modo de vida. A concepção linear do tempo exigia um exercício de memória para recordar o passado, os antepassados e as tradições. Portanto, o passado devia se manter vivo por meio dos cultos, mas na vida cotidiana os egípcios gabavam-se das melhorias proporcionadas pelo presente, seja no contexto profissional, político ou mesmo doméstico⁷¹. Assim, os faraós precisavam apoiar-se no passado para se legitimar no poder, recorrendo a listagens reais, por exemplo, que citavam os governantes desde a unificação do Egito até seu próprio nome. Contudo, como em toda forma de escrita, o autor interfere na história, selecionando os personagens por questões políticas. Ignorar

⁶⁸ LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian Literature*. Los Angeles: University of California Press, v. 2. 2006, p. 42. Tradução da autora.

⁶⁹ Amon foi o deus dinástico da XVIII dinastia, de acordo com HART, G. *Op. Cit.*, pp. 12 – 22, Amon era um deus primordial, muitas vezes associado ao deus solar Rá, com cuja união aparece o Amon-Rá. Amon era um deus oculto, sem forma, sendo normalmente representado em forma humana. Foi considerado o rei dos deuses, tendo sua influência crescido desde o Reino Médio. Para a egiptóloga Caroline Seawright, a associação de Hatshepsut com o deus Amon foi uma propaganda real, feita em templos e espaços públicos. As inscrições dizem que Amon tomou forma de Tothmés I e seduziu sua esposa, desta união nasce Hatshepsut. SEAWRIGHT, Caroline. Hatshepsut, The Woman Who Would be King. IN: *TALK: The International Magazine of Orascom Telecom Holding*, no. 6, 2008, p. 10. Disponível em: http://www.thekeep.org/~kunoichi/kunoichi/themestream/hatshepsut_talk.html#.VmnCb3arTDC#ixzz3twZNBb29. Para mais sobre Hatshepsut ver: GALÁN, José Manuel; BRYAN, Betsy; DOORMAN, Peter F. (ed.). *Creativity And Innovation In The Reign Of Hatshepsut*. Papers from the Theban Workshop 2010. Chicago: Studies in Ancient Oriental Civilization. The Oriental Institute of the University of Chicago, n. 69, 2014.

⁷⁰ GALÁN, José Manuel. *Op. Cit.*, pp. 41 - 42.

⁷¹ *Idem*, pp. 39 – 43.

algo ou alguém aponta a vontade de fazer com que desapareça, para que não influencie no futuro. Isso porque a vida das pessoas não estava limitada ao seu tempo na Terra, o morto passa a ser considerado, como propõe Ricouer, o “vivente antigo”⁷².

O passado, deste modo, estava ativo no presente, por meio da memória. O esquecimento se torna responsável por banir os governantes considerados ilegítimos ou transgressores. Por isso, apagar nomes e imagens, mesmo após a morte do faraó, era uma forma de excluí-los do mundo dos deuses, fazendo-os desaparecer da história. Por outro lado, governantes dedicaram-se a deixar inscrições contando seus feitos das mais variadas formas. Tais inscrições, também, eram subjetivas, cheias de eufemismos. Se a falta de imagens e nomes excluí alguém da história, era muito importante que os reis deixassem monumentos e representações próprias para que seu nome perdurasse e, então, ele pudesse viver para sempre.

A existência, assim, continua para aqueles que, após a morte, ainda são lembrados, isto é, a morte era mais um ciclo a ser vivido, mas, desta vez, no reino de Osíris, habitando a eternidade da oitava hora noturna, segundo o livro da *Amduat*⁷³.

Tal processo [ciclo da vida – nascimento, crescimento, velhice e morte] era rápido, mas o fim de uma existência nada mais era do que o término de um ciclo vital que, na visão dos egípcios antigos, seria uma espécie de limite para o início de uma nova vida, sendo assim necessário morrer para poder renascer⁷⁴.

Esta noção cíclica da vida nos ajuda a compreender os modos de contagem do tempo, uma vez que este se dava de acordo com o início de governo do faraó, sendo, então, cada novo reinado um novo começo⁷⁵. Assim, quando um faraó morria, a contagem dos anos (*renpet*) reiniciava, sendo uma oportunidade de recomeço e de afirmação régia. Percebemos aqui a dualidade na contagem do tempo, pois o ciclo de vida do soberano possibilita a linearidade na contagem de anos a partir da morte de seu antecessor, isto é, aqui o tempo é linear pela sua forma de medição e cíclico pela vida que acaba.

⁷² RICOEUR, Paul. *Op. Cit.*, p. 396.

⁷³ De acordo com DAVID, A. R; DAVID, A. E. *Op. Cit.*, p. xv e p. 160, *Amduat* significa “o que está na *duat*”. O livro era escrito nas paredes de tumbas do Reino Novo, seguindo a tradição dos textos das pirâmides e dos textos dos sarcófagos. A tumba do faraó Tothmés III possui a primeira versão completa do livro, segundo o qual, durante a noite, o deus solar Rá deveria enfrentar desafios para que pudesse renascer na manhã seguinte. Para mais, ver: RICHTER, Barbara A. The *Amduat* and its Relationship to the Architecture of Early 18th Dynasty Royal Burial Chambers. IN: *Journal of the American Research Center in Egypt* (JARCE), v. 44, 2008, pp. 73-104

⁷⁴ COELHO, Liliane C.; SANTOS, Moacir E. *Op. Cit.*, p. 267.

⁷⁵ *Idem, Ibidem.*

Com isso, entendemos que a escrita da história egípcia, pelos egípcios, é feita por meio da narração de eventos registrados, como vemos, por exemplo, nos anais das campanhas de Tothmés III:

Ano 23, primeiro mês do verão, dia 4, o dia da festa da Coroação do Rei, [chegada] na cidade de “Conquista-do-governante” [o nome sírio de que é] Gaza. [...] dia 5, partida deste lugar em valor, [a força], pode, e à direita, para derrubar o inimigo miserável, para estender as fronteiras do Egito, seu pai, poderoso e vitorioso Amon, ter comandado que ele conquistar⁷⁶.

Em tais noções, podemos notar o registro da história egípcia. Contudo, devemos ter em mente que a escrita é eufemística e, por isso, nem tudo o que é descrito nos documentos oficiais acontece exatamente da forma que nos é apresentada. Um exemplo que podemos citar é Ramsés II e sua descrição da batalha de Kadesh. Segundo o faraó, suas tropas o abandonaram diante dos inimigos que ele sozinho teve que enfrentar e, por fim, vencer⁷⁷.

A partir destas questões, Galán propõe que pensemos no motivo da disciplina da História não surgir no Egito, mas na Grécia. Segundo ele, isso acontece porque o homem egípcio estava rodeado de fontes, graças a essa necessidade de manutenção do passado e associação dele com o presente. Isso significa que não era preciso compor uma historiografia, já que, pela escrita ser sagrada, uma vez que algo havia sido gravado, aquilo se tornava a verdade e, assim, para restituir o passado bastava ler as inscrições de templos ou tumbas⁷⁸. Na Grécia, porém, o modo de se entender o passado era diferente, e a retomada às fontes não era constante, mesmo elas estando presentes. Isso porque o presente não enxergava o passado como algo a ser mantido, mas melhorado. Assim, quando a História surge, ela não seguia uma necessidade de estudar ou manter o passado, mas gravar e relatar acontecimentos importantes, em especial, de momentos contemporâneos. Nesse sentido o passado se vincula à narrativa, mas não é seu ponto central. A História, assim, não aparece como um estudo do passado, mas uma investigação do presente e, por conta das diferenças de entendimento de mundo, a Grécia tinha uma maior afinidade para desenvolver esse tipo de narrativa.

⁷⁶ LICHTHEIM, Miriam. *Op. Cit.*, p. 30. Tradução da autora.

⁷⁷ *Idem*, pp. 57 – 72.

⁷⁸ GALÁN, José Manuel. *Op. Cit.*, pp. 50 – 51.

Podemos encontrar uma explicação para isso também na antropologia, uma vez que, segundo Schwarcz, há uma relação entre história e mitologia. Ainda que a autora se refira às sociedades sem escrita, podemos traçar um paralelo com a civilização egípcia. Segundo ela, a religião é tida como a mantenedora do futuro a partir de sua fidelidade com o passado e com o presente - como vemos no Egito por meio da tentativa de mantê-lo como nos tempos em que os deuses governavam. Para nós, na contemporaneidade, a história assegura o futuro a partir da sua distinção com o presente⁷⁹, isto é, assumindo suas mudanças. Essas noções diversas podem ser, então, o motivo para que não tenha existido a História feita pelos egípcios, uma vez que o ideal, para eles, era se permanecer fiel ao passado.

Assim, o modo de escrita documental no Egito faraônico corresponde às suas crenças. A escrita não tinha a intenção de ser totalmente condizente com a verdade, mas possuía a função de preservar pela eternidade nomes e acontecimentos, para que, então, determinada pessoa ou deus se mantivesse feliz e não fosse esquecido. Além disso, traçar uma cronologia que ligasse os tempos antigos com o faraó vigente era uma forma de se legitimar o poder do governante egípcio, uma vez que o passado era considerado ideal e as tradições antigas deviam se manter no presente. As inscrições oficiais, assim, se utilizavam de eventos passados para fundamentar o presente. Do mesmo modo, os textos literários, pretendiam ter algum efeito sobre o leitor contemporâneo, a partir do uso de referências passadas⁸⁰.

A preservação da memória e de tradições religiosas poderia aparecer, para além das inscrições oficiais (tumbas, templos e monumentos), na literatura, que também era consultada e reescrita. Assim como as escrituras políticas, a literatura também serve ao propósito de agir sob o seu tempo: um dos textos mais copiados no Egito foi o “Profecias de Neferty”⁸¹, que fala de um rei lendário do passado para aludir à situação do presente⁸².

Devido à visão de mundo integrado, da qual falei anteriormente, a história e a ficção (mitos e literatura) eram muito próximas no Egito faraônico, apesar de

⁷⁹ SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. Questões de fronteira: sobre uma antropologia da história. IN: *Novos Estudos – CEBRAP*. São Paulo, n. 72, 2005, p. 130. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n72/a07n72.pdf>

⁸⁰ GALÁN, José Manuel. *Op. Cit.*, p. 53.

⁸¹ Para mais, ver: CANHÃO, Telo Ferreira. *A literatura egípcia do Império Médio: espelho de uma civilização*. 2010. 522 f. Tese (Doutorado em História Antiga). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História, Lisboa, 2010, cap. 7. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/2461>

⁸² GALÁN, José Manuel. *Op. Cit.*, pp. 51 -52.

aparentemente antagônicas⁸³. Unificam-se os aspectos religiosos, culturais e políticos, por isso, a escrita no tempo dos faraós necessariamente envolve, de forma inseparável, essas áreas. A história, assim, agrega as questões trazidas com a memória e a necessidade de se olhar para o passado, com o recomeço trazido a cada novo reinado e os mitos que envolvem a crença no pós-vida e no faraó divino.

1.4. A ESCRITA DA HISTÓRIA DO EGITO

Os textos, ou documentos arqueológicos, mesmo os mais claros em aparência e os mais complacentes, não falam senão quando se sabe interrogá-los.

Marc Bloch.

A disciplina histórica enfrenta diversos problemas no que diz respeito à antiguidade. Dado o recuo no tempo, as fontes tornam-se cada vez mais escassas e muitos eventos não chegam até nós, seja por não terem sido registrados ou pelos documentos aos quais faziam referência terem se perdido. Há, também, os problemas acadêmicos envolvidos. É possível que muitos documentos que sobreviveram ao tempo ainda não tenham sido descobertos – e, como afirma John Gee⁸⁴, “se foram, estamos perdendo tempo com a arqueologia”⁸⁵ –; além disso, muitos vestígios arqueológicos encontrados não foram estudados ou não há registros publicados⁸⁶.

Ainda assim, há uma vasta área de estudos alcançados para a história egípcia, possibilitando o conhecimento de aspectos diversos, que variam de questões cotidianas até práticas funerárias e políticas. Os documentos relacionados à vida cotidiana, contudo, são consideravelmente menos frequentes do que os em relação aos aspectos oficiais do Egito faraônico. Deste modo, a escrita da história do Egito Antigo muitas vezes restringe-se às escrituras régias ou religiosas, deixando de lado os aspectos e costumes do homem comum. Isso, porém, não é um caso exclusivo da história egípcia, a disciplina histórica em si tem seus limites.

Muitas das realidades do passado não deixaram vestígios e serão sempre ocultas para nós. Muitos vestígios representam a visão ou a vida de certos grupos, em detrimento de outros, com seus preconceitos, suas deformações, seu modo específico de encarar o mundo. Os mais ricos, as elites de cada época, tendem a ser mais representados na

⁸³ GALÁN, José Manuel. *Op. Cit.*, p. 54.

⁸⁴ GEE, John. Egyptologists' Fallacies: fallacies arising from limited evidence. IN: *Journal of Egyptian History*, v. 3, n. 1, 2010, pp. 137 – 158. Disponível em: <http://booksandjournals.brillonline.com/>

⁸⁵ *Idem.*, p. 138

⁸⁶ *Idem.*, pp. 137-138.

documentação que outros grupos sociais, tanto nos textos escritos como nos objetos que chegam até nós.⁸⁷

Considerando estas variáveis, nossos estudos são limitados. Aliado a isso, a Egíptologia como disciplina não está presente em todas as universidades do mundo e, conseqüentemente, os estudos sobre o povo nilótico estão inseridos em vários campos, como História, Arqueologia, Filologia e Estudos do Oriente⁸⁸. Estas disciplinas pretendem escrever a história do Egito, contudo, cada uma tem suas particularidades e metodologias diversas. Para Gee, os egiptólogos tendem a não aceitarem muito bem questões de teoria e metodologia⁸⁹, dois elementos fundamentais à História.

Assim, chego à questão: o que é a História? A definição não é simples, varia de acordo com contexto temporal e com a corrente com a qual o pesquisador se identifica. A ideia de história como ciência começa a ser desenvolvida no século XIX e continua presente nos debates acadêmicos até hoje⁹⁰.

Afirmar que a História é científica significa dizer que ela se apropria de seu objeto, o passado, do mesmo modo como que as demais ciências: buscando um conhecimento possível e controlado sobre os acontecimentos e as ações humanas no passado e tentando interpretá-los [...] Teorias diferentes produzem interpretações distintas, mas isso não retira o caráter científico do conhecimento histórico [...] A História não produz a verdade sobre o passado, mas um conhecimento cientificamente controlado e capaz de ser debatido em termos científicos.⁹¹

Não pretendo aqui definir o que é certo ou errado na construção do saber histórico, contudo, ressalto a necessidade de se conhecer a trajetória do autor que se lê. Cada autor tem uma atenção diferente em seu trabalho, alguns privilegiam as relações de poder, outros as questões econômicas ou culturais, por exemplo⁹² - em meu caso, busco por aspectos políticos e retóricos. Além disso, é preciso que o historiador se mantenha atento a questões como a metodologia de seu trabalho e a fidelidade às fontes, manipulando-as o mínimo possível, ainda que tal manipulação seja inevitável. Esta preocupação em se manter próximo ao documento que analisamos é o que gera uma relação empática com o

⁸⁷ GUARINELLO, Norberto Luiz. *Op. Cit.*, p. 11.

⁸⁸ Alguns exemplos são: a Universidade de Lisboa tem a disciplina de Egíptologia no curso de História da Faculdade de Letras. No Brasil, a disciplina não existe, por isso o estudo dela parte dos cursos de História ou Arqueologia. Na Holanda, a Universidade de Leiden, por outro lado, há um programa de Egíptologia na Faculdade de Humanidades. Nos Estados Unidos, a Universidade John Hopkins inclui o setor de Egíptologia dentro do departamento de Estudos do Oriente Próximo.

⁸⁹ GEE, John. *Op. Cit.*, p. 138

⁹⁰ SILVA, Kalina Vanderlei & SILVA, Maciel Henrique. *Op. Cit.*, pp. 182 -186.

⁹¹ GUARINELLO, Norberto Luiz. *Op. Cit.*, pp. 10 - 11.

⁹² *Idem, Ibidem.*

texto lido e produz uma análise e compreensão das vivências humanas engajada com a temporalidade e historicidade - e que, afinal, nos afasta da simples ficção. Por outro lado, a História é subjetiva e passível de questionamentos constantes. À medida que novas descobertas são feitas e pesquisas são disponibilizadas, nossos modos de entender o passado se modificam e, assim, os estudos podem, com o tempo, se tornar ultrapassados. Então, há, também, a necessidade de revisão da historiografia, atualizando-a e repensando-a a partir de nossos conhecimentos contemporâneos. Teorias e hipóteses são descartadas, enquanto novas são criadas - não há, nem haverá jamais, um fim para a História, ou para a história da História.

Podemos, então, ver algumas variantes na escrita da história do Egito. Como foi apontado anteriormente, a definição de história dos egípcios não é a mesma que entendemos pela disciplina criada com os gregos. Nesse sentido, Manethon é o primeiro a escrevê-la nos moldes convencionais da antiguidade helênica.

Manethon foi um sacerdote egípcio do Período Ptolomaico (c. 322 – 30 AEC)⁹³, autor da obra que serviu de base para a “organização cronológica que moldou a história política do Egito”⁹⁴, intitulada *Aegyptiaca*⁹⁵.

A obra de Manethon é um exemplo de documentação da qual só possuímos fragmentos, uma vez que a versão completa não chegou até nós. Felizmente, alguns autores da antiguidade basearam-se em sua obra para seus estudos e, assim, conhecemos sua existência. Alguns desses autores, citados por Coelho e Santos, são: Flávio Josefo (c. 37 – 100 EC); Júlio, o Africano (c. 220 EC); Eusébio de Cesaréia (c. 320 EC); e Jorge Syncello (c. 800 EC)⁹⁶.

Apesar de Manethon ser usado como referência para a cronologia, conhecemos suas limitações e erros de datação. Foi Manethon quem organizou os reis em dinastias, contudo, tal organização deixava-os com reinados sucessivos, desconsiderando a existência de governantes simultâneos. Este equívoco – que continuou sendo cometido ao longo do século XIX – colocava unificação dos Alto e Baixo Egitos aproximadamente

⁹³ No livro usado como referência para a datação não consta um ano para o final do período Ptolomaico, por isso, para esta data utilizo a proposta de SHAW, Ian. *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

⁹⁴ COELHO, Liliane C.; SANTOS, Moacir E. *Op. Cit.*, p. 261.

⁹⁵ Para mais ver: HORNUNG, E.; KRAUSS, R.; WARBURTON, D. **King-Lists And Manetho's *Aigyptiaka***. IN: HORNUNG, E.; KRAUSS, R.; WARBURTON, D. (orgs.). *Op. Cit.*, pp. 33 - 36.

⁹⁶ COELHO, Liliane C.; SANTOS, Moacir E. *Op. Cit.*, p. 261.

no ano 4000 AEC, ou seja, cerca de mil anos antes do que de fato aconteceu⁹⁷. Desde o século XX, porém, esta cronologia vem sendo revista, seja por vestígios arqueológicos, registros astronômicos ou datações radiométricas⁹⁸. Um estudo recente sobre a cronologia é a obra organizada por Hornung, Krauss e Warburton, intitulada *Ancient Egyptian Chronology*⁹⁹, de 2006, que uso como referência neste trabalho.

A história egípcia é separada em dinastias, que, por sua vez, estão organizadas em momentos de estabilidade e instabilidade política. O termo dinastia, porém, não pode ser entendido como uma relação fraternal de família reinante, os critérios que identificam estes determinados períodos se dão pela identificação de uma capital em que está instalada ou os rituais religiosos que adotam, por exemplo. A divisão destas dinastias em épocas de estabilidade, chamadas de reinos, ou instabilidade, chamadas de períodos intermediários, é feita pelo egiptólogo Karl Richard Lepsius, ainda no século XIX, mas excluindo as dominações grega e romana¹⁰⁰.

Manethon, porém, não foi o único escritor da antiguidade a falar do Egito. Heródoto, Estrabão, Plínio e Plutarco são alguns dos exemplos que podemos citar¹⁰¹. Contudo, assim como a obra de Manethon, alguns estudos não sobreviveram ao tempo e, por isso, conhecemos apenas interpretações tardias de textos que não temos acesso.

Já na Idade Média, o Egito faraônico não chega a cair no esquecimento, mas o número de autores medievais que se dedicam a falar sobre o período é limitado. Um dos materiais em maior circulação que mencionava o Egito era a Bíblia, que, por sua vez, carregava dogmas religiosos que interferiam no discurso sobre a região. O interesse sobre os modos e vida dos egípcios começa a ressurgir aos poucos, para chegar ao ápice no século XVIII.

No final do século XV, as obras de pensadores como Estrabão, Heródoto e Diodoro Sículo já estavam ganhando edições impressas e em circulação. No século XVII, tornara-se comum que viajantes eruditos fossem ao Egito. As múmias, nessa época, foram usadas em grande escala na Europa para adubar e regenerar as terras aráveis, uma vez que delas obtinha-se um pó bastante eficiente neste sentido¹⁰².

⁹⁷ COELHO, Liliâne C.; SANTOS, Moacir E. *Op. Cit.*, p. 261.

⁹⁸ SHAW, Ian. *Op. Cit.*, p. 2.

⁹⁹ HORNUNG, E.; KRAUSS, R.; WARBURTON, D. (orgs.). *Op. Cit.*

¹⁰⁰ COELHO, Liliâne C.; SANTOS, Moacir E. *Op. Cit.*, pp. 262 - 263.

¹⁰¹ JOHNSON, Paul. *Egito Antigo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010, pp. 376 – 378.

¹⁰² GRIMAL, Nicolas. *História do Egito Antigo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, pp. 6 – 7.

Com o tempo, graças às viagens de arqueólogos¹⁰³ ao Egito, a região passou a encontrar sítios, o que possibilitou a redescoberta da civilização egípcia sem a necessidade de ver esse território através dos olhos dos textos clássicos¹⁰⁴, que, por sua vez não eram contemporâneos e não entendiam os costumes daquele povo. Em 1641, publicou-se a primeira obra dedicada exclusivamente às pirâmides; em 1668, Karnak foi reencontrada e, quase um século depois, foi a vez de Mênfis¹⁰⁵.

Finalmente no século XVIII, começam-se as análises científicas com Nordon, Pococke, Donati e outros que pouco depois inspirariam uma série de jovens entusiastas como Champollion¹⁰⁶. Chego, assim, ao grande marco dos estudos sobre o Egito faraônico: a expedição de Napoleão Bonaparte. Junto com uma equipe de cientistas (que incluía engenheiros, desenhistas, geólogos, químicos, matemáticos, botânicos, etc.), Napoleão chegou ao Egito em 1798, com a intenção de registrar tudo o que encontrasse, desde plantas, animais e construções. A obra que reuniu o resultado dessa expedição foi intitulada *Description de l’Egypte*¹⁰⁷.

Desde então, os estudos só aumentaram. Diversos registros, feitos pela equipe de Napoleão, foram usados por pesquisadores e incentivaram estes a novas viagens. É nesse momento que o orientalismo “deixa de ser uma moda para tornar-se corrente literária e artística”¹⁰⁸, possibilitando o crescimento do número de obras no estilo. A partir disso, precisou-se de pouco tempo até que os fundamentos da egiptologia moderna fossem lançados, graças aos trabalhos de Thomas Young e Champollion, já no século XIX.

A caminhada para chegarmos a este ponto, porém, não foi linear nem mesmo simples. A decifração dos hieróglifos foi um passo importante para que hoje conheçamos tantos aspectos do cotidiano egípcio, mas ainda estamos longe de considerar que tudo já foi entendido. Diversas dificuldades tiveram – e ainda têm – que ser superadas.

Iniciei este tópico apresentando algumas das dificuldades em se estudar a história do Egito, mas, além do que foi dito, ainda devemos enfrentar algumas falácias recorrentes nas pesquisas, muitas vezes causadas pela carência de fontes e que são reproduzidas sem

¹⁰³ Entre os viajantes que iam para o Egito estavam arqueólogos, médicos e exploradores.

¹⁰⁴ De acordo com GRIMAL, Nicolas. *Op. Cit.*, p. 7, os autores antigos foram lidos em grande escala e Heródoto foi “o primeiro guia a ser levado nas viagens ao Egito, já em voga antes da Revolução Francesa”.

¹⁰⁵ GRIMAL, Nicolas. *Op. Cit.*, p. 7.

¹⁰⁶ *Idem*, p. 7.

¹⁰⁷ O livro, por estar em domínio público, pode ser encontrado na internet. Destaco aqui dois links: <https://archive.org/stream/DescriptiondeLE1FranA#page/n9/mode/2up> <http://www.wdl.org/pt/item/2410/view/1/11/>

¹⁰⁸ GRIMAL, Nicolas. *Op. Cit.*, p. 7.

mesmo que percebamos. Baseio-me aqui no artigo de Gee¹⁰⁹ para apontar algumas delas: a prova negativa, a eliminação de evidência, o fato isolado e o aceite da suposição.

A *prova negativa* é a tentativa de provar algum argumento através da negação, ou seja, é a afirmação de que a falta de determinada evidência é suficiente para provar que algo não acontece, uma vez que não existem vestígios sobre este mesmo algo¹¹⁰. Sabemos, porém, que isso não é necessariamente verdadeiro e podemos encontrar outras formas de testar – e, às vezes, provar – teorias que não se sustentam a partir de algum vestígio específico. Um exemplo é a discussão sobre cerimônias de casamento no Egito faraônico. Gee afirma que autores como S. Allam, G. Robins e C. Eryre usam da prova negativa para mostrar que não havia cerimônias matrimoniais, uma vez que não temos registros delas. Após a escrita dos textos de Allam, Robins e Eyre, porém, vestígios foram descobertos mostrando a existência de rituais formais para o casamento¹¹¹. Entretanto, a título de ilustração, mesmo que estas evidências não tivessem surgido, não poderíamos dizer que não havia cerimônias, uma vez que a falta de fontes em referência a isto poderia ser explicada de diversas maneiras, como a possibilidade de que os registros não tenham sobrevivido ao tempo, ou a própria não-confecção de tais registros por não serem julgados necessários. A prova negativa, assim, pretende provar uma teoria sem ter evidências para isso, tendo apenas a não-evidência.

A *eliminação de evidência*, como o nome já sugere, acontece quando o pesquisador não apresenta vestígios que iriam contradizer sua teoria. Grande parte deste tipo de falácia acontece pela argumentação a partir da falta de evidência, que, para Gee, aponta uma ironia nessa área de estudos, uma vez que, expedições arqueológicas existem, justamente, para encontrar evidências¹¹². Parece-me, assim, problemático trabalhar com a falta de vestígios, ou usá-la como argumento, uma vez que o objetivo dos estudos é a melhor compreensão sobre determinado assunto e constantemente novas informações aparecem. Devemos, portanto, admitir nossa não-compreensão total sobre o assunto, que, ao longo do tempo, espera-se que seja complementado.

A falácia do *fato isolado* vem da generalização de argumentos partindo de um único caso. É claro, porém, que às vezes conhecemos apenas um caso e não há parâmetros

¹⁰⁹ GEE, John. *Op. Cit.*, pp. 137 – 158.

¹¹⁰ *Idem*, 140 – 145.

¹¹¹ *Idem*, pp. 141 – 142.

¹¹² *Idem*, pp. 145 – 148.

para uma compreensão mais profunda¹¹³. Destarte, generalizar modos desta maneira, em muito se assemelha ao problema da *prova negativa*. Este tipo de falácia causa impressões errôneas e/ou tendenciosas devido à falta de registro para uma pesquisa mais aprofundada.

Por fim, o *aceite da suposição*, chamado por Gee de “*canonized guesswork*”¹¹⁴, acontece quando uma teoria é reproduzida por tanto tempo sem ser questionada que passa a ser aceita como fato mesmo que não tenha sido testada suficientemente para isso. Certamente, este tipo de análise fica comprometida, uma vez que não se questiona um pressuposto que pode estar errado.

Para estudar a História do Antigo Egito – e não somente ela –, assim, devemos levar em consideração diversos elementos tanto internos quanto externos à pesquisa. No início deste capítulo ressaltarei a importância da consciência sobre o distanciamento do pensamento do pesquisador em comparação ao do período de seu objeto de pesquisa. A pesquisa histórica, em especial a história antiga, se torna, assim, uma aproximação da antiguidade e não, portanto, um reflexo dela. Isso significa que não podemos recriar o passado tal qual ele aconteceu, mas podemos nos aproximar cada vez mais na medida em que nossos estudos avançam. Nesta aproximação, porém, nossas perspectivas estão presentes junto da percepção que temos do mundo egípcio. Deste modo, é fundamental conhecermos o autor e seu contexto histórico para entendermos sua obra.

Para os estudos da egiptologia, é necessário que características humanas sejam conferidas aos egípcios, quebrando com o padrão uniforme e fechado que o senso comum nos apresenta. Por outro lado, não podemos ter “a ideia de encontrar nele [Egito], ao mesmo tempo, nossa cultura e nossas tendências: é preciso aceitar a expatriação e não se iludir com aparentes semelhanças”¹¹⁵. Isso significa que nossos conceitos e modos de vida não são aplicáveis e nossa consciência sobre isso é fundamental.

Devemos, também, saber questionar. Questionar as fontes e os dados que nos são apresentados. Assim podemos evitar anacronismos, generalizações e os problemas apontados por Gee. O questionamento da própria fonte deve ser intenso. Não devemos entendê-la de forma superficial, por isso os estudos históricos tanto se atentam em abordar também o contexto deste documento.

¹¹³ GEE, John. *Op. Cit.*, pp. 148 – 150.

¹¹⁴ *Idem*, pp. 150 – 153.

¹¹⁵ SAUNERON, Serge. *The priests of ancient Egypt*. New York: Grove Press, 1980, p. 6.

Preocupo-me, neste capítulo, em trazer elementos que facilitem e guiem o leitor ao longo do trabalho. Para tanto, trago conceitos que explorem a mentalidade do mundo antigo, para que, no decorrer da dissertação, possa-se entender mecanismos relacionados à diplomacia e às formas de relação com o “outro”. Como dito, é preciso que tenhamos noção do pensamento do homem antigo para entendermos com mais precisão seus modos de vida e suas motivações cotidianas, mesmo que não possamos alcançá-los efetivamente. Essa compreensão servirá como baliza epistemológica para que possamos entender processos criativos - como, por exemplo, estratégias retóricas - e delimitá-los em seu contexto devido. Contudo, é importante termos a consciência de que o presente estudo é fruto da contemporaneidade e, portanto, devemos evitar encontrar no passado as nossas expectativas e o uso de anacronismos. Nesse sentido, contrastando o modo como a disciplina da História desenvolveu o tema ao longo dos anos, com a forma como os antigos entendiam o passado (tópicos 1.3 e 1.4), fica facilitada a distinção de aspectos atuais e antigos na pesquisa.

2. RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS E REIS IRMÃOS

Por definição, a disciplina das Relações Internacionais compreende fenômenos políticos, econômicos, judiciais, ideológicos, sociais e culturais nas interações entre *Estados*, sejam elas cooperativas ou conflituosas¹¹⁶. Como vimos no capítulo anterior, o Estado é uma entidade que comanda politicamente um complexo de organização social, no qual insere-se uma *Nação* a partir de seu caráter sociológico¹¹⁷; isto é, o *Estado* administra uma comunidade em que algumas características comuns prevalecem (*Nação*). Tais termos, como dito no capítulo anterior, não existiram durante a antiguidade e são bastante recentes.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, algumas questões em relação a dinâmica entre povos não podiam mais ser supridas isoladamente pela História ou pelo Direito. Por isso, na década de 1920 criou-se uma disciplina que uniu e abrangeu aspectos necessários para facilitar as interações, isto é, as Relações Internacionais¹¹⁸. Isso significa que a História e o Direito, encarregavam-se de estabelecer os parâmetros diplomáticos antes da criação da disciplina. Segundo Guilherme A. Silva e Williams Gonçalves, a diplomacia também pode ser entendida como políticas externas ou mundiais¹¹⁹ e tem suas origens ainda na antiguidade¹²⁰.

Silva e Gonçalves apontam que o termo *diplomacia* vem da palavra grega *diploun*, que significa dobrar, em referência aos documentos oficiais, chamados de diplomas (como passaportes e salvo-condutos), que, no período do Império Romano (27 AEC – 476 EC) eram timbrados em metal, dobrados e costurados. Com o tempo, documentos

¹¹⁶ SILVA, Guilherme A. & GONÇALVES, Williams. *Dicionário de Relações Internacionais*. Barueri: Manole, 2010, pp. 244 – 246.

¹¹⁷ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Op. Cit.*, p. 115 e p. 308.

¹¹⁸ SILVA, Guilherme A. & GONÇALVES, Williams. *Op. Cit.* pp. 244 – 245.

¹¹⁹ Segundo SILVA, Guilherme A. & GONÇALVES, Williams. *Op. Cit.*, pp. 216 – 217 e 225 – 226, a política externa é definida como a “atividade por intermédio da qual os Estados se relacionam entre si”, sendo “o canal através do qual as políticas e estratégias internacionais de um Estado são formuladas, executadas e avaliadas. Nesse sentido, a política externa é a estratégia da diplomacia”. A política mundial, por sua vez, incorpora “a totalidade dos atores internacionais cujas ações influenciam os acontecimentos internacionais, a despeito de suas relações diretas com os Estados”, isto é, entende-se que o Estado não é um centro absoluto das ligações internacionais, mas também revela a importância de agente transnacionais que não se limitam a um território, como ONGs e poderes econômicos privados.

¹²⁰ SILVA, Guilherme A. & GONÇALVES, Williams. *Op. Cit.* pp. 51 – 52.

com assuntos políticos e administrativos em relação aos povos estrangeiros também passaram a ser chamados de diplomatas¹²¹.

Há muito tempo, homens e mulheres entendem que a diplomacia é um “processo por meio do qual grupos humanos distintos negociam interesses divergentes”¹²², contudo, apesar de a ideia ser antiga, o início das relações diplomáticas é ainda muito anterior à criação termo. Segundo Amanda H. Podany¹²³, a primeira evidência de negociações entre povos na antiguidade é de cerca de 4.300 anos atrás, quando se desenvolveu em um sistema regado que moldou o Antigo Oriente Próximo. Por isso, ao escrever sobre uma carta enviada por Tushratta para Amenhotep III, Podany afirma que “uma coisa poderia ter deixado-os orgulhosos. Apesar deles não possuírem uma palavra para diplomacia, esses reis, seus contemporâneos e seus antecessores ajudaram a inventá-la”¹²⁴.

2.1. O SURGIMENTO DA DIPLOMACIA

The world was made up for this Brotherhood of man.

Linda Perry

O rei Irkab-damu (c. 2300 AEC)¹²⁵, de Ebla, na Síria, não foi o rei mais poderoso ou influente de sua época, mas foi crucial para o período. Entretanto, de seu governo restaram evidências suficientes para entendê-lo como um marco da história da diplomacia: é em Ebla, neste período, que aparecem os primeiros registros de negociações entre reis conhecidos por nós. Com isso, temos a primeira época de atividade diplomática¹²⁶, convencionalmente chamada de “Era de Ebla” (c. 2500 – 2000 AEC). Os outros momentos são: “Era de Mari” (c. 2000 – 1595 AEC), representado pelo rei de Mari, pelas cartas de Amarna, com Amenhotep III e Akhenaton, do Egito¹²⁷.

¹²¹ SILVA, Guilherme A. & GONÇALVES, Williams. *Op. Cit.*, p. 52.

¹²² *Idem*, p. 53.

¹²³ PODANY, Amanda H. *Brotherhood of Kings*. How international relations shaped the ancient near east. Nova York: Oxford University Press, 2010, pp. 19 – 20.

¹²⁴ *Idem*, p. 10. Tradução da autora.

¹²⁵ O livro usado como referência para a datação é focado no Egito Faraônico, assim, não constam datas referentes ao Oriente Próximo. Por isso, as datas não referentes ao território egípcio seguem as propostas de BIENKOWSKI, Piotr & MILLARD, Alan. *Dictionary of the Ancient Near East*. Londres: British Museum Press, 2000; VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*; e PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*

¹²⁶ Uso aqui os termos usados por pesquisadores como Mario Liverani e Raymond Westbrook. Contudo, os períodos da diplomacia são chamados por alguns (como Amanda Podany) de “Early Dynastic Period”, para a Era de Ebla, e “Old Babylonian Period”, para a Era de Mari.

¹²⁷ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p.13

Conhecemos as negociações entre reinos na antiguidade por meio de registros escritos, porém, cidades e reinos já haviam se estabelecido¹²⁸ e possuíam um sistema administrativo muito anteriormente. Ademais, os contatos, isto é, o conhecimento sobre os povos vizinhos, certamente já existiam. Como sinal disso, temos, por exemplo, objetos mesopotâmicos, como um cabo da faca de Gebel-El-Arak¹²⁹, encontrados no Egito ainda antes da criação do cuneiforme¹³⁰. Outro argumento que pode ser usado está na própria formação do Egito, quando diferentes grupos interagiam nas proximidades do vale do Nilo¹³¹.

O sistema diplomático, entretanto, espalha-se aos poucos antes de atingir quase todo o mundo conhecido¹³². Neste primeiro momento, aparentemente, as negociações restringiam-se entre Síria e Mesopotâmia, ainda de forma simples, com o objetivo de fazer alianças que ajudariam em tempos de guerra e de negociar metais e pedras semipreciosas, trazidas por comerciantes de locais distantes das margens dos rios Tigre e Eufrates¹³³, como Índia, Egito e Afeganistão¹³⁴. Durante o segundo milênio AEC, a Síria e a Mesopotâmia estavam divididas entre cidades rivais que lutavam por hegemonia na região. A partir desses conflitos, os reinos iniciaram tentativas de fortificar-se por meio de negociações, com alianças sendo feitas e quebradas. Assim, podemos entender que a diplomacia surge como uma ferramenta para estabelecer um império¹³⁵. As formas e convenções conhecidas por meio das Cartas de Amarna foram desenvolvidas ao longo de séculos, a partir de erros e acertos, marcando, pela primeira vez, a expansão do sistema diplomático ao longo do Oriente Próximo e padronizando uma hierarquia com termos

¹²⁸ De acordo com PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p xvii, as primeiras cidades da Mesopotâmia, por exemplo, são de c. 3.500 ou 3.400 AEC, enquanto o cuneiforme e o hieróglifo só são inventados em c. 3.199 - 3.100 AEC.

¹²⁹ VILSON, Steve. *Egyptian Boats and Ships*. Buckinghamshire: Shire publications LTD, 1994, p.17. Atualmente a faca está no Museu do Louvre, sob número de catálogo E11517, e em exposição na sala 20. Mais informações disponíveis em: <http://www.louvre.fr/en/oeuvre-notices/dagger-gebel-el-arak>

¹³⁰ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p xvii.

¹³¹ Em SCHNEIDER, Thomas. **Foreigners in Egypt: Archaeological Evidence and Cultural Context**. IN: WENDRICH, W. (ed). *Egyptian Archaeology*. Oxford: Blackwell Studies in Global Archaeology, 2010, pp. 143 – 163; discute-se tanto as questões ligadas aos conceitos de estrangeiros e identidade, como apresenta-se um parâmetro geral sobre a atividade e presença de estrangeiros no Egito Antigo, desde o período arcaico até o Reino Novo, focando-se no caso hicso.

¹³² O mundo conhecido, para esses povos antigos, não se estendia muito além do Oriente Próximo, chegando até o sul da Europa, o Extremo Oriente e as proximidades do Egito, como Líbia e Sudão.

¹³³ Durante a Era de Ebla a rede imediata para negociações não ia muito além das proximidades dos rios Tigre e Eufrates.

¹³⁴ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 14

¹³⁵ COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds.). *Amarna Diplomacy*. The beginnings of international relations. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002, p. 11.

igualitários (para os reinos maiores – Egito, Babilônia, Hatti, Mitani e Assíria), responsabilidades e privilégios¹³⁶.

Contudo, o processo de desenvolvimento do sistema diplomático não foi constante e cada período teve características que atendiam às necessidades momentâneas. Deste modo, podemos entender que, antes da diplomacia se consolidar pela região, houve momentos de quebras e rupturas.

Antes das trocas diplomáticas aparecerem, já existiam cidades se organizando no Oriente Próximo, dentre as quais destacou-se Uruk¹³⁷. Neste período surgem as noções de escrita e administração, que, então, expandem-se pelos territórios entre o sul da Mesopotâmia, o norte da Síria e o sul da Turquia¹³⁸. Deste modo, foi possível estabelecer conexões por toda a região e, assim, iniciar-se o que chamamos de Era de Ebla.

Quando Uruk perdeu sua influência para a Babilônia, houve uma reformulação cultural no Oriente Próximo, na qual tradições locais foram revistas e algumas habilidades, como a escrita, tornaram-se mais raras fora do sul da Mesopotâmia. Em contrapartida, nos locais em que continuou comum, a escrita desenvolveu-se¹³⁹. Com isso, após alguns séculos, os contatos entre a Babilônia e o resto do Oriente Próximo reemergiram e pequenos reinos se tornaram o poder político predominante. Entretanto, foi somente no fim da Era de Ebla que alguns textos apareceram em regiões da Síria e por eles os documentos babilônicos começam a referenciar as regiões ao seu redor. A partir disso, entendemos que o foco babilônico estava ao sul¹⁴⁰.

De forma breve podemos dizer que na Era de Ebla as negociações preocupavam-se em fazer alianças, promover casamentos e conseguir materiais não disponíveis em seu território. Na Era de Mari (Mapa 2), por sua vez, as relações começam a ser feitas para construir e manter o poder de alguns reinos (Larsa, Babilônia, Eshnunna, Ekallatum, Mari, Yamhad e Qatna)¹⁴¹. Apesar de na Era de Ebla, também haver uma preocupação em manter alguns reinos mais poderosos, nos tempos de Mari os reinos ficam maiores e passam a incluir pequenas cidades com reis próprios¹⁴², começando uma aproximação

¹³⁶ COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds.). *Op. Cit.*, p. 11.

¹³⁷ Para mais sobre o desenvolvimento e surgimento das cidades, ver VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, pp. 19 – 40.

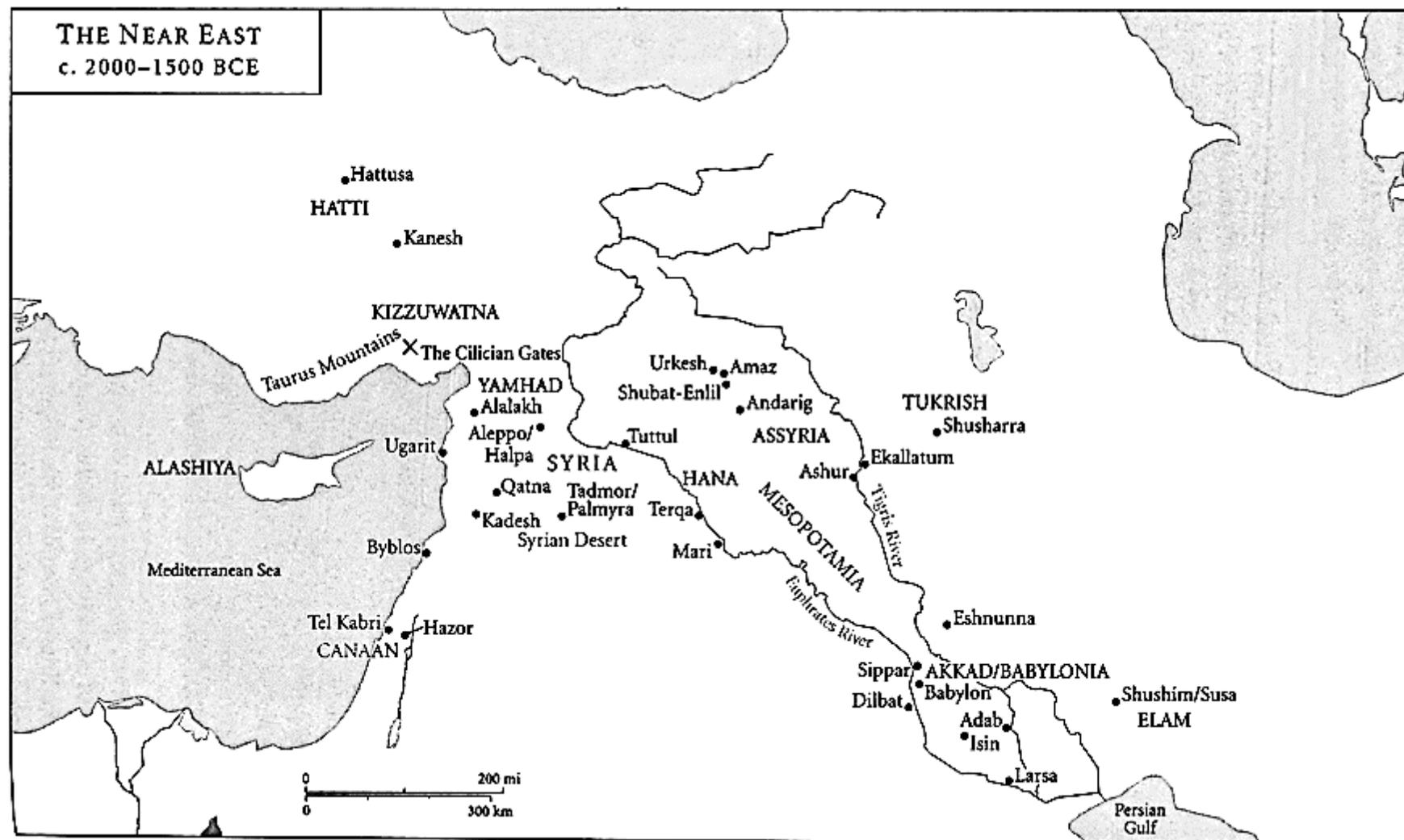
¹³⁸ VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, pp. 28 - 35.

¹³⁹ *Idem*, p. 41.

¹⁴⁰ *Idem*, p. 53.

¹⁴¹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 63 – 65.

¹⁴² *Idem.*, p. 65.



MAPA 2: Antigo Oriente Próximo (c. 2000 – 1500 AEC)

Fonte: PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 66

com o domínio de regiões menores que vemos na Era de Amarna.

A manutenção de poder, porém, não indica, neste momento, tratamentos amistosos. Apesar de ser um dos reis mais famosos nos dias de hoje¹⁴³, Hammurabi (c. 1792 – 1750 AEC), da Babilônia, era ofuscado pelos reinos de Larsa, Elam e especialmente por Shamshi-Adad (c. 1813 – 1781 AEC), rei da região que se estendia entre as montanhas de Zagros e o Eufrates, e que conquista Ekallatum e Mari¹⁴⁴.

Para manter seu poder, Shamshi-Adad deu início a uma prática que se tornaria comum poucos anos mais tarde: a instalação de vice-reis nos territórios dominados. Seus filhos, Ishme-Dagan (c. 1780 – 1742 AEC) e Yasmah-Addu (c. 1795 - 1776 AEC) passaram a governar Ekallatum e Mari, respectivamente. A administração do território era feita através de cartas trocadas entre o rei e os vice-reis, isto é, pai e filhos. Segundo Podany, as cartas mostram que Ishme-Dagan era competente e um bom guerreiro, mas seu irmão Yasmah-Addu era fraco, indeciso e, algumas vezes, ridicularizado por seu pai¹⁴⁵. Na carta a seguir, Yasmah-Addu cita as palavras dirigidas a ele por seu pai:

*E você, até quando deveremos te guiar em todas as ocasiões? Você é um bebê, não é um adulto? Você não tem barba em seu queixo? Quando você vai dirigir a sua Casa? Você não vê que seu irmão está comandando um grande exército? Então, você também, dirija teu Palácio, tua Casa!*¹⁴⁶.

Com a morte de Shamshi-Adad, o reino enfraqueceu-se e, apesar dos esforços de Ishme-Dagan, Mari volta a ser conquistada por um governante local, Zimri-Lim. Não nos é muito clara a origem deste rei. Segundo Bienkowski e Millard, ele era filho de Yahdun-Lim (antigo rei de Mari, antes da dominação de Shamshi-Adad), como ele próprio se declarava¹⁴⁷. Por outro lado, a recente pesquisa de Van de Mieroop aponta que “é claro que ele não era [filho de Yahdun-Lim] e pode, no máximo, ter sido seu neto ou

¹⁴³ Hammurabi ficou mundialmente conhecido pelas leis escritas em seu tempo, o “Código de Hammurabi”. Contudo, apesar de ser intitulado como o “pai das leis” e de seu código ter sido considerado como o primeiro registro de leis escritas, desde 1915, já se conhece uma série de leis escritas pelo rei de Ur, Ur-Nammu, cerca de 300 anos antes de Hammurabi. Contudo, a ideia de que Hammurabi era o inventor das leis se manteve no imaginário comum graças ao livro de C.H. W. Johns, “The Oldest Code of Laws in the World”, de 1903 (um ano após a descoberta do código).

¹⁴⁴ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 68 - 69.

¹⁴⁵ *Idem*, p. 69.

¹⁴⁶ DURANT, Jean-Marie. *Documents épistolaires du palais de Mari*. Paris: Les Editions du Cerf, v. 1, 1997, p. 138. Tradução da autora.

¹⁴⁷ BIENKOWSKI, Piotr & MILLARD, Alan. *Op. Cit.*, p. 328.

sobrinho”¹⁴⁸. Van de Mieroop, contudo, não nos explica ou dá indícios para tal afirmação. O que sabemos, porém, é que sob o governo de Zimri-Lim, Mari havia voltado ao seu poder central, reestabelecendo uma forte aliança com a Babilônia e com Alepo.

São as relações e registros de Mari que marcam a Era que leva seu nome. Isso porque o maior número de vestígios diplomáticos do período foi encontrado em Mari, uma vez que uma parte da antiga cidade da Babilônia, está submersa nas águas do rio Eufrates graças a ação do próprio tempo e, presumidamente, os vestígios feitos em argila se reduziram à lama¹⁴⁹. São mais de 3000 cartas¹⁵⁰, que datam principalmente do governo de Zimri-Lim, mas também de Yasmah-Addu e seu pai¹⁵¹. O grande número de cartas implica em uma variedade de assuntos e contextos. Há cartas interceptadas de inimigos, cartas de suas esposas e família, de regiões subjugadas e de seus aliados. Como consequência disso, essas correspondências iluminam diversos aspectos daquele contexto e possuem eventos narrados que facilitam sua datação¹⁵².

Apesar de Hammurabi e Zimri-Lim terem lutado lado-a-lado algumas vezes, a aliança entre eles era frágil e, segundo Van de Mieroop, foi baseada em diminuir o poder de outros reis, para que estes não se sobressaíssem a eles¹⁵³. Eventualmente, porém, os interesses de Mari e da Babilônia se tornam incompatíveis, resultando em um conflito entre eles. Zimri-Lim, receoso de sua relação com Hammurabi, pede para que sua esposa procure respostas com os oráculos. Ele diz:

*Pergunte aos oráculos sobre Hammurabi da Babilônia. Este homem nunca vai morrer? Ele fala honestamente conosco? Ele vai declarar guerra? Ele vai começar um cerco quando eu for em campanha para o norte? Pergunte sobre este homem. Quando você terminar de perguntar, repita e escreva-me todas as respostas de suas perguntas.*¹⁵⁴

¹⁴⁸ VAN DE MIEROOP, Marc. *Op. Cit.*, p. 104. Tradução da autora.

¹⁴⁹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.* p. 69. Segundo a autora, com o decorrer dos anos, parte da Babilônia afundou fisicamente e, por conta disso, o palácio e os arquivos de Hammurabi ficaram embaixo da água.

¹⁵⁰ O número de cartas é estimado pois muitas delas são apenas fragmentos.

¹⁵¹ FLEMING, Daniel E. **Prophets and Temple Personnel in the Mari Archives**, p. 48. IN: GRABBE, Lester L. & BELLIS, Alice Ogden. *The Priests in the Prophets*. The Portrayal of Priests, Prophets and Other Religious Specialists in the Latter Prophets. Londres: T&T Clark International, 2004, pp. 44 – 64.

¹⁵² *Idem.*, pp. 48 - 49.

¹⁵³ VAN DE MIEROOP, Marc. *King Hammurabi of Babylon: A Biography*. Oxford: Blackwell, 2005, p. 64

¹⁵⁴ *Idem.*, p. 74. Tradução da autora.

Segundo a esposa de Zimri-Lim, Shibtu, as respostas foram positivas para Mari. Ela diz que Hammurabi iria tentar dominar o território, mas não teria sucesso¹⁵⁵. Contudo, as previsões não foram totalmente acuradas. De fato, Hammurabi atacou, mas o resultado não foi o previsto pelo oráculo e Mari foi derrotada em batalha¹⁵⁶.

Nesse sentido, podemos entender que, diferentemente da Era de Ebla, neste momento as relações diplomáticas eram mais uma ferramenta para a guerra do que uma alternativa a ela¹⁵⁷. Contudo, ainda assim, havia um sistema familiar ligado à diplomacia. Uma vez que as negociações fossem boas, o ideal era que um dos reis se casasse com a filha do outro, e que muitos presentes fossem trocados como dote, preço da noiva e presentes de casamento¹⁵⁸, como foi o caso do casamento de Zimri-Lim e Shibtu, uma princesa de Alepo.

Havia, ainda, protocolos que deveriam ser respeitados e que continuariam sendo seguidos depois, como os casamentos e a troca de embaixadores e cartas¹⁵⁹:

Os reis enviavam uns aos outros embaixadores e cartas e casavam-se com as filhas uns dos outros. Vassalos enviavam tributos para seus senhores, enquanto aliados trocavam presentes luxuosos e ficavam bravos quando se sentiam esnobados. Eles também contavam com tratados de paz, jurados na presença dos deuses, para assegurar suas relações¹⁶⁰.

A maioria das cartas enviadas para algum rei era escrita por seus embaixadores apenas citando as palavras do outro rei. As cartas trocadas passavam por escribas que anotavam as exatas palavras ditas pelos reis, uma vez que grande parte deles, ao menos na Mesopotâmia e na Síria, eram iletrados¹⁶¹.

Havia, ainda, um padrão de escrita respeitado pelos embaixadores. As cartas eram, em geral, curtas, com temas relacionados a tropas, territórios e informações locais. Além disso, convencionou-se iniciar as cartas no seguinte padrão: “Para o meu senhor, fale! Seu servo [nome] diz...”, como é possível ver em diversas cartas, por exemplo:

¹⁵⁵ VAN DE MIEROOP, Marc. *King Hammurabi... Op. Cit.*, p. 74.

¹⁵⁶ *Idem, Ibidem*; VAN DE MIEROOP, Marc. *A History of... Op. Cit.*, p. 111 & PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 90.

¹⁵⁷ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.* p. 89.

¹⁵⁸ *Idem*, pp. 83 – 84.

¹⁵⁹ *Idem*, pp. 70 - 71.

¹⁶⁰ *Idem*, p. 71. Tradução da autora.

¹⁶¹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 71.

*Para o meu senhor (Yasmah-Addu), fale! Seu servo Ashqudum (diz), “de acordo com a instrução de meu senhor [...]”*¹⁶²

O conhecimento que os reis possuíam sobre os outros territórios passava, assim, pelo olhar de seu mensageiro, cabendo a ele descrever tanto o local como os costumes e atitudes da região em que estava¹⁶³. Contudo, alguns filhos de Hammurabi, por exemplo, também visitaram Mari e, inclusive, tiveram casas para morar lá¹⁶⁴. Isso indica que, apesar dos oficiais serem os responsáveis pela comunicação, os mensageiros não eram os únicos viajantes que informariam suas impressões ao rei.

Os mensageiros de Mari mencionam o nome de centenas de regiões e cidades. Isso porque a diplomacia havia se intensificado e se desenvolvido desde seu surgimento. Assim, as áreas viajadas regularmente pelos mensageiros aumentaram, as cartas tornaram-se mais detalhadas, expressões como “irmandade” já começavam a aparecer e os tratados de paz eram recorrentes¹⁶⁵.

De acordo com Podany, 160 reis aparecem nas cartas, mas nem todos eram poderosos como os reis de Elam, Mari e Babilônia. Além disso, as negociações, como já dito, restringiam-se a uma única região, por isso não vemos reis de Meluhha, Creta ou Egito nos registros¹⁶⁶. Apesar de não fazerem parte dos acordos diplomáticos, o contato comercial com essas regiões existia. Mercadores traziam materiais destes locais, que, por sua vez, acabaram tornando-se importantes para a economia. Todo o cobre usado na Síria era importado¹⁶⁷, por exemplo, e Alashyia (Chipre) era uma grande fonte deste metal¹⁶⁸. Além disso, Mari vendia tinta em Kaptara (Creta)¹⁶⁹ e comprava ouro do Egito¹⁷⁰.

Apesar de não participarem do sistema diplomático do momento, os territórios adjacentes estavam ativos. Preocupo-me, porém, em comentar sobre o Egito, uma vez

¹⁶² Trecho da carta 26 86. HEIMPEL, Wolfgang. *Letters to the King of Mari*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2003, p. 210. Tradução da autora.

¹⁶³ Esta prática continuou durante a Era de Amarna, como falaremos mais adiante, no tópico 2.2.5.

¹⁶⁴ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 71

¹⁶⁵ *Idem*, p. 93.

¹⁶⁶ *Idem*, p. 94

¹⁶⁷ *Idem, Ibidem*.

¹⁶⁸ COHEN, Raymond & WESTBROOK, Raymond (eds.). *Op. Cit.*, pp. 7 – 8

¹⁶⁹ Segundo PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*; DICKINSON, Oliver. *The Aegean Bronze Age*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, pp. 241 – 244; e BUDIN, Stephanie Lynn. *The Ancient Greeks: an Introduction*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2004, p. 42; os textos sírios chamam Creta de Kaptara, os egípcios de Keftiu, e os textos bíblicos de Caphtor. Para facilitar a leitura, chamaremos apenas de Creta.

¹⁷⁰ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 108 – 110.

que ele ganhou um papel de grande importância nos momentos seguintes. O Egito estava no fim do Reino Médio (c. 1780 – 1760 AEC), que havia sido período de avanço na escrita, sendo dele os primeiros registros da famosa história de Sanehet¹⁷¹. Essa história é uma das formas de perceber o conhecimento egípcio das terras ao seu redor, já que Sanehet teria morado na região da Palestina. Tal contato também pode ser percebido em tumbas egípcias, como a de Khnumhotep II¹⁷² (BH3, em Beni Hassan), da XII Dinastia (c. 1936 – 1760 AEC), na qual podemos ver asiáticos representados visitando o Egito¹⁷³. Contudo, o Egito ainda estava longe de alcançar o seu auge, passaria ainda por um momento repleto de dificuldades e decadência. Chegando, assim, ao Segundo Período Intermediário (c. 1759 – 1539 AEC), sobre o qual tratarei no próximo capítulo.

Enquanto o Egito se enfraquecia, a Babilônia expandia suas fronteiras, confrontando-se e vencendo Mari, que substituída por Terqa¹⁷⁴. Desde então não houve muitas mudanças o cenário. É quando Hammurabi morre que seu Império começa a se dissolver e a situação muda¹⁷⁵. Aparentemente, após uma inundação que deixou a terra menos fértil, quase todas as cidades mais ao sul da Mesopotâmia (antes tidas como o centro da cultura e religião) foram abandonadas entre c. 1738 e 1720 AEC, e as pessoas começaram a povoar as regiões mais afastadas das cidades¹⁷⁶. Contudo, apesar de ter enfrentado diversos inimigos ao longo dos anos (como cassitas e elamitas), foi por volta

¹⁷¹ A história de Sanehet (Sinuhé, em grego) é um conto que foi muito copiado e divulgado no Egito. Os primeiros registros são do Reino Médio, mas há várias cópias no Reino Novo, por exemplo. A narrativa conta sobre Sanehet, um alto-oficial egípcio que se encontrava na Líbia, junto com Senusret I (o príncipe herdeiro) quando o faraó morre sob estranhas circunstâncias. Diziam que poderia ser uma conspiração interna, o que deixou Sanehet com medo de voltar ao Egito e ser tido como culpado. Sanehet viveu no deserto, ganhando reconhecimento no local, até pouco tempo antes de sua morte, quando Senusret I (agora faraó) pede para que ele voltasse ao Egito, onde, enfim, ele vive no palácio até sua morte. Para ver mais sobre Sanehet, ver: CARDOSO, Ciro Flamarion. *Sete Olhares Sobre a Antiguidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, pp. 121 – 160; e GALÁN, José Manuel. *Cuatro Viajes en la Literatura del Antiguo Egipto*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2000, pp. 61 – 128. Disponível em: http://digital.csic.es/bitstream/10261/36807/1/Cuatro_Viajes.pdf

¹⁷² Khnumhotep II foi um nomarca da região de Bani Hassan que viveu entre os governos de Amenemhat II (c. 1878 – 1843 AEC) e Senusret II (c. 1845 – 1837 AEC).

¹⁷³ Sobre os estrangeiros representados na tumba, ver: KIMRIN, Janice. The Aamu of Shu in the Tomb of Khnumhotep II at Beni Hassan. IN: *Journal of Ancient Egypt Interconnections*. Arizona, v. 1, n. 3, 2009, pp. 22 – 36. Disponível em: <http://jaei.library.arizona.edu/>; e KIMRIN, Janice. **The Procession of “Asiatics” at Beni Hasan**. IN: ARUZ, Joan; GRAFF, Sarah B; RAKIC, Yelena (ed). *Cultures in Contact. From Mesopotamia to the Mediterranean in the Second Millennium b.c.* Nova York: The Metropolitan Museum of Art, 2013, pp. 156 – 169.

¹⁷⁴ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 114 – 115.

¹⁷⁵ *Idem* p. 119.

¹⁷⁶ *Idem*, pp. 119 – 120.

de 1595 AEC que a Babilônia encontrou um inimigo maior e, até então, desconhecidos: os hititas, liderados pelo rei Mursili (c. 1620 – 1590 AEC)¹⁷⁷.

Inicialmente, Mursili atacou e conquistou Alepo, partindo em seguida cada vez mais para o sul, sem encontrar muita resistência, até chegar na Babilônia. As vitórias dos hititas, porém, não resultavam na ocupação dos locais dominados, por isso, ao vencer Alepo, Mursili abriu espaço para o desenvolvimento de outras entidades, uma vez que o equilíbrio na região havia se quebrado¹⁷⁸. Não conhecemos muito sobre a batalha com a Babilônia, mas sabemos que Mursili saiu vitorioso, tendo derrotado, assim, dois dos reinos mais influentes do momento.

Apesar de terem ganhado as batalhas, os hititas não se beneficiaram da situação. Mursili mandou as tropas novamente para Hatti e foi assassinado por seu cunhado, Hantili, que tomou seu lugar no trono¹⁷⁹. Assim, a região da Síria e Mesopotâmia, que durante duzentos anos possuiu relações e governantes fortes predominantes, estava descaracterizada.

Com o fim do império babilônico e da prevalência de poder, e com a morte de Mursili, em c. 1590 AEC, o Oriente Próximo entra no que Van de Mieroop chama de “Idade das Trevas”¹⁸⁰. O apelido, porém, não se dá necessariamente pela circunstância do período, mas pela obscuridade em que os estudos atuais se encontram, muito por causa da falta de registros encontrados. Apesar do sistema diplomático, que mantinha o contato entre as cortes, ter se extinguido, algumas das casas reais ainda existiam em cidades como Babilônia, Terqa e Hattusa (capital hitita). As cidades, porém, estavam longe de serem o que haviam sido poucas gerações antes e muitas delas como Mari, foram destruídas em campanhas militares ou abandonadas por motivos desconhecidos¹⁸¹ (o Mapa 3 nos mostra a dinâmica de territórios nos momentos seguintes).

Deste período, c. 1595 – 1500 AEC, não temos vestígios suficientes para termos clareza sobre os ocorridos na região. Sabemos, contudo, que o território de Hana, no Eufrates, se torna independente; uma dinastia cassita começa a governar a Babilônia; a

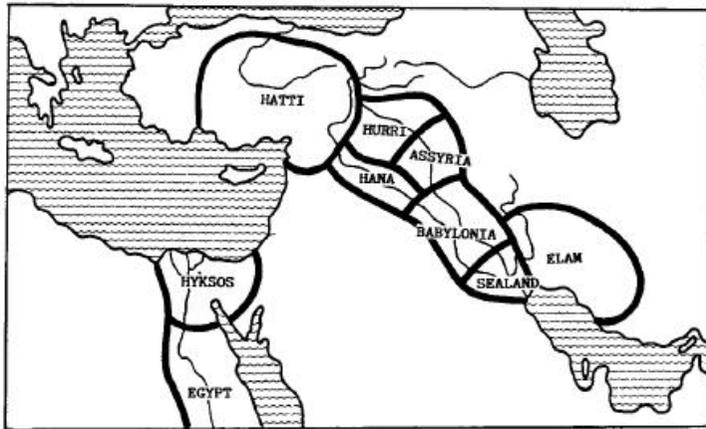
¹⁷⁷ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 121.

¹⁷⁸ VAN DE MIEROOP, Marc. *A History of... Op. Cit.*, p. 121.

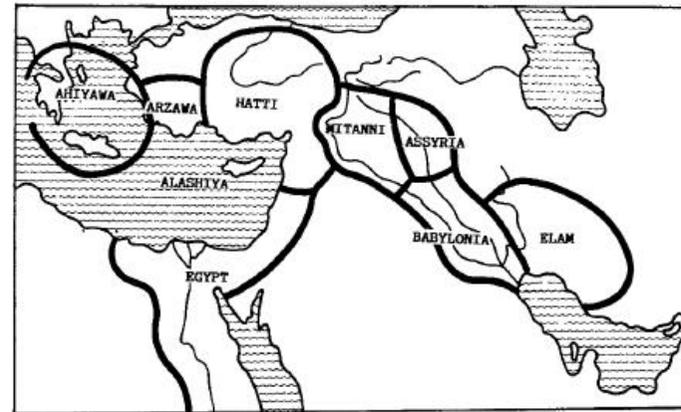
¹⁷⁹ *Idem*, p. 121.

¹⁸⁰ Em inglês “Dark Age”.

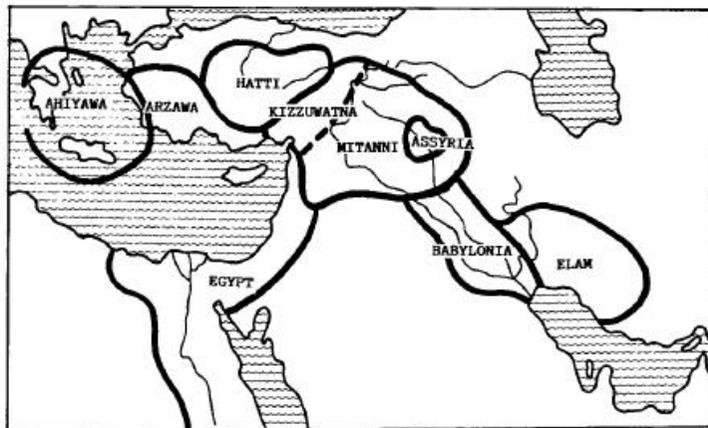
¹⁸¹ VAN DE MIEROOP, Marc. *A History of... Op. Cit.*, p. 122.



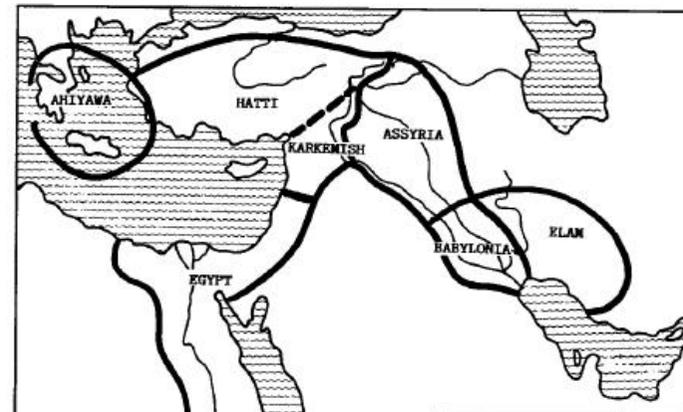
c. 1600 BC



c. 1350 BC



c. 1450 BC



c. 1220 BC

MAPA 3: Expansão de Fronteiras e Reinos (c. 1600 – 1220 AEC)

Fonte: LIVERANI, Mario. *Relaciones Internacionales en el Próximo Oriente antiguo, 1600 – 1100 BC*. pp. 14 - 15

Mesopotâmia negociava com a Assíria; os hicsos são expulsos do Egito (iniciando o Reino Novo) e o Reino de Mitani surge¹⁸² no norte da Mesopotâmia (ver tabela 3).

Neste momento, aparentemente os povos que mais se destacaram foram os cassitas e os hurritas. Eles já estavam presentes, mas somente agora começam a se fortalecer. Registros de nomes cassitas, apontam que este povo esteve no norte da Babilônia desde o século XVIII AEC, possivelmente organizados em forma de tribos. A maioria era de grupos agrícolas, mas também havia grupos mais urbanos. Hana, por exemplo, lista um rei com nome cassita¹⁸³. Acredita-se que os cassitas ganharam o poder político sobre cidades, inicialmente, na região central do Eufrates¹⁸⁴.

Ao norte da Síria e da Mesopotâmia, por sua vez, estão os hurritas. Segundo Van de Mieroop, há evidências de nomes hurritas no local desde a metade do terceiro milênio AEC. Possivelmente, eles teriam chegado na região quando o Reino da Alta Mesopotâmia caiu, uma vez que eles já estariam nas proximidades, ocupando os espaços entre as montanhas Zagros e o mediterrâneo¹⁸⁵. Após os ataques hititas, os hurritas teriam atacado Hatti e ajudado os babilônicos quando a batalha aconteceu. Hurritas e hititas, aparentemente, permaneceram inimigos desde então¹⁸⁶. Apesar de não podermos dizer muito sobre os hurritas, conhecemos seus dons militares, tendo atacado Hatti diversas vezes¹⁸⁷ e, possivelmente, impulsionado o movimento na Síria que levou a entrada dos hicsos no Egito¹⁸⁸. Assim, eles se tornaram predominantes na região, construindo o reino de Mitani e ameaçando os outros territórios do Oriente Próximo, como a Assíria e a Babilônia¹⁸⁹. Além disso, é atribuído a eles o uso de bigas puxadas por cavalos – considerada a maior inovação tecnológica do período. Todos os exércitos do Oriente Próximo adotaram a ideia, uma vez que era muito mais eficaz do que os burros e jumentos comumente usados¹⁹⁰.

¹⁸² PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. xx e p. 125.

¹⁸³ VAN DE MIEROOP, Marc. *A History of... Op. Cit.*, p. 123.

¹⁸⁴ *Idem, Ibidem.*

¹⁸⁵ VAN DE MIEROOP, Marc. *A History of... Op. Cit.*, p. 123.

¹⁸⁶ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 123.

¹⁸⁷ FREU, Jacques. *Histoire du Mitanni*. Paris : L'Harmattan, 2003, pp. 32 – 33.

¹⁸⁸ VAN DE MIEROOP, Marc. *A History of... Op. Cit.*, p.123

¹⁸⁹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 129.

¹⁹⁰ VAN DE MIEROOP, Marc. *A History of... Op. Cit.*, p. 124



MAPA 4: Antigo Oriente Próximo na Era de Amarna (c. 1350 AEC)

Fonte: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Op. Cit.*, p. xii

Apesar da crise e do apelido, “Idade das Trevas”, este período possibilitou o crescimento de poderes locais, como Mitani e Hatti, por exemplo. Além disso, houve um avanço de técnicas militares e econômicas, com a biga e o uso de embarcações comerciais. Os barcos conectaram Egeu e Chipre, além de tornar a viagem para o Egito mais rápida¹⁹¹. Os detalhes das inovações e dos próprios eventos históricos, porém, não são claros ao longo dos séculos XVI e início XV AEC, mas sabemos que o Oriente Próximo que surgiu com o fim da “Idade das Trevas’ foi, em muitos aspectos, completamente novo”¹⁹².

2.2. O SISTEMA DE AMARNA

O Diabo é capaz de citar as Escrituras para atingir seus fins.

Ray Bradbury

A estruturação e organização diplomática de elementos e preceitos recorrentes na Era de Amarna é o que chamamos de “Sistema de Amarna”. Tal sistema foi resultado de um desenvolvimento orgânico que elencou fenômenos dos povos do Oriente Próximo, de modo multipolar¹⁹³ e policultural¹⁹⁴, atravessando as barreiras de linguagem (tendo o cuneiforme como escrita franca), cultura e tradição política¹⁹⁵. Deste modo, incluiu mecanismos de manutenção política interconectados, regras, convenções, procedimentos, instituições, comunicação e negociação entre os Grande Reinos¹⁹⁶.

Sabemos que havia interações antes da Era de Amarna (Mapa 4), contudo, temos documentos suficientes, apesar de estarem incompletos, para entender este como o primeiro momento em que as relações atingiram todos os reinos do Antigo Oriente

¹⁹¹ VAN DE MIEROOP, Marc. *A History of... Op. Cit.*, p.124.

¹⁹² *Idem*, p. 125. Tradução da autora.

¹⁹³ Ser multipolar significa que as ações não deveriam servir a um território específico, mas responder ao bem comum.

¹⁹⁴ Segundo COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Op. Cit.*, p. 10, um sistema policultural é diferente de um multicultural. O policulturalismo garante que nenhum povo ou cultura se sobressaia ou tente se impor diante dos outros, isto é, as sociedades existem em termos igualitários. O multiculturalismo, por sua vez, garante o respeito e a tolerância de culturas, contudo, uma se destaca. A título de ilustração, nos dias de hoje – desde a renascença, estamos em um sistema multicultural, em que a cultura ocidental europeia se sobressai às demais, apesar de serem aceitas. Até recentemente, países como China, Egito, Índia e Irã não eram aceitos em organizações diplomáticas.

¹⁹⁵ COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Op. Cit.*, p. 12

¹⁹⁶ *Idem*, p. 4.

Próximo¹⁹⁷. Além disso, o sistema teria garantido uma aparente paz na região por, pelo menos, dois séculos, antes de entrar em colapso. Nesse sentido, o Sistema de Amarna torna-se importante para que possamos compreender a história das relações internacionais, uma vez que a disciplina, em geral, limita-se ao estudo a partir do século XIX, isto é, apenas cerca de 4% do tempo em que se há a prática¹⁹⁸.

Não devemos, contudo, ignorar a existência dessas relações na antiguidade. Isto porque, após entrar em colapso, as ideias não desaparecem, mas continuaram circulando e se modificando durante o tempo. Com o fim da Era de Amarna, o Oriente Próximo entrou em um período turbulento, marcado pelo desaparecimento de Grandes Reinos, em especial, o caso de Hatti. O colapso não se dá, porém, por falhas do sistema, mas porque a noção de império hegemônico começa a prevalecer, tomando o espaço da diplomacia. Contudo, mesmo que a organização sistemática tenha sumido, suas noções continuaram a permear os povos e, por isso, encontramos princípios da diplomacia em esferas gregas e hebraicas, por exemplo, até chegar aos dias atuais. Nesse sentido, podemos afirmar que o Sistema de Amarna não foi “o início das relações internacionais, nem um beco sem saída, mas [...] ele foi o fim do começo”¹⁹⁹.

2.2.1. AS CARTAS E A ESCRITA

Os principais documentos sobre a diplomacia na Era de Amarna são cartas trocadas entre reis. Um grande grupo dessas correspondências foi encontrado no “local das cartas do faraó”, na cidade de Tell el-Amarna (antiga Akhetaton), que confere o nome a elas. Apesar destas cartas não serem os únicos vestígios da atividade diplomática no momento (há, também, registros hititas, como as cartas de Boğazköy²⁰⁰, os tabletes de Nuzi e textos de Emar, por exemplo²⁰¹), elas foram o primeiro vestígio encontrado das relações diplomáticas e, por isso, nomeiam o período.

¹⁹⁷ COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Op. Cit.*, p. 4. Devemos ter em mente, porém, que, apesar de haver cartas trocadas por toda a região, o sistema pretendia manter os Grande Reinos (Hatti, Mítani, Egito, Babilônia e Assíria) no poder e não tinha interesse nos reinos menores.

¹⁹⁸ COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Op. Cit.*, p. 4.

¹⁹⁹ *Idem*, p. 11. Tradução da autora:

²⁰⁰ Alguns documentos diplomáticos hititas podem ser encontrados, com tradução para o inglês, em BECKMAN, Gary. *Hittite Diplomatic Texts*. Atlanta: Scholars Press, 1996.

²⁰¹ RAINEY, Anson. *Op. Cit.*, v. 1, p. 11.

Os primeiros tabletes foram encontrados em 1887, possivelmente, segundo William L. Moran, em expedições clandestinas²⁰². Com o passar dos anos, a maior parte dos tabletes foram para museus de cidades de todo o mundo, como Londres, Berlim, Paris e Cairo²⁰³. As expedições em busca de novos documentos continuaram sem muito sucesso até 1891 - 92, quando Flinders Petrie foi o responsável por uma expedição que encontrou mais 22 fragmentos. Em 1907 o assiriólogo J. A. Knudtzon publicou o primeiro volume de “Die El-Amarna Tafeln”, na qual organiza os tabletes geográfica e cronologicamente, sob a sigla EA (El-Amarna), que utilizamos até hoje. Após a publicação da obra de Knudtzon mais 24 tabletes foram encontrados, cabendo a Anson F. Rainey a edição deles²⁰⁴.

Atualmente conhecemos 382 tabletes, dos quais 350 são cartas ou inventários anexos e 32 são treinamentos escolares – embora muitos tenham se perdido ou sido destruídos durante o século XX²⁰⁵. Os textos foram, com raras exceções, recebidos pelos faraós e correspondem ao período entre os últimos anos do reinado de Amenhotep III e os primeiros anos do governo de Tutankhamon (c.? – 1324 AEC²⁰⁶). Todos os fragmentos estão escritos em cuneiforme, respondendo a um padrão diplomático que, para manter o policulturalismo, mantinha o acadiano como língua franca por todo o Oriente Próximo²⁰⁷, mesmo que ainda houvessem algumas variações²⁰⁸. Dialectos locais certamente influenciavam na escrita do cuneiforme acadiano, dentre eles está o Hurro-Acadiano, que predominou na região norte, em oposição aos dialetos de regiões mais ao sul²⁰⁹. A

²⁰² MORAN, William L. *Op. Cit.*, p xiii.

²⁰³ Segundo RAINEY, Anson. *Op. Cit.*, p. 1 - 10, atualmente as cartas estão em coleções privadas e nos museus: British Museum, Vorderasitische Museum in Berlin, Ashmolean Museum of Oxford University, Metropolitan Museum of New York, Oriental Institute of the University of Chicago, Louvre, Musées Royaux d’Art et d’Histoire, Cairo Museum, Istanbul Arkeoloji Müzeleri, Pushkin Museum.

²⁰⁴ MORAN, William L. *Op. Cit.*, pp. xiii – xv. Apesar de Rainey ser o responsável pelos tabletes mais recentes, ele não havia trabalhado com as cartas EA 380 – 382, até a publicação do livro de Moran, por isso, esse autor coloca a exceção. Em 2015, porém, uma nova edição de Rainey foi lançada, contendo a tradução e a transliteração das cartas, como já apontei anteriormente.

²⁰⁵ RAINEY, Anson. *Op. Cit.*, v. 1, p. 1.

²⁰⁶ No livro que foi usado de referência para as datações egípcias, não se apresenta uma data para o início do reinado de Tutankhamon. Ian Shaw, por exemplo, coloca que a data seja por volta de 1336 AEC.

²⁰⁷ FINKEL, Irving; TAYLOR, Jonathan. *Cuneiform*. Londres: The British Museum Press, 2015, p. 66.

²⁰⁸ Segundo MORAN, William L. *Op. Cit.*, pp. xix - xxi, as exceções são as cartas EA 15 (assírio), EA24 (hurrita) e EA 31-32 (hitita). Além disso, a escrita cuneiforme não acompanhou as transformações das línguas faladas, por isso encontramos um léxico antigo, com palavras que, em alguns casos, não eram nem mesmo utilizadas no período, senão em épicos, hinos, mitos ou preces. Assim, a cultura do cuneiforme de Amarna era uma combinação do babilônico antigo com o novo.

²⁰⁹ Segundo MORAN, William L. *Op. Cit.*, pp. xx - xxi, o Hurro-Acadiano está presente em uma carta da Assíria, nas de Mitani, em quatro de Hatti, cinco de Ugarit, uma de Nuhashshe, quatro de Qatna e quatorze

influência hurrita se sobressaiu, assim, em diversos níveis da linguagem: escrita, fonologia, sintaxe e glosas ocasionais²¹⁰.

Antes da escrita, porém, é preciso preparar o tablete. Havia certas convenções para o tamanho e forma dos tabletas, que dependiam e variavam de acordo com o tipo do texto a ser escrito²¹¹ - as cartas diplomáticas possuem forma retangular (assim como os documentos administrativos). Contudo, devemos ter em mente que os tabletas eram confeccionados para o manuseio humano e, portanto, era preciso que seu formato fosse apropriado ao uso, isto é, deveriam caber na palma de uma mão e não ser muito pesados²¹². Os tabletas eram feitos com a argila ou lama encontrada nas margens dos rios, sendo a qualidade também variável de acordo com a finalidade do texto, e, em sua maioria, secavam ao ar livre, mas longe do sol excessivo²¹³.

Com a argila preparada, mas ainda úmida, inicia-se o processo de escrita. A estrutura das cartas é padronizada, tendo que começar com a apresentação do remetente e do destinatário, seguida pela declaração de lealdade (no caso de cartas de territórios subordinados) ou de amor (para os Grandes Reis). No cuneiforme, a apresentação era feita pelo uso dos termos *a-na* (para/diga para) e *um-ma* (de/assim diz)²¹⁴. Assim, temos a seguinte fórmula:

*a-na Ni-ib-um-a-re-ia L[UGAL KUR Mi-is-ri-i] SHESH-ia qí-b [í-ma]um-ma Tu-ish-e-rat-ta LUGAR KUR [Mi-]it-ta-na-[n]i*²¹⁵

*Para Nibmu 'areya, r[ei da terra do Egito], meu irmão, diga: Assim (diz) Tuisheratta, rei das terras de [Mi]tani*²¹⁶

de Amurru. Por outro lado, RAINEY, Anson. *Op. Cit.*, v. 1, p. 11, afirma que os textos de Ugarit e Emar (não citado por Moran) não possuem necessariamente uma marca hurrita, provavelmente porque a língua principal da população era semita. As cartas de Amurru, por outro lado, apresentam tendências hurritas, mas também cananeias.

²¹⁰ RAINEY, Anson. *Op. Cit.*, v. 1, p. 11.

²¹¹ FINKEL, Irving; TAYLOR, Jonathan. *Op. Cit.*, p. 78

²¹² *Idem*, p. 78. No conjunto de Mitani, as cartas EA24 e EA29, porém são exceções e apresentam tamanho e peso fora do comum, sendo grandes e pesadas.

²¹³ FINKEL, Irving; TAYLOR, Jonathan. *Op. Cit.*, p. 76.

²¹⁴ Os termos podem ter mais de um significado, os que apresento são apenas em relação a identificação dos envolvidos na carta. Para mais, ver: MORAN, William L. **A Syntactical Study of the Dialect of Byblos**. (Tese – Johns Hopkins University, 1950). IN: HUEHNERGARDM John; IZE'EL, Shlomo (eds). *Amarna Studies*. Collected Writings by William L. Moran. Winona Lake: Eisenbrauns, 2003, pp. 12 -13 e 17 – 18.

²¹⁵ Trecho da carta EA 17, linhas 1 – 3.

²¹⁶ Trecho da carta EA 17, linhas 1 – 3.

A partir deste pequeno trecho podemos apontar alguns aspectos sobre as relações. Primeiramente, o uso de “diga para” e “assim diz” nos reflete sobre a natureza da comunicação: as cartas eram lidas em voz alta para seus destinatários, possivelmente pelos próprios mensageiros. Outro ponto interessante é o uso de “meu irmão”. Todas as cartas trocadas entre os Grandes Reis²¹⁷, apresentam esse caráter de *irmandade*²¹⁸. Isso porque estes reis entendiam-se como irmãos, pertencentes a uma mesma casa e família e, portanto, eram iguais. A irmandade era legitimada através de casamentos diplomáticos com princesas destes reinos específicos (reforço: Hatti, Mitani, Babilônia, Assíria e Egito, este último, contudo, aparentemente, apenas as recebeu²¹⁹).

A irmandade é visível, também, através do corpo da carta, que possui três formas distintas²²⁰:

1. Cartas de injunção: possuem um ou mais pedidos.
2. Cartas de envio: reportam itens que estão sendo enviados.
3. Cartas combinadas: que fazem pedidos e enviam objetos.

A predominância das cartas combinadas nos revela um pouco mais sobre o sistema vigente. Uma vez que a irmandade os tornava iguais e o policulturalismo garantia termos igualitários aos Grandes Reis, ao remeter uma carta, em especial quando se faz algum pedido, o envio de presentes ajuda a manter a aliança, mostrando as boas intenções do rei. Isso também é notado através da expressão de amor (*râmu/ra-âmu*):

*[P]ara Nimmureya, o Grande Rei, rei das terras do Egito, [meu] irmão, meu [g]enro, quem me ama e quem eu a[mo], diga: Mensagem de Tushratta, o Grande Rei, seu sogro quem te ama, rei das terras de Mitani, seu irmão [...]*²²¹

²¹⁷ Em cartas de territórios subordinados, encontramos, no lugar de “meu irmão”, “meu senhor”.

²¹⁸ Não me referencio aqui ao sentido religioso ou ritualístico que a palavra pode invocar, mas somente ao seu uso mais cru, isto é, a referência ao irmão, de modo familiar e fraternal.

²¹⁹ Isso é notado pelas cartas EA2 e EA4. Por exemplo, na EA4, linhas 4 – 9, que diz “[Além diss]o, meu irmão, quando [você escreveu para mim] sobre não d[ar] (uma filha) quando eu es[crevi para você] por uma filha para casar, dizendo: “Desde os tempos antigos, uma filha do rei do Egito nunca foi dada a ninguém”. Por que [alguma] nunca [foi dada]? Você é o rei, você pode [fazer] o que quiser. Se você fosse dar (uma filha) quem p[oderia dizer] alguma coisa? ”. RAINEY, Anson. *Op. Cit.*, v. 1, pp. 72 - 73. Tradução da autora.

²²⁰ MORAN, William L. *The Amarna Letters... Op. Cit.*, p. xxiii

²²¹ Trecho da carta EA19, linhas 1 – 4.

Expressar o amor, segundo Gestoso²²², possui três finalidades distintas. A primeira se associa com a lealdade, sendo usada pelos subordinados do rei egípcio para mostrar seu comprometimento com o Egito. A segunda possui relação com a irmandade, é usada para reafirmar a amizade, tendo a troca de presentes como forma de afirmar o amor, assim, é encontrada nas cartas de Grande Reis. A terceira, por fim, é bastante próxima a esta última, sendo uma analogia para os presentes trocados²²³. Quando, por exemplo, Tushratta afirma que ama Akhenaton 10 vezes mais do que ele amava Amenhotep III²²⁴, podemos imaginar que ele quer mostrar que envia 10 vezes mais presentes e, por consequência, esperava o mesmo em retribuição.

*Quando eu escrevi para meu irmão, eu verdadeiramente disse: “que nós sempre amemos muito, muito um ao outro e que entre nós sempre haja amizade. E para o meu irmão eu disse: que meu irmão sempre se supere em dez vezes o que ele fez por meu pai”. [...] Que os deuses garantam que assim como agora ouro é abundante nas terras de meu irmão, que ele aumente o ouro dez vezes mais do que é agora. E que o ouro que eu peço não aflija o coração de meu irmão. E que meu irmão não aflija o meu coração. Então, que meu irmão me envie muito ouro que não foi trabalhado [...]”*²²⁵

Assim, quando um rei afirma amar ao outro, se entende que haverá uma permuta de presentes constante. Deste modo, a ideia da expressão do amor aqui tem um sentido econômico, estabelecendo um padrão de trocas. Em contrapartida, as outras duas formas de se entender o amor possuem um sentido sócio-político. A lealdade de subjugados aparece como um padrão de submissão ou centralização, e a irmandade dos Grandes Reis como um padrão de reciprocidade²²⁶.

Uma vez feitas as apresentações e declarações de amor, expressa-se bons desejos ao rei e sua família (*shulma sha'ālu*), assim, as cartas diplomáticas iniciam-se no seguinte modelo:

²²² GESTOSO, Graciela. The Term “Love” in the Amarna Letters. IN: *The Bulletin of Australian Centre for Egyptology*, v. 14, 2003, pp. 81 – 83.

²²³ *Idem, ibidem.*

²²⁴ O uso do “dez vezes mais” aparece nas cartas: EA19-20, EA23-27, EA29. Todas são de Mitani. A expressão de amor, por sua vez, está em um grande número de cartas, incluindo diversos territórios, porém, o uso mais recorrente é, também, de Mitani.

²²⁵ Trechos da carta EA19, linhas 30-33 e 59 - 70.

²²⁶ GESTOSO, Graciela. *The Term... Op. Cit.*, pp. 82 – 83.

Diga [pa]ra Nimmureya, rei da terra do Egito, meu irmão, meu genro, quem eu amo e que me ama; Assim (diz) Tushratta, rei de Mitani, que te ama, seu sogro: Para mim tudo está bem, para você que esteja bem. Para sua casa, para Tadu-Heba, minha filha, para sua esposa quem você ama, que esteja tudo bem. Para suas esposas, para seus filhos, para seus alto-oficiais, para suas bigas, para seus cavalos, para suas tropas, para suas terras e quaisquer coisas que lhe pertencam, que esteja tudo muito, muito bem²²⁷.

O corpo das cartas não era padronizado dessa forma e, em geral, era bastante direto com suas intenções, abordando assuntos como casamentos, trocas de presentes, declarações de amizade, manutenção de relações diplomáticas de governos anteriores, derrota de um inimigo comum e pedidos de ouro²²⁸ (assuntos esses que contemplam a tríade de Lévi-Strauss: mulheres, presentes e mensagens²²⁹). Entretanto, o fato de não estar estereotipado, não significa que não há uma lógica sendo usada durante a escrita da correspondência. Cada texto na antiguidade possui um propósito a ser levado em consideração. Nesse sentido, alguns recursos retóricos e configurações semiológicas aparecem para reafirmá-los, e, portanto, devemos estar atentos a esses aspectos na hora de analisarmos o texto. Por exemplo, inscrições reais abordam questões como paz, guerra, fronteiras e tributos, com a intenção de garantir sua posição política e a lembrança de seus feitos, ainda que a inscrição não seja condizente com o fato²³⁰; assim, o texto pode ser entendido como uma propaganda ou uma mensagem persuasiva²³¹.

Apesar dos contextos diferentes, as inscrições reais e as cartas são próximas no estilo de escrita, uma vez que ambos estão na classe de mensagens persuasivas, ainda que com focos distintos. Isso porque, em cartas diplomáticas, a negociação, os argumentos retóricos e as metáforas emocionais são mais efetivas do que reter-se estritamente a lógica

²²⁷ Trecho da carta EA23, linhas 1 – 12.

²²⁸ COELHO, Liliane. **O Egito e seus vizinhos: relações de poder nas cartas de Amarna**. IN: BIRRO, R. M. & CAMPOS, C. E. da C. (org). *Relações de Poder: da Antiguidade ao medievo*. Vitória: Departamento de Línguas UFES, 2013, pp. 1 – 24.

²²⁹ LIVERANI, Mario. **The Great Powers' Club**. IN: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Op. Cit.*, p. 20

²³⁰ Como dito no capítulo anterior, manter a memória do faraó garante o seu pós-vida e, na medida em que há uma memória sobre seus feitos, aquilo se torna a verdade, mesmo que historicamente haja eufemismos e contradições na escrita, como foi o caso do relato da Batalha de Kadesh.

²³¹ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, p. 17.

jurídica²³². Portanto, é possível aceitar que algumas regras estabelecidas sejam mais teóricas do que práticas.

Mario Liverani nos apresenta exemplos dessas diferenças envolvendo a teoria e o que de fato encontramos nas cartas. Segundo ele, presentes não podem ser pedidos, mas dados voluntariamente sem esperar retorno. Na prática, o pedido por presentes é bastante comum, colocados sobre o pretexto de construções de templos e palácios, em muitos casos. Além disso, há uma tentativa de evitar enviá-los, tardando o envio o máximo possível a fim de conseguir melhores termos na negociação²³³. Isso nos leva a outro problema apontado por Liverani, a falta de reciprocidade dos presentes.

Enquanto, segundo Gestoso, a expressão do amor visa garantir o padrão de reciprocidade, como dito anteriormente, os presentes deixam a desejar nesse quesito. Idealmente, como vimos com a carta EA19, de Tushratta, a quantidade de presentes deveria ser cada vez maior. O que acontece, porém, é que na tentativa de conseguir uma negociação melhor, a recíproca era lenta, apesar de que espera-se receber presentes rapidamente²³⁴.

A reciprocidade, assim, pode ter um papel mais importante do que nos parece. Quando Lévi-Strauss usa o incesto para apontar a forma de se entender como cultura²³⁵, ele parte da ideia de dom e contradom. Essa mesma noção pode ser percebida no caso do Sistema de Amarna. Na medida em que se estabelecem alianças por meio de negociações de casamentos ou materiais, é possível notar a relação social que se implica no sistema. O casamento indica o início de uma nova linhagem, na qual incluem-se duas sociedades distintas, formando, como afirmei anteriormente, uma irmandade entre elas. Sahlins, também, aponta que as trocas de presentes entre reis garantem esse parentesco²³⁶ e, enquanto as duas partes estiverem em acordo, mantem-se a paz. As trocas (seja de

²³² LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, p. 17.

²³³ *Idem*, p. 24.

²³⁴ *Idem*, p. 25.

²³⁵ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Op. Cit.* Neste estudo, Lévi-Strauss se baseia na teoria de reciprocidade de Mauss para considerar acordos matrimoniais entre diferentes grupos como um sistema de comunicação próximo à troca de presentes. Dessa discussão, Lévi-Strauss ainda aponta a universalidade da condenação do incesto dentro de um mesmo sistema de comunicação. Nesse sentido, tal proibição mantém-se como uma forma de evitar que determinado grupo permaneça fechado em si e, portanto, possibilita articulações recíprocas e dispositivos sociológicos que permitem a sociedade. Isso significa que a prática de incesto era uma forma de recusa da comunicação entre diferentes grupos, enquanto a repulsa ao incesto seria uma forma de incitá-la.

²³⁶ SAHLINS, Marshall. *Op. Cit.*, p. 221.

princesas ou materiais), assim, asseguram a própria diplomacia e, “como disse o Bushman, ‘a pior coisa é não dar presentes. Se as pessoas não gostam uma da outra, mas se uma dá um presente, o outro deve aceitar, isso traz uma paz entre eles. Nós damos o que temos. Essa é a nossa forma de viver juntos’”²³⁷.

Chego, com isso, em mais uma prática comum que divergia do padrão teórico: a insatisfação com o que se recebe. Em teoria, os reis deveriam aceitar e apreciar os presentes. Obviamente, os presentes eram aceitos, mas frequentemente vemos reclamações sobre a quantidade e qualidade deles²³⁸. Uma reclamação comum se refere ao ouro, que, segundo os reis asiáticos, era abundante no Egito e, por isso, o faraó não deveria regular a quantidade enviada.

A reclamação normalmente é associada à negligência de Akhenaton diante das relações. Contudo, pode haver um outro motivo associado a isso. Liverani aponta que há um arcabouço teórico relacionado ao tempo que pode nos ajudar a compreender a insatisfação constante. De acordo com o autor, há um padrão básico que entende que as negociações passadas eram boas, mas que passavam por um momento turbulento que deveria ser superado para que as trocas voltassem a ser boas²³⁹. Nesse mesmo sentido, temos a própria noção de tempo, sobre a qual comentei no capítulo anterior²⁴⁰. Portanto, as negociações deveriam ser cada vez melhores, mais presentes deveriam ser inclusos e mais amor deveria ser declarado.

Por isso, é comum que as cartas referenciem alianças passadas, sendo raro encontrarmos alusões a negociações completamente novas²⁴¹. A partir disso, podemos questionar a ideia de que a diplomacia serve apenas para evitar guerras, uma vez que as cartas não são claras diante disso²⁴². Entendo, assim, que a manutenção do poder, como já foi apontado anteriormente, era a causa final da diplomacia e, devido a isso, tais contradições teóricas acontecem. Deste modo, os interesses locais seriam supridos sem a necessidade de uma guerra. Contudo, para que essa relação se mantivesse, era necessário manter um equilíbrio, do qual vem a reciprocidade.

²³⁷ SAHLINS, Marshall. *Op. Cit.*, p. 182. Tradução da autora.

²³⁸ LIVERANI, Mario. *Op. Cit.*, pp. 24 – 25.

²³⁹ *Idem*, p. 19.

²⁴⁰ Ver tópico 1.2.

²⁴¹ LIVERANI, Mario. *Relaciones Internacionales en el Próximo Oriente antiguo, 1600 – 1100 BC*. Barcelona: Bellaterra, 2003, p. 205.

²⁴² LIVERANI, Mario. *The Great... Op. Cit.*, p. 21.

Quando as relações internacionais estão balanceadas e as perspectivas ideológicas de estados fronteiriços são similares, o padrão recíproco se torna um instrumento base para contatos interestatais. Na formação na Idade do Bronze Média, o padrão recíproco é completamente operativo na área Sírio-mesopotâmica, e na Idade do Bronze Tardio, por todo o Oriente Próximo²⁴³.

Essa tentativa de equilibrar os poderes é um dos fatores que permitirá à diplomacia sua permanência. Assim, ao fazerem pedidos, os reis também abrem o espaço para que pedidos sejam feitos, como vemos no exemplo:

*Agora meu trabalho na casa do deus é extenso e eu estou comprometido com sua realização. Envie-me muito ouro. E para você, o que quer que você queira de minhas terras, escreva-me e eu mandarei para você.*²⁴⁴

Esse tipo de afirmação, além de justificar os pedidos, auxilia a manter a ideia de irmandade, por meio da qual os Grande Reis teriam acesso aos materiais disponíveis nas terras dos outros reis. Portanto, por mais que cada rei tivesse seu território estabelecido, seus irmãos tornariam os outros territórios parcialmente comuns. Tushratta, por exemplo, afirma que suas terras também eram as terras do faraó e, por consequência, as terras do faraó também seriam dele.

2.2.2. LEIS E REGRAS NO SISTEMA DE AMARNA

Nem tudo, entretanto, é feito a partir de arcabouços retóricos e regras não ditas. Há, para garantir a efetividade da convivência pacífica, leis inter-regionais que permeiam os povos²⁴⁵. Como Westbrook aponta, “onde uma sociedade internacional existe, relações entre seus membros serão governadas não apenas por convenções políticas, mas também por leis acordadas”²⁴⁶. Enquanto a metáfora do parentesco (ou irmandade) estabelece a

²⁴³ LIVERANI, Mario. *Relaciones...* *Op. Cit.*, p. 205. Tradução da autora.

²⁴⁴ Trecho da carta EA9, linhas 15 – 18. RAINEY, Anson. *Op. Cit.*, v. 1, pp. 92 – 93. Tradução da autora.

²⁴⁵ Em WESTBROOK, Raymond (ed.). *A History of Ancient Near Eastern Law*. Leiden: Brill, 2 vol., 2003, diversos autores discutem as leis em diversos reinos da antiguidade (entre o terceiro e o primeiro milênio AEC) e apresentam as leis criadas entre eles.

²⁴⁶ WESTBROOK, Raymond. **International Law in the Amarna Age**. IN: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds.). *Op. Cit.*, p. 28. Tradução da autora. Original: “Where an international society exists, relations between its members will be governed not only by common political conventions but also by agreed rules of law”.

estrutura das relações em âmbito diplomático, a lei se baseia na ideia de Casa e, dessa forma, é bastante hierárquica, uma vez que uma pessoa assumia o papel de “chefe de família” (comumente, o homem mais velho)²⁴⁷. No caso do Antigo Oriente Próximo, as Casas são as terras governadas, pelas quais os reis são responsáveis (vide exemplo da carta de Yasmah-Addu, na página 52, na qual seu pai manda que ele governe sua Casa). Nesse sentido, o “o rei era considerado não mais do que um chefe de família em larga escala, sua Casa era a agregação das Casas que configuravam uma sociedade política”²⁴⁸.

Os reis, porém, não eram o topo absoluto da hierarquia e ainda deveriam responder aos deuses²⁴⁹. Se a jurisdição, então, era divina, as regras se baseariam na religião, respondendo a questões da honra, honestidade e consciência²⁵⁰. É importante lembrarmos que religião e política estavam interligadas e, por esse motivo, é natural que os deuses regessem as leis. Assim, desastres naturais, pragas, perdas nas guerras ou quaisquer calamidades que acontecessem, eram atribuídas a justiça divina e, para reparação, algumas providências deveriam ser tomadas²⁵¹. Essa característica, coloca os deuses como juízes de primeira instância nas relações entre reinos, em oposição às relações divinas no âmbito doméstica:

Para o individual, os deuses eram uma corte residual, um tribunal que pune àquelas ofensas que escaparam às cortes humanas (por falta de evidência), e o tribunal final supremo, onde cortes humanas não poderiam ou não deveriam proporcionar justiça. Nas disputas entre reis, em contraste, os tribunais divinos eram cortes de primeira instância. Não havia outra autoridade para a qual eles poderiam recorrer.²⁵²

Em diversos momentos, deuses de panteões distintos são referenciados nas cartas, o que nos ajuda a perceber essa importância conferida a eles. Tushratta, por exemplo, pede para que Teshub (deus hurrita associado ao céu e às tempestades) e Amon garantam a troca de mensagens e as boas relações entre Mitani e Egito²⁵³.

²⁴⁷ BECKMAN, Gary. **International Law in the Second Millennium: Late Bronze Age**. IN: WESTBROOK, Raymond (ed.). *A History of... Op. Cit.*, pp. 754 – 755

²⁴⁸ WESTBROOK, Raymond. *International...Op. Cit.*, p. 29. Tradução da autora.

²⁴⁹ Na hierarquia temos, então os deuses no topo, seguidos pelos Grandes Reis e, por fim, os reis subordinados.

²⁵⁰ WESTBROOK, Raymond. *International...Op. Cit.*, p. 30.

²⁵¹ *Idem*, p. 31.

²⁵² *Idem, ibidem*. Tradução da autora.

²⁵³ Presente nas cartas EA19, EA20, EA24.

As cartas, porém, não são um documento legislativo e, portanto, diferenciar as leis de costumes corriqueiros se torna um desafio. Westbrook nos apresenta algumas de suas considerações sobre o assunto, estabelecendo algumas regras vigentes em diferentes casos, como assaltos ou assassinatos, extradição e negociações²⁵⁴.

As Cartas de Amarna sugerem que quando um mensageiro é acusado de algum crime, ele deveria ser enviado para ser julgado em seu próprio território. Nesse sentido, encontramos uma espécie do que hoje chamamos de imunidade diplomática²⁵⁵. Na carta EA29, o faraó exige que Tushratta puna seu mensageiro. Tushratta, por sua vez, afirma que tal mensageiro já havia sido julgado e enviado para a fronteira (Westbrook sugere o princípio da extradição²⁵⁶), mas que atenderia, mais uma vez, aos pedidos do faraó.

Em casos de assaltos ou assassinatos, o rei se torna o responsável pela vítima, mesmo quando ela é estrangeira. Cabe à autoridade local, então, a compensação pelas perdas²⁵⁷. Podemos entender essa prática a partir alguns casos que encontramos nas cartas. Na EA7, Burraburiyash II, rei da Babilônia, pede para que Akhenaton compense pelo ataque a seus mercadores, que estavam em Canaã (território egípcio), e pague pelos bens roubados. Na carta EA8, Burraburiyash II retoma o pedido e pede para que o faraó mate os criminosos, alegando que, caso isso não seja feito, eles irão roubar e matar novamente e, da próxima vez, pode ser um egípcio. Segundo Westbrook, a retórica desta carta nos aponta as diferenças entre os argumentos legais e políticos. Para ele, não seria necessário fazer um pedido elaborado de âmbito legal, já que as leis haviam sido concordadas por ambas as partes. Uma demanda política, por outro lado, precisaria de um suporte que convencesse a outra parte²⁵⁸.

Uma terceira carta, EA313, nos apresenta como era feita a compensação:

²⁵⁴ WESTBROOK, Raymond. *International... Op. Cit.*, pp. 33 – 39.

²⁵⁵ *Idem*, p. 33.

²⁵⁶ *Idem*, p. 34. Acrescento que, segundo o autor, entre Grandes Reis, não havia nenhuma lei que obrigasse um governante a devolver fugitivos. Assim, os reis estariam livres para escolher garantir ou recusar o asilo a um fugitivo. É claro, porém, que não devolver um fugitivo a um rei irmão era mal visto e podia ser entendido como uma falta de amizade. No caso dos territórios subjugados, essa liberdade não existia, o dominado deveria entregar um fugitivo ao Grande Rei, ainda que o caminho oposto não fosse regra. (WESTBROOK, Raymond. *International... Op. Cit.*, p. 36)

²⁵⁷ WESTBROOK, Raymond. *International... Op. Cit.*, pp. 34 - 36

²⁵⁸ *Idem*, p. 36.

[...]treze com[erciantes] da terra do Egito, que foram atingidos no ataque dos 'apîru, eu dou 400 shekels e mais 1000 shekels nas mãos do comissário do rei, que está acima de mim.²⁵⁹

O pagamento em duas partes aponta a duas motivações de pagamento. Ainda segundo Westbrook, a primeira parte é a compensação no lugar de resgate e a segunda por compensação dos bens roubados²⁶⁰.

Com esses exemplos, podemos perceber que a hierarquia também serve para o pagamento das compensações. Quando um Grande Rei tem algum problema nas terras de outro, ainda que seja em um território subjogado, o pedido é encaminhado ao outro Grande Rei. No caso de um problema entre o Grande Rei e um rei menor que está sob sua influência, o subjogado se torna o responsável. Isso ajuda a deixar evidente o padrão hierárquico: os mais poderosos estarão em igualdade, resolvendo os problemas uns dos outros entre si; enquanto, no caso de diferenças de poder, o Grande Rei recebe o pagamento de seus dominados, sendo estes, então, os responsáveis.

Westbrook nos apresenta o modo como o estabelecimento das compensações é feita. As autoridades deveriam pagar três minas de prata para o caso de assassinatos, tenham os assassinos sido pegos ou não. Por outro lado, quando é um caso de roubo, o pagamento somente é feito caso os assaltantes sejam pegos. Portanto, essas regras não serviam para criar uma responsabilidade, mas para regular e limitar a responsabilidade existente através das práticas corriqueiras²⁶¹. Pensando isso, o pedido de Burraburiyash II na carta EA8 fica mais claro para ser entendido dentro dos argumentos legais (o pagamento pelos mortos) e políticos (encontrar os criminosos para que a compensação dos bens furtados possa ser feita).

As negociações também respeitavam algumas regras. Ao contrário do que vemos hoje, elas não precisavam estar escritas e o que contava legalmente era o acordo oral²⁶². O termo usado para denominar essas negociações era *rikiltu*, que significa “contrato”, isso porque “uma negociação entre reis era simplesmente um contrato que iria vincular

²⁵⁹ Trecho da carta EA313, linhas 1 – 11. RAINEY, Anson. *Op. Cit.*, v. 1, pp. 1180 – 1181. Tradução da autora.

²⁶⁰ WESTBROOK, Raymond. *International.... Op. Cit.*, p. 35.

²⁶¹ *Idem*, p. 35.

²⁶² *Idem*, p. 38. Apesar disso, graças ao sistema de cartas, muitas dessas negociações estão por escrito.

os ‘chefes de família’ de mesmo modo”²⁶³. Tal contrato seria feito tendo os deuses como testemunhas, uma vez que o Sistema de Amarna estava sob a jurisdição dos deuses. Deste modo, se o acordo fosse quebrado, os deuses poderiam responder em três formas distintas: punição pessoal (atacando diretamente o rei), punição vicária (aos súditos) ou punição coletiva (dirigida ao rei e seus súditos)²⁶⁴.

Didaticamente, ao tratar sobre as negociações nas Cartas de Amarna, é comum as separarmos em duas categorias: entre territórios independentes e entre um dominador e um dominado. Isso porque a própria estruturação dos acordos varia conforme os envolvidos.

Um contrato entre um Grande Rei e um rei menor é unilateral. O subordinado faria uma série de promessas em juramento para o suserano. O balanço nas negociações, porém, depende da relação em questão²⁶⁵. Contudo, ao mesmo tempo, o Grande Rei tinha responsabilidades perante ao seu súdito, para garantir seu funcionamento e segurança. O Grande rei, por exemplo, não poderia manter um exército permanentemente no território dominado, o que significa que a ameaça não poderia ser usada para garantir a lealdade de uma região. Ela era garantida pelo juramento divino²⁶⁶. Os contratos entre Grandes Reis, porém, eram equilibrados. Afim de manter a igualdade e a irmandade, nenhum dos reinos poderia se sobressair e, portanto, ambos os lados deveriam estar satisfeitos e em igualdade.

2.2.3. OS GRANDE REINOS

Muito já foi dito, aqui, sobre a divisão hierárquica no Sistema de Amarna, já conhecemos os nomes dos agentes mais influentes no Oriente Próximo. Agora devemos ir além disso, passando por cada região e apontando seu papel nas relações. Deixo, porém, os reinos de Mitani e Egito para o próximo capítulo, para evitar repetições e para ter espaço para tratá-los de um modo mais extenso e adequado, já que são o foco da pesquisa.

Cada reino passou por episódios que o colocou em destaque e, por isso, as ascensões aconteceram em momentos diferentes, ainda que, muitas vezes, próximos. Para

²⁶³ WESTBROOK, Raymond. *International...Op. Cit.*, p. 37. Tradução da autora.

²⁶⁴ WESTBROOK, Raymond. *International...Op. Cit.*, p. 37.

²⁶⁵ *Idem*, p. 39.

²⁶⁶ *Idem, Ibidem*.

Paul Colins, o surgimento dos Grandes Poderes acontece entre 1550 – 1500 AEC, para que estes se elevem como impérios entre 1500 – 1400 AEC, e finalmente estabeleceram relações de poder e prestígio, entre 1400 – 1300 AEC²⁶⁷.

Anos antes, em 1700 AEC, uma mudança significativa nos aparatos militares ajudou a moldar o estilo de ataque e domínio no Oriente Próximo: carroças pesadas puxadas por burros foram substituídas por bigas leves puxadas por cavalos. Estas bigas, cuja invenção é atribuída à Mitani, tornaram-se a principal ferramenta para as batalhas, contudo, para garantir sua eficácia, eram necessárias raças fortes de cavalos, encontradas na Ásia Central. Assim, algumas regiões da Mesopotâmia, ganham um foco especial para a aquisição dos animais. No final do século XVI AEC, os maiores reinos já possuíam centenas de bigas, possibilitando o surgimento de um grupo militar no qual “um arqueiro pudesse lançar flechas de arcos compostos na infantaria de inimigos mais lentos”²⁶⁸.

Ao sul da Mesopotâmia, como dito anteriormente²⁶⁹, os cassitas se tornaram bastante influentes, governando a Babilônia. Enquanto no Egeu, a ilha de Tera sofria uma série de calamidades naturais com terremotos, tsunamis e erupções vulcânicas, perdendo, assim, seu porto e, conseqüentemente, seu poder comercial. Os danos causados em Creta, porém, aparentemente não foram muito prejudiciais e, assim, a região pôde se permanecer no centro das negociações no Egeu, sendo uma espécie de ponte entre a Grécia Micênica e o Oriente Próximo. Deste modo, Creta, manteve um poder econômico e esteve presente pela região mediterrânea, como podemos notar pela influência minoica em várias regiões da Síria, Cnossos, Canaã e Egito²⁷⁰, desde os tempos de Mari.

As erupções de Tera, foram bastante marcantes para todos os povos que interagiam através do Mediterrâneo, possibilitando uma série de eventos decorridos a partir delas. Foi durante este momento que os hicsos entraram no Egito, talvez por conseqüências negativas que as catástrofes naturais tenham tido na Sírio-Palestina (ou pelo impulso militar que aparecia no norte da Síria). O próprio Egito estava enfraquecido internamente, facilitando o domínio estrangeiro em Avaris. Contudo, como dito, foi

²⁶⁷ COLINS, Paul. *From Egypt to Babylon: the International Age 1500 – 500 BC*. Cambridge: Harvard University Press, 2008, caps. 1 – 3.

²⁶⁸ *Idem*, p. 24. Tradução da autora.

²⁶⁹ Ver tópico 2.1.

²⁷⁰ COLLINS, Paul. *Op. Cit.* pp. 26 – 30.

graças à expulsão dos hicsos que Egito se lançou para o leste, tomando os territórios do Levante e, iniciando, assim, sua imposição como Grande Poder.

Em cerca de 1560 AEC, na Anatólia central, o rei hitita Hattusili I, muda sua capital para Hattusa e passa ter o reino Arzawa (ao oeste) como inimigo, usando isso como forma de demonstração da força hitita no oeste. Ao mesmo tempo, hurritas emergiam com o Reino de Mitani, nas proximidades de Hatti, atacando-o pelo sudeste. Todos os territórios conquistados por Hattusili I, se revoltaram contra Hatti, mas eventualmente Hattusili I revida e retoma sua força, cabendo ao seu sucessor, Mursili I, se estabelecer como um poder na região. Isso não significa, porém, uma derrota de Mitani. A região continuou a se estender gradualmente através da Síria, recebendo tributos, presentes e taxas de regiões conquistadas²⁷¹.

Entre os territórios dominados por Mitani estava a Assíria, que, contudo, conseguiu se desfazer da influência hurrita em c. 1350 AEC, com Ashur-Uballit I (c. 1365 – 1330 AEC)²⁷². Após sua libertação, não demorou para a Assíria se estabelecer como um dos Grandes Poderes. O rei Adad-Niari (c. 1307 – 1275 AEC), expandiu as fronteiras em todas as direções, enfrentando hurritas, hititas e cassitas até a Assíria poder se afirmar como uma potência²⁷³.

Deste modo, durante o período do Sistema de Amarna, temos como Grande Reinos as regiões de Mitani, Hatti, Babilônia, Egito e Assíria. Isso porque, além de serem política e economicamente fortes, essas regiões estabeleceram um império, conquistando vários outros territórios. Por outro lado, Creta²⁷⁴, Arzawa (leste da Anatólia) e Alashya (Chipre), aparecem como regiões independentes, tendo um controle econômico sobre si, mas não se estabeleceram em outras localidades e, por isso, não estão inclusas no “Clube dos Grandes Poderes”.

²⁷¹ COLLINS, Paul. *Op. Cit.*, pp. 20 – 24.

²⁷² BIEKOWSKI, Piotr; MILLARD, Alan. *Op. Cit.*, p. 39

²⁷³ *Idem*, pp. 2 – 3.

²⁷⁴ Não presente nas cartas.

2.2.3.1. ASSÍRIA (EA15 – 16):

A Assíria passou por diversas mudanças ao longo de sua história. Era uma terra de comerciantes que foi conquistada pela Babilônia e por Mitani. Inicialmente sujeitada ao governo de Hammurabi, a Assíria foi tomada por Mitani, quando passou a sofrer saques liderados pelo rei Shaushtatar. Enfraquecida, quase desapareceu completamente do Oriente Próximo; contudo, apesar da perda de sua liberdade, a região continuou com alguns elementos próprios e com sua família real, possibilitando, assim, a sua reaparição²⁷⁵. O Ashur-Uballit I, aproveitou um momento de fraqueza mitânica, devido as recorrentes batalhas contra os hititas, conseguiu sua independência e, mais do que isso, os reis assírios passaram a conquistar territórios que antes pertenciam a Mitani, para, então, se apresentar como um Grande Rei.

É claro, porém, que tal insurgência não foi bem aceita pelas demais potências, havendo uma certa resistência inicial. Isso porque a disputa pela região, como podemos notar, é antiga²⁷⁶. O rei babilônico, Burnaburiash II, expressa sua insatisfação diante da ascensão e da desobediência assíria em uma carta trocada com o faraó:

*Agora, em relação ao assírio, meu vassalo, não fui eu que o enviei para você. Por que, com sua própria iniciativa, eles foram até o seu reino? Se você me ama, eles não vão conduzir nenhuma negociação sequer. Envie-os embora para mim de mãos vazias.*²⁷⁷

Tal carta pode ter sido escrita em resposta a uma outra, EA15, enviada por Ashur-Uballit I, na qual tentava-se firmar uma aliança com o Egito. Esta correspondência foi pensada dentro dos padrões dos Grandes Reis, inclusive dirigindo-se ao faraó como irmão.

Temos apenas duas cartas assírias no conjunto de Amarna, EA15 e EA16, por isso, entender a natureza das relações é difícil. Na EA15, Ashur-Uballit I, afirma que até

²⁷⁵ BRYCE, Trevor. *Letters of the Great Kings of the Ancient Near East*. The Royal Correspondence of the Late Bronze Age. Londres: Routledge, 2014, p. 13.

²⁷⁶ *Idem*, pp. 13 – 14.

²⁷⁷ Trecho da carta EA9, linhas 31 – 35. RAINEY, Anson. *Op. Cit.*, v. 1, pp. 94 – 95. Tradução da autora.

então, nenhum rei assírio havia escrito para o Egito. Ele também pede para que o faraó²⁷⁸ deixe seu mensageiro conhecer as terras e o próprio faraó, para que, assim, a Assíria pudesse negociar. Tudo isso, é claro, acompanhava presentes, indicando as boas intenções. Na próxima carta, Ashur-Uballit I, ainda se porta como Grande Rei, mas indica que não estava sendo tratado como tal, uma vez que os presentes enviados a Mitani eram mais substanciais do que os enviados para a Assíria.

2.2.3.2. BABILÔNIA (EA1 – 14):

Quando a cidade Babilônia foi fundada, sua presença não foi muito significativa, mesmo após alguns séculos. Nesse período, como apontei anteriormente, outros reinos tinham grande força na região, como Larsa e Isin, seguidos por um poder amorita, que dominou a área. É, finalmente, com Hammurabi que as coisas começam a mudar. Aparentemente, seus primeiros 28 anos de governo estavam focados em questões internas, criando uma base fortificada, com reformas legais e sociais. Somente a partir de então, Hammurabi adotou uma postura mais agressiva, colidindo com inimigos elamitas, assírios, gutianos e da região de Eshnunna, e, assim, se estabelecendo nas áreas centrais e sul da Mesopotâmia. Uma de suas últimas missões foi a conquista de Mari e, por fim, unificação de toda a Mesopotâmia sob o governo da Babilônia²⁷⁹.

Até chegarmos ao período do Sistema de Amarna, muitas coisas aconteceram. Os sucessores de Hammurabi mantiveram o poder na região por cerca de 150 anos, mas ainda houve outros enfrentamentos, em especial com os hititas. Até que, por fim, os cassitas, possivelmente vindos das montanhas de Zagros, estabeleceram uma relação pacífica com a Babilônia, após alguns anos de desavenças. De tal relação, em meio as disputas com os hititas, surge uma dinastia cassita na Babilônia, que se manteve no poder até o final do Período do Bronze Tardio²⁸⁰.

Engana-se, porém, quem pensa que o domínio cassita diluiu a cultura babilônica. Pelo contrário, foi nesse período, segundo Bryce, que a cultura foi mais preservada e se expandiu. Como exemplo, temos o acadiano babilônico sendo adotado como língua

²⁷⁸ Ashur-Uballit I não nomeia o faraó nesta carta, talvez pela própria falta de conhecimento. Podemos supor, porém, que se trata de Akhenaton, uma vez que a EA16 é dirigida para Naphuriya.

²⁷⁹ BRYCE, Trevor. *Op. Cit.*, pp. 15 – 16.

²⁸⁰ *Idem*, p. 17

franca para as relações diplomáticas. Além disso, profissionais babilônicos de várias áreas, desde a medicina até o escriba ou escultor, foram solicitados por seus vizinhos. Essas questões possibilitaram uma crescente influência exterior, que, aliada com o poder político e militar, tornou a Babilônia um dos Grandes Reinos do Oriente Próximo²⁸¹. Assim, os dois reis que se comunicam com o Egito, Kadashman-Enlil I e Burnaburiash II, pertencem a dinastia cassita.

O conjunto de correspondências trocadas entre Egito e Babilônia são as EA1 – 14; das quais as EA1, EA5 e EA14, foram escritas pelos faraós Amenhotep III (EA1 e EA5) e Akhenaton (EA14), e, por algum motivo, tiveram cópias guardadas, ou sequer foram enviadas. A EA12 é escrita por uma princesa babilônica que está a caminho do Egito para casar-se com Akhenaton. As demais cartas remetem aos reis babilônicos Kadashman-Enlil I (EA2 - 4²⁸²) e Burnaburiash II (EA6 - 11, EA13).

Os assuntos tratados variam. Enquanto Kadashman-Enlil I escrevia sobre negociações de casamentos diplomáticos, as cartas de Burnaburiash II parecem focar nos presentes trocados. Esses reis, porém, assemelham-se na insatisfação. Kadashman-Enlil I envia uma princesa para casar-se com o faraó, mas demonstra sua insatisfação em não receber uma esposa também, alegando que só está entregando sua filha em nome da amizade entre eles. É essa amizade, também, a justificativa das revoltas de Burnaburiash II, uma vez que, segundo ele, a quantidade dos presentes é pouca em comparação a relação entre eles.

Há, ainda, outros temas abordados por Burnaburiash II. Na EA7, ao falar sobre uma doença que havia lhe acometido, ele revela seu desconhecimento sobre a distância e o caminho para o Egito. Na EA8, ele afirma que seus mensageiros foram atacados em Canaã e pede para Akhenaton tomar as providências. A EA11, volta a falar de casamento e a EA13 é uma lista de materiais.

²⁸¹ BRYCE, Trevor. *Op. Cit.*, pp. 17 – 18.

²⁸² A carta EA4 está com o início danificado, não sendo possível a leitura dos nomes de remetente e destinatário, contudo, entendemos pelo conteúdo, que parte de um rei babilônico e, uma vez que a próxima carta é destinada ao Kadashman-Enlil, este deve ser o rei em questão.

2.2.3.3. HATTI (EA41 – 44):

Entre os reinos que apareciam na região central e leste da Anatólia, durante o terceiro milênio AEC, estava Hatti. Sua população consistiu, predominantemente, em grupos de hatianos²⁸³, que gradualmente se mesclaram entre indo-europeus (hititas, luvianos e palaitas²⁸⁴). O nome Hatti, então, seria uma referência ao povo hatiano, e alude a tempos ainda mais antigos, anteriores ao reino hitita²⁸⁵. Isso é notado em registros hititas, nos quais os textos em língua hatiana é identificada como “(escrito) na língua de Hatti” (*hattili*)²⁸⁶.

Há muita discussão sobre a origem desses povos indo-europeus; para Bryce, eles provavelmente vieram de regiões ao norte do Mar Negro²⁸⁷. Além disso, não há como sabermos exatamente quando esses povos chegaram na Anatólia. A partir de registros Assírios, conhecemos sobre sua presença desde, pelo menos, o final do terceiro milênio. Encontramos na Assíria do início do segundo milênio, relações com povos da Anatólia, com elementos hatianos e indo-europeus cada vez mais mesclados²⁸⁸.

Algumas atividades são notadas na região, seguidas por um período mais obscuro para nós, por causa da escassez de registros. Sabemos, entretanto, que o início do século XVII AEC marca uma nova era para os povos da Anatólia, dominados por uma Hatti já hitita²⁸⁹. O termo “hitita”, porém, não era usado pelos antigos²⁹⁰ e “assim como os egípcios, os hititas eram um povo de origens raciais²⁹¹ mistas. Eles não tinham um nome específico para se identificar como um povo. Eles apenas chamavam-se de acordo com a região em que viviam, ‘povo da terra de Hatti’”²⁹².

²⁸³ De acordo com BRYCE, Trevor. *The Kingdom of the Hittites*. Oxford: Oxford University Press, 2005. pp. 11 – 12, os hatianos são um povo não indo-europeu (em contraste aos hititas) que, possivelmente construiu e habitou a Anatólia central na Idade do Bronze Inicial.

²⁸⁴ BURNEY, Charles. *Historical Dictionary of the Hittites*. Toronto: The Scarecrow Press, Inc., 2004, p. 105.

²⁸⁵ BRYCE, Trevor. *Letters of... Op. Cit.*, p. 30.

²⁸⁶ BRYCE, Trevor. *The Kingdom... Op. Cit.*, p. 11.

²⁸⁷ BRYCE, Trevor. *Letters of... Op. Cit.*, p. 28.

²⁸⁸ BRYCE, Trevor. *The Kingdom... Op. Cit.*, p. 13.

²⁸⁹ BRYCE, Trevor. *Letters of... Op. Cit.*, pp. 29 – 30.

²⁹⁰ Segundo BRYCE, Trevor. *Letters of... Op. Cit.*, p. 30, o termo é relativamente moderno.

²⁹¹ Apesar do autor utilizar o termo “racial”, acredito que tal palavra tenha uma conotação questionável e problemática, sendo mais aceitável usar “étnico” para esse caso. Isso porque etnia refere-se a um grupo que está unido por questões culturais, linguísticas, etc. enquanto a raça é uma relação pessoal ligada a um fato biológico. Para mais ver: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2011; e, para a relação na antiguidade ver: McINERNEY, Jeremy (ed.). *Ethnicity in the Ancient Mediterranean*. Malden: Wiley Blackwell, 2014 e SCHNEIDER, Thomas. *Op. Cit.*

²⁹² BRYCE, Trevor. *Letters of... Op. Cit.*, p. 30. Tradução da autora.

Hattusili I e seu sucessor Mursili I são os reis hititas que se destacaram militarmente, com expedições e conquistas na Síria. Entretanto, quando Mursili I é assassinado por seu genro, Hantili, que buscava o trono, as batalhas contra os hurritas se acirraram e, como consequência, Hantili perdeu algumas partes de seu território. Quando chegamos ao reinado de Telipinu (c. 1525 – 1500 AEC), Hatti havia retomado alguns territórios, e, além disso, o rei buscou as vias da diplomacia. É claro que sua motivação para métodos menos agressivos não são puramente uma resposta de benevolência, mas os custos e os riscos das disputas haviam se tornado muito altos para que tal prática continuasse²⁹³.

Pouco sabemos sobre os reis imediatamente seguintes a Telipinu, mas temos várias informações sobre o que aparece nas Cartas de Amarna, Suppiluliuma. Ele havia sido comandante do exército e tido muito sucesso na função. Em seu reinado reconquistou territórios da Síria e enfrentou Mitani²⁹⁴, que pouco depois do período das Cartas, caiu sob domínio hitita.

Todas as cartas foram escritas após Suppiluliuma ter reassumido as batalhas pelas terras no norte da Síria²⁹⁵. As cartas EA41 – 42, são endereçadas ao faraó Huriya – nome que pode corresponder a Akhenaton, Tutankhamon ou Semenkhare²⁹⁶. Na EA41, Suppiluliuma fala sobre algumas relações passadas, por causa da ascensão ao trono do novo rei do Egito. A EA42 possui vários trechos danificados, mas é possível perceber a insatisfação do rei hitita diante das atitudes do faraó. A EA43 está muito danificada para uma interpretação. Por fim, a EA44 foi escrita por Zidan para um faraó que ele não nomeia, apenas chama de “pai”. Zidan, provavelmente era irmão de Suppiluliuma e o faraó era, possivelmente, Amenhotep III²⁹⁷.

2.2.4. OS SUBORDINADOS

A região do Levante é a ligação entre a Anatólia, a Mesopotâmia e o Egito, além de estar na costa do mar Mediterrâneo (Mapa 5). Assim, esses territórios agiram como

²⁹³ BRYCE, Trevor. *Letters of... Op. Cit.*, pp. 30 – 31.

²⁹⁴ *Idem*, pp. 32 – 33.

²⁹⁵ RAINEY, Anson. *Op. Cit.*, v. 2, p. 1386.

²⁹⁶ MORAN, William L. *Op. Cit.*, p. xxxv.

²⁹⁷ RAINEY, Anson. *Op. Cit.*, v. 2, p. 1389.

uma rota comercial e de mensageiros; consequentemente, o Levante agiu como o centro das relações entre os povos do Oriente Próximo. Por isso, não é de se surpreender que houvessem disputas para a conquista do território, já que o domínio local garantiria o uso de suas rotas, o recebimento de tributos e a isenção de taxas de transporte. Além disso, a conquista dos territórios da Síria garantia a manutenção do poder dos Grandes Reis:

De fato, o ambiente *era* competitivo. Babilônia, no extremo leste do Crescente Fértil, era um poder *status quo*. Mas sua vizinha nortenha, Assíria, estava crescendo em força. E para o oeste, os hititas estavam emergindo ameaçadoramente na Ásia Menor. Entre Assíria e Hatti estava Mitani, que uma vez tinha dominado Canaã, mas recentemente tinha sido expulsa pelo Egito. Uma aproximação foi, então, estabelecida entre esses dois poderes, legitimando o controle egípcio em Canã. Então, logo no início do segundo quarto do século XIV, Hatti expulsou Mitani do norte da Síria e firmemente se enraizou no antigo domínio mitânico²⁹⁸.

Fica claro, assim, que a região já foi dominada por reis diferentes e que estes continuavam tentando manter o seu controle. Em questões legais e, possivelmente, políticas²⁹⁹, os reis se submetiam voluntariamente ao poder de outros, ou seja, eles tinham a opção de escolher ou não se sujeitar. A escolha, porém, era entre a submissão e a morte, e, portanto, não seria razoável optar pela última³⁰⁰. Deste modo, os reis menores deveriam jurar lealdade ao Grande Rei, para manterem-se vivos. Apesar do juramento ser feito diante dos deuses, respondendo a jurisdição divina, na prática as relações nesses territórios sírios são mais complexas.

A grande maioria das Cartas de Amarna foi enviada pelos reinos submetidos ao Egito. E, graças a elas, podemos perceber a natureza das relações no Oriente Próximo. A título de ilustração, trago aqui alguns casos que nos ajudam a entender essa dinâmica³⁰¹, as localizações podem ser vistas no Mapa 6.

No Período de Amarna, o território egípcio se estendia para o norte até o rio Orontes. Contudo, as regiões egípcias no norte do Levante estavam mais próximas da zona de influência hitita do que da propriamente egípcia, causando algumas revoltas entre

²⁹⁸ JAMES, Alan. **Egypt and Her Vassals: The Geopolitical Dimension**. IN: COHEN, Raymond; WESTBROOK. *Op. Cit.*, p. 113. Tradução da autora.

²⁹⁹ Isto é, respondendo ao sistema argumentativo, sobre o qual tratei no tópico 2.2.2.

³⁰⁰ WESTBROOK, Raymond. *International Law... Op. Cit.*, p. 39.

³⁰¹ Mais exemplos podem ser vistos em BRYCE, Trevor. *Letters of... Op. Cit.*, pp. 131 – 144. E sobre Amurru, pp. 145 - 168.



MAPA 5: Síria no século XIV AEC.

Fonte: BRYCE, Trevor. Letters of... Op. Cit., p. 130

os territórios submetidos. Isso porque, como dito no capítulo anterior, as fronteiras são uma zona bastante permeável e influenciável por meio dos contatos³⁰².

Amurru ficava ao sul de Ugarit, entre o rio Orontes e a costa do Mediterrâneo, sendo uma porta de entrada para a Síria, pelo norte. Os reis que se correspondem com o Egito foram Abdi-Ashirta e seu filho Aziru, ambos acusados de traição³⁰³. Nas cartas, eles são convocados para defenderem-se diante do faraó. Abdi-Ashirta frequentemente reafirmava sua lealdade para o Egito, enquanto negociava secretamente com os hititas. Apesar de inicialmente ter convencido o faraó de suas boas intenções, em certo momento ele foi capturado e levado ao Egito para, possivelmente, ser executado. Aziru, seguiu com as práticas do pai. Foi encontrado aliando-se com Kadesh contra o Egito e, acabou, por fim, assumindo sua ligação Hatti, para o qual permaneceu sendo fiel³⁰⁴. Gubla (Biblos), por sua vez, foi um importante porto na costa, situado em uma região mais ao sul. Seu rei, Rib-Hadda, foi leal ao poder egípcio e frequentemente alertou o faraó sobre as práticas de Amurru³⁰⁵. Contudo, Gubla não foi a única região a defender os interesses egípcios. Damasco, por exemplo, também, permaneceu fiel ao Egito, denunciando as atitudes de traidores. Por esse motivo, Damasco foi alvo de ataques de Kadesh e Amurru³⁰⁶.

³⁰² Ver tópico 1.1.

³⁰³ BRYCE, Trevor. *Letters of... Op. Cit.*, p 138.

³⁰⁴ COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, p. 8.

³⁰⁵ *Idem, Ibidem* e BRYCE, Trevor. *Letters of... Op. Cit.*, p. 136.

³⁰⁶ COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, p. 9.



MAPA 6: Zona de Influência Egípcia no Levante entre c. 1550 e 1352 AEC

Fonte: BRYAN, Betsy M. *Op. Cit.*, p. 224

2.2.5. ESCRIBAS E MENSAGEIROS

A escrita cuneiforme “funcionava como um *script*”³⁰⁷ e, portanto, podia ser reproduzida em diversas línguas. Isso acontece desde sua criação, em Uruk. Como exemplo as duas formas mais comuns são o acadiano e o sumério³⁰⁸. Entretanto, o cuneiforme não se limita a essas duas línguas. Segundo Van Soldt, existem cartas escritas em cuneiforme com a língua elamita, datando de antes de 2000 AEC³⁰⁹.

Durante a segunda metade do segundo milênio AEC, a escrita acadiana se expandiu em maiores proporções, apesar dela já estar nesse processo desde o terceiro milênio AEC³¹⁰. Tal movimento nos ajuda a entender a adoção do cuneiforme acadiano como língua franca no Sistema de Amarna e sua predominância nas cartas; apesar de haver algumas exceções, nas quais usa-se a língua local.

Evidentemente, os escribas possuíam um papel crucial para a comunicação e, para a eficiência de seu trabalho, passavam por um “processo longo e frequentemente doloroso”³¹¹. Isso porque, assim como o egípcio, o cuneiforme possuía centenas de símbolos que, no seu caso, eram muitas vezes quase indistinguíveis uns dos outros³¹². Deste modo, era necessário muito tempo e treinamento para que se dominasse a escrita. Para a aprendizagem, os estudantes eram submetidos a incansáveis cópias, memorizações e declamações dos textos escolares, tudo sob os olhos rígidos de um professor³¹³.

Conhecemos alguns textos utilizados para a aprendizagem no próprio conjunto das correspondências de Amarna, (com as quais estavam 32 tabletes para treinamentos escolares). Diferentemente dos tabletes administrativos, a argila, para os aprendizes, era

³⁰⁷ SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. De tablet para tablet - novas ferramentas para a pesquisa e o ensino da história das culturas cuneiformes na era digital. IN: *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n. 12, maio/agosto, 2014, p. 235.

³⁰⁸ Em POZZER, Katia M. P. Escritas e Escribas: o cuneiforme no antigo Oriente Próximo. IN: *Clássica*, São Paulo, v. 11/12, 1999, pp. 61 – 80; e POZZER, Katia M. P. **A Palavra de Argila e a História da Memória**. IN: KARNAL, Leandro; NETO, José Alves de Freitas (orgs). *A Escrita da Memória. Interpretações e Análises Documentais*. Santos: Instituto Cultural Banco Santos, 2010, pp. 62 – 93; podemos ver o desenvolvimento da escrita cuneiforme e as especificações do sumério e acádio.

³⁰⁹ VAN SOLDT, Wilfred H. **Why did They Write? On Empires and Vassals in Syria and Palestine in the Late Bronze Age**. IN: VAN EGMOND, W.S.; VAN SOLDT, W. H. (eds). *Theory and Practice Of Knowledge Transfer. Studies in School Education in the Ancient Near East and Beyond. Papers Read at a Symposium in Leiden, 17-19 December 2008*. Leiden: Nederlands Instituut Voor Het Nabije Oosten, 2012, p. 103.

³¹⁰ *Idem*, pp. 103 – 104.

³¹¹ FINKEL, Irving; TAYLOR, Jonathan. *Op. Cit.*, p. 24. Tradução da autora.

³¹² BRYCE, Trevor. *Letters of... Op. Cit.*, p. 58.

³¹³ FINKEL, Irving TAYLOR, Jonathan. *Op. Cit.*, p. 24.

moldada em forma circular a fim de expor e evitar dúvidas sobre a natureza dos textos³¹⁴. Esses tabletes contêm silabários, mitos e épicos, textos léxicos, listas de deuses, etc.³¹⁵.

O número de escribas, porém, é bastante limitado e a profissão, na maioria das vezes tinha caráter hereditário. Por serem caros e extensos, somente uma pequena parcela da população tinha o privilégio dos estudos, que, mais do que isso, garantia uma supremacia social a aqueles que poderiam pagar por isso. Deste modo,

somente as famílias mais abastadas podiam assegurar a instrução de um futuro escriba [...]. Os escribas geralmente provinham de grandes famílias, que abrigavam: funcionários; responsáveis por grandes extensões de terra; governadores; sacerdotes; ricos mercadores; etc.³¹⁶.

Apesar de Pozzer escrever sobre o caso mesopotâmico, o mesmo valia para outras regiões. No Egito, por exemplo, estima-se que o percentual de pessoas letradas estava em cerca de 1%³¹⁷.

Na profissão, havia, ainda, uma hierarquia, que variava de acordo com o reino, cabendo apenas aos escribas mais habilidosos um lugar entre aqueles que cuidavam dos assuntos administrativos e políticos do reino. As relações e os assuntos diplomáticos, assim, seriam tratados por escribas muito específicos que ocupavam as principais vagas no palácio. Um dos motivos para isso era a necessidade de escribas bilíngues (quando não trilingues ou políglotas) nos estabelecimentos dos Grandes Reis, que agissem como interpretes ou tradutores. Isso acontece devido ao fato de, apesar de escrever-se em acadiano, na maioria das vezes, os reis não falavam essa língua, sendo necessário que houvesse uma tradução das cartas trocadas³¹⁸.

Essas questões fazem com que os escribas responsáveis pelas inscrições de cartas diplomáticas fossem pessoas de confiança do rei. Garantido, assim, suas intenções. O mesmo valia para o mensageiro que entregaria as cartas. Nesse caso, ele deveria ser de confiança tanto do rei que o envia, quanto do que o recebe. Não é à toa, assim, que, nas cartas de Mitani, Tushratta pede para que o faraó envie Mane:

³¹⁴ POZZER, Katia M. P. *Escritas ... Op. Cit.*, p. 12.

³¹⁵ MORAN, William. *Op. Cit.* p. xvi.

³¹⁶ POZZER, Katia M. P. *Escritas... Op. Cit.*, p. 10.

³¹⁷ BRYCE, Trevor. *Letters of... Op. Cit.*, p. 58.

³¹⁸ *Idem*, p. 59.

*E meu irmão mande Mane para que ele possa viajar com meu envio. Que meu irmão não envie outro emissário, que ele mande apenas Mane. Se meu irmão não enviar Mane e mandar um outro, eu não o quero, e meu irmão deve saber isso! Não, que meu irmão apenas envie Mane!*³¹⁹

Fica claro, assim, que não é qualquer pessoa que poderia servir como um mensageiro, mas alguém intimamente vinculado ao palácio³²⁰. Em geral, os mensageiros eram chamados de *mār šiprim*, com poucas exceções. Nas cartas EA23 e EA27, em um momento, escreve-se a palavra egípcia em hierático, *iptfty*. Na EA24 usa-se as palavras hurritas *paššithi*, em várias ocasiões, e *gipānûšāššena*, uma vez. Duas palavras de Arzawan são usadas uma vez nas cartas EA31 e EA32, *halugatallan* e *temia*, respectivamente. É possível, que na carta EA29, a palavra *nāgiru*, também signifique mensageiro³²¹. Contudo, em muitas cartas (quase todas de Mitani inclusas), os mensageiros são chamados pelo nome, como no exemplo acima, atestando a sua importância na negociação e sua confiabilidade perante os reis. Holmes nota que, na maioria dos casos em que os mensageiros são citados pelo nome, suas origens são de Grandes Reinos e não de locais subordinados, possivelmente porque os funcionários de mais alto calão seriam encaminhados e conhecidos nos locais mais importantes e, por consequência, os territórios subordinados receberiam emissários cujos nomes não fariam diferença mencionar³²².

Mais do que seus nomes, a reputação dos mensageiros era conhecida e por isso se tornavam homens de confiança. É possível encontrar elogios aos mensageiros, como o de Tushratta para Mane, na EA24, em que diz:

*Mane, {seu} emissário, está muito bem: não existe nenhum outro [ho]mem como (ele) em todas as terras*³²³.

³¹⁹ Trecho da carta EA24, IV, linhas 51 – 57.

³²⁰ Há uma exceção na carta EA 149, linha 83, que nos aponta que um soldado de infantaria estava levando um tablete para o rei.

³²¹ HOLMES, Y. Lynn. The Messenger of the Amarna Letters. IN: *Journal of the American Oriental Society* (JAOS), v. 95, n. 3, julho – setembro, 1975, p. 376. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/599349?seq=1&cid=pdf-reference#references_tab_contents

³²² *Idem*, pp. 376 - 377.

³²³ Trecho da carta EA24, II, linhas 95 – 98.

Além disso, recorrentemente, Tushratta pede para que, em caso de dúvidas sobre suas ações, pergunte para Mane e Keliya (mensageiro de Mitani) sobre os acordos, acontecimentos ou as formas como foram tratados. Nesse sentido, entendemos que a palavra de Mane e Keliya seriam honradas e verdadeiras. Tushratta, porém, não é o único rei que nos mostra a importância dos mensageiros. Outro exemplo é Burnaburiash II, que, para perdoar o faraó pela falta de mensagens, precisou pedir para que os mensageiros, tanto egípcios quanto babilônicos, confirmassem que suas terras eram distantes e que demorariam meses para que uma mensagem fosse entregue³²⁴.

As viagens, além de longas, deveriam respeitar as estações de chuvas (Mapa 7), o que as torna relativamente regradadas temporalmente. Uma viagem rápida entre as capitais egípcias³²⁵ e Washukanni (capital mitânica), levaria pelo menos um mês, e um mês e meio para locais mais distantes como Hattusha ou Babilônia. Viagens com caravanas mais pesadas, carregadas por burros, demorariam, pelo menos, o dobro do tempo, entre dois e três meses. Isso tudo, é claro, só contando a ida. O tempo gasto com a viagem, as negociações e a preparação de uma caravana em retorno, faria com que toda transação demorasse cerca de um ano, ao menos que houvesse algum motivo para se apressar³²⁶.

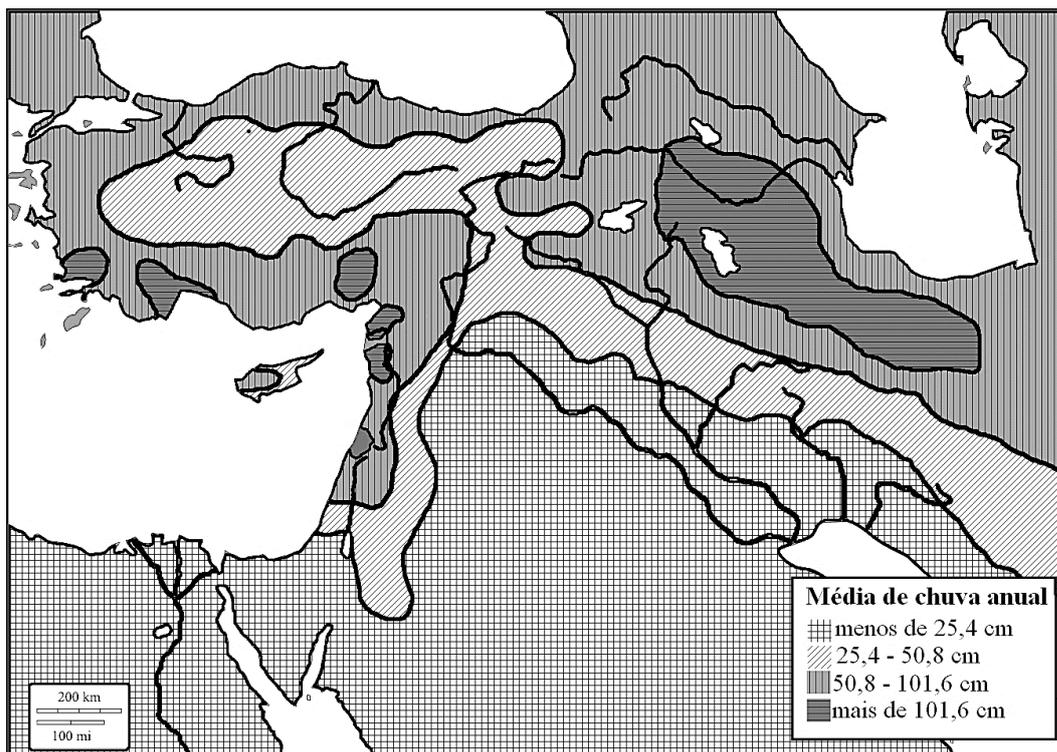
Como representantes do rei, as impressões tidas pelos mensageiros durante suas viagens e/ou estadias em outros reinos, eram passadas para ao governante que, sob tal perspectiva tiraria suas conclusões sobre como se relacionar com os outros. Aliado a isso, temos o longo período de negociações. Deste modo, como consequência, os mensageiros deveriam ser bem tratados e respeitados nos territórios em que passavam. Para tanto, algumas regras de hospitalidade foram criadas para proteger os mensageiros e, também, para prevenir que eles voltassem sem a permissão de seu anfitrião³²⁷. É dessa necessidade de permissão que aparecem frequentes reclamações e pedidos para que os reis não detenham os mensageiros.

³²⁴ LIVERANI, Mario. *The Great... Op. Cit.*, p. 19. A passagem de Burnaburiash II se refere à carta EA7, cujo trecho está na página 92.

³²⁵ Amarna era a capital egípcia durante o governo de Akhenaton, e Tebas no de Amenhotep III.

³²⁶ LIVERANI, Mario. *The Great... Op. Cit.*, pp. 21 – 22.

³²⁷ *Idem*, p. 22.



MAPA 7: Média de Chuvas Anuais
 Mapa da autora, com base de “d-maps.com”.

Pirissi e Tulubri, [m]eus emissário, eu enviei com grande pressa para meu irmão e eu os disse para realmente se apressarem. E quanto a eles, eu os enviei com uma escolta muito pequena. E anteriormente eu enviei essa mensagem ao meu irmão: “Mane, o emissário de [meu irmão], eu estou detendo até [meu] irmão libertar meu emissário e ele vier para mim”.

E agora meu irmão se recusou a liberá-los e os pôs sob uma detenção muito estrita! O que são emissários? Eles não são pássaros que deveriam voar e voltar! Meu irmão, por que ele sofre tanto por causa dos emissários? Por que não pode um [segura]mente ir diretamente ao outro e cada um ouvir as saudações [do ou]tro [para então] nós podermos regozijar extremamente todos os dias?³²⁸

Com o trecho acima podemos tirar algumas conclusões. Primeiramente, na comparação com os pássaros, regula-se a liberdade de ir e vir dos mensageiros, mostrando que antes de uma viagem era necessário que o rei permitisse sua partida, normalmente após as negociações e preparações para viagem, como a escrita de novas cartas e

³²⁸ Trecho da carta EA28, linhas 12 – 28.

separação de presentes, por exemplo. Em contrapartida, ao reivindicar para que os mensageiros possam “ir diretamente ao outro e ouvir as saudações”, revela-se o desejo de agilidade nas negociações, sobre a qual falei anteriormente³²⁹, garantindo o recebimento de presentes, enquanto tarda-se no seu caráter recíproco. O próprio Tushratta explica que demora para enviar Mane porque estava ocupado preparando o dote da princesa que seria enviado ao faraó.

Meu irmão talvez diga: “Você em pessoa também deteve meus emissários!”. Não, eu não os detive. Eu estive ocupado com o dote da esposa de meu irmão e meu irmão em pessoa irá ver o dote da esposa de meu irmão, que eu dei.... (ele está) chegando, com isso, ele será espalhado sob os olhos de meu irmão³³⁰.

Devemos considerar, porém, que as justificativas são parte da retórica. Neste momento, Tushratta nega que esteja detendo Mane, afirmando que apenas atrasou porque preparava o dote. Não sabemos as respostas de Amenhotep III, nem de Akhenaton, mas, baseando-se nas argumentações de Tushratta, é possível pensar que os faraós não aceitavam tão facilmente os motivos, talvez por isso eles tenham detido os mensageiros mitânios (isso se sequer assumiram terem o feito). Com isso, Tushratta tem uma resposta mais agressiva, quando admite deter Mane até ter seus emissários livres, mas, pouco depois, liberta-o como um ato de amizade.

Entre as facilidades e os privilégios que os mensageiros tinham durante suas missões, estava a boa recepção, na qual eles frequentemente jantariam e tomariam vinho na presença do rei. Tal prática, seria uma forma de causar uma boa impressão sobre seu anfitrião e, além disso, dava a oportunidade de interrogá-lo de forma sutil³³¹. Entretanto, a vida de um correspondente real não se resumia apenas a entregar mensagens e aproveitar o conforto promovido pelos governantes que o recebiam. A tarefa de um mensageiro, além de levar, ler e traduzir o tablete de seu rei para um outro, exigia a incansável defesa da política de seu reino. Isso significa que a boa convivência entre os reinos dependeria da postura do mensageiro, que deveria, então, agir com eficiência diante de imprevistos

³²⁹ Ver tópico 2.2.1.

³³⁰ Trecho da carta EA24, IV, linhas 45 – 50.

³³¹ HOLMES, Y. Lynn. *Op. Cit.*, p. 377.

e demonstrar a boa vontade e amizade de seu rei. Na carta EA7, temos um exemplo do modo como os emissários reais eram tratados e agiam:

Desde o dia que o emissário de meu irmão ch[egou a mim], meu corpo esteve mal e seu emissário em nenhuma [ocasião em] minha presença comeu comida ou bebeu {álcool}. [Quan]do você perguntar ao seu emissário, ele irá o dizer. Em respeito {de} [minha] re[cuperação], eu não estou [ainda] completamente re[staurado em saúde].

[E] quando meu [c]orpo estava mal e meu irmão [não expressou preocupação] por [mim], eu (próprio) estive cheio de raiva, dizendo “Que eu estou doente, meu irmão não ou[viu]? Por que ele não mostrou preo[cupação] por mim? Seu emissário, por que ele não enviou para v[er a minha situação]?” O emissário de meu irmão disse isso para mim, di[zen]do: “Este não é um território próximo que seu irmão ouviria e ele mandaria saudações para você. A terra é muito distante. Para seu irmão, quem iria o dizer que ele deveria mandar uma saudação urgente para você? Se seu irmão tivesse ouvido que você está doente, ele não enviaria seu emissário para você?”

Então eu disse para ele, dizendo, “Meu irmão, o grande rei, tem uma terra distante ou próxima?”. Ele disse para mim assim, dizendo “pergunte ao seu emissário. Pois a terra é muito distante e seu irmão não ouviu sobre você, (assim) ele não mandou preocupação sobre seu [bem]-estar”.

Agora, uma vez que eu perguntei {para} seu emissário e ele me disse que é uma longa jornada, eu não estava bravo com meu irmão. Eu mantive silêncio. E visto que ele me disse {que} na terra de meu irmão tem tudo e meu irmão não quer nada e na minha terra tudo é encontrado e eu mesmo busco por nada, é uma bela coisa que nós recebemos do passado, das mãos dos antigos reis; nós manda[mos] saudações mútuas. Que essa seja a coisa que prevaleça entre nós. Minhas [sa]udações [eu vou enviar] para você [e você vai enviar as suas saudações para mim]³³².

Encontramos nesse trecho, então, um pedido de desculpas por não ter comido ou bebido junto ao mensageiro, esclarecendo que isso acontece por causa de uma doença que havia lhe acometido. Além disso, temos a referência ao desconhecimento do rei em relação as distâncias entre os reinos, sobre o qual comentei no início deste tópico para

³³² Trecho da carta EA7, linhas 8 – 41.

exemplificar a importância e a confiabilidade que os mensageiros possuíam. E, por fim, podemos perceber o trabalho do mensageiro em defender seu rei. Graças a rápida resposta, o argumento e a retórica persuasiva, Burnaburiash II muda de humor - do irritado ao amigável. Nesse sentido, cabe ao mensageiro (re)estabelecer alianças e relações diplomáticas. Assim, as negociações e toda a política externa (mesmo que de forma indireta) deveria passar pelos mensageiros, tanto no processo como na execução dos acordos. Eram as impressões deles que seriam passadas para os governantes, portanto, os mensageiros se tornam uma espécie de conselheiros que advertiam o rei sob os aspectos diplomáticos, tendo, também, certa influência nas cortes estrangeiras, por serem de confiança do que o recebia.

O mensageiro serviria como um representante do rei, assumindo o papel dele em suas viagens. Por isso, era igualmente responsável por arranjar os casamentos diplomáticos, tanto nas questões de negociação como ver a noiva (decidindo se ela será apropriada) e a acompanhar até a corte do seu futuro marido. Entre suas muitas funções também estavam questões estratégicas como a espionagem sobre os aspectos militares, econômicos e diplomáticos dos locais que visitavam. E, além, disso, de acordo com a carta EA35, podiam ser enviados para recolher e devolver os bens de estrangeiros que morressem no Egito³³³.

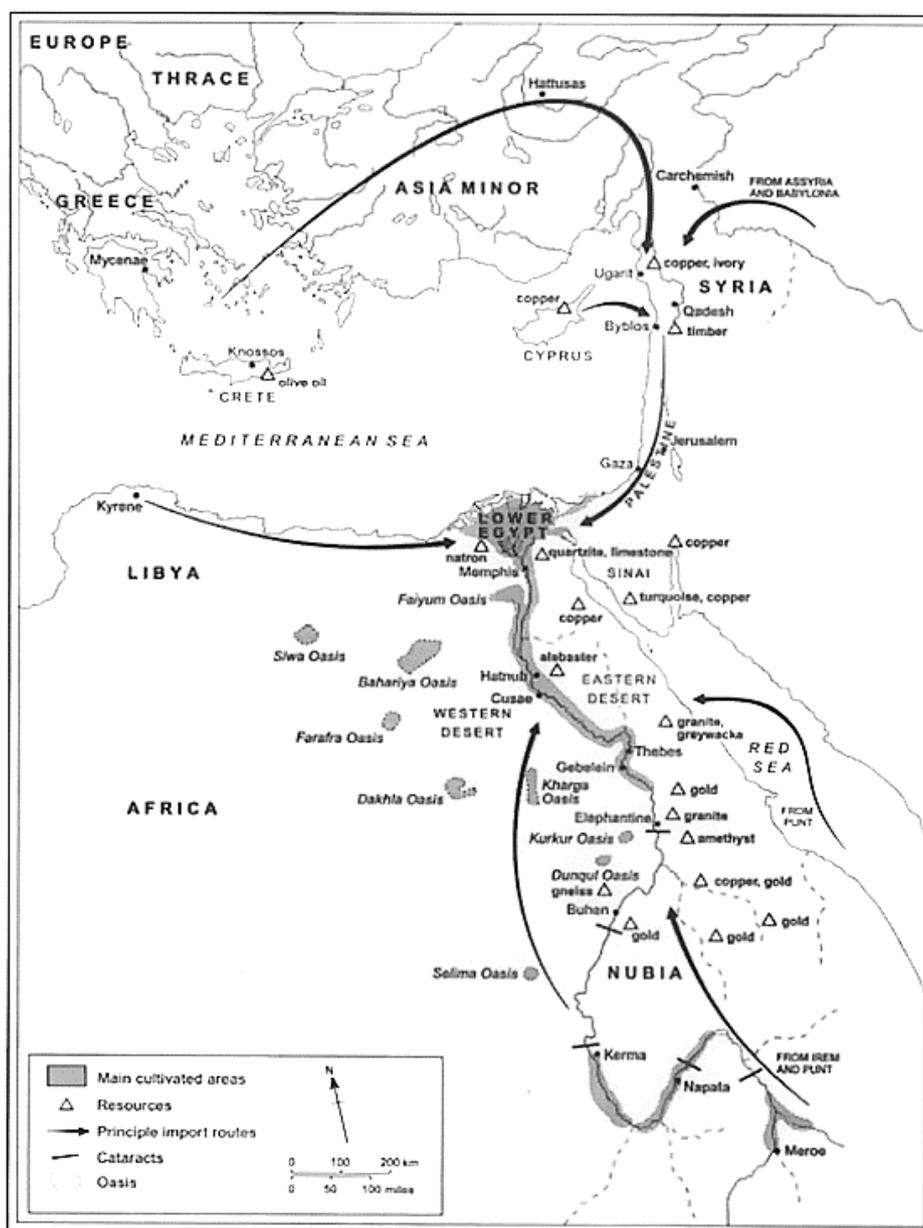
Segundo Holmes, há, ainda, uma outra prática relacionada a atividade do mensageiro: o comércio (Mapa 8). Já apontei anteriormente, o costume da troca de presentes entre os reis³³⁴, mas podemos destacar um novo aspecto aqui. É bastante frequente abordar-se, nas cartas, assuntos referentes a materiais ou objetos desejados ou recebidos. É comum, também, a reclamação sobre a quantidade ou qualidade do que foi enviado, uma vez que, como vimos, esperasse que cada vez mais e melhores presentes sejam mandados. Isso nos apresenta, então, o fator econômico/comercial como uma outra característica da diplomacia. Por esse motivo, em alguns momentos os mensageiros são chamados de comerciantes³³⁵. As relações existem para garantir o acesso aos bens que os reis desejem, isso, é claro, além das questões relacionadas a manutenção do poder, sobre a qual comento em outros momentos. Manter uma relação com o Egito, assim, garante o

³³³ HOLMES, Y. Lynn. *Op. Cit.*, p. 378.

³³⁴ Ver tópico 2.2.1.

³³⁵ HOLMES, Y. Lynn. *Op. Cit.*, pp. 379 – 380.

ouro, e, por isso, é o pedido mais recorrente para o faraó. Em contrapartida, como citado na carta EA7, “na terra de meu irmão {Egito} tem tudo e meu irmão não quer nada”; o Egito parecia não estar tão ligado aos assuntos comerciais envolvidos nas questões diplomáticas, enquanto outros reis escrevem a respeito da ida e vinda de mensageiros para que eles possam levar os presentes/saudações. Assim, parece-nos que os reis estrangeiros estavam interessados em manter relações “com o Egito, não tanto por razões diplomáticas, mas por causa das trocas de presentes”³³⁶.



MAPA 8: Rotas e Comércio entre o Egito e o Oriente Próximo
Fonte: SHAW, Ian (ed). *Op. Cit.*, p. 312

³³⁶ HOLMES, Y. Lynn. *Op. Cit.*, p. 380. Tradução da autora.

Ao apontar a diplomacia, suas origens e moldes na antiguidade, pretendi apresentar uma forma diversa de se pensar na História Antiga, com seus contatos e redes de integração, isto é, não isolada. Por isso, este capítulo foi pensado de modo que os povos apontem as relações que existiam vinculadas entre si e as consequências maiores que se desenvolveram a partir disso. Um estudo sobre relações internacionais em que não apresente a interação entre diferentes grupos é impossível e, obviamente, isso não é diferente para a antiguidade. Por mais que, como afirmo no capítulo anterior, a disciplina da História nos leve a pensar em pequenas histórias consecutivas, o mundo, como conhecemos hoje, só nos é possível por causa dos contatos, em todos os níveis, entre sociedades antigas. Assim, além de colocar povos em um contexto exterior, com esse capítulo, também trago elementos que nos auxiliem a entender os parâmetros e os sistemas estabelecidos e que possibilitaram a Era de Amarna. Em um segundo momento, ao apresentar os elementos específicos do sistema diplomático amarniano, visei trazer as bases que estruturaram as conexões no Antigo Oriente Próximo. Neste capítulo, então, procurei trazer os elementos necessários para entender questões ideológicas, jurídicas e historiográficas, colocadas de forma gradual para pensarmos nos parâmetros da antiguidade. Com isso, enfim, será possível analisar a fonte e a fala de Tushratta de modo mais consciente, pensando nos arcabouços retóricos e motivações envoltas nas negociações entre Egito e Mitani.

3. ENTRE O CONFLITO E A AMIZADE

As cartas enviadas por Mitani, no conjunto de Amarna, possibilitam uma análise sobre as relações diplomáticas no Antigo Oriente Próximo, uma vez que o conteúdo e a quantidade permitem um entendimento mais claro do que em outros casos (como as cartas da Assíria, que, como comentei no capítulo anterior, são apenas duas³³⁷). Devemos ter em mente, contudo, que todas as correspondências desse conjunto são remetidas por Tushratta e, portanto, as mensagens escritas a mando dos faraós permanecem, até o momento, no campo da imaginação³³⁸. Assim, o que podemos fazer é tentar entender as perspectivas egípcias sobre Mitani para nos aproximarmos do modo como essas cartas foram recebidas. Além disso, buscar interpretar os padrões de retórica e estilo de escrita usados por Tushratta e pensá-los dentro desse sistema de relações, envolvendo questões políticas, econômicas, sociais e militares. Antes, porém, é importante que conheçamos o contexto de ascensão desses dois reinos como membros do “Clube dos Grandes Poderes”³³⁹.

É inquestionável que o número de documentos e pesquisas no âmbito egípcio é muito maior do que a atenção voltada ao reino de Mitani. Por esse motivo, conhecemos mais sobre o contexto histórico do Egito do que o da sociedade mitânia. Não é à toa, assim, que poucas pessoas sequer conhecem ou ouviram o nome de Mitani e, muito menos, imaginam seu espaço geográfico e o grau de sua importância na antiguidade. É irônico o fato de que um reino tão poderoso na antiguidade tenha alcançado o esquecimento quase total (em especial ao público leigo, mas também dentro da própria Academia). Além disso, as principais fontes de pesquisa para Mitani são as Cartas de

³³⁷ Ver tópico 2.2.3.1.

³³⁸ Confiro aqui o sentido dado à palavra por Paul Ricoeur, na qual a memória e imaginação se opõem ao mesmo tempo em que se completam. Nesse sentido, somos capazes de pensar em coisas que não aconteceram, ou que não temos uma memória sobre, a partir de imagens de outros eventos ou lembranças que possuímos. Não pretendo, porém, discutir essas relações e suas implicações no parâmetro da memória. No caso que cito, as respostas que Tushratta recebe pertencem à imaginação, pois não possuímos a materialidade dessas cartas, mas, podemos supor (isto é, imaginar) os assuntos e as formas abordadas, tendo as correspondências enviadas por ele como base. Assim, não são suposições aleatórias, mas imagens criadas por meio de outras.

³³⁹ Segundo COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, p. 6, “Clube dos Grandes Poderes” é usado em termos políticos, por causa da divisão territorial do Antigo Oriente Próximo, na qual cinco reis controlavam toda a região, pertencendo a este grupo exclusivo e hierárquico.

Amarna, que, também ironicamente, não foram sequer encontradas no reino em questão. Felizmente, as pesquisas sobre esse desconhecido reino antigo têm aumentado ao longo dos anos e, com sorte e dedicação, no futuro encontraremos mais vestígios e mais estudiosos se focarão para sermos mais capazes de compreender e conhecer Mitani. Apesar das dificuldades que esse estudo apresenta, temos, também, uma vertente grande de possibilidades com ele. Por causa da apresentação discreta (quando existente) de Mitani dentro da Academia, em especial a brasileira, muitos assuntos ainda não foram explorados, sendo, então, uma área propícia para trabalhos inéditos e inovadores. A falta de fontes do território de Mitani dificulta nossa imersão em seu contexto interno, porém, graças as proporções de seu poder na antiguidade, possuímos referências externas que podem ser usadas para agregar diversas informações em relação a esse povo, como, por exemplo, questões econômicas, militares, impactos e noções sobre o Outro, inovações materiais e da própria diplomacia. Essas fontes externas, apesar de limitadas, possuem diversas possibilidades para os pesquisadores. Um exemplo disso, são as análises linguísticas de cartas (de Nuzi, Boğazköy e Amarna – aliados aos documentos de Gasur) que permite o debate sobre a etnicidade e origem de povos presentes na antiguidade. O próprio povo hurrita foi descoberto como tal a partir desse tipo de investigação³⁴⁰.

3.1. EGITO

Muitas mudanças e desenvolvimentos levaram à grande sociedade que o Egito é hoje, um país que prospera sob o domínio do deus-rei.

Charlotte Booth

Se não consideramos a época pré-dinástica, a história do Egito começa em c. 2900 AEC, contudo, um longo caminho precisou ser percorrido até que a região se destacasse e, enfim, pudesse ser considerada um Império. Convencionalmente, separamos o Egito faraônico em Reinos Antigo, Médio e Novo, intercalados por três períodos intermediários. Convém, para essa pesquisa, nos determos na sucessão de eventos que acontecem após o Reino Médio.

³⁴⁰ Em GELB, Ignace J. *Hurrians and Subarians*. Chicago: The University of Chicago Press, 1973, Gelb apresenta essa discussão, trazendo a trajetória das pesquisas com argumentos e as novas descobertas que foram sendo feitas no decorrer do final do século XIX e a primeira metade do século XX.

Devido à condição geográfica do Egito, cercado por desertos áridos, limitados pelo Mediterrâneo ao norte e com o Nilo atravessando a região de norte a sul, é fácil aceitar a ideia de que tal povo ficou completamente isolado nas margens do rio. Sabemos que isso não é verdade, como já apontei em momentos anteriores. Contudo, esses fatores auxiliaram para manter o Egito a salvo de invasões e limitar os contatos externos, garantindo, assim, sua singularidade.

A própria natureza, então, demarcou os limites do território egípcio. O Mediterrâneo, marcava a fronteira norte; os desertos, ao leste e oeste; e, por fim, as cataratas do Nilo, ao sul. Tais fronteiras, contudo, eram mutáveis. Como Frizzo aponta, durante o Reino Antigo, a fronteira sul era a primeira catarata do Nilo, enquanto no Reino Médio, era a segunda³⁴¹ (ver Mapa 9).

Com o fim do Reino Médio, iniciou-se o Segundo Período Intermediário, caracterizado pelo estabelecimento de Tebas como capital, que saía de Itjtawy (na região de Lisht, 32 km ao sul de Mênfis) para fixar-se mais ao sul³⁴². Aliado a isso, temos a região da Baixa Núbia se desvinculando do domínio egípcio e a fragmentação dos territórios do Baixo Egito, que, conseqüentemente, possibilitou o domínio hicsu em Avaris³⁴³. Deste modo, no Segundo Período Intermediário, a região do Vale do Nilo estava dividida entre três governantes:

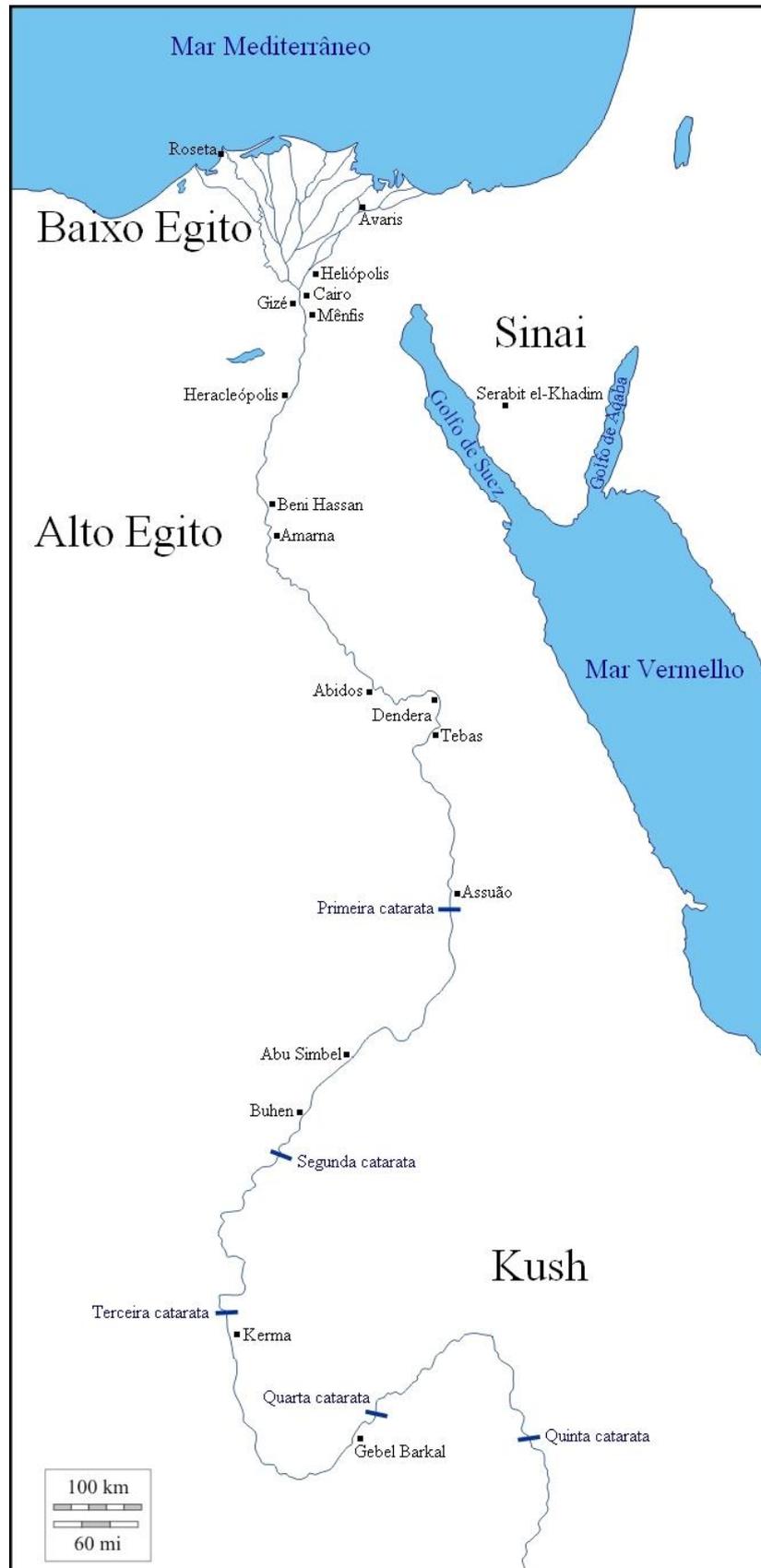
*Sua Majestade falou em seu palácio ao Conselho dos notáveis de seu séquito:
- Que eu compreenda isto: para que serve o meu poder? Há um chefe em Hutualet, um outro em Kush. Eu permaneço associado a um asiático e a um núbio, cada homem possuindo a sua fatia do Egito, partilhando comigo o país!*³⁴⁴

³⁴¹ FRIZZO, Fábio. De Kamés a Amenhotep I: a Fundação das Bases do Império Egípcio do Bronze Tardio (1541-1493 a.C.). IN: *Revista do Mestrado de História*. Vassouras, v. 12, n. 1, 2010, p. 26. Disponível em: <http://www.uss.br/pages/revistas/revistaMestradoHistoria/v12n12010/index.html>

³⁴² BOURRIAU, Janine. The Second Intermediate Period (c. 1650 – 1550 BC). IN: SHAW, Ian (ed.). *Op. Cit.*, p. 172.

³⁴³ FRIZZO, Fábio. *Op. Cit.*, p. 27; e VAN DE MIEROOP, Marc. *A History of Ancient Egypt*. Oxford: Blackwell, 2011, pp. 127 – 150.

³⁴⁴ Trecho da Estela de Kamés, linhas 7 - 10. Tradução de Ciro Flamarion Cardoso, em ARRAIAS, Nely Feitoza. *Os Feitos Militares nas Biografias do Reino Novo: ideologia militarista e identidade social sob a XVIIIª dinastia do Egito Antigo. 1550 a 1295 a.C.* 2011, 245 f, Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, Niterói, 2011, p. 236. A versão completa também está disponível em inglês em: http://www.reshafim.org.il/ad/egypt/kamose_inscription.htm#oren



MAPA 9: Antigo Egito
 Mapa da autora, com base em “d-maps.com”.

A estela de Kamés nos revela sobre os agentes sob os quais o Egito estava sendo regido durante o Segundo Período Intermediário. Além do rei tebano, temos um governante núbio e outro hicsos. Os núbios, contudo, não chegam a exercer poder dentro do Egito e, assim, os elementos políticos se dividiam, basicamente, entre Avaris e Tebas. Em Tebas, temos os reis egípcios, como resquícios do antigo regime que havia governando o Egito durante a XII dinastia, no Reino Médio. A classificação desses reis, porém, ainda é muito discutida. Dodson aponta que havia, também, reminiscências em Itjtawy, que compunham a XIII dinastia, enquanto os tebanos eram a XVII³⁴⁵. Mais ao norte, por sua vez, estavam os hicsos, governando como a XV dinastia, na classificação de Manethon³⁴⁶. O nome “hicsos” é uma adaptação grega sobre o termo egípcio *ḥq3w-ḥswt* (governantes das terras estrangeiras). Os documentos nos relevam uma origem semita para esse povo, porém, não podemos definir uma região específica da qual vieram.

O egiptólogo Heinrich Brugsch-Bey³⁴⁷ retoma os textos de Manethon³⁴⁸ para tentar encontrar a origem dos hicsos. Segundo ele, Júlio Africano aponta que esse povo era fenício, e teria dominado Mênfis e feito de Avaris sua fortaleza³⁴⁹. Além disso, percebemos, nos trechos citados por Flávio Josefo, por exemplo, que, para Manethon, os hicsos foram extremamente hostis em sua conquista do Egito.

Tutumaeus. Em seu reinado, eu não sei porque, uma explosão do desagrado de Deus caiu sobre nós. Um povo de origem ignóbil do leste, cuja vinda foi imprevista, teve a audácia de invadir o país, que eles dominaram pela força sem dificuldade ou mesmo uma batalha. Tendo dominado os chefes, eles então selvagememente queimaram as cidades, arrasaram os templos dos deuses para o chão, e trataram a população nativa com a maior crueldade, massacrando alguns e transportando as esposas e crianças para a escravidão. Finalmente eles fizeram um deles, chamado Salitis, rei. Ele residiu em Mênfis, extraiu tributos do Alto e Baixo Egito, e deixou guarnições nos locais mais adequados para defesa. Em particular, ele garantiu seu flanco leste, como ele previu que os assírios, como o poder deles aumentaria no futuro, cobiçariam e atacariam seu reino. Tendo descoberto no nomo Sethroite, uma cidade muito bem situada no afluente leste que passa por Budastis, chamada

³⁴⁵ Segundo DODSON, Aidan. *Amarna Sunrise*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2014, p. 1, há, ainda, uma variação em que o governo dos tebanos pode ser dividido em duas dinastias, a XVI e a XVII.

³⁴⁶ DODSON, Aidan. *Op. Cit.*, 2014, p. 1.

³⁴⁷ BRUGSCH-BEY, Heinrich. *Egypt Under the Pharaohs*. Londres: The Guernsey Press Co. LTD, 1996.

³⁴⁸ Como dito anteriormente, no tópico 1.4, a obra de Manethon não chegou completa para nós, os trechos conhecidos estão citados por outros autores como Flávio Josefo (século I); Júlio, o africano (c. 220); Eusébio de Cesárea (c. 320) e George Syncello (c. 800).

³⁴⁹ BRUGSCH-BEY, Heinrich. *Op. Cit.*, p. 106.

depois de alguma antiga tradição teológica Avaris, a reconstruiu e fortemente fortificada com muros, e estabeleceu uma guarnição lá, numerando até duzentos e quarenta mil homens armados para proteger sua fronteira³⁵⁰.

Manethon, então, entende os hicsos como invasores que teriam se apoderado de parte das terras do Egito. Entretanto, tal noção é trazida a partir da narrativa oficial tebana e pode ser questionada por meio de outros registros. Cyril Aldred, por exemplo, aponta que os hicsos não eram um grupo específico, mas tribos semitas, vinda de diversas regiões, que negociavam seus produtos com o Egito e por fim se instalaram ali³⁵¹. Ainda segundo Aldred, essas pessoas teriam entrado pacificamente na região como comerciantes ou prestando serviços como cozinheiros, cervejeiros, costureiros, vinheiros ou similares³⁵². Isso significa que o caráter invasor, conferido por Manethon, é, no mínimo, equivocado. Os hicsos não somente eram aceitos pelos egípcios, como muitos de seus reis foram nomeados nas listas oficiais, anos mais tarde, como o Papiro Real de Turim. Além disso, os hicsos teriam levado ao Egito diversos materiais que foram adotados na região, como bigas, armaduras de escamas, desenhos de adagas e espadas. Foi nesse período, também, que se desenvolveu a coroa de guerra³⁵³ e o bronze passou a ser de uso mais recorrente³⁵⁴. Assim, é graças aos povos semitas que o Egito conseguiu desenvolver um aparato militar, que possibilitou a expulsão dos hicsos e suas campanhas ao leste³⁵⁵.

³⁵⁰ JOSEPHUS, Flavio. *Against Apion*. Trad. H. St. J. Thackeray. London: William Heinemann, 1926, pp. 193 e 195. Tradução da autora.

³⁵¹ ALDRED, Cyril. *Op. Cit.*, p. 129.

³⁵² ALDRED, Cyril. *Akhenaten. King of Egypt*. Londres: Thames and Hudson, 1994, p. 117.

³⁵³ Acredita-se que a coroa de guerra, também chamada de coroa azul, seja ligada aos deuses solares, em especial Amon. A origem, de acordo com Bryan, é do Segundo Período Intermediário, baseada no ornamento de cabeça *kheprsh* (que também dá nome à coroa). A significância da coroa não é completamente determinada, apesar de ser comumente encontrada em cenas de guerra ou caça, ela também aparece em cenas em que o rei está cercado por divindades em seu trono. É possível que haja alguma relação com renascimento e fertilidade, sendo a representação do “novo herdeiro de Amon”. Essa ideia se sustenta pelo próprio nome da coroa, como uma alusão ao nome do deus Khepri. Essa discussão pode ser vista em: BRYAN, Betsy. A ‘New’ Statue of Amenhotep III and the Meaning of the Kheprsh Crown. IN: HAWASS, Zahi A.; RICHARDS, Janet (eds.) *The Archaeology and Art of Ancient Egypt*. Cairo: The American University in Cairo Press, v. 1, 2007, pp. 151 – 167.

³⁵⁴ ALDRED, Cyril. *Os Egípcios... Op. Cit.*, p. 129.

³⁵⁵ De acordo com MORRIS, Ellen. **Mitanni Enslaved: Prisoners of War, Pride, and Productivity in a New Imperial Regime**. IN: GALÁN, José Manuel; BRYAN, Betsy M; DORMAN, Peter (eds). *Creativity and Innovation in the Reign of Hatshepsut*. Chicago: The Oriental Institute, Studies in Ancient Oriental Civilization n. 69, 2014, p. 361, o desenvolvimento militar do Egito também possibilitou a incursão de escravos em larga escala, utilizando-se dos estrangeiros capturados.

A disputa entre hicsos e tebanos, porém, só se torna mais ativa nos últimos anos da XVII dinastia. Bourriau afirma que a batalha entre os governantes deve ter durado pelo menos trinta anos, uma vez que nós sabemos que Seqenenra Taa lutou contra os hicsos e Avaris só teria sido conquistada entre os anos 18 e 22 de Ahmés³⁵⁶. Contudo, segundo Aldred, a batalha de Seqenenra Taa teria sido de caráter diplomático e o vencedor é incerto para nós, apesar de, aparentemente, o tebano ter o feito³⁵⁷. Bourriau, por sua vez, acredita que tinha havido embates militares. De acordo com a autora, a múmia de Seqenenra mostra que ele havia morrido vítima de violência³⁵⁸.

Após sua morte, seu filho mais velho, Kamés, continua com os embates, narrados nas estelas que citei no início desse tópico. Em seu governo, a rota para as minas de ouro havia sido garantida, pela reconquista de Buhen, e os kushitas haviam retornado para o sul³⁵⁹, mas Kamés ainda não havia garantido seu lugar como único faraó do Egito.

Como dito, os embates entre os tebanos e os hicsos não eram antigos. Van de Mieroop aponta que os próprios conselheiros de Kamés afirmavam que as fronteiras da Núbia estavam seguras e as relações com os hicsos eram boas. Os conselhos, porém, não parecem ter tido efeito, e as Estelas mostram como o tebano teria atacado³⁶⁰.

Na parte superior do oásis eu capturei um mensageiro seu (= de Apepi) que estava navegando rio acima em direção a Kush, a respeito de um escrito em que li, como expressão escrita do governante de Hutualet: “Aauserra (= Grande é o poder de Ra), o Filho de Ra, Apepi, saudando o meu filho, o governante de Kush. Por que te fizeste governante sem mo (sic) fazer saber? Acaso [não] viste o que o Egito fez contra mim, o governante que lá está, Kamés, o forte, dotado de vida, expulsando-me de meu território sem que eu o atacasse – exatamente como fez de tudo contra ti? Ele escolheu os dois países para devasta-los – meu país e o teu – e os arrasou. Vem, navega rio abaixo e não tremas, pois ele está aqui comigo e ninguém te espera no Egito. Eis que não o deixarei

³⁵⁶ BOURRIAU, Janine. *Op. Cit.*, p. 197

³⁵⁷ ALDRED, Cyril. *Os Egípcios... Op. Cit.*, pp. 132 – 134.

³⁵⁸ BOURRIAU, Janine. *Op. Cit.*, pp. 198 – 199. Janine, descreve a múmia com um golpe de machado na testa, o osso da bochecha está quebrado e sua nuca apresenta a marca de uma punhalada.

³⁵⁹ BOURRIAU, Janine. *Op. Cit.*, p. 197.

³⁶⁰ VAN DE MIEROOP, Marc. *A History of Ancient Egypt... Op. Cit.*, p. 143.

afastar-se até que chegues. Então nós partilharemos entre nós as cidades do Egito e nossos países se alegrarão” ³⁶¹.

O trecho sugere a existência de uma relação entre hicsos e núbios e que, além de Avaris, Kamés também atacou Kush. Apesar das investidas de Kamés, não é ele quem vai reunificar o Egito, mas seu irmão, Ahmés. Após um longo cerco, Avaris finalmente caiu, mas isso não foi suficiente para que o Egito se reestabelecesse. A tumba de Ahmés³⁶² descreve a vitória, mostrando que o faraó precisou enviar campanhas para a região da Sírio-Palestina, onde os hicsos teriam uma base, na cidade de Sharuhen³⁶³. É no governo de Ahmés, também, que a conquista do território ao sul, até a segunda catarata do Nilo, foi garantida, sendo estabelecido um vice-rei na região, Thuty³⁶⁴.

Assim, trilhando o caminho de Kamés, Ahmés fundou a XVIII dinastia e, com ela, o Reino Novo. O Egito que emergiu após a expulsão dos hicsos seguiu os passos de seus fundadores, promovendo um caráter imperial expansivo e, conseqüentemente, um contato mais direto com os territórios adjacentes. Um exemplo disso é uma crescente relação com o Egeu, que percebemos por meio da tumba de Ahhotep I³⁶⁵, com objetos trabalhados com técnicas e motivos decorativos egeus ou de regiões no leste do Mediterrâneo. Por outro lado, Bryan afirma que não é certo que o Egito e Creta tivessem uma relação direta no início da XVIII dinastia, apesar de haverem vestígios de pequenas negociações com Creta e, em menor grau, com a Grécia continental. Isso significa que

³⁶¹ Trecho da Estela de Kamés, linhas 74 – 83. Tradução de Ciro Flamarion Cardoso, em ARRAIAS, Nely Feitoza. *Os Feitos Militares nas Biografias do Reino Novo: ideologia militarista e identidade social sob a XVIIIª dinastia do Egito Antigo. 1550 a 1295 a.C.* 2011, 245 f, Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, Niterói, 2011, p. 237.

³⁶² Textos da tumba de Ahmés podem ser vistos em LICHTHEIM, Miriam. *Op. Cit.*, pp. 11 – 15.

³⁶³ BRYAN, Betsy M. **The 18th Dynasty Before the Amarna Period (c. 1550 – 1352 BC)**. IN: SHAW, Ian (ed.). *Op. Cit.*, p. 207.

³⁶⁴ DODSON, Aidan. *Op. Cit.*, p. 3.

³⁶⁵ Ahhotep era mãe de Ahmés e teria assumido a regência do governo de Ahmés, devido a sua pouca idade. De acordo com ALDRED, Cyril. *Os Egípcios...Op. Cit.*, p. 134, a rainha conseguiu manter a ordem e encaminhar a expulsão definitiva dos hicsos e a pacificação do Egito, sendo mais tarde, homenageada pelo filho por esses atos. Ahmés homenageou Ahhotep em uma estela do 18º ano de seu reinado, conferindo à sua mãe títulos que implicam que ela, de fato, governou a região. Apesar de não ser bem-sucedida nas questões militares, como afirma BRYAN, Betsy M. *Op. Cit.*, 218, Ahhotep “conseguiu preservar a linhagem da dinastia incipiente, ganhando o respeito das tropas locais e dos nobres, num momento de bastante tensão no Egito. Ela continuou na função de “mãe do rei” também no governo de Amenhotep I, e em sua tumba, além do título já citado, recebeu o de “irmã do rei”, “filha do rei” e “grande esposa real.” (SCOVILLE, Priscila. Senhoras da Casa: uma visão sobre a importância do feminino na sociedade egípcia da XVIII dinastia. IN: *Cadernos de Clio*, Curitiba, nº 5, 2014, pp. 290 – 291)

esses primeiros reis do Reino Novo, haviam herdado dos hicsos um sistema de negociações no Mediterrâneo³⁶⁶, no qual as relações são pessoais e indiretas.

Graças ao governo hicsu, então, o Egito conheceu novas técnicas e materiais que poderiam ser usados no cotidiano e desenvolveram um grupo militar profissionalizado – uma novidade para os egípcios que estavam acostumados a recrutar camponeses destreinados e inexperientes³⁶⁷. Além disso, também, iniciou-se um contato com o leste e com o sul, que resultou na conquista de territórios e, por fim, na inclusão do Egito entre os Grandes Reinos. Cada faraó do início da dinastia, assim, teve um papel crucial para o estabelecimento e fortificação do Egito.

Após Ahmés, foi a vez de Amenhotep I assumir o Egito. A região agora estava sob o comando de um único rei, mas a recente reunificação significava certa instabilidade, que só poderia ser superada por meio do crescimento do poder do faraó. Assim, para garantir a transição pacífica para o governo de Amenhotep I, possivelmente houve um breve período de corregência com Ahmés. Além disso, certamente Ahmés-Nefertari³⁶⁸, exerceu um papel político proeminente no momento³⁶⁹, devido ao título e cargo que ocupava como “Segundo Profeta de Amon”. Por esses motivos, o regime de Amenhotep I continuou com as investidas dos seus antecessores e teve um governo parecido com o de seu pai. Bryan argumenta que, de muitas formas, Amenhotep I continuou com os planos de Ahmés, uma vez que “edifícios que podem ter sido concebidos por Ahmés foram construídos e expedições militares no sul, completando as campanhas anteriores, foram realizadas”³⁷⁰. Contudo, o governo de Amenhotep I foi mais do que isso, suas conquistas militares sobre a Núbia, resultaram em ganhos econômicos que, por sua vez, melhoraram a situação do Egito, não somente em questões financeiras, mas, também, com uma simbologia do poder real. Assim, as características principais que foram associadas a XVIII dinastia já haviam sido implantadas ou começavam a aparecer nesse período, como o culto de Amon em Karnak, os sucessos militares na Núbia, a expansão territorial

³⁶⁶ BRYAN, Betsy M. *The 18th Dynasty... Op. Cit.*, p. 208.

³⁶⁷ SHAW, Ian; NICHOLSON, Paul. *Op. Cit.*, pp. 37 – 38.

³⁶⁸ Ahmés-Nefertari era esposa de Ahmés e, possivelmente, filha de Ahhotep. De acordo com BRYAN, Betsy M. *Op. Cit.*, p. 219, Ahmés-Nefertari operava de forma independente de seu marido na construção de monumentos e nas operações de cargos religiosos, o que lhe conferia, também, influência política.

³⁶⁹ BRYAN, Betsy M. *The 18th Dynasty... Op. Cit.*, pp. 212 – 213.

³⁷⁰ *Idem*, p. 213. Tradução da autora.

egípcia e o desenvolvimento de uma nova organização administrativa, associada às grandes famílias e relacionamentos colaterais – com as regiões de Elkab, Edfu e Tebas³⁷¹.

O sucessor de Amenhotep I foi Tothmés I, outro rei que investiu em campanhas militares. Apesar de suas origens serem duvidosas³⁷², Tothmés I foi um dos grandes nomes da dinastia. Foi responsável por diversas construções em Karnak e por campanhas na Núbia e na Síria. Essas expedições militares resultaram nos primeiros embates com Mitani³⁷³, ainda que indiretos, e, conseqüentemente, abriram “novos horizontes que levaram, mais tarde, para o importante papel do Egito nas negociações e diplomacia do Oriente Próximo na Idade do Bronze Tardio”³⁷⁴. Assim, segundo Bryce, Tothmés I foi o primeiro a

colocar o Egito diretamente no centro dos assuntos internacionais com seu progresso militar triunfante na Síria até o rio Eufrates – um evento que ele comemorou erguendo uma estela de vitória na margem do rio. Em termos puramente militares, sua conquista foi impressionante. Mas, no que diz respeito as conseqüências de longo prazo, ele havia abocanhando mais do que ele e seus sucessores poderiam confortavelmente digerir³⁷⁵.

Apesar de não conseguir manter a zona de influência de forma ativa, as conquistas de Tothmés I foram bastante inspiradoras, servindo de referência para Tothmés III – que ficou conhecido pelas investidas militares. Quem assumiu o trono, após a morte de Tothmés I, porém, foi Tothmés II. Não sabemos exatamente o tempo de seu governo, mas aparentemente foi bastante breve, não mais do que três anos, segundo alguns pesquisadores³⁷⁶. Devido ao curto governo, Tothmés II não teve tempo de organizar muitas investidas, alcançar grandes feitos ou fazer construções grandiosas. A única campanha militar registrada e conhecida foi na Núbia, descrita em uma estela em Sehel, ao sul de Assuã³⁷⁷. Acredita-se que este faraó também foi responsável por uma campanha contra Shashu-Beduinios na Síria, descrita por um oficial egípcio, Ahmés Pen-

³⁷¹ BRYAN, Betsy M. *The 18th Dynasty... Op. Cit.*, p. 214.

³⁷² O Apêndice 4 de DODSON, Aidan. *Op. Cit.*, p. 164 – 167, nos revela sobre a genealogia da XVIII dinastia. Segundo Dodson, a mãe de Tothmés I chamava-se Senisonbe, mas ela não era uma esposa do rei, uma vez que possui apenas o título de “Mãe do Rei”. Sua conexão com a realeza pode ser por um casamento ou por parentesco de um rei anterior.

³⁷³ DODSON, Aidan. *Op. Cit.*, p. 4.

³⁷⁴ BRYAN, Betsy M. *The 18th Dynasty... Op. Cit.*, p. 221. Tradução da autora.

³⁷⁵ BRYCE, Trevor. *Letters of... Op. Cit.*, p. 21. Tradução da autora.

³⁷⁶ BRYAN, Betsy M. *The 18th Dynasty... Op. Cit.*, p. 226.

³⁷⁷ *Idem*, p. 227.

Nekhbet³⁷⁸. Além disso, de acordo com Glenn Godenho, Tothmés II também teria ido até Niya, nas margens do rio Orontes³⁷⁹.

Quem sucede Tothmés II é seu filho com uma esposa secundária, Tothmés III. Contudo, devido à pouca idade, quem assume a regência é Hatshepsut, a Grande Esposa e meia-irmã de Tothmés II. Foi no sétimo ano de governo de Tothmés III que Hatshepsut assumiu títulos de faraó, sendo representada como tal por quatorze anos³⁸⁰. Diversas artimanhas políticas foram feitas para justificar a elevação da Rainha a faraó. Alegou-se que ela foi escolhida por Tothmés I para o suceder e que ela era filha do próprio deus Amon³⁸¹, por exemplo.

Uma das práticas mais conhecidas do governo de Hatshepsut foi as negociações estabelecidas com o reino de Punt, porém, ainda mais foi feito. Essa rainha foi responsável pela construção de vários monumentos, em especial em Karnak, mas também em diversos locais por todo o Egito e na Núbia³⁸². As investidas militares no período de Hatshepsut foram menos frequentes do que nos governos anteriores. Houve, segundo Bryan, investidas ao sul para acalmar revoltas locais, mas que, aparentemente, não causaram a interrupção de governo dos vice-reis na região³⁸³.

Após o início das relações com Punt, materiais de outras localidades da África, fora da zona de influência egípcia, começaram a entrar no Egito e os tributos núbios, das áreas conquistadas, passaram a ser registrados em tumbas privadas. Talvez as expedições a Punt tenham sido as responsáveis por dar espaço para um comércio mais amplo com o resto da África, mas não temos como saber qual o nível de influência que tais campanhas de fato tiveram nesse âmbito³⁸⁴. Além disso, pinturas murais em tumbas privadas de Tebas nos revelam negociações também com Creta. Entretanto, Bryan afirma que a relação com os cretenses minoicos ou gregos micênicos podem ter sido forjadas e,

³⁷⁸ MUMFORD, Gregory D. **Egypt and the Levant**. IN: STEINER, M.; KILLEBREW, A. E. (eds.). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant c. 8000–332 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 74 – 75.

³⁷⁹ Essa informação foi discutida durante o curso “Superpowers of the Ancient World: The Near East”, oferecido pela Universidade de Liverpool, em plataforma online (FutureLearn), tendo o Dr. Glenn Godenho como responsável.

³⁸⁰ DODSON, Aidan. *Op. Cit.*, p. 4.

³⁸¹ Amon teria incorporado a imagem de Tothmés I e dormido com a mãe de Hatshepsut. De tal união, nasceria uma filha: a própria rainha.

³⁸² BRYAN, Betsy M. *The 18th Dynasty... Op. Cit.*, pp. 229 – 232.

³⁸³ *Idem*, p. 234.

³⁸⁴ *Idem, ibidem*.

provavelmente, aconteceram por meio do Chipre e do Levante³⁸⁵ (possivelmente, pelo porto de Gubla).

Foi somente em c. 1458 AEC, no seu vigésimo primeiro ano de governo, que Tothmés III inicia seu reinado sem a regência de Hatshepsut, ainda que não tenhamos certeza se isso acontece por sua morte ou afastamento³⁸⁶. Ao contrário do que fez Hatshepsut, Tothmés III investiu mais em campanhas militares do que comerciais. Iniciou suas expedições de modo imediato, conquistando diversos territórios no Levante. Seu primeiro grande feito foi em Megido, em uma batalha que foi considerada crucial para a reconsolidação do Egito e seu estabelecimento como um Império. Graças a essa vitória, as fronteiras egípcias se expandiram e o controle das rotas comerciais ao leste (Trans-Jordão) e ao norte (Kadesh) da Síria-Palestina, uma vez que Megido foi a cidade mais importante no centro da Palestina³⁸⁷.

A batalha teria acontecido para conter revoltas que aconteciam na região, com cidades tentando se desvincular do poder egípcio antes estabelecido por Tothmés I. Sabemos que o príncipe de Kadesh estava em Megido e apoiava a libertação da influência egípcia na Síria. Além disso, é possível, segundo Spalinger, que até mesmo Mitani tenha auxiliado os revoltosos, mesmo que de forma indireta. Aparentemente, porém, nem todas as cidades apoiavam tal separação e as regiões no sul da Síria (em especial, Yehem e Gaza) continuaram defendendo o poder egípcio, auxiliando militar e estrategicamente³⁸⁸.

Não cabe a este trabalho fazer uma descrição detalhada sobre as estratégias de ataque³⁸⁹ (trago um esboço no Mapa 10), mas parece-me conveniente apontar que a preparação para a batalha teria durado meses e todas as cidades da região sabiam que o conflito chegaria. Uma vez em marcha, o plano era agir rapidamente, contudo, segundo Bryan, foram necessários sete meses de cerco na cidade antes que Megido aceitasse sua derrota e estabelecesse as ofertas de paz, trazidas juntamente com os espólios de guerra³⁹⁰.

A vitória egípcia significou o reestabelecimento de seu controle sobre o Levante e, mais do que isso, destacou a figura do faraó como um líder militar. Assim, a

³⁸⁵ BRYAN, Betsy M. *The 18th Dynasty... Op. Cit.*, pp. 234 – 235.

³⁸⁶ DODSON, Aidan. *Op. Cit.* p. 5.

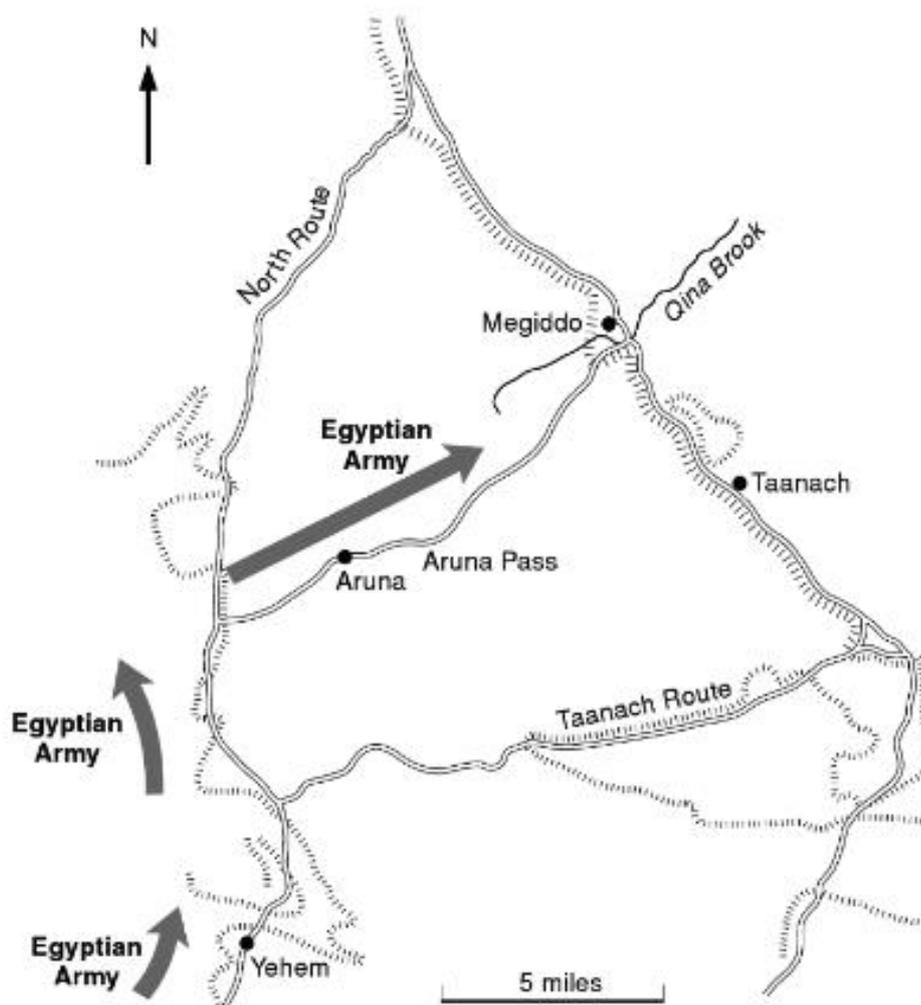
³⁸⁷ SPALINGER, Anthony J. *War in Ancient Egypt*. Oxford: Blackwell, 2005, pp. 83 – 84.

³⁸⁸ *Idem*, pp. 83 – 87.

³⁸⁹ Para tais informações, ver o quinto capítulo de SPALINGER, Anthony J. *Op. Cit.*, pp. 83 – 100.

³⁹⁰ BRYAN, Betsy M. *The 18th Dynasty... Op. Cit.*, p. 238.

instabilidade política que o Segundo Período Intermediário presenciou, foi lentamente se desfazendo por meio da construção da imagem de um governante fortificado tanto dentro como fora das fronteiras egípcias. Nesse sentido, o caráter militar que os primeiros faraós da XVIII dinastia possuíam, auxiliaram a manter o poder e estabilizar o Egito. Megido não foi, como dito, o único foco de Tothmés III, apesar de ter sido um grande marco de seu governo. O faraó teria realizado um total de 17 campanhas militares, tanto ao norte como ao sul³⁹¹. Dentre tais expedições, algumas geraram embates com Mitani, uma vez



MAPA 10: Estratégia da Batalha de Megido

Fonte: SPALINGER. Anthony J. *Op. Cit.*, p. 84.

³⁹¹ Durante o governo de Tothmés III, a área de ocupação egípcia teria alcançado até a quarta catarata, havendo, também, o registro da presença de egípcios entre as quarta e quinta cataratas. FRIZZO, Fábio. *Estado, Império e Exploração Econômica no Egito do Reino Novo*. 2016, 401 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, Niterói, 2016.p. 170.

que muitas partes da região sírio-palestina pertenciam a este reino antes de caírem sob domínio egípcio – inclusive Megido. Assim, ter o controle do Levante e das rotas presentes nele, era enfrentar um dos reinos mais influentes do período. Tothmés III, não se deixou abalar pelas probabilidades, afinal Mitani era poderosa enquanto a elite militar egípcia era recém-formada e, conseqüentemente, relativamente inexperiente e nova na região. Bryan afirma que é somente por volta do ano 33 que referências à Mitani aparecem no Egito³⁹². Isso porque Mitani era considerada muito poderosa para aparecer nos monumentos reais egípcios e, assim, a tomada da região sírio-palestina neste momento teria sido um grande feito para o faraó, merecendo, portanto, ser representada³⁹³. Contudo, é somente no ano 35 de seu governo que acontece uma batalha direta entre egípcios e mitânios³⁹⁴.

Ao fim do governo de Tothmés III, as fronteiras do Egito haviam se expandido, conquistando a maior área que já teve. Assim como seu avô, Tothmés III ergueu uma estela nas margens do rio Eufrates, em comemoração às suas vitórias, que incluíam cidades bem ao norte, como Kadesh e Carchemish³⁹⁵. Além disso, é ainda nesse período que os reis da Babilônia e Hatti vão se comunicar com o Egito, enviando-lhe presentes³⁹⁶. Deste modo, fica clara a importância que Tothmés III teve na história egípcia, uma vez que, além de suas conquistas militares, o faraó abriu portas para o mundo exterior, inclusive casando-se com asiáticas. Isso significa que o Egito havia se imposto como um reino influente e uma potência do período, motivos pelos quais foi aceito no “Clube dos

³⁹² O topônimo de Mitani, porém, não é completamente novo. Na biografia de Ahmés, filho de Ibana, (que agiu durante os governos de Ahmés, Amenhotep I e Tothmés I) por exemplo, afirma-se que ele participou de uma viagem do rei Tothmés I para o Levante, possivelmente para a caça de elefantes (e, portanto, não de caráter militar). No relato de Ahmés, (na tumba EK 5), diz-se “Sua Magestade atingiu Naharina e encontrou o inimigo recrutando tropas. Ele fez um grande massacre no meio deles e não pudemos contar o número de prisioneiros que ele trouxe de suas vitórias” (ARRAIS, Nely Feitoza, *Op. Cit.*, p. 108). Na biografia de Ahmés Pen-Nekhbet, que serviu entre os reis Ahmés e Tothmés III (possivelmente logo no início do anúncio de sucessor, visto que Hatshepsut não aparece com o título de faraó), encontramos, também, a referência a uma campanha militar em Mitani durante o governo de Tothmés I. Esses relatos ilustram que havia referências de Mitani anteriores ao ano 33 de Tothmés III. Assim, apesar de a autora não ser clara quanto a isso, acredito que ao fazer tal afirmação Bryan estivesse se referindo apenas as inscrições reais de caráter militar. Nesse caso, é importante que não confundamos aparição do nome com uma referência a ela. Nos próprios Anais de Tothmés III, por exemplo, diz-se, no ano 23, apenas que o faraó possuía terras até a Mitani. A referência a campanhas militares e investidas sob o reino aparecem somente a partir do ano 33.

³⁹³ BRYAN, Betsy M. *The 18th Dynasty... Op. Cit.*, p. 238. Sobre as representações em tumbas, ver MORRIS, Ellen. *Op. Cit.*

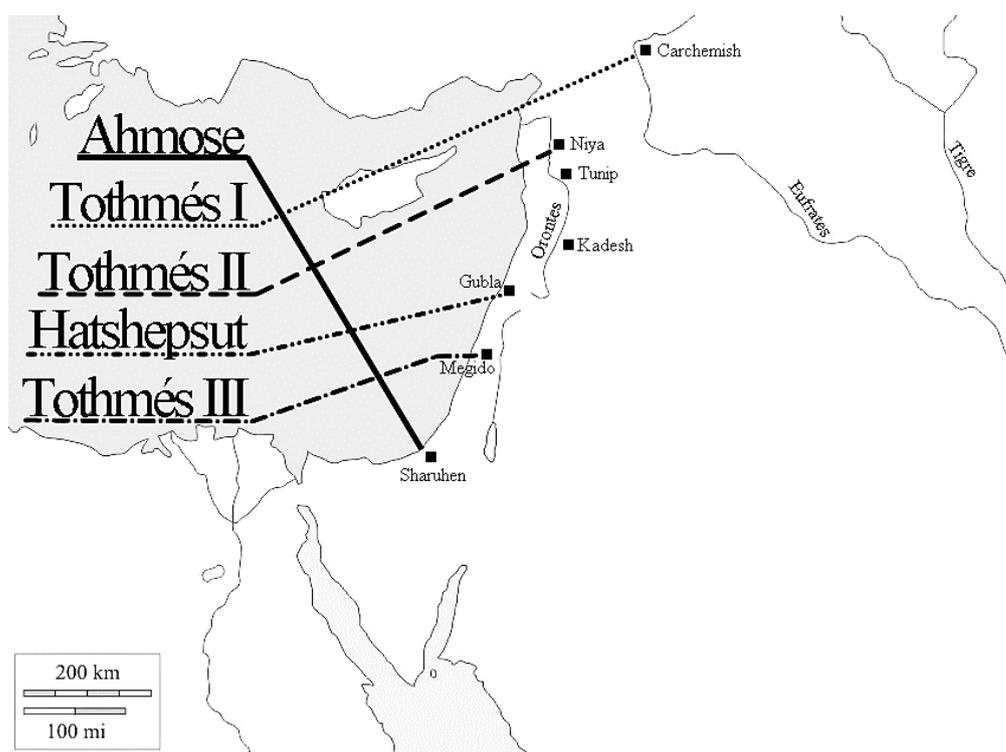
³⁹⁴ SPALINGER, Anthony J. *Op. Cit.*, pp. 116 – 117.

³⁹⁵ DODSON, Aidan. *Op. Cit.*, pp. 6 – 7.

³⁹⁶ *Idem, ibidem.*

Grandes Poderes”³⁹⁷, isto é, passou a pertencer ao seletivo grupo dos Grandes Reis, sobre o qual falei no capítulo anterior.

Entretanto, muito ainda deveria ser feito para que a recém-chegada diplomacia, estabelecesse os parâmetros de paz e estabilidade no Egito, como foi durante o reinado de Amenhotep III, por exemplo. É durante o reinado de Amenhotep II que a iconografia que representava Mitani muda, deixando de ser um arqui-inimigo para tornar-se aliado do Egito. Apesar de acontecerem algumas campanhas militares, a maior parte do governo



MAPA 11: Investidas egípcias no início do Reino Novo.
Mapa da autora, com base em “d-maps.com”.

de Amenhotep II foi pacífica, promovendo um longo período de estabilidade, no qual esquemas burocráticos e administrativos puderam se desenvolver e exemplares de literatura do Reino Médio foram copiados – o que sugere um crescente interesse cultural e a diminuição do foco militar³⁹⁸. Além disso, o faraó manteve certo contato com a Babilônia, Hatti e Mitani, em um sistema de troca de presentes que possibilitou a entrada de materiais exóticos ao Egito.

³⁹⁷ COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, p. 6.

³⁹⁸ BRYAN, Betsy M. *The 18th Dynasty... Op. Cit.*, p. 242.

Tushratta diz que Tothmés IV teria escrito sete vezes para o seu avô, o então rei mitânio Artatama I, para arranjar um casamento diplomático³⁹⁹. E, assim, Tothmés IV é o faraó mais antigo a ser citado nas Cartas de Amarna. Contudo, isso não significa que Amenhotep II ou, até mesmo, Tothmés III não tenham participado dessas trocas. Bryan defende que já havia uma relação pacífica entre eles⁴⁰⁰ e, conseqüentemente, Egito e Mitani já teriam se correspondido. Isso pode ser notado pelo fato de que mesmo Tothmés IV não tendo sido um rei dedicado a questões militares e não precisando enfrentar Mitani diretamente, as localidades mais ao norte sob influência egípcia continuavam intactos. Talvez por isso, ao aceitar a proposta de Tothmés IV, Artatama I estivesse buscando um acordo que garantisse a estabilidade da região, evitando novas guerras e protegendo seu território, ou, ainda, estivesse apenas renovando uma aliança já estabelecida por Amenhotep II⁴⁰¹, que, por sua vez, já teria previsto essas condições e, por causa disso, Mitani não tentou retomar a região sírio-palestina. Independentemente do caso, este casamento foi o responsável por selar, de forma mais segura, as relações diplomáticas entre Egito e Mitani.

Assim, no governo de Amenhotep III o Egito era estável: houve poucas campanhas militares (para conter revoltas em Kush), as colheitas foram abundantes e o faraó pôde investir em construções grandiosas⁴⁰². São desse período as primeiras Cartas de Amarna endereçadas a um faraó ou escritas por ele. Amenhotep III trocou cartas com reinos importantes como Babilônia, Hatti e Mitani⁴⁰³. Neste trabalho, porém, convém focarmos apenas no último. Não possuímos o conjunto completo das correspondências, muitas delas não foram encontradas ou se perderam com o tempo. As que temos acesso referem-se ao período em que Tushratta governava Mitani, porém, a partir da carta EA29, sabemos que houve relações com Artatama I e Shuttarna II.

Quando [Min-kheperu-Re'], o pai de [Ni]mmureya, escreveu para Artatama, meu avô, e requisitou a filha de [meu] a[vô], ele escreveu cinco vezes ou seis vezes, mas ele não a deu. Apenas quando [ele escre]veu [para meu avô] a sétima vez, então sob tal pressão

³⁹⁹ Carta EA29.

⁴⁰⁰ BRYAN, Betsy M. *The 18th Dynasty... Op. Cit.*, p. 250.

⁴⁰¹ *Idem*, p. 251.

⁴⁰² Apesar de eu não haver comentado no decorrer do texto, para manter o foco nas questões externas, os faraós anteriores também tiveram programas de construções, em sua maioria em Karnak e/ou em homenagem ao deus Amon, que foi o deus dinástico neste momento.

⁴⁰³ BRYAN, Betsy M. *The 18th Dynasty... Op. Cit.*, pp. 253 – 261.

ele a deu. Quando Nimmureya, seu pai, [escreveu] para Shut[arna], me[u] pai, e requisitou a filha de meu pai, minha própria irmã, três vezes ou quatro vezes ele escre[veu], mas [ele não deu] ela. Apenas quando ele escreveu a quinta vez ou sexta vez, então sob tal pressão, ele [a] d[e]u⁴⁰⁴.

Durante o governo de Amenhotep III o Egito, então, já havia se instaurado e sido aceito entre os Grandes Reis. Acredito que, para além das conquistas militares, parte dessa aceitação tenha acontecido pela quantidade de ouro que o território ostentava. Assim, não é à toa que os reis frequentemente digam que “ouro é como pó nas terras do Egito”. Em um mundo em que as grandes construções eram feitas em barro, tal como acontecia no Oriente Próximo, quando um mensageiro chegava no Vale do Nilo, ele facilmente ficaria impressionado pelas ornamentações de palácios e templos. Portanto, alimentar uma aliança e irmandade com o faraó seria um investimento lucrativo economicamente, já que as declarações de amor⁴⁰⁵ seriam feitas por meio da troca de presentes. Além disso, Amenhotep III foi apreciado por sua postura ainda em vida, tanto dentro como fora do Egito, sendo divinizado em Kush, assim como sua esposa, Tiye, e frequentemente elogiado pela forma em que se portava diante dos assuntos diplomáticos. Nesse sentido, além das cartas em que Tushratta fala para Akhenaton das relações passadas, a Carta EA26, enviada para Tiye, nos apresenta a influência do casal e as qualidades que a Rainha teria nos modos de gerenciar essas negociações, uma vez que ela conheceria as palavras que seu falecido marido dizia e o modo como ele agia com Mitani.

A maioria das cartas do conjunto de Amarna são referentes ao governo de Akhenaton⁴⁰⁶. É fácil entendermos o motivo para isso, já que os tabletes foram encontrados na cidade fundada por esse faraó e não em Tebas, onde os seus antecessores viveram. As cartas de Amenhotep III teriam sido levadas para Akhetaton quando ocorreu a troca de capital possivelmente para fins de referência⁴⁰⁷. De fato, quando Akhenaton assume o trono, muitas mudanças acontecem no Egito. A elevação de Aton a deus exclusivo e, portanto, a troca do deus dinástico são só a parte mais visível do que

⁴⁰⁴ Trecho da Carta EA29, linhas 16 – 20.

⁴⁰⁵ Ver tópico 2.2.1.

⁴⁰⁶ Entre as de Mitani, oito são endereçadas para Amenhotep III, quatro para Akhenaton e uma para Tiye (durante o governo de Akhenaton).

⁴⁰⁷ ALDRED, Cyril. *Akhenaten...Op. Cit.*, p. 187.

convencionalmente chamamos de Período de Amarna⁴⁰⁸. A estabilidade do território possibilitada pelos faraós do início da dinastia e a riqueza que o Egito conquistou como consequência, fizeram com que a região alcançasse seu auge durante o governo de Amenhotep III. Foi nesse contexto que Amenhotep IV, que mais tarde mudaria seu nome para Akhenaton⁴⁰⁹, assumiu o trono após a morte de seu pai⁴¹⁰. Não é de se surpreender, então, que o faraó tivesse uma postura bastante diversa da de seus antepassados, uma vez

⁴⁰⁸ Havia, no Egito, uma tendência de solarização da religião. Isso, porque, desde o Reino Antigo, a divindade solar era associada ao faraó. No Reino Médio, essa ideia se manteve e se expandiu, abrangendo, também, a relação com o mundo dos mortos. Quando chegamos ao Reino Novo, Amon é elevado a deus dinástico, tanto pelo seu caráter solar e pela força que daria ao faraó (por causa disso), como pela nova capital, Tebas, que era o centro de culto deste deus. Assim, quando Akhenaton elege Aton, o disco solar, como deus único, ele está respondendo a uma tendência da própria cultura egípcia, mas elevando-a ao extremo. Aton, também não é uma invenção de Akhenaton, ele já era conhecido desde, pelo menos, a XII Dinastia, sendo bastante citado durante a XVIII Dinastia. Segundo ALDRED, Cyril. *Akhenaten... Op. Cit.*, p. 239, as referências à Aton aumentam gradativamente durante os regimes dos faraós Amenhotep I, Tothmés I, Tothmés III, Amenhotep II, Tothmés IV e Amenhotep III, antes de chegar a Akhenaton. Contudo, quando Akhenaton propõe sua reforma, muitas coisas irão variar junto com a elevação de Aton, uma vez que, como dito, religião, política, economia, etc., formam uma unidade no Egito. Tebas havia se tornado um símbolo da resistência aos estrangeiros, mas, como essa ameaça não era mais vigente, tal simbologia talvez não fizesse sentido para Akhenaton e, assim, ele buscou novas imagens para seu governo. Outros motivos possíveis para as reformas são: a verdadeira devoção religiosa a Aton, ou uma motivação política que visava limitar o poder dos sacerdotes de Amon (uma vez que eles haviam enriquecido e ganhado influência graças as vitórias militares).

O que chamamos de Período de Amarna é, então, o momento em que tais mudanças se concretizaram. Constrói-se uma nova capital, Akhetaten, baseada nas formas que o novo culto aconteceria (sobre isso ver a tese de Coelho, citada no final desta nota), Aton passa receber uma nova forma de representação (o disco solar) e a abranger os aspectos das outras divindades (o que lhe possibilita sua exclusividade). Além disso, o faraó e sua esposa, Nefertiti, passam a pertencer à tríade religiosa, agindo como os únicos mediadores do deus. Na arte, isso é visível pela forma de representação, que confere o destaque ao faraó e sua família. Isso acontece em resposta à uma outra tendência do Reino Novo: a fortificação do governante. Entretanto, possivelmente, em um viés um pouco diferente. Enquanto os primeiros reis da dinastia usaram o poder militar para mostrar sua força política, Akhenaton usou os parâmetros religiosos, tirando a influência do clero de Amon e conferindo-a a ele próprio.

Para mais questões sobre o Período de Amarna, ver ALDRED, Cyril. *Os Egípcios... Op. Cit.*, ALDRED, Cyril. *Akhenaten... Op. Cit.*, ARNOLD, Dorothea (org). *The Royal Women of Amarna: Images of Beauty from Ancient Egypt*. Nova York: Happy N. Abrams, Inc, The metropolitan Museum of Art, 1996; COELHO, Liliane C. *Mudanças e permanências no uso do espaço: a cidade de Tell el-Amarna e a questão do urbanismo no Egito Antigo*. 2015, 308 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2015; DODSON, Aidan. *Amarna Sunset: Nefertiti, Tutankhamun, Ay, Horemheb, and the Egyptian Counter-Reformation*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2009; DODSON, Aidan. *Amarna Sunrise... Op. Cit.*; SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. *Nefertiti, sacerdotisa, deusa e faraó*. Rio de Janeiro: Madras, 2012; WATTERSON, Barbara. *Amarna. Ancient Egypt's Age of Revolution*. Stroud: Tempus, 2002.

⁴⁰⁹ Como o nome Amenhotep (“Amon está satisfeito”) faz referência ao deus Amon, o faraó o trocou para Akhenaton (“Aquele que é útil para Aton”), para homenagear o novo deus dinástico.

⁴¹⁰ Aldred foi um dos pesquisadores que defendia a ideia de que Amenhotep IV passou por um período de corregência com seu pai, antes de assumir o trono (para tanto ver: ALDRED, Cyril. *Akhenaten... Op. Cit.*, pp. 169 – 182). Uma descoberta arqueológica de 2014 sustenta essa teoria. O relato sobre ela pode está disponível no site do Instituto de Estudio del Antiguo Egipto em: <http://www.ieae.es/#!noticia-espanoles-descubren-la-prueba-de-c1ahr> (declaração do Ministro de Antiguidades do Egito, Dr. Mohamed Iahm) e <http://www.ieae.es/#!noticia-descubrimiento-importante-ieae/cig9> (comunicado oficial).

que o próprio contexto havia mudado drasticamente. Possivelmente, aos olhos do faraó, a prática militar era pouco necessária e as próprias negociações com Grandes Reinos já teriam perdido parte de sua importância, uma vez que o Egito já estava entre as Potências e estas, aparentemente, não queriam se desfazer da aliança egípcia.

As mudanças propostas por Akhenaton, então, poderiam responder a esse novo contexto. Contudo, é pouco provável que elas tenham afetado as relações com seus vizinhos. Sabemos que o conjunto de cartas está incompleto, mas, ainda assim, como aponta Bryce, a quantidade que temos é uma evidência de que o contato não foi interrompido e, para além disso, se os Grande Reis achavam que o Egito estava passando por um momento de instabilidade, eles não deixaram nenhum sinal nas cartas⁴¹¹.

3.2. MITANI

If ever the cliché "forgotten empire" could be applied to an ancient state, it must be Mitanni.

Jona Lendering

Mitani certamente é um nome pouco conhecido por nós, mesmo dentro do mundo acadêmico. Parte disso se dá pela própria escassez de fontes, uma vez que, por exemplo, até hoje não conhecemos o local exato em que sua capital, Washukanni, ficava⁴¹². Ademais, apesar de ter exercido grande poder no Antigo Oriente Próximo, seu auge durou por pouco tempo, ascendendo somente no século XVI AEC e tendo a decadência e o fim de seu império no século seguinte. A combinação desses fatores significa a carência de documentos de dentro do território mitânico e, portanto, possuímos hoje apenas referências externas⁴¹³. Como consequência, são poucas as pesquisas acadêmicas especificamente sobre Mitani, o que, por sua vez, o torna ainda mais desconhecido para nós.

O problema historiográfico colocado pelo estudo do estado mitânico e de seu papel no Oriente Antigo pode ser resumido em uma frase: conhecido por fontes exteriores ao seu território, Mitani, não poderia se

⁴¹¹ BRYCE, Trevor. *Letters of...Op. Cit.*, p. 23.

⁴¹² Segundo EVANS, Jean M. **The Mitanni State**. IN: ARUZ, Joan; BENZEL, Kim; EVANS, Jean M. (eds.). *Beyond Babylon*. Art, Trade, and Diplomacy in the Second Millennium B.C. Nova York: The Metropolitan Museum of Art, 2008, p. 195, uma possível localidade que, após escavações, pode se provar ser a capital mitânico é a atual Tell Fakhariyah. Evans também afirma que, apesar de não conhecermos a capital, uma das cidades reais já foi identificada. A antiga Taide hoje é conhecida por Tell al-Hamidiya, no norte da Síria, perto da fronteira com a Turquia e com o Iraque.

⁴¹³ FREU, Jacques. *Op. Cit.*, p. 15.

apresentar, até agora, como objeto nem como a entidade política que as pesquisas indiretas tornaram possível [de se conhecer] por meio das numerosas menções feitas em textos egípcios, hititas e assírios.⁴¹⁴

Um dos poucos trabalhos específicos no tema é de Jacques Freu que, em um livro lançado recentemente, busca escrever a História de Mitani. Segundo Freu, os arquivos de Amarna representam a maior documentação em linguagem hurrita descoberta até hoje⁴¹⁵ e, por isso, as pesquisas sobre Mitani frequentemente remetem às Cartas. É comum, também, que esses estudos permeiem assuntos relacionados aos embates com Hatti. Fica claro, com isso, que os trabalhos sobre Mitani são focados em questões externas, não internas. São raras as pesquisas sobre modos de vida e culto hurritas, ainda mais para o caso mitânio.

Outro problema ao estudar Mitani, como afirma Paul Garelli, é identificar sua própria identidade. Muito se discutiu sobre Hurri e Mitani, questionando se estes seriam o mesmo reino ou reinos diversos⁴¹⁶. A teoria defendida por Albrecht Goetze, diz que Mitani era uma unidade política, surgida entre os territórios hurritas durante o segundo milênio AEC. Contudo, apesar de conferir grande poder e força para aquele povo, não foi capaz de o unificar. Assim, teriam existido dois territórios para de controle hurrita: Mitani, ao sul, e Hurri, ao norte⁴¹⁷. Tais territórios, ao menos durante os governos de Tushratta e Suppiluliuma, teriam relações hostis, sendo, então, inimigos⁴¹⁸. Em contrapartida, Freu, afirma que Hurri e Mitani são dois nomes diferentes para um único reino⁴¹⁹, e esta é a teoria mais aceita. Segundo Liverani, Mitani e Hurri eram, de fato, o mesmo território, sendo Mitani o nome de *Estado* do país Hurri, ou seja, o primeiro designava uma qualidade política, enquanto o segundo, era a realidade étnica⁴²⁰. Para que fique mais claro, hoje também temos essa diferenciação de nomenclatura, com

⁴¹⁴ FREU, Jacques. *Op. Cit.*, p. 15. Tradução da autora.

⁴¹⁵ FREU, Jacques. *Op. Cit.*, p. 9.

⁴¹⁶ GARELLI, Paul. *O Oriente Próximo Asiático: das origens às invasões dos povos do mar*. São Paulo: Pioneira, EDUSP, 1982, p. 308.

⁴¹⁷ No livro GIORDAN, Mário Curtis. *História da Antiguidade Oriental*. Petrópolis: Vozes, 1969 o autor dedica um breve capítulo para falar sobre os povos hurritas. Nele, defende que existiam dois reinos, o de Hurri e o de Mitani, sendo Hurri mais próximo da Anatólia. Contudo, Giordan parece-me bastante ultrapassado em seu texto. Além de ter essa teoria como certa, sequer aponta a possibilidade de Mitani e Hurri serem o mesmo local – ele, inclusive, indica a localidade da dita capital de Hurri (mas não a de Mitani). O autor, também, faz afirmações bastante questionáveis e de forma bastante simplista.

⁴¹⁸ GOETZE, Albrecht. On the Chronology of the Second Millennium B. C. (Concluded). IN: *Journal of Cuneiform Studies - JCS*. v. 11, n. 3, 1957, pp. 67 – 68.

⁴¹⁹ FREU, Jacques. *Op. Cit.* p. 16.

⁴²⁰ LIVERANI, Mario. Hurri e Mitanni. IN: *Oriens Antiquus*, v. I, 1962, pp. 253 – 257.

“República Federativa do Brasil” como nome oficial (qualidade política) do Brasil (realidade étnica).

No mesmo momento em que cassitas conquistavam a Babilônia e grupos da Ásia Menor entravam na Anatólia, formando o que conhecemos como Reino Hitita; havia ainda mais um grupo estranho à região se assentando no Oriente Próximo. Esse grupo estabeleceu-se entre os hurritas⁴²¹, formando um reino chamado Mitani, que se localizava ao norte da Mesopotâmia, a leste da Anatólia, entre os rios Tigre e Eufrates⁴²². Apesar da população hurrita, acredita-se que os reis mitânicos eram de origem indo-ariana⁴²³. O argumento baseia-se nos nomes dos governantes e alguns deuses do panteão, que teriam origem indo-ariana⁴²⁴. Enquanto a aristocracia possuía nomes bastante influenciados, a grande massa popular, porém, era hurrita. Segundo Garelli, nas extremidades do território (Alalah, Qatna, Tunip, Ugarit) a predominância hurrita era esmagadora; e, em Nuzi, dois terços dos nomes analisados são, também, hurritas. Reis e príncipes, por outro lado, ostentam nomes que Garelli explica por meio do Veda⁴²⁵: Artatama (*R̥ta-dhāma*), que significa “aquele cuja residência é a lei divina”; Parsashatar (*Para-sastar*), “o que castiga os inimigos”; e Tushratta (*Tuish-ratta*), “o que possui o carro de esplendor”⁴²⁶. A aristocracia indo-ariana, porém, não significou um domínio cultural na região, que se manteve com a língua e com o modo de vida hurrita. Alguns nomes de membros da família real, ainda de acordo com Garelli, eram hurritas, como Tadu-Heba e Gilu-Heba⁴²⁷.

Contudo, devemos lembrar que a dominação indo-ariana é apenas uma teoria e há outras formas de explicar o aparecimento de tal influência entre os hurritas. Gernot

⁴²¹ De acordo com ROUX, Georges. *Ancient Iraq*. Londres: Penguin, 1992, p. 125 e p. 234, os hurritas possivelmente eram originários da Armênia, mas, já no Período Acádio (terceiro milênio AEC), haviam se assentado entre Urkish (nos Montes Tauro, sul da Turquia), Nawar (provavelmente em algum lugar do Curdistão, no Iraque),

⁴²² ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 225.

⁴²³ Uma discussão sobre a influência ariana sob a população hurrita, em termos linguísticos e de escrita, pode ser vista em: FOURNET, Arnaud. About the Mitanni-Aryan Gods. IN: *The Journal of Indo-European Studies*, v. 38, n. 1 e 2, 2010, pp. 1 – 15.

⁴²⁴ BRYCE, Trevor. *Letters of...* *Op. Cit.*, p. 35; GARELLI, Paul. *Op. Cit.*, pp. 144 – 145; WILHELM, Gernot. *The Hurrians*. Warminster: Aris and Phillips Ltd, 1989, pp. 2 – 18; e FREU, Jacques. *Op. Cit.*, pp. 19 – 20. A presença de deuses indo-arianos pode ser vista, por exemplo, em cartas hititas, que falam de Mitra, Varuna, Indra, e os Nasatyas entre divindades de Mitani, como KBo 1.1, em: BECKMAN, Gary M. *Hittite Diplomatic Texts*. Atlanta: Scholars Press, 1996, pp. 37 – 50.

⁴²⁵ Veda é o nome dado às quatro obras indianas mais antigas sobre o hinduísmo

⁴²⁶ GARELLI, Paul. *Op. Cit.*, p. 144 e WILHELM, Gernot. *Op. Cit.*, p. 18. Garelli ainda cita exemplos das cidades Kadesh (governada por Aitagama, *Eta-gama*, “o que tem andar de antílope”) e Damasco (Biryawaza, *Vīrya-vāja*, “(o que possui) o preço da bravura”).

⁴²⁷ GARELLI, Paul. *Op. Cit.*, p. 145.

Wilhelm nos fala, por exemplo, que escribas que conheciam mais do que uma língua, facilmente poderiam introduzir nomes de variadas localidades para um outro povo⁴²⁸. Podany, por sua vez, afirma que, aparentemente, quase todos os reis de Mitani tiveram nomes hurritas antes de assumir o trono e muitos membros da família real eram nomeados em referência a deuses hurritas⁴²⁹. Wilhelm também alega que conhecemos a referência a deuses indo-arianos dentro do panteão hurrita por meio de apenas duas versões de tratados políticos⁴³⁰. Para Podany, além disso, a importância conferida aos deuses hurritas era maior do que aos deuses indo-arianos⁴³¹. Von Dassow afirma que Mitani não foi formada por uma população ariana recém-chegada e que apenas uma pequena parte do vocabulário e verbos foram incorporados na língua hurrita. Assim, para a autora, não há material linguístico suficiente que ateste a presença ou o domínio indo-ariano em Mitani⁴³². Fica claro, porém, que o contato existia, resta-nos saber qual era o grau desse conhecimento. É possível que os reis, fossem descendentes indo-arianos, mas se considerassem hurritas e mantivessem nomes indo-arianos como uma forma de tradição⁴³³, ou ainda, mesmo que não houvesse uma ligação direta, a presença de nomes indo-arianos indica, pelo menos, que eles eram usados como uma forma de distinção social e um elemento qualificador⁴³⁴.

Um outro argumento a favor da dominação indo-ariana está na estruturação de Mitani. A teoria mais aceita é a de os governantes de Mitani eram descendentes de imigrantes, falantes de uma língua parecida com o sânscrito, que teriam chegado na Ásia Central e unificado a região em meados do século XVI AEC⁴³⁵. É nesse momento que encontramos os primeiros registros indo-arianos em território hurrita, e, no século seguinte, os vestígios se tornaram mais comuns⁴³⁶. O primeiro rei mitânico, conhecido

⁴²⁸ WILHELM, Gernot. *Op. Cit.*, p. 18.

⁴²⁹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 154.

⁴³⁰ WILHELM, Gernot. *Op. Cit.*, pp. 18 – 19.

⁴³¹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 155.

⁴³² VON DASSOW, Eva. **Levantine Politics Under Mittanian Hegemony**. IN: : CANCIK-KIRSCHBAUM, Eva; BRISCH, Nicole; EIDEM, Jesper (eds). *Constituent, Confederate and Conquered Space*. The Emergence of the Mittani State. Berlin: De Gruyter, 2014, pp. 12 – 13.

⁴³³ *Idem*, pp. 154 – 155.

⁴³⁴ MARTINO, Stefano de. **The Mittani State: The formation of the Kingdom of Mittani**. IN: CANCIK-KIRSCHBAUM, Eva; BRISCH, Nicole; EIDEM, Jesper (eds). *Op. Cit.*, p. 69

⁴³⁵ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 154; e FREU, Jacques. *Op. Cit.*, pp. 16 - 17.

⁴³⁶ GARELLI, Paul. *Op. Cit.*, p. 145.

atualmente, com um nome de origem indo-ariana é Shuttarna, mas a falta de evidências deste período nos impossibilita de chegar a uma conclusão não especulativa⁴³⁷.

Pouco sabemos sobre o período de formação e expansão de Mitani, assim, as datas de sua origem são apenas uma estimativa. Existem, de acordo com Martino, duas hipóteses sobre a formação do Reino de Mitani. A primeira afirma que Mitani já existia e era poderoso no final do século XVII AEC ou início do XVI AEC⁴³⁸. Se essa teoria estiver certa, os primeiros reis de Mitani teriam sido contemporâneos de grandes reis hititas, como Mursili I e Hattusili I. Podemos imaginar, então, que os conflitos com Hatti têm origem ainda no surgimento do reino de Mitani. Segundo Podany, Mitani também teve que enfrentar os reis da Babilônia e da Assíria, que tinham o objetivo comum de derrotar aquele inimigo que aparecia conquistando territórios no norte da Síria⁴³⁹. As fontes desse período, porém, não mencionam explicitamente o nome “Mitani”⁴⁴⁰, apenas “rei das tropas hurritas”, “o inimigo hurrita” ou ainda (em uma referência babilônica) “as tropas de Hanigalbat”⁴⁴¹. Isso pode acontecer, por exemplo, por não haver uma unidade organizada em forma de reino hurrita, tendo tribos ou grupos na região, mas não de modo unitário. Por outro lado, de acordo com a análise de Van Koppen, há uma diminuição de escravos provenientes da região ao norte da Mesopotâmia, possivelmente dada pela existência (de pelo menos 50 anos antes do final do Período Dinástico Inicial) de uma unidade política hurrita, mas ainda de dimensões desconhecidas e sob o nome de Hanigalbat⁴⁴².

A segunda hipótese defende que Mitani surgiu graças a um vácuo de poder criado no norte da Síria no período seguinte ao governo de Mursili I, de Hatti, ao final do século XVI AEC. O principal argumento a favor dessa teoria é a, já citada, inexistência do topônimo Mitani nas fontes anteriores. Algumas fontes relatam a existência de grupos organizados, apoiados por hurritas e por Aleppo, em conflito contra as campanhas militares hititas no norte da Síria durante os reinados de Hattusili I e Mursili I. Contudo,

⁴³⁷ MARTINO, Stefano de. *Op. Cit.*, p. 69.

⁴³⁸ *Idem*, pp. 61 – 64.

⁴³⁹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 129.

⁴⁴⁰ Aparece pela primeira vez na tumba de Amenhenet, um funcionário que teria atuado entre os reinos de Ahmose e Tothmés I - o topônimo Mitani está em referência ao reinado deste último

⁴⁴¹ MARTINO, Stefani de. *Op. Cit.*, pp. 62 – 63.

⁴⁴² VAN KOPPEN, Frans. **The Geography of the Slave Trade and Northern Mesopotamia in the Late Old Babylonian Period**. IN: HUNGER, H.; PRUZINSKY, R. (eds). *Mesopotamian Dark Age Revisited*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2004, p. 23.

não há vestígios de que esses grupos hurritas estavam organizados de forma unitária. Pelo contrário, segundo Martino, Hattusili I, tendo encontrado resistência no norte da Síria, estabeleceu uma aliança com um governante hurrita de Tikunani por suporte. Tikunani não era um território grande ou influente, e, por causa disso, a não existência de nenhuma menção a Mitani nos documentos de Tikunani é tida como um dos motivos para se acreditar que não havia um Mitani nesse momento⁴⁴³. Devemos lembrar, porém, que a prova negativa⁴⁴⁴ não deve ser usada como argumento definitivo para se defender algum ponto. Contudo, e aqui concordo com Martino, parece improvável que Tikunani não citaria um reino tão ativo como Mitani supostamente seria, se acreditarmos na primeira hipótese⁴⁴⁵. Além disso, a variedade de títulos para chefes hurritas e a quantidade de reis hurritas (KBo III 60⁴⁴⁶), indicam a fragmentação de grupos hurritas que poderiam funcionar como unidades políticas ou até mesmo tropas mercenárias⁴⁴⁷.

Independentemente do caso, a formação de Mitani, portanto, teve uma íntima relação com as questões militares. Sua ascensão teria acontecido no momento em que o Oriente Próximo passava por uma onda de enfrentamentos e conflitos, com os cassitas na Babilônia, os hititas expandindo-se para o sul e leste, e os tebanos do Egito enfrentando os hicsos em Avaris, para alcançarem a Síria em seguida. Entretanto, não havia uma noção de império presente nesses embates:

Os cassitas não aparentaram ter tido algum projeto para os territórios ao redor deles de nenhuma forma, e a ideia de conquista dos hititas, até então, era para atacar, saquear e sair. Tothmés I era agressivo, mas ainda não tinha um sistema bem-sucedido para impor seu governo nas terras estrangeiras. Os reis de Mitani, em contraste, claramente queriam controlar um império, permitindo que reis vassalos permanecessem no trono enquanto controlava – e compensava – esses vassalos por meio de negociações formais⁴⁴⁸.

O método provou-se mais eficaz e, assim, Mitani se expandiu rapidamente pelo norte da Mesopotâmia e da Síria, e no leste da Anatólia (Mapa 12). Desta forma, Mitani se consolidou e se destacou por sua abordagem diferenciada, mantendo o controle sobre os territórios conquistados, ao mesmo tempo em que estes tinham certa autonomia, desde

⁴⁴³ MARTINO, Stefani de. *Op. Cit.*, pp. 64 – 66.

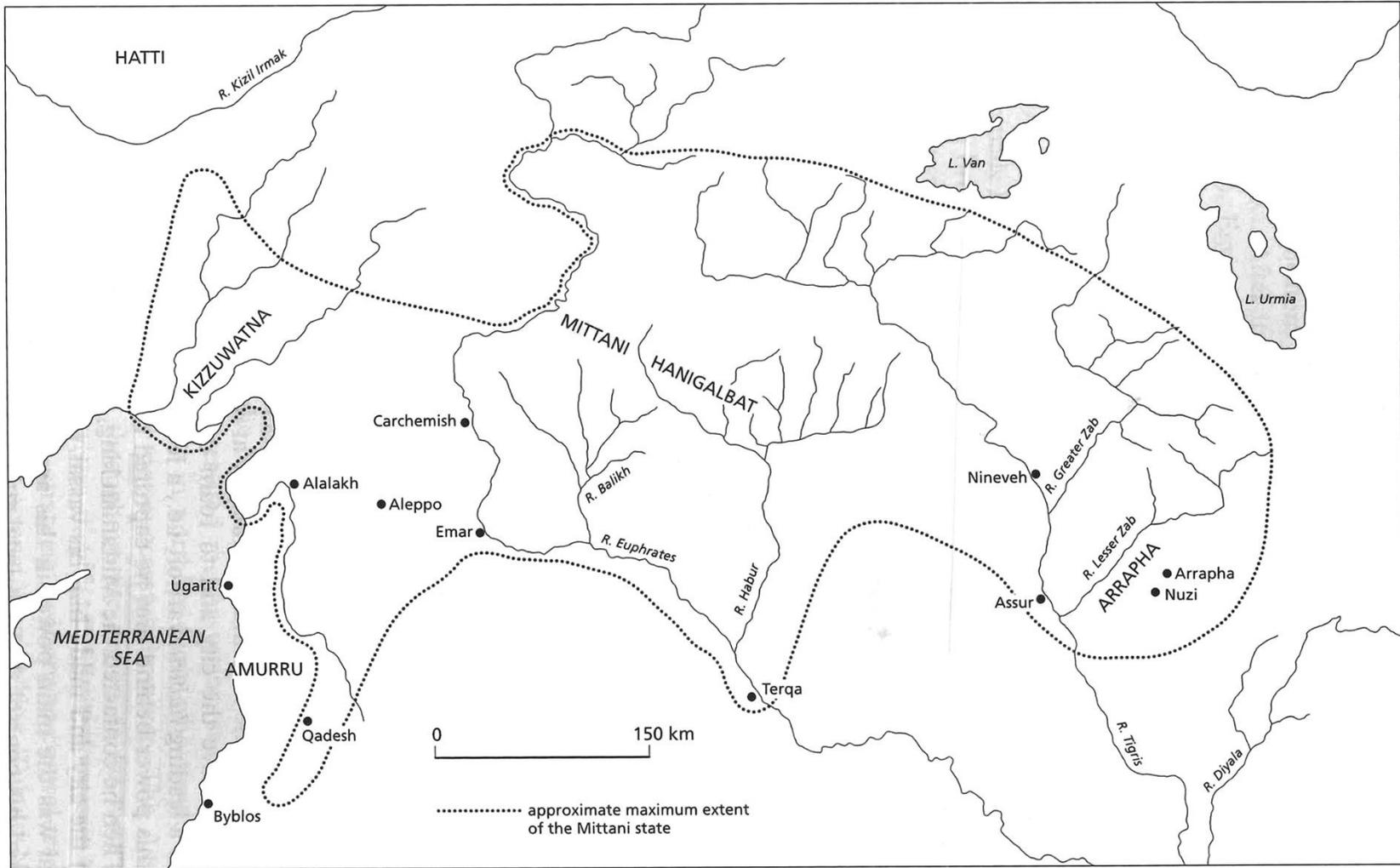
⁴⁴⁴ Tópico 1.4, p. 45.

⁴⁴⁵ MARTINO, Stefani de. *Op. Cit.*, p. 65.

⁴⁴⁶ KBo = Keilschrifttexte aus *Boğazköy* (*Textos Cuneiformes de Boğazköy*)

⁴⁴⁷ MARTINO, Stefani de. *Op. Cit.*, pp. 67 – 68.

⁴⁴⁸ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, p. 156. Tradução da autora.



MAPA 12: Mitani

Fonte: VAN DER MIEROOP, Marc. *A History of Ancient Near East... Op. Cit.*, p. 151.

que respeitassem as demandas do seu soberano. Com essa tática, Mitani garantia o domínio e, conseqüentemente, os tributos; e os subjugados estariam sob proteção mitânica. Esse sistema logo se espalhou, sendo usado pelos outros Grandes Reis⁴⁴⁹. Um exemplo disso já foi dito anteriormente: quando Tothmés I alcançou o rio Eufrates, ele não conseguiu manter um poder de influência na região do Levante; contudo, quando Tothmés III reestabeleceu as fronteiras egípcias, toda a região passou a estar sob um controle mais efetivo, tal qual Mitani havia feito.

Acredito que o surgimento de Mitani acontece como o defendido pela segunda hipótese, no mesmo período em que os tebanos expulsavam os hicsos do Egito. Portanto, o período de expansão desses dois reinos acontece quase simultaneamente. Mitani havia acabado de conquistar a Síria quando Tothmés I iniciou suas campanhas. Por causa das expansões territoriais, os conflitos entre eles surgem nesse momento, quando também encontramos os primeiros registros sobre Mitani no Egito.

Algumas tumbas de soldados egípcios do período relatam as vitórias de Tothmés I na Síria contra *mtn* ou Naharin (nome frequentemente usado pelos egípcios para designar o território de Mitani⁴⁵⁰). O faraó, porém, agiu como teriam agido os hititas, isto é, atacou, saqueou e voltou para casa, sem tentar exercer um controle na região⁴⁵¹. Com isso, Mitani pôde se reestabelecer na região, continuar com seus objetivos imperiais na Síria e no leste da Anatólia e, ainda, teve tempo para estabelecer relações diplomáticas com Hatti, Babilônia e Assíria⁴⁵² (que logo seria cairia no poder de Mitani).

Parattarna I, rei mitânico, já se encaminhava para o fim de seu reinado quando Tothmés III derrotou Megido. Mitani viu-se novamente diante de uma ameaça. Durante o governo de Shaushtatar II, porém, Mitani começa a esboçar negociações com o Egito, após ter conquistado a Assíria. Para Freu, foi neste momento que Mitani alcançou seu apogeu, tendo Shaushtatar II reabilitado sua autoridade na Síria, se aliado com a Assíria

⁴⁴⁹ Sobre o sistema de “vassalagem” implantado nos reinos submetidos, ver capítulo 2; para os casos de dominação egípcia, o tópico 2.2.4.

⁴⁵⁰ Mitani tem vários nomes, já citei três, Hurri, Mitani e Naharin, mas ainda há mais um: Hanigalbat. O uso de cada nome varia com o tipo do documento ou a localidade. Comumente, Mitani era o nome dito pelos próprios mitânicos, mas outros nomes eram usados por outros povos. Como afirma EVANS, Jean M. *Op. Cit.*, p. 194, Mitani frequentemente aparece como “a terra dos Hurritas”, em textos hititas; “Hanigalbat” pode ser usado por hititas, assírios e babilônicos; e “Nahrin” ou “Nahrina”, pelos egípcios. Essa questão de terminologia também pode ser vista em: GELB, Ignace J. *Op. Cit.*

⁴⁵¹ PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, pp. 132 – 133.

⁴⁵² BRYCE, Trevor. *Letters of... Op. Cit.*, pp. 36 – 37.

e estabelecido relações com o Egito de modo a deixar seu território estável pelas próximas cinco gerações, quando, enfim, perderia seu poderio para os hititas⁴⁵³.

Freu divide a história de Mitani em seis períodos: formação (c. 1560 – 1500 AEC), desenvolvimento do império (c. 1500 – 1450 AEC), crise (c. 1450 – 1430 AEC), apogeu (c. 1430 – 1340 AEC), final do império (c. 1340 – 1325 AEC), e dominação hitita e assíria (c. 1325 – 1260 AEC). Podemos perceber que os períodos são curtos, somando um total de trezentos anos entre a formação e a completa divisão de Mitani. De forma breve, podemos dizer que sobre a formação, conhecemos muito pouco, uma vez que não temos documentação direta. O primeiro rei de que se tem vestígios, é Parattarna I e, antes dele, Shuttarna I, do qual possuímos apenas um selo real, usado posteriormente por Shaushtatar⁴⁵⁴. Há, ainda, nas referências bibliográficas um outro nome, Kirta, sobre o qual os autores não comentam, possivelmente por falta de vestígios. Kirta aparece como o fundador da dinastia Mitânia e Mirko Novák coloca seu reinado por volta do ano 1500 AEC, sendo contemporâneo de Mursili I de Hatti⁴⁵⁵. Sobre o período de desenvolvimento do reino, podemos destacar os reis Barattarna I (ou Parshatatar I) e Shaushtatar I, que conquistaram as regiões na Síria e colocaram Mitani entre os Grandes Reis. Em seguida vem um momento de crise, em que houve disputas com Hatti (Tuthaliya I e Ḫattushili II) e Egito (Tothmés III e Amenhotep II). O apogeu acontece quando esses conflitos são superados e o reino de Mitani pode se estabilizar novamente. Novas disputas com Hatti, porém, levam ao declínio do império, durante o governo de Tushratta. Com a derrota, Mitani se enfraqueceu e seu território foi dividido entre hititas e assírios⁴⁵⁶. Tushratta teria sido, então, o último rei de Mitani, e, por isso, as Cartas de Amarna podem nos mostrar aspectos tanto do apogeu quanto da fragmentação desse reino. Martino acredita que a

⁴⁵³ Por ser um assunto extenso, essas questões são debatidas várias partes de FREU, Jacques. *Op. Cit.* O governo de Shaushtatar II e seus sucessores pode ser visto a partir da página 65.

⁴⁵⁴ MARTINO, Stefano de. **A Tentative Chronology of the Kingdom of Mittani from its Rise to the Reign of Tušratta.** IN: HUNGER, H.; PRUZSINSKY, R. (eds). *Mesopotamian Dark Age Revisited.* Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2004, p. 36.

⁴⁵⁵ NOVÁK, Mirko. **Mittani Empire and the Question of Absolute Chronology: Some Archaeological Considerations.** IN: BIETAK, M.; CZERNY, E. *The Synchronisation of Civilizations in the Eastern Mediterranean in the Second Millenium B.C.* Wien: Proceedings of the SCIAM 2000 – 2ndEuro Conference, 2007, p. 390.

⁴⁵⁶ FREU, Jacques. *Op. Cit.*, pp. 221 – 223.

morte mencionada na carta EA43, enviada pelo rei hitita para o Egito, poderia se referir ao próprio Tushratta⁴⁵⁷.

No período das Cartas de Amarna, Mitani estava em seu apogeu, mas já estava e face de disputas com os hititas. Apesar das cartas de Hatti com o Egito falarem sobre a paz e a igualdade entre os Grandes Reis, os hititas tomavam a parte norte da Síria, convencendo territórios subjugados a converterem-se a eles. Foi o caso de Amurru, Shechem e Kadesh, por exemplo. Por mais que as correspondências de Mitani não deixem evidente que o rei se via ameaçado, podemos imaginar que a crescente conquista de território por parte dos hititas alertasse Tushratta sobre o perigo eminente. Uma carta de Suppiluliuma I nos mostra essa preocupação:

Uma segunda vez que o rei Tushratta foi presunçoso comigo e disse como segue: “Por que você está saqueando na margem oeste do Eufrates?” – assim disse rei Tushratta – “Se você saquear as terras da margem ocidental do Eufrates, então eu também vou saquear as terras da margem ocidental do Eufrates”. O rei Tushratta desejava tê-la sob controle(?). “Se você as pilhar, o que vou fazer com eles? Se um cordeiro ou se uma criança da minha terra é... Eu vou cruzar a partir da margem oriental do Eufrates” [...] E eu, minha majestade, Suppiluliuma [...] Eu alcancei a cidade de Washshukkanni em busca de pilhagem. Eu trouxe para Hatti o gado, ovelha, e cavalos do distrito de Shuta, junto com suas possessões e seus cativos civis. Mas o rei Tushratta fugiu. Ele não veio contra mim para batalhar⁴⁵⁸.

Fica evidente que Mitani e Hatti ainda estavam em conflito, pleiteando pelos territórios nas margens do Eufrates. Por ser uma região fronteiriça, a influência naquelas cidades não corresponde necessariamente ao reino que a domina, mas à presença mais efetiva. Um exemplo disso é a relação recém citada com as cidades de Amurru, Shechem e Kadesh⁴⁵⁹. Contudo, o domínio territorial ainda garantiria benefícios econômicos e,

⁴⁵⁷ MARTINO, Stefano de. *A Tentative... Op. Cit.*, p. 39. A carta por si só, contudo, está muito fragmentada para que essa conclusão possa ser afirmada. Martino se baseia em outros textos e na contextualização temporal para propor essa ideia.

⁴⁵⁸ Trechos de CTH 51, KBo 1 1, presentes entre as linhas 1 e 29. BECKMAN, Gary M. *Op. Cit.*, p. 38. Tradução da autora, do inglês.

⁴⁵⁹ No tópico 2.2.4, podemos ver um pouco sobre como a zona de influência agia nesses povos.

portanto, mesmo que a lealdades e a influência local não fosse definida pelo seu suserano, os tributos e as rotas eram.

As relações om o Egito, as discussões parecem mais econômicas do que militares. Tushratta mostra-se insatisfeito com a quantidade e qualidade dos presentes que recebe, mas não chega a se aprofundar nas relações com Hatti. Não conhecemos os motivos para isso, mas podemos imaginar algumas explicações, sobre as quais abordarei no próximo tópico.

3.3. AS RELAÇÕES ENTRE EGITO E MITANI

Passamos o dia travando uma cordial batalha de jurisdições, um intercâmbio sorridente de minas e contraminas, de saídas e retiradas, de prisões e resgates.

Julio Cortázar

Os primeiros contatos pessoais⁴⁶⁰ entre Egito e Mitani possivelmente aconteceram com as expedições de Tothmés I na Síria, que foram descritas na tumba de Ahmés, filho de Ibana, em Elkab, por exemplo⁴⁶¹. Contudo, tais inscrições foram feitas por descendentes dos oficiais egípcios, em meados da XVIII Dinastias, quando Tothmés III já estava com campanhas vitoriosas na Síria⁴⁶². Com isso em mente, podemos retomar a teoria de Bryan sobre as referências ao reino de Mitani só aparecerem no Egito no ano 33 do reinado de Tothmés III. Se Mitani era considerado um reino muito poderoso, a partir do momento em que o Egito começa a conquistar parte dos territórios subjugados a ele, tais feitos deveriam ser lembrados⁴⁶³. Por causa disso, inscrições referenciando vitórias nas regiões da Sírio-Palestina passam não somente a aparecer, mas a serem frequentes. Afinal, tais feitos militares eram uma memória que valia a pena manter para uma boa existência após a morte, não somente para o faraó, mas também para os próprios

⁴⁶⁰ No primeiro capítulo apresento as concepções de contato, sendo este, em instância primária, o conhecimento sobre o outro. O contato pessoal é um passo além, isto é, quando além de conhecer há uma interação, que pode ser direta (encontros físicos), ou indireta (troca de mensagens por outros meios, como cartas).

⁴⁶¹ Ver nota 392.

⁴⁶² BRYAN, Betsy M. **The Egyptian Perspective on Mittani**. IN: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Op. Cit.*, p. 71.

⁴⁶³ Destaco aqui a importância da memória e da lembrança para os egípcios, sobre a qual discutimos no decorrer do primeiro capítulo.

oficiais⁴⁶⁴. As ocorrências são cada vez mais numerosas e as Cartas de Amarna refletem os acontecimentos.

Uma fonte essencial para entender como as interações entre Egito e Mitani aconteceram é a carta EA29. Nela, Tushratta relata como, segundo ele, as relações se formaram e mantiveram nos últimos anos. Devemos ter em mente, porém, que a carta foi escrita para convencer Akhenaton de que seus atos eram inadequados. Nesse sentido, é bastante apropriado que se fale sobre o esforço dos reis egípcios anteriores a ele em manter a boa convivência com Mitani. Por isso, podemos encontrar diversas passagens com esse tipo de referência. Ironicamente, esta foi a última carta que Tushratta enviou ao Egito – pelo menos entre as que foram encontradas. Ele diz:

Quando [Min-kheperu-Re'], o pai de [Ni]mmureya, escreveu para Artatama, meu avô, e requisitou a filha de [meu] a[vô], ele escreveu cinco vezes ou seis vezes, mas ele não a deu. Apenas quando [ele escre]veu [para meu avô] a sétima vez, então sob tal pressão ele a deu. Quando Nimmureya, seu pai, [escreveu] para Shut[arna], me[u] pai, e requisitou a filha de meu pai, minha própria irmã, três vezes ou quatro vezes ele escre[veu], mas [ele não deu] ela. Apenas quando ele escreveu a quinta vez ou sexta vez, então sob tal pressão, ele [a] d[e]u.

Qua[ndo] Nimmureya, [seu pai], escreveu para mim e requisitou minha filha, então eu [não] disse “Não”. Na [mesma] primeira v[ez], eu disse [para] seu emissário, “eu certamente a darei”. Quanto ao emissário, na segunda vez [que] ele veio, ele derramou óleo [sobre] [a cabe]ça dela e eles trouxeram o preço da noiva dela, e então eu de[i] ela. [E o] preço [da no]iva de Nimmure[ya], seu [pai], que ele [trou]xe era sem limite; isso ultrapassou céu e terra. Eu não [disse], “eu [nã]o vou a dar”. Eu enviei com toda a devida velocidade Haanash[i], o [emissário] de m[eu] irmão, [p]ara Nimmureya. [E e]m três mese[s co]m grande pressa [ele envi]ou[-o de volta] e ele enviou quatro sa[cos] cheios de [ou]ro, [sem inclu]ir as joias [que seu] pai en[viou] separadamente.”⁴⁶⁵

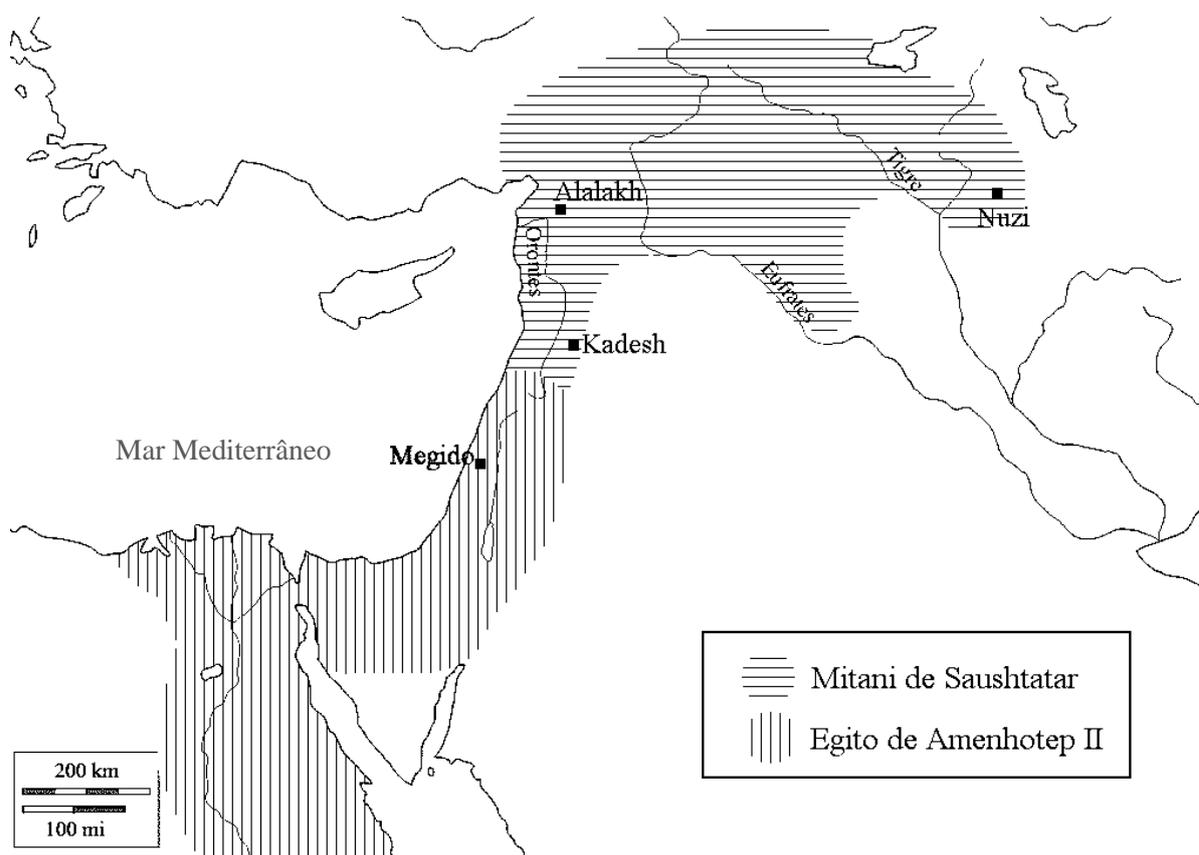
Ao retomar as relações com Tothmés IV e Amenhotep III, o rei mitânio exalta a disposição e insistência dos egípcios para garantir a amizade entre os reis. É possível que

⁴⁶⁴ Os motivos para isso foram discutidos no primeiro capítulo, com a questão da memória, do tempo e da história para os egípcios.

⁴⁶⁵ Trecho da carta EA29, linhas 16 – 27.

esse tipo de argumento servisse para convencer Akhenaton da importância conferida pelos seus antepassados ao relacionamento com Mitani. Além disso, Tushratta também usa a retórica para se favorecer, mostrando que sempre agiu com prontidão, enquanto seu pai e seu avô precisaram de mais energia e empenho para serem convencidos.

O estilo de escrita das cartas possui motivações específicas, como visto no capítulo anterior⁴⁶⁶. A retórica deve ser entendida, então, como um discurso persuasivo e, como já dito por Foucault, o discurso é uma forma de estabelecer relações de poder⁴⁶⁷. A finalidade da correspondência é convencer, não relatar eventos tal qual eles ocorreram. Assim, não é uma surpresa encontrar pontos divergentes ou omissões sobre o que foi narrado. Um exemplo disso está na carta EA20 (dirigida a Amenhotep III) em que



MAPA 13: Territórios aproximados do Egito e Mitani nos governos de Amenhotep II e Saushtatar.
Mapa da autora, com base de “d-maps.com”.

⁴⁶⁶ Ver tópicos 2.2.1 e 2.2.2.

⁴⁶⁷ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

Tushratta afirma que atrasará o envio dos mensageiros ao Egito, por ocasião da preparação da comissão que acompanhará sua filha ao Egito.

E por causa disso, Mane irá se atrasar um pouco. Meu irmão, Keliya e Mane [eu vou] liberar prontamente e eu não vou sobrecarrega-los, [a]ssim, meu irmão, com a tarefa de finalizar o trabalho. Eu não realizei o trabalho para [fazê-lo] dez vezes (mais) para a esposa de meu irmão, mas agora eu vou fazer o trabalho.

Em seis meses, Keliya, meu emissário, e Mane, o emissário de meu irmão, eu vou liberar. A esposa de meu irmão eu vou ent[regar] e eles irão a levar para meu irmão. Que <Sha>ushka, minha senhora, a senho[ra das terras e] de [me]u [irmão], e Amon, o deus de meu irmão, faça [ela] corresponder ao [desejo de meu irmão].⁴⁶⁸

A evidência de um atraso, mesmo quando justificado, não representa uma urgência ou a velocidade sobre a qual Tushratta fala na EA29. Se voltarmos à EA29, em outro trecho, Tushratta elogia Amenhotep III, falando que suas atitudes foram sempre boas e exemplares.

[E qualquer coisa que] Nimmureya, seu pai, continuamente discutiria comigo, ele nunca me causou aflição de nenhuma [forma]. E qualquer palavra que eu dissesse, então, naquele mesmo dia, [ele] as fazia. [E quanto a mim], em sentido algum eu causei aflição a ele, e qualquer [palavra que ele iria di]zer para mim, então naquele mesmo dia, eu faria aquilo.⁴⁶⁹

Esse é outro ponto que pode ser questionado quando comparado com as cartas enviadas ao faraó Amenhotep III. Na mesma EA20, encontramos o seguinte trecho, por exemplo:

Mas, meu irmão levará ao coração que meu coração ficou um pouco aflito. E ele só pode ser amolecido. Nunca mais que Teshub permita-me que eu deva me enfurecer assim com meu irmão. Assim eu tenho falado com meu irmão para que ele saiba.⁴⁷⁰

⁴⁶⁸ Trecho da carta EA20, linhas 18 – 24.

⁴⁶⁹ Trecho da EA29, linhas 12 – 15.

⁴⁷⁰ Trecho da EA20, linhas 60 – 63.

Fica evidente, então, que as relações com Amenhotep III nem sempre foram tão boas como Tushratta faz parecer. Nesse sentido, as cartas demonstram o uso da retórica como artifício persuasivo. Naturalmente, cada pessoa é convencida por meio de métodos diferentes, o que pode explicar as diferenças entre as investidas de Tushratta diante de cada faraó. A rigidez que ele demonstra nas cartas de Amenhotep III é menor do que a com Akhenaton e é menos agressivo, declarando as suas boas intenções e compreensão perante o governo de Amenhotep III. No caso de Akhenaton, Tushratta exige mais do faraó, questionando, inclusive, as intenções dele.

Essa mudança de comportamento pode ser explicada de diversas formas. Mais comumente, aceita-se que a postura mais severa de Tushratta é uma resposta a negligência de Akhenaton diante dos assuntos diplomáticos. Contudo, devemos lembrar que uma teoria não pode ser tida como fato, mesmo quando aceita por muito tempo⁴⁷¹. Não podemos afirmar que Akhenaton tenha sido, de fato, negligente sem antes ter uma análise completa sobre o caso – o que, por sua vez, é difícil, já que não possuímos as cartas enviadas pelo faraó. Proponho, aqui, pensarmos em diferentes opções para essa variação. É claro, porém, que é possível que Akhenaton tenha sido negligente e não podemos descartar essa possibilidade. Contudo, outras motivações podem explicar a divergência de arcações retóricas.

Começo expondo a recém citada questão da metodologia mais eficaz. É possível que as declarações de Tushratta, tal qual eram feitas para Amenhotep III, não atingissem a consciência de Akhenaton. Entretanto, acredito que isso, de modo isolado, seja pouco provável, uma vez que a reclamação de Tushratta permanece a mesma nas cartas, podemos entender que Akhenaton não aceitava os termos de seu vizinho.

Outra possibilidade é a de que o Egito não estivesse com condições de manter o acordo previamente estabelecido. Reeves⁴⁷² acredita que, com as mudanças propostas por Akhenaton e a consequente construção da cidade de Akhetaton, o Egito teria entrado em uma crise econômica. Em termos diplomáticos, essa teoria não pode ser confirmada. Apesar dos reis constantemente reclamarem da qualidade e quantidade de ouro enviados, sabemos que esse tipo de reclamação fazia parte de argumentos persuasivos, pelo menos,

⁴⁷¹ Discussão trazida por GEE, John. *Op. Cit.*, presente no tópico 1.4 deste trabalho.

⁴⁷² REEVES, Nicholas. *Akhenaten and the Amarna Pharaohs*. Madri, 30/05/2002. (Palestra). Disponível em: <http://www.nicholasreeves.com/item.aspx?category=Events&id=168>

desde os tempos de Amenhotep III. Contudo, as cartas não demonstram alguma instabilidade econômica e os reis continuam falando sobre a grande quantidade de ouro que o Egito possuía⁴⁷³. Ademais, um trecho da carta EA27 diz:

E estátuas de ouro sólido fundido, uma estátua de mim e outra estátua para a estátua de Tadu-Heba, minha filha, eu requisitei de seu pai, Mimmureya. E seu pai disse: “desista de estátuas apenas de ouro fundido, e eu vou te dar (estátuas) de lápis-lazúli e outro ouro, além disso, (e) muitos materiais sem limite com as estátuas eu vou te dar”. E quanto ao ouro para as estátuas, todos os meus emissários que estavam no Egito o viram com seus próprios olhos, e quanto as estátuas, foi seu pai, na presença de meus emissários, que as moldou, as trabalhou, as finalizou, as purificou. E quando a modelagem aconteceu, meus emissários viram com seus próprios olhos e quando elas {estátuas} foram terminadas e elas foram purificadas, com seus próprios olhos eles {emissários} viram.

*E ele {Mimmureya} mostrou muito outro ouro, sem limites, que ele estava enviando para mim. E ele disse para meus emissários, “Agora as estátuas e agora muito ouro e muitos materiais sem limites eu estou enviando para meu irmão, então veja com seus próprios olhos”. Então meus emissários viram com os seus próprios olhos.*⁴⁷⁴

Tushratta afirma que seus mensageiros haviam visto o ouro e as estátuas, portanto, a falta do ouro não parece ser aplicável. Por outro lado, outras questões surgem com isso: se o presente prometido para Tushratta estava pronto, por que ele não foi enviado? Mesmo com a morte de Amenhotep III neste meio tempo, Akhenaton poderia ter feito o envio. Há a possibilidade de Akhenaton ter derretido o ouro e o usado para outros fins, contudo, não me parece que o faraó tomaria tal atitude, arriscando suas relações com Mitani, tendo outras fontes de ouro disponíveis. Talvez, o acordo feito por Amenhotep III e Tushratta não fosse exatamente como o relatado para Akhenaton. As perguntas que surgem com

⁴⁷³ O rei Burnaburiash uma vez perguntou sobre o ouro egípcio, dizendo: “Agora, meu irmão me enviou duas minas de ouro como presentes. Agora <s>e ouro é abundante, envie-me tanto quanto seus pais. Mas se é escasso, envie-me metade do que seus pais (enviaram). Por que você me enviou apenas duas minas de ouro?”. (Trecho da EA9, linhas 11 – 14. RAINEY, Anson F. *Op. Cit.*, v.1., p. 93. Tradução da autora). Contudo, as cartas seguintes não deixam nenhuma evidência de que o faraó teria dito sobre a falta de ouro e Burnaburiash continua pedindo por presentes melhores.

⁴⁷⁴ Trecho da carta EA27, linhas 19 – 31.

isso são muitas. Se os termos acordados não fossem os que Tushratta afirma, e as reclamações não passassem de uma tentativa de conseguir mais ouro do que o combinado, por que a insistência em falar de Tiye? Se ela conhecia, de fato, os termos e eles fossem como Tushratta afirma, Akhenaton possivelmente teria os respeitado, uma vez que a questão da maternidade era muito valorizada no Egito e, no Período de Amarna, as cenas envolvendo questões cotidianas demonstram a importância conferida à família por ele. Chego, assim, em um ponto paradoxal para o argumento. Tiye parece-me uma articuladora dessas negociações entre Egito e Mitani, não somente pelas constantes referências ao seu nome, mas por ser ela a receptora da primeira carta conhecida (EA26) depois da morte de seu marido, Amenhotep III. Isso significa que, ao menos aos olhos de Tushratta, Tiye possuía um grande poder de influência e era conhecedora das negociações no Oriente Próximo. Contudo, se Tiye conhecia os acordos, e estes não eram exatamente como os que Tushratta afirma, nos resta mais uma opção: uma confusão por parte dos mensageiros ou do rei durante as negociações ou confecção dos presentes. É possível que Tushratta acreditasse que Amenhotep III lhe daria as estátuas em ouro maciço, enquanto Amenhotep III pensasse que as estátuas de madeira revestidas com ouro fossem o suficiente. Nesse caso, quando os mensageiros viram as estátuas prontas, eles sequer perceberam que elas não estavam de acordo com as expectativas de Tushratta.

É possível que o discurso de Tushratta fosse apenas uma forma de retórica, com a finalidade de conseguir melhores termos, apostando no desconhecimento de Akhenaton e que sua governabilidade diferenciada pudesse ser benéfica à Mitani. Também é possível que Tushratta, ou Amenhotep III, acreditasse em um acordo que, na verdade, não existia da forma como o imaginado. Uma vez que o mensageiro agia em nome do rei que representava, algumas negociações, inclusive essa, podem ter sido feitas diretamente por meio deles. Nesse caso, os reis ouviram apenas a versão que seu mensageiro trouxe, não participando ativamente da discussão. Uma terceira possibilidade é a verdadeira negligência de Akhenaton, que, ocupado com suas novas propostas e pertencente a um Egito sem ameaças externas, não via tanta necessidade em manter as amizades crescentes.

Infelizmente, dadas as condições atuais, pela documentação incompleta e o pouco conhecimento sobre Mitani, não podemos chegar a uma resposta sobre o que teria acontecido nesse momento. Contudo, podemos questionar e tentar entender outras motivações que estavam envolvidas nesse relacionamento mitânio-egípcio.

De acordo com Artzi, quando a aliança entre os reis egípcios e mitânios foi formada, a principal pretensão era a de conter a expansão hitita no norte da Síria⁴⁷⁵. Assim, podemos entender que a relação de Tushratta com o Egito se manteve firme por uma garantia de suporte militar, mesmo que as cartas não deixem nenhuma evidência disso. O contexto, e o nosso conhecimento sobre os acontecimentos que ocorrem logo em seguida ao período dos arquivos de Amarna, porém, nos dão um suporte para entendermos algumas questões menos diplomáticas envolvidas nas negociações.

Por anos a região Sírio-Palestina vem sendo alvo de conflitos e disputas de poder, normalmente associadas aos tempos do Califado. Na Antiguidade, porém, isso não era diferente. Geográfica e economicamente interessante (por ser o centro do Oriente Próximo, por onde passam as rotas comerciais e possuir fácil acesso ao mar Mediterrâneo), a Síria sempre proporcionou ganhos para aqueles que a dominavam. O Oriente Próximo era (e ainda é) possuidor de diversos recursos naturais, portanto, o controle ou uma supremacia de vastas áreas da região garantia a riqueza e o poder de determinado reino sobre outros.

Muito antes deles saberem que uma riqueza de petróleo estava abaixo de seus pés, os habitantes do Iraque exploravam uma substância original, betume, que eles obtinham a partir de infiltrações em várias partes do país, em particular na Eufrates Oriente, entre Hit e Ramadi. [...] Mas se a Mesopotâmia era rica em betume, argila e produtos agrícolas, ela era carente em minérios metálicos, bem como pedras rígidas e boas madeiras. Esses materiais já estavam sendo importados do exterior nos tempos proto-históricos, permitindo, assim, o desenvolvimento de uma cultura calcolítica em um país em que não havia metais⁴⁷⁶.

A ausência de metais na Mesopotâmia é um exemplo da necessidade de interação entre os reinos. Caso os reis não estabelecessem acordos econômicos entre si, o desenvolvimento de materiais e técnicas em seus territórios estaria comprometido. O trecho citado demonstra uma das consequências dessa interação: a Idade do Bronze. Como nenhuma região dispõe de todos os elementos, o contato comercial é necessário. Mercadores eram os únicos responsáveis, antes do estabelecimento da diplomacia, por trazer e disponibilizar os objetos e materiais que cada reino precisava. Muitas das rotas

⁴⁷⁵ ARTZI, Pinhas. **The Diplomatic Service in Action: The Mittani File**. IN: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, p. 205.

⁴⁷⁶ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, pp. 12 - 13. Tradução da autora.

utilizadas por esses comerciantes passavam pela Síria, interligando o ocidente e o oriente. Do Cáucaso, do Irã e, possivelmente, do Afeganistão, importavam-se tintas (ao menos antes dos fenícios estipularem o comércio com a região da Espanha no primeiro milênio AEC). O ouro era negociado com a Índia e com o Egito, enquanto a prata provinha das montanhas Zagros. Das proximidades de Zagros, também, vinham madeiras comuns, enquanto o melhor cedro vinha do Líbano ou Amanus, e outros tipos de madeira de qualidade vinham da antiga Meluhha, possivelmente no Vale Hindu⁴⁷⁷. Essa variedade de locais demonstra não só os inúmeros contatos estabelecidos, mas, também, os caminhos percorridos. Fazer essas viagens não era barato e parte dos bens que o comerciante tinha no início da viagem era perdido, seja por assaltos ou taxas pagas aos reis locais.

A partir dessas questões, estabelecer uma relação diplomática garante benefícios econômicos no sentido de possibilitar a troca de presentes em termos recíprocos e de garantir a ida e vinda das caravanas com mais segurança e mais barata. Cada reino era o responsável por toda a região que estivesse dentro de suas fronteiras governamentais, isto é, toda a área de influência que incluísse o reino e seus subjugados. Destas áreas os reis receberiam tributos e livre acesso pelas rotas, contudo, as responsabilidades também estavam presentes. Algumas delimitações tributárias, então, são estabelecidas nessas regiões, uma vez que, como afirma Liverani, “se cada rei menor da Síria-Palestina decidisse também atuar como filtro para assim decidir quem pode ou não passar ou pagar imposto, as comunicações entre Egito e Mitani seriam impossíveis”⁴⁷⁸. Deste modo, além de possibilitar as trocas de materiais, o contato oficial entre os reis estava garantido por meio da irmandade com livre passagem através dos reinos subjugados. Um exemplo disso é a carta EA30, enviada por Tushratta, para que seus mensageiros a mostrassem durante a viagem pelos territórios pertencentes à esfera egípcia:

Para os reis de Cana[ã], os servos de meu irmão, assim (diz) o rei:

Agora, quanto a Akiya, meu emissário, eu o despachei com pressa com toda a velocidade para o rei da terra do Egito, meu irmão.

⁴⁷⁷ ROUX, Georges. *Op. Cit.*, p. 13.

⁴⁷⁸ LIVERANI, Mario. *Relaciones Internacionales...* *Op. Cit.*, p. 90. Tradução da autora.

*Não deixe que ninguém o detenha. Providencie a ele entrada segura para a terra do Egito e o entregue para o comandante da fortaleza da terra do Egito. Deixe ele ir rapidamente. E não deixe haver sub<ornos> exigidos dele.*⁴⁷⁹

Além da possibilidade de presentes, então, os oficiais de grandes reis poderiam transitar no território de seus aliados com a isenção de impostos e taxas no decorrer do caminho, como expresso na carta. Há, assim, duas vantagens econômicas essenciais em se manter uma relação. Para Tushratta, rei de uma região tão distante do Egito, a continuidade da boa convivência não garantia apenas o acesso a materiais egípcios (em especial o ouro), mas, também, a passagem por toda a região Sírio-Palestina.

É nesse mesmo sentido que frases como “essa terra é a terra de meu irmão e esta casa é a casa de meu irmão”⁴⁸⁰ são ditas pelos Grandes Reis. Como eles estão inseridos em um sistema igualitário, deveria haver uma disposição recíproca de bens e a garantia de passagem de uma região para outra. Entretanto, como discutido ao longo do capítulo anterior, a prática é diferente da teoria e os reis buscavam sempre manter os melhores termos em negociações e acordos. Nesse sentido, conseguir manter uma hegemonia era a forma mais eficaz de ter acesso aos materiais desejados. Por isso, apesar de ser incomum encontrarmos disputas diretas entre reinos nas Cartas de Amarna, os territórios menores estavam em constante modificação e seus supervisores variavam – afinal, a diplomacia é feita para manter as potências em seu poder, mas os subjugados, por não serem iguais, não estavam inclusos de mesmo modo no sistema. Não é à toa que existe uma variação da zona de influência dos territórios na Síria, em especial ao norte⁴⁸¹.

Quando Tushratta escreve pela primeira vez para o Egito, ele relata a vitória sobre um inimigo comum, Hatti, e manda espólios de guerra para Amenhotep III, mostrando as boas intenções dele. Na carta Tushratta parece ter chegado ao trono de Mitani em momentos turbulentos e preocupa-se em manter as relações estabelecidas por seus anteriores. Por isso, ao escrever para o faraó, Tushratta mostra-se prestativo e afirma ter resolvido os problemas internos, mostrando que Mitani agora era novamente um reino

⁴⁷⁹ Carta EA30.

⁴⁸⁰ Trecho da carta EA19, linha 70.

⁴⁸¹ Ver mapa 3.

forte e passível de confiança. Uma análise estrutural da escrita desta carta pode nos ajudar a entender como as relações com o Egito foram estabelecidas. Tushratta começa dizendo:

Quando eu sentei no trono de meu pai, e eu era jovem, então Pirḥi cometeu atos indecorosos em minhas terras e matou seu senhor. E por causa disso ele não estava permitindo-me amizade com ninguém que me amava. Mas eu, além disso, por causa das coisas indecorosas que foram feitas em minhas terras, não fui negligente e como para as pessoas que mataram Artashumara, meu irmão, com tudo que lhes pertencia, eu os matei⁴⁸².

O que pode parecer como uma justificativa por não ter entrado em contato anteriormente, está, também, servindo como um arcabouço retórico que mostra sua eficiência como governante. Esse tipo de oratória é usado em outros momentos da carta, reforçando o argumento. Em seguida, Tushratta apresenta novos motivos para que Amenhotep III aceite reestabelecer a amizade entre os reinos.

Uma vez que você foi amigável com meu pai, então, por causa disso eu tenho escrito e falado com você para que meu irmão saiba dessas coisas e então possa se alegrar. Meu pai te amava e você, em contrapartida, retribuía para meu pai, você o amava e meu pai, por causa (desse) amor, [d]eu para você minha irmã. E quem mais era com meu pai como você?⁴⁸³

Apontar as relações mantidas anteriormente era uma forma comum de estabelecer os laços, mostrando uma continuidade de governo no mesmo sentido do de seus antepassados, ao menos, nas questões diplomáticas. A relação com o tempo tem, como consequência, alusões ao passado para que haja uma associação a tempos melhores⁴⁸⁴. Nesse sentido, evidenciar a existência de uma relação anterior é sinal de que uma boa relação será mantida.

O trecho que segue usa a batalha com Hatti para reforçar o argumento dos dois momentos anteriores: mostra sua capacidade como rei (falando de sua vitória) e apresenta suas boas intenções em manter uma relação com o Egito (pelo envio dos espólios da

⁴⁸² Trecho da carta EA17, linhas 11 – 20.

⁴⁸³ Trecho da carta EA17, linhas 21 – 29.

⁴⁸⁴ Ver tópico 2.2.1.

batalha). Em seguida, Tushratta lista os presentes para sua irmã, Kelu-Heba, que havia sido enviada para o Egito para casar-se com o faraó, e, por fim, a carta termina com Tushratta confirmando sua pretensão em manter uma amizade com Amenhotep III, pedindo para que o faraó aceite a sua proposta e as relações de mantenham.

Não possuímos a carta enviada por Amenhotep III na ocasião, mas, graças a próxima correspondência⁴⁸⁵ de Tushratta, podemos dizer que, além de receber bem a mensagem mitânica, o faraó propôs um casamento diplomático para firmar essas relações. A questão do casamento, porém, deve ser entendida de forma muito objetiva, como afirma Meier:

Qualquer discussão sobre casamento nas Cartas de Amarna deve ser vista no contexto de todo o Período do Bronze Tardio e, até certo ponto, do Oriente Próximo como um todo. [...] Casamento na Assíria possuía diferentes características daqueles atestados na Babilônia. Esses casamentos no leste semitas, por sua vez, pressupõem expectativas diferentes daquelas atestadas no mundo semítico do oeste. Quando alguém expande os horizontes do Oriente Próximo para incluir as culturas dos antigos egípcios, hititas e hurritas, não se pode simplesmente extrapolar características de casamento de um espaço ou tempo particular e esperar que elas reapareçam em outro local.⁴⁸⁶

A ideologia por trás dos casamentos entre Grande Reis, reflete não apenas um laço familiar entre esses governantes, mas uma influência psicológica ligada a ele. Mais do que irmãos, quando esses casamentos acontecem, um rei passa a ser sogro do outro, colocando uma nova hierarquia, relativamente sutil, em jogo. Afinal, se esse sistema é organizado como uma grande Casa, o sogro pode ser colocado acima do seu genro⁴⁸⁷. Nesse sentido, Tushratta usa desse artifício e frequentemente utiliza os termos *emu* (sogro) e *hatānu* (genro).

Para os egípcios, contudo, tal hierarquia não era válida, uma vez que eles eram um povo um tanto cético com relação aos estrangeiros, o que pode ser visto em especial na arte. Neste sentido, os estrangeiros podiam ser considerados inferiores em relação ao modo que os egípcios enxergavam a si mesmos⁴⁸⁸, tendo termos e representações artísticas depreciadoras ao referirem-se a eles. É importante ter em mente, porém, que

⁴⁸⁵ Não considero aqui a carta EA18, devido ao seu estado de conservação que não permite uma leitura apropriada. Assim, a análise do aceite de Amenhotep III acontece a partir da carta EA19.

⁴⁸⁶ MEIER, Samuel A. **Diplomacy and International Marriages**. IN: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Op. Cit.*, p. 165. Tradução da autora.

⁴⁸⁷ Ver tópicos 2.2.1 e 2.2.2.

⁴⁸⁸ MEIER, Samuel A. *Op. Cit.*, p. 168.

não podemos estipular até que ponto esse tipo de entendimento é apenas uma expressão artística e realmente uma noção psicológica ⁴⁸⁹. Ao mesmo tempo que existe uma representação do estrangeiro como o “caos”, temos uma assimilação bem aceita de estrangeiros no Egito, que, em alguns casos, chegam a alcançar cargos importantes e próximos ao faraó. Essa dicotomia é vista em diferentes contextos. Na arte, as cores e a posição em que cada indivíduo é representado traz o caráter “caótico” ao estrangeiro, sendo o preto a representação do inimigo e o amarelo do perigo, por exemplo⁴⁹⁰. Na religião, a associação do estrangeiro com o “caos” pode ser entendida por meio da significância do deus Seth e sua disputa com Hórus. Por outro lado, esse tipo de representação, atualmente é entendida como forma de propaganda real e, apesar disso, estrangeiros aparecem como pessoas prestativas em outros contextos (como a já citada história de Sanehet ou negociações comerciais). A própria cosmogonia egípcia prevê os estrangeiros como pessoas. Assim, a hostilidade com o “outro” se torna apenas uma propaganda, e como tal, possivelmente também foi vinculada na associação de casamentos diplomáticos. Isto é, ao mesmo tempo que o Egito poderia receber esposas estrangeiras e que estas poderiam ter cargos de esposas principais, sem que a ideologia egípcia fosse afetada; o não-envio de princesas ao estrangeiro pode ter servido como mais uma forma de representação e propaganda real. Por causa disso, os faraós tinham uma política de importar princesas, mas não as exportar. A título de ilustração, esse tipo de política era questionado pelos babilônicos, não contentes em deixar suas princesas dividindo haréns com outras esposas de faraós⁴⁹¹.

A significância do casamento, assim, varia inclusive quando em uma única relação. Enquanto o ato de casar com uma princesa estrangeira podia ser tido como uma atitude superior, já que a mulher estaria se sujeitando à vida e cultura egípcia, ele também poderia ser entendido como uma sujeição a um outro senhor, o pai da noiva.

⁴⁸⁹ A pesquisadora Amy Butner possui, desde 2007, um projeto intitulado “The Rhetoric and the Reality: Egyptian Conceptions of Foreigners during the Middle Kingdom (c. 2055-1650 BCE)”, que visa estudar a relação entre estrangeiros e egípcios e as articulações retóricas e práticas envolvidas. O projeto completo pode ser visto em: http://trace.tennessee.edu/utk_interstp4/14/

⁴⁹⁰ GESTOSO, Graciela. Color in Ancient Egypt. IN: *Terrae Antiquae*. Online, 6.dez.2010. Disponível em: <http://terraeantiquae.com/profiles/blogs/color-in-ancient-egypt> e www.academia.edu/386121/Color_in_Ancient_Egypt

⁴⁹¹ Um exemplo disso pode ser visto na nota 220.

Se considerarmos que o Egito passa a ser incluído entre os Grande Poderes quando o sistema e as regras já haviam sido estabelecidas por outros governantes, o faraó, de certo modo, estava se submetendo a uma política estrangeira. Com isso, o Egito teve que aprender a língua franca e costumes não comuns a ele. Essa mudança de atitude no âmbito exterior, deveria permitir que estrangeiros se aproximassem de uma característica de “indivíduo” para os egípcios – que, como dito, não consideravam outras etnias como “pessoas”. Contudo, no início deste capítulo ressaltei as investidas dos faraós do início da XVIII dinastia para criar uma imagem de soberania e poder e, aliado a isso, temos a intolerância para com os estrangeiros (que ainda persistia, apesar do sistema); por isso, se uma princesa egípcia fosse dada a algum outro rei, isso significaria uma perda de prestígio do Egito e uma elevação do estrangeiro ao mesmo patamar do faraó⁴⁹². Afinal, o Sistema garantia uma igualdade e coexistência, mas em âmbito particular, cada governante se tem como superior.

Os reis possivelmente entendiam que havia uma diferença de interpretação nas ações de cada um deles, contudo, também se associa ao outro uma visão de inferioridade e, por isso, as negociações costumavam acontecer bem. No capítulo anterior apresentei as questões da reciprocidade e das diferenças entre a prática e a teoria no sistema⁴⁹³, muito disso é uma derivação dessas múltiplas visões que não permitem igualar-se ao outro. No caso egípcio, o faraó precisou se adaptar a uma vasta quantidade de aspectos desconhecidos a ele, negociando com não-egípcios, e ainda manter uma imagem de superioridade.

A regulamentação de costumes, possibilitada pelo Sistema, não é suficiente para mudar uma estrutura psicológica configurada ao longo dos anos por questões cotidianas, sociais, políticas, religiosas, culturais, etc. Assim, é no estilo de escrita que poderemos entender tentativas de demonstrações de hierarquia entre os reis, ainda que de modo disfarçado, um exemplo disso é o recém citado uso dos termos *emu* (sogro) e *ḥatānu* (genro), por Tushratta.

As negociações de casamento entre Tushratta e Amenhotep III acontecem ao longo das cartas EA19 e EA20 (é possível que a EA18 também tratasse desse assunto). Dado que uma viagem de troca de mensagens demoraria, pelo menos, seis meses (ida e

⁴⁹² MEIER, Samuel A. *Op. Cit.*, pp. 168 - 169.

⁴⁹³ Ver tópicos 2.2.1 e 2.2.2.

volta) mais o tempo de negociações, respeitando os períodos de chuva, teríamos cerca de um ano para completar um ciclo de negociações. Aliado a isso, temos um atraso de cerca de seis meses dado em Mitani⁴⁹⁴. Assim, estima-se que a negociação teria demorado, no mínimo, quase três anos (ou quase quatro, se considerarmos a EA18) para ser feita. A chegada da princesa, porém acontece em algum momento entre as cartas EA24 e EA26, o que estende ainda mais a conclusão do acordo.

Nesse tempo, Tushratta constantemente repetiu pedidos por ouro em grandes quantidades, não só sob a justificativa do preço da noiva, mas, também, para a construção de um mausoléu. Na EA20 Tushratta reclama da quantidade recebida de ouro, mas na carta seguinte, esse problema parece ter sido superado. A EA21 acompanha a princesa mitânia, Tadu-Heba, em sua viagem para o Egito, como podemos perceber pela passagem:

Minha filha como a esposa de meu irmão quem eu amo, eu a dei. Que Shimigi e Shaushka a acompanhem. Que eles façam a imagem dela do coração de meu irmão. E, que meu irmão alegre-se ne[st]e dia. Que Shimigi e Shau[shka] dêem [para] meu irmão uma gra[nde] bênção e maravilh[oso] deleite. Que eles abençoem ele, e que meu irmão vi[va] para sempre⁴⁹⁵.

Esta carta trata, então, apenas da ida de Tadu-Heba e, possivelmente, foi acompanhada por um inventário de materiais e bens enviados como presentes ao Egito (EA22). Tushratta parece contente com os termos acertados e com os presentes recebidos do Egito, o que, então, pressupõe-se que envolvia muito ouro.

A próxima carta (EA23) não envolve pedidos de ouro, nem trata de negociações, apenas relata o envio da estátua da deusa Shaushka para o Egito. Em Rainey, alega-se que a deusa teria sido enviada para garantir a saúde do faraó, apesar de não sabermos sobre a possível doença, ou ainda para assegurar que a princesa mitânia, Kelu-Heba (irmã de Tushratta) era de agrado do faraó⁴⁹⁶. Outro diferencial dessa carta é que quando ela chegou no Egito, o faraó não estava em Tebas, por isso, seus oficiais anotaram a data e o

⁴⁹⁴ Carta EA20.

⁴⁹⁵ Trecho da carta EA21, linhas 13 – 23.

⁴⁹⁶ RAINEY, Anson F. *Op. Cit.*, v. 2., p. 1358.

motivo da ausência de Amenhotep III. Sabemos, então, que a mensagem chegou ao Egito no ano 36, mês 4, dia 1, o que torna mais fácil estabelecer a datação das cartas⁴⁹⁷.

Com as relações já estabelecidas e confirmadas pelo envio da princesa ao Egito, Tushratta tem espaço para tratar de assuntos diversos, como vemos na EA24. Esta carta é maior do que as outras, não é prática nem possível de carregar com uma mão, como, em teoria, tabletas de correspondência deveriam. Ao invés disso, ela é grande e pesada, separada em quatro grandes colunas (duas na frente e duas no verso). E, assim como a EA21, foi acompanhada por um inventário de presentes (EA25). Outra particularidade desta carta é que é a única que está escrita em cuneiforme hurrita, sendo uma das poucas fontes para os estudiosos da língua.

De início podemos perceber que Tushratta procurou reforçar a amizade entre os reinos, por meio da afirmação de que os hititas são inimigos de Mitani, mas os egípcios não e que ele esperava que essa boa convivência permanecesse. Ele agradeceu pelos presentes recebidos e se desculpou pela demora em retribuí-los, dizendo que agora estavam a caminho (a lista de presentes e dote, como dito, é a carta EA25, que acompanhavam esta).

O pedido por presentes se estende, esclarecendo as suas expectativas. Tushratta também elogiou Mane, falando da confiança que tem no mensageiro egípcio e de como ele o tratou bem durante suas estadias em Mitani. Segundo Tushratta, nenhum oficial egípcio ficou desconfortável em suas estadias e Mane foi honrado. Esse tipo de fala serve como suporte para mostrar suas boas intenções e dizer que ele estava comprometido em manter a amizade com o Egito.

A terceira parte retoma o casamento planejado. Nessa carta podemos perceber que Tadu-Heba ainda não havia chegado ao Egito. Isso porque, apesar de uma viagem rápida entre Egito e Mitani poder ser feita em pouco mais de um mês, uma princesa não iria com toda a pressa e, assim, a viagem se estende. Se confiarmos nas informações das cartas, Tadu-Heba teria saído de Mitani junto com a EA21, chegando entre as cartas EA24 e EA26.

⁴⁹⁷ O mesmo tipo de anotação acontece na carta EA27, datada do Ano 2, primeiro mês de inverno, dia 9, do governo de Akhenaton, quando o faraó estava na cidade ao sul.

O discurso das boas intenções reaparece nesse momento. Tushratta, ao falar do dote que envia, diz que estava sendo muito mais generoso que seus antepassados. Com este argumento, Tushratta aproveita para, novamente, reclamar da quantidade de ouro enviado pelo faraó. É aqui que temos a primeira referência às estátuas, que, tornaram-se um problema no governo de Akhenaton. O pedido é feito em nome da deusa Shaushka, dizendo sobre uma estátua de ouro fundido feita à imagem de Tadu-Heba. O final desse trecho termina com a declaração de amizade, no sentido da disponibilidade das terras. Ele diz:

*E por causa disso tudo, nós somos uma mente um com o outro, e ambos amamos um ao outro excessivamente. E nossas terras ajudam uma a outra. Se apenas um inimigo de meu irmão não existisse! Mas no caso de em algum momento um inimigo de meu irmão invadir sua terra, (e) meu irmão escrever para mim e a terra hurrita, amaduras, armas e tudo junto que pertencer aos inimigos de meu irmão estarão a sua disposição. Contudo, por outro lado, se houver um inimigo meu – se eles apenas não existissem! – eu vou escrever para o meu irmão e meu irmão vai enviar a terra egípcia, armaduras, armas e tudo junto que pertença ao meu inimigo..... nosso inimigo.... Grandes Reis, Grandes Reinos.... inimigos..... aquele inimigo, que.... um inimigo nosso não está presente, e não há ninguém como nós apesar disso tudo.*⁴⁹⁸

Apesar de não ser claro nesse ponto, o trecho pode ser interpretado a partir de motivações militares. Tushratta não diz estar sendo ou se sentindo ameaçado, mas reforça que a amizade entre os reinos prevê a ajuda militar e é comum encontrar passagens aludindo à inimizade com os hititas. Sabemos que Mitani e Hatti estavam em conflito desde o surgimento deste reino hurrita, dividindo e competindo o espaço no norte da Mesopotâmia e da Síria. Sabemos, também, que a invasão hitita e a consequente desmembração do território hurrita acontece durante o governo de Tushratta. Assim, se um dos motivos para a aliança entre Egito e Mitani ter se formado foi a tentativa de contenção de Hatti, podemos supor que Tushratta já estava em face da virtual batalha que viria a acontecer, e, portanto, o rei começava a estruturar sua defesa.

⁴⁹⁸ Trecho da carta EA24, parte 3, linhas 108 – 124.

A última parte dessa carta está bastante fragmentada, mas condensa seu propósito mais geral. Tushratta aponta a confiança e a amizade que os reinos têm entre si. Retomando as relações, o rei possivelmente quer garantir, além dos ganhos econômicos, a ajuda militar, quando necessária.

A morte de Amenhotep III, porém, acontece em seguida ao envio desta carta e as próximas, então, passam a pertencer ao governo de Akhenaton. A primeira dessas correspondências, EA26, foi direcionada à viúva de Amenhotep III, Tiye. Esta é a única carta do conjunto que não é enviada a um rei⁴⁹⁹, o que confere um papel de destaque a Tiye. O conteúdo da carta mostra que Tushratta sabia que quem estava governando o Egito era Akhenaton. Por isso, podemos supor que o novo faraó já havia enviado uma mensagem avisando o rei de Mitani.

Em resposta a isso temos a carta direcionada à Tiye. Parece-me que Tushratta não ficou contente com as notícias vindas de Akhenaton e, por isso, pede para que Tiye fale com seu filho. No decorrer do tablete, o rei mitânio declara ter amado Amenhotep III e que tal amor era recíproco⁵⁰⁰, e este mesmo amor deveria ser mantido e aumentado dez vezes. Para garantir isso, Tushratta aposta nas palavras de Tiye, confiando que ela era bem informada e argumentaria a favor de Mitani. Entre as linhas 30 e 48, Tushratta mostra o motivo de seu apelo à rainha:

O amor para Mimmureya, seu marido, eu não vou esquecer. Mais do que formalmente, até mesmo agora, eu estou [express]ando dez vezes mais amor por Naphurreya, seu filho. Mas quanto as palavras de Mimmureya, [seu] mar[ido, é você que (as) sabe, mas] meus presentes que [seu marido disse] que man[daria], você não {os} mandou conforme, [e as] [estátuas de ouro] sólido fundido [que] eu pedi [de seu marido], dizendo, “[Meu] ir[mão, estátuas de ouro] e real lápis-lazúli [que ele envie] p[ara mim]”.

Mas agora, quanto ao Nap[hurreya, seu filho], ele banhou [estátuas] de madeira [e (as) enviou. Mas na terra de seu filho] ouro é (como) pó; [p]or que ele {ouro} iria afligir o cora[ção] de seu filho para que ele não (as) desse para mim ao invés das que ele me deu?

⁴⁹⁹ No conjunto de Amarna, para além das cartas de Mitani, existem outras cartas cujos destinatários não são um rei, e algumas escritas por oficiais militares. Exemplos disso são as cartas EA48 (escrita pela rainha de Ugarit e destinada à rainha do Egito), EA50 (escrita por uma serva para a rainha do Egito) e EA96, EA333, EA381 (as três foram escritas por oficiais egípcios), etc. Tiye, porém é a única rainha a receber uma carta escrita por um rei.

⁵⁰⁰ Destaco aqui que esse amor deve ser entendido nos moldes propostos no tópico 2.2.1.

*Isso é amor? Eu disse: “Dez vezes mais do que o pai dele, Naphurre[ia seu filho] vai superar por mim, mas agora ele [não me deu] nem mesmo o que seu pai costumava dar”*⁵⁰¹.

Aparentemente, Akhenaton não teria enviado as estátuas acordadas na carta EA24. Contudo, como não possuímos as cartas enviadas por Amenhotep III, não podemos ter certeza sobre tal acordo⁵⁰². O que sabemos, porém, é que Tushratta é bastante insistente com a questão das estátuas e elas se tornam o assunto central na carta seguinte, EA27.

Uma variação de assunto acontece na EA28, na qual podemos supor que os mensageiros mitânios estavam detidos no Egito, apesar de não sabermos as razões de Akhenaton. Sabemos que deter um mensageiro não era algo tão incomum, o próprio Tushratta afirma ter o feito anteriormente, quando preparava o dote de sua filha, e agora fazia novamente, mantendo Mane em Mitani até ouvir uma resposta de Akhenaton. Apesar do conteúdo relativamente hostil, a carta ainda possui as mesmas declarações de amor, comum nas anteriores. Tushratta lembra do amor que tinha por Amenhotep III e da boa convivência entre os dois reinos. Tiye também reaparece, como uma fonte a ser consultada sobre as relações.

As investidas de Tushratta em lembrar Akhenaton de seus afazeres diplomáticos é recorrente nas cartas. Um reflexo disso é a EA29, da qual comentei anteriormente. Esta carta, assim como a EA24, é maior do que as outras, não sendo facilmente manuseável. Nela, Tushratta descreve a forma como as relações foram estabelecidas desde o tempo de Tothmés IV, enaltecendo o modo como tudo sempre ocorreu bem. O momento seguinte é usado para questionar sobre as estátuas de madeira e os presentes que foram enviados. O texto é extenso e possui vários argumentos, de caráter persuasivo, para alegar os erros cometidos por Akhenaton, em relação às estátuas e aos emissários que ficaram detidos. Ademais, Tushratta aponta as coisas que teria feito em benefício do Egito, isto é, as grandes quantidades de presentes e a prontidão em resposta.

Um último assunto ainda é tratado antes da listagem de presentes: a punição de criminosos. No capítulo anterior, discutiu-se sobre as leis acordadas para a penalizar

⁵⁰¹ Trecho da carta EA26, linhas 30 – 48.

⁵⁰² Essa discussão foi feita no início deste tópico.

aqueles que infringissem as regras⁵⁰³. Tushratta diz que Akhenaton reportou dois emissários e que ambos confessaram terem cometido um delito.

[E meu irmão] disse [sobre Ar]teshuba e Asali; ele disse, “eles cometeram um delito no reino de seu irmão”. Eles trouxeram [em dois] deles e eles trouxeram no resto de meus servos que tem estado lidando com o Egito. Ma[ne, seu emissário], veio em minha presença e eles conderam-os em minha presença e eles de[clararam, “Nós fizemos isso”.] Então, eu disse para eles, “Por que vocês [desgraçam] seu nome?”. [Meu irmão, pergunt]ou {para} Mane como eu os tratei. Eu p[us eles] em correntes e grilhões. [E ambos], um ao lado do outro, eu env[iei] para uma de minhas cidades na fronteira da {minha} terra. E além disso, [meu irmão não disse {o crime}], e por esse motivo eu não os matei. Meu irmão, eles verdadeiramente com[eteram um delito, mas meu irmão] não disse {o crime}. Então, meu irmão, eu não perguntei. Agora, que meu irmão defina a atividade pela qual [eles pecaram] e de ac[ordo] com o desejo dele para eles, então assim eu farei para eles⁵⁰⁴.

Esse trecho parece isolado do restante da carta. Depois de muito ter dito sobre as boas formas de se manter uma relação, Tushratta reporta que puniu os criminosos com a extradição, apesar do faraó não der dito qual foi o crime cometido por eles no Egito. O pouco espaço dedicado a essa discussão sugere, então, que esse assunto fazia parte de um argumento jurídico e não havia o que ser acordado entre eles, já que as leis já estavam estabelecidas sob a jurisdição dos deuses. O contraste dos longos textos sobre as ações dos faraós que tiveram contato com o Egito, por consequência, parece-me um argumento político.

Apesar de Mitani ainda estar envolto de questões desconhecidas por nós, sabemos que o reino foi um dos responsáveis por moldar o mundo antigo. Sua ascensão e declínio foram rápidos, mas ainda capazes de gerar grande influência e se destacar. Contudo, o curto período de tempo em que se manteve em uma posição privilegiada é um dos motivos para que menos fontes tenham sobrevivido. O contato pessoal com o exterior foi o grande

⁵⁰³ Ver tópico 2.2.2.

⁵⁰⁴ Trecho da carta EA29, linhas 173 – 181.

responsável por possibilitar a redescoberta de Mitani, uma vez que os registros são quase que tão somente ligados às interações com seus vizinhos. É nesse sentido que a relação com o Egito se torna fundamental para as pesquisas que envolvem Mitani. Tais relações também são essenciais para que possamos entender as questões que envolvem a diplomacia e a padronização de um sistema que agregasse o Oriente Próximo como um todo.

O conjunto das cartas trocadas entre Tushratta e os governantes egípcios é capaz de refletir as questões teóricas e práticas da coexistência de potências antigas. Isso porque, além de ser um grupo grande, possui informações com temas diversos, em que podemos notar as questões de reciprocidade, argumentações políticas e jurídicas, por exemplo.

O discurso empregado nas cartas nos ajuda, então, a entender a retórica dos antigos. Quando Tushratta retoma as negociações anteriores, sua intenção não é a de contar como foi, mas de convencer Akhenaton de que elas deveriam ser mantidas. Por esse motivo, também, o amor é sempre abordado. Ademais, o próprio uso constante do termo “irmão”, pode ser um caráter de afirmação do posicionamento dos reinos, isto é, lembrar que a relação de Casas os incluía em um sistema e que, por isso, deveriam agir de forma condizente como tal, afinal, “irmãos que precisam ser constantemente lembrados que são irmãos não são bons irmãos”⁵⁰⁵. Próximo a isso, temos a busca por negociações melhores, envoltas em questões econômicas. Nesse sentido, a irmandade deveria manter uma reciprocidade que, na prática, busca não ser tão recíproca assim. Para tanto, Tushratta usa de argumentos políticos com a intenção de comover o faraó e fazê-lo melhorar os termos.

Quando Akhenaton assume o governo, Tushratta parece ter que lidar com um rei mais difícil de ser convencido, por isso seus argumentos retóricos passam a ser mais longos. Contudo, se Tushratta não estava mais contente com as relações no Egito, como de fato ele afirma, por que manteve a amizade? Talvez a qualidade e quantidade dos presentes não fossem tão ruins como ele alega e ainda assim trouxessem benefícios para Mitani. Aliado a isso, temos a inimizade com Hatti, motivo pelo qual Tushratta tinha que lidar com ataques militares. O crescimento hegemônico de Hatti era, por questões geográficas, um problema para Mitani, que precisava manter suas fronteiras. O Egito, que

⁵⁰⁵ MEIER, Samuel A. *Op. Cit.*, p. 166. Tradução da autora.

havia se mostrado um grande poder militar e conquistado territórios nas proximidades de Hatti durante o início do Reino Novo, também estava ameaçado pelo crescimento hitita, ainda que em menor grau.

3.4. O SISTEMA DE AMARNA E SUAS IMPLICAÇÕES

Ao confundir o ideal com o real, a sociologia teria perdido, segundo Dumont, a compreensão da preeminência do social no próprio processo de construção do indivíduo. A verdadeira “apercepção sociológica” do homem revelaria, ao contrário, que o ideal igualitário seria artificial, enquanto uma hierarquia seria uma necessidade social e um fenômeno universal.

Celso Castro

Os povos Antigo Oriente Próximo, como visto no decorrer desta pesquisa, foram bastante ativos e, como consequência, foram responsáveis por estabelecer uma série de parâmetros no mundo antigo. As relações entre reinos, sem dúvidas, auxiliaram a moldar o modo como antigas sociedades se formaram e desenvolveram. Foi dessa relação mútua que o estabelecimento político e econômico de grandes reinos foi garantido, de tal forma que caracterizou o período.

O sistema diplomático, tal qual encontramos na Era de Amarna, se desenvolveu ao longo dos séculos, respondendo às questões políticas e econômicas que, mais do que manter a paz, visavam uma manutenção hegemônica que evitasse confrontos diretos⁵⁰⁶. Tal conservação do poder, porém, não estava centrada em um único território e, portanto, visões diversas interferiam nas ações. Muito já foi dito sobre as regras e argumentos políticos e jurídicos⁵⁰⁷. Contudo, gostaria de focar nas questões pessoais e psicológicas envolvidas. Anteriormente, comentei sobre tal tipo de motivação, expressa na forma de argumento retórico utilizado por Tushratta e apresentada pelo debate sobre a reciprocidade⁵⁰⁸. Nesse sentido, a Antropologia é indispensável para que se possa entender os arquétipos e estruturas do passado (nos aproximando do caráter humano dos

⁵⁰⁶ Ver capítulo 2, tópico 2.1.

⁵⁰⁷ Ver capítulo 2, tópico 2.2.2.

⁵⁰⁸ Para a reciprocidade, ver tópicos 1.1, 2.2.1 e 2.2.2. Para questões de retórica, tópico 3.3.

antigos) e, a partir disso, os estágios e processos envolvidos na formação de sociedades e seus mecanismos.

Em primeiro lugar, temos duas noções que nos ajudam a entender questões do sistema diplomático: a reciprocidade e a economia de oferta. Esses conceitos são próximos e se completam, servindo para definir e manter os termos do Sistema de Amarna. A reciprocidade, como já dito, está intrinsicamente ligada a padrões econômicos e de escrita. Ela estabelece os parâmetros e as expectativas nas trocas, além de instituir uma relação de parentesco que, em teoria, garante a equiparidade dos Grande Reis. A economia de oferta, apesar de também estar muito conexas à economia, possui um papel mais psicológico do que comercial, causando uma dependência mútua⁵⁰⁹. Por causa disso, o envio de presentes também pode ser entendido como uma forma de afirmação social, uma vez que

quando um objeto é vendido, o novo dono adquire completa propriedade sobre o objeto que ele comprou. O objeto de troca, então, se torna ‘alienado’ de seu dono anterior. Por outro lado, o objeto que é dado como um presente não é alienado de quem o deu. O receptor se torna um mero possessor do presente. Além disso, presentes não apenas continuam a incorporar a identidade do doador, mas também impõe sua identidade sobre o receptor. Como resultado, o receptor, ao carregar (parte da) identidade do doador, se torna subordinado (‘em débito’) do último⁵¹⁰.

Assim, ao enviarem presentes, os remetentes pretendem mostrar superioridade, consequentemente gerando uma *hierarquia não dita* nas relações. Nesse sentido, se pensarmos no caso de Egito e Mitani, quando Tushratta reclama da quantidade e qualidade dos presentes enviados por Akhenaton, ele também está afirmando que possui condições e materiais melhores que o faraó e que envia presentes mais dignos. Isso não significa que os presentes egípcios eram, necessariamente, ruins, mas, na medida em que se mostra um descontentamento, Tushratta aponta que os materiais enviados por Mitani são melhores e, portanto, Mitani seria um reino superior, com o qual o Egito teria uma “dívida”.

A economia de oferta, então, está ligada em um caráter mais psicológico, servindo como forma de se autoafirmar – o que pode ser encontrado em outra discussão presente

⁵⁰⁹ RUS, Andrej. *Features of Gift Exchange in Market Economy*. 2012, 467 f. Tese (Doutorado). Univerza V Ljubljani – Fakulteta za Družbene Vede, 2010. Ljubljani, 2010, p. 15.

⁵¹⁰ RUS, Andrej. *Op. Cit.*, pp. 15 – 16. Tradução da autora.

na Antropologia. A etnicidade igualmente nos ajuda a entender essa *hierarquia não dita*. Como o Sistema de Amarna funcionava com a coexistência de cinco reinos, de forma policultural e multipolar, as cartas não poderiam envolver qualquer forma de hierarquia entre as potências. Conseqüentemente, temos cinco culturas, etnias e ideologias diferentes tentando interagir. O etnocentrismo⁵¹¹ nos ajuda a entender a naturalidade com que cada rei entendia que seu modo de vida e de entender o mundo é o correto, e, por conta disso, em âmbito pessoal, há uma noção que hierarquiza os povos, na qual cada um se vê como superior (e demonstra através da troca de presentes).

A etnicidade abriga questões étnicas, políticas, culturais (produzidas e reproduzidas na interação social) e se baseia na diferenciação, podendo ser de forma individual ou coletiva se pensada como identidade social⁵¹². A etnicidade, por estar fundamentada nas diferenças e transações, pode ser definida em duas formas: interna ou externa; o “nós” e o “outro”. Identidades, portanto, são determinadas a partir da etnicidade, que, por sua vez, também não é estática. Para que fique mais claro, podemos entender que sob os aspectos pessoais, cada indivíduo (ou grupo) se identifica, à sua maneira, a uma identidade étnica e política. Esse mesmo indivíduo (ou grupo), porém, também é definido por um outro. A união dessas duas definições, interna e externa, irá especificar e criar uma identidade, seja coletiva ou individual⁵¹³.

Pode parecer um tanto óbvio apontar que existem diferentes etnias e identidades interagindo no Oriente Próximo, contudo é importante que tenhamos isso em mente. Grupos diferentes significam diferentes modos de se entender as coisas, inclusive as próprias transações feitas entre si. Um exemplo disso são as negociações de casamentos diplomáticos, que, como sabemos, eram uma prática comum na Era de Amarna. Os Grande Reis trocavam princesas entre si para criar um laço de parentesco e garantir a reciprocidade das relações, contudo, o Egito recusava-se a enviar princesas, como visto anteriormente. Essa recusa tem a ver com uma noção que permeava o Egito que não entendia o “outro” como um indivíduo tal qual os egípcios eram, nesse sentido, enviar

⁵¹¹ O etnocentrismo coloca, a partir de noções racionais e emocionais, o próprio grupo (“nós”) no centro de relações, e entende o “outro” por meio de critérios e visões de mundo do primeiro. Um trabalho introdutório sobre o tema é ROCHA, Everaldo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo?*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

⁵¹² JENKINS, Richard. *Rethinking Ethnicity. Arguments and Explorations*. Londres: SAGE Publications Ltd, 1998, pp. 40 – 52.

⁵¹³ JENKINS, Richard. *Op. Cit.*, pp. 52 – 56.

uma princesa ao exterior era rebaixá-la ao nível do “outro”. Por outro lado, enviar uma princesa ao exterior, pode ser algo positivo uma vez que torna um rei sogro de outro e, conseqüentemente, hierarquicamente acima⁵¹⁴.

A ideologia por trás dos casamentos entre Grande Reis, reflete não apenas um laço familiar entre esses governantes, mas uma influência psicológica ligada a ele. Colocando uma hierarquia relativamente sutil em jogo. Contudo, as diferenças nos pensamentos desses povos permitem a hierarquização de caráter individual e psicológico sem que haja um desacordo entre esses reis. Enquanto cada um via-se como melhor e, ao menos Tushratta, usava-se de artifícios retóricos para se mostrar acima do rei egípcio, havia um equilíbrio que os manteria em um mesmo nível por causa das diferenças culturais. Enquanto esse contrabalanço existisse, a economia e a aliança entre Mitani e Egito continuaria existindo em termos igualitários e amistosos.

Esses aspectos, portanto, nos dão uma ideia sobre princípios que agiam de forma pessoal nas negociações, isto é, os aspectos humanos que interferem em decisões e não podem ser explicados em registros oficiais. A economia de oferta traduz uma noção de superioridade presente e justificada pela etnicidade, mas que não pode estar manifesta na diplomacia. Por outro lado, ela também cria uma relação de reciprocidade entre reinos. Pode parecer confuso ou contraditório, mas ao mesmo tempo que a recíproca deveria ser de mesmo nível, ela não deveria ser tida como tal. Isso porque, em termos oficiais, que são estabelecidos pela diplomacia, não pode haver distinção entre reinos que se dizem (e, em teoria, se tratam como) iguais, contudo, noções inerentes ao ser humano, tratam a diferença de forma categorizada e, o “outro”, quem quer que seja, não será entendido em um mesmo nível do “nós”. Assim, a retórica se torna um artifício indispensável para manter as relações e o próprio Sistema diplomático da Era de Amarna.

Os princípios lógicos e afetivos ligados nas relações diplomáticas, apesar de explicarem alguns aspectos da retórica utilizada nas negociações, não justifica, por si só, as diferenças nos formatos das cartas que Tushratta mandou para Akhenaton e para Amenhotep III. Nesse sentido, o nosso conhecimento sobre a História e acontecimentos futuros nos dá dicas e apresenta caminhos para que possamos entender comportamentos diversos. Sabemos, por exemplo, que Tushratta foi assassinado e, depois disso, Mitani se

⁵¹⁴ Como visto no tópico 3.3, na página 135.

fragmentou tendo seu território dividido entre assírios e hititas. Sabemos, também, que a noção de império hegemônico iria predominar no Antigo Oriente Próximo, e que ela, provavelmente, foi a causadora do fim do sistema diplomático que agia na região.

Com essas coisas em mente e considerando que nenhuma mudança tão brusca (que poderia desestabilizar todo o Oriente Próximo) acontece de forma totalmente repentina, é compreensível que a diplomacia não fosse estável. Afinal, como dito no primeiro capítulo, relações diplomáticas expõem uma fragilidade pelo simples fato de existirem, já que precisam do caos para se manterem ativas⁵¹⁵. Não devemos acreditar, porém, que o sistema diplomático foi ineficaz. Pelo contrário, por causa dele os Grande Reis conseguiram se estabelecer e se desenvolver, com poucos conflitos por, pelo menos, 200 anos⁵¹⁶. Os conflitos militares que ocorreram durante a Era de Amarna limitaram-se quase que tão somente aos reinos menores, com os quais não se pretendia manter uma igualdade e, por isso, não faziam parte do sistema tal como outros reinos faziam⁵¹⁷. A constante disputa pelos territórios subjugados, porém, foi um dos fatores que auxiliou no desencadear da predominância de impérios hegemônicos e tais ataques estão expressos nessas cartas (em contrapartida, raramente cartas de Grande Reis comentam sobre investidas militares).

Mitani, entretanto, tinha desavenças com Hatti desde sua origem, e elas não cessaram quando o reino consolidou-se como uma potência. Disputas por territórios de fronteira, em especial no norte da Síria, continuaram existindo, como relatado em diversas cartas⁵¹⁸. Hatti e Mitani chegam a se confrontar diretamente, como relatado na carta EA17, quando Mitani saiu vitorioso. Contudo, os hititas eram uma força crescente e que, cada vez mais, expandia suas fronteiras. Tushratta não comentou diretamente, depois dessa carta, sobre outros conflitos, mas certamente não acreditava que eles haviam terminado por aí. Uma carta de Gubla, EA75, nos mostra que Hatti continuou com investidas militares em territórios de Mitani.

⁵¹⁵ Ver capítulo 1, tópico 1.1, p. 29.

⁵¹⁶ COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Op. Cit.*, p. 4.

⁵¹⁷ Ver capítulo 2, tópico 2.2.

⁵¹⁸ Alguns exemplos foram dados no capítulo 2, tópico 2.2.4.

*Que o rei, meu senhor, esteja informado de que o rei de Hatti tomou todas as terras, carregadoras de tributos(?), do rei das terras de Mitani, rei da terra de Nah<ri>na, a terra de Grandes Reis*⁵¹⁹.

A expansão hitita aparece em várias correspondências, o que nos sugere a dimensão dessas investidas⁵²⁰. Assim, Hatti já apresentava seu anseio por implantar um poder hegemônico, que, como sabemos, foi, de fato, estabelecido. Mitani, por ser o reino mais próximo das fronteiras de Hatti e por ter se originado dominando territórios antes hititas, estava constantemente ameaçado por ataques militares. Dada as circunstâncias, estabelecer bons termos e uma relação recíproca com Hatti, parece-me uma missão difícil para os mitânios.

As ações de Mitani, então, possuem uma variedade de motivações, e unem as questões oficiais com as não oficiais (seja emocional, racional ou retórica). Não podemos explicar o porquê de Tushratta tratar cada faraó diferente apenas por um desses aspectos. As cartas, por isso, refletem esses diversos princípios, muitas vezes destoantes, organizados de uma forma aceita socialmente. As regras e leis do sistema diplomático ainda eram respeitadas e a escrita das cartas não abrem brechas para questionamentos sobre isso. Mantendo as normas pré-estabelecidas pela diplomacia, Mitani garantia uma boa imagem, como reino forte e necessário. Por outro lado, algumas sutilezas tendem a demonstrar preceitos diversos, às vezes de forma inconsciente, talvez, outras vezes completamente consciente. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que Tushratta se autoafirmar, ele ronda o faraó para saber de seu apoio. Quando Akhenaton assumiu o trono no Egito, Hatti era uma ameaça crescente e Tushratta já estava administrando conflitos em seus territórios. O tempo era desfavorável para Tushratta e a uma invasão hitita era iminente. Além disso, podemos imaginar que havia uma disputa interna em Mitani, uma vez que Tushratta fora assassinado, provavelmente, por um de seus filhos, aliado às forças estrangeiras⁵²¹.

⁵¹⁹ Trecho da carta EA75, linhas 35 – 41. RAINEY, Anson F. *Op. Cit.*, v. 1., pp. 460 – 461. Tradução da autora.

⁵²⁰ A tese de Cordani nos apresenta sobre as investidas hititas e seus impactos na Era de Amarna. CORDANI, Violetta. *La Cronologia del Regno di Šuppiliuma I*. 2009, 221 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Università Degli Studi di Trieste. Sede Amministrativa del Dottorato di Ricerca. Trieste, 2009. Disponível em: https://www.openstarts.units.it/dspace/bitstream/10077/3498/5/cordani_phd.pdf

⁵²¹ FREU, Jacques. *Op. Cit.*, pp. 133 – 138.

A busca por aliados era, então, uma prioridade. E que reino melhor para isso do que o Egito? Conhecido por ser fornecedor de ouro, com sucessos militares, e, tendo tido boas relações com Mitani desde, pelo menos, Tothmés IV, o Egito parece um bom candidato para buscar apoio. Contudo, um pedido de auxílio não pode demonstrar fraqueza, mas alguma vantagem para seu aliado. Para tanto, manter uma imagem rígida, inteligente e próspera, torna Tushratta e Mitani, aliados promissores. O uso da retórica, aliado com questões antropológicas, cria essa imagem. Os pedidos pelas estátuas de ouro maciço, assim, podem ser interpretados como mais do que uma busca de bens econômicos, mas um sinal de “boa fé”, ou uma garantia de amizade mesmo entre desavenças.

“Queremos nos Amar como Irmão”, este é o título de meu trabalho e, também, a expressão do desejo de Tushratta. Com este capítulo, espero que tal declaração e seu significado tenha ficado claro. Afinal, as respostas que me propus a procurar, em relação ao modo como Tushratta trata os faraós, podem ser resumidas nessa sentença. Ao longo do capítulo anterior, trabalhei com as noções presentes no sistema, como o amor e a irmandade. Entendendo esses termos, nos fica clara a intenção de Tushratta em querer manter um relacionamento recíproco, vantajoso economicamente e em igualdade, no qual as terras de um, metaforicamente, também pertenciam ao outro, uma vez que este eram de uma mesma Casa. Por causa disso, a ajuda militar é um fator implícito, já que se as terras de Mitani são, igualmente, do Egito (e vice-e-versa), este deveria ajudar a proteger o território daquele. Para este tipo de conclusão, o presente capítulo procurou trazer elementos para um debate sobre a retórica, passando pelos contextos de cara reino e das relações entre eles, para, enfim, considerar as formas de entender o discurso e a retórica das cartas mitânicas.

CONCLUSÃO

*O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente*

Fernando Pessoa

Há muito sabemos que não se pode buscar uma verdade na História, mas suas possibilidades. O estudo que apresento, assim, procura por explicações plausíveis para comportamentos inter-territoriais, com o caso de Egito e Mitani. Tive diversos objetivos quando esse trabalho foi elaborado e espero, na medida do possível, tê-los alcançado.

Encerrei a introdução elencando quais motivações permearam minha pesquisa; agora, pretendo reapresentá-las, apontando seus resultados. Em questões mais gerais, busco fomentar a pesquisa do mundo antigo no Brasil e, em especial, do oriente, uma vez que, como afirmo, existe certa carência de estudos nesta área. Assim, para tal objetivo, estruturei a dissertação de modo que a leitura fosse clara e fluida para o leitor, seja leigo ou acadêmico. Além disso, trago no decorrer da pesquisa, questões que ainda podem ser levantadas e debatidas em outros estudos, e conseqüentemente, as possibilidades que a área possui. Por fim, ainda nessa questão, fiz traduções das cartas de Mitani para o português, possibilitando o acesso à fonte em língua nacional. As traduções, também, são parte de um segundo objetivo, que pretende manter o uso de documentação oriental e, como eu havia comentado, é parte da metodologia que utilizo. Assim, procuro evitar o uso de textos gregos, por exemplo, para alcançar as minhas conclusões. Nesse sentido, as Cartas de Amarna, e sua tradução, pretendem retirar o foco do ocidente.

As questões mais específicas de minha pesquisa, até certo ponto, estão vinculadas a tentativa de abordar os povos antigos de forma integrada, rompendo com a ideia de isolacionismo. Para alcançar este objetivo, dois momentos da dissertação vão apresentar elementos que nos ajudem a pensar nesse aspecto. O segundo capítulo apresentou os moldes e origens de noções diplomáticas, mostrando, assim, como a integração de diferentes grupos da antiguidade interferia no mundo como um todo. O terceiro capítulo, ao trabalhar com as perguntas iniciais da pesquisa, nos proporciona um respaldo prático dessa integração. Esses elementos deixam claro que o isolacionismo de sociedades nada

mais é do que uma impressão causada pelo senso comum e pela própria construção da História.

A problemática específica buscava compreender o surgimento e o desenvolvimento da diplomacia (e de suas noções) no mundo antigo, além de entender o que as cartas de Tushratta significavam em relação ao modo com que este rei lidava com os faraós Amenhotep III e Akhenaton. Para tanto, fez-se necessário uma análise não somente histórica, mas, também, antropológica, com o auxílio interdisciplinar de pesquisas de variados campos. A fonte não é simplesmente uma fonte; como afirma Marc Bloch, ela nada nos diz se não a fizermos as devidas perguntas e nada além disso nos dirá.

A documentação pode nos trazer muitas respostas, talvez dispares, mas não necessariamente excludentes. Não podemos, também, acreditar em tudo que ela nos diz, é preciso investigarmos a fundo suas afirmações e aparências. As palavras expressas nas Cartas de Amarna, assim, não devem ser entendidas sem que sejam postas em seus contextos histórico e diplomático. Esses aspectos, porém, ainda nos limitam quase que tão somente aos fenômenos oficiais dessas relações; por isso, é preciso que pensemos em questões não oficiais, mais humanas, e nas suas formas de manifestação.

Além de necessidades metodológicas, penso em questões didáticas que facilitem a interpretação do leitor sobre o mundo antigo, em vários aspectos. Reconheço que a antiguidade oriental, como expliquei no início deste trabalho, não é muito abordada em meios acadêmicos e de formação; por isso, trazer uma contextualização de diferentes âmbitos auxilia na fluidez e no entendimento do raciocínio que sigo para meus fins.

Este estudo, então, foi pensado de modo que o leitor pudesse ser compreender os moldes e motivações nas quais os povos antigos estavam imersos. Para tanto, o primeiro capítulo visou inserir-nos na antiguidade, em seus conceitos e noções, mas sem que coloquemos nela as nossas expectativas. Por isso, foi necessário também apresentar questões atuais, como, por exemplo, o modo que a História trabalhou com a antiguidade, em contraste de como os próprios antigos a viam; evitando, assim, anacronismos. Uma vez entendendo esses aspectos, podemos avançar para outros elementos de contextualização, mais práticos. Coube ao segundo capítulo o papel de trazer os elementos da diplomacia para que pudéssemos entender, de forma geral, como ocorreu o seu desenvolvimento e a definição de algumas de suas noções. Esses aspectos, por fim, se tornam mais claros com o estudo de caso, quando acompanhamos as relações entre o

Egito e Mitani no terceiro capítulo. A partir das cartas trocadas entre esses reinos, conseguimos identificar os padrões, as formas, os estilos e expectativas que o sistema diplomático possuía em si.

Com isso em mente, trago algumas questões relevantes que a pesquisa pode nos proporcionar. Em primeiro lugar, percebe-se que há, no Antigo Oriente Próximo, uma padronização que regulamenta os comportamentos entre reinos. Tais padrões visavam garantir uma equidade de poderes, ao menos de forma oficial. Por outro lado, temos as atitudes pessoais que cada governante carrega consigo, que não concordam, necessariamente, com os termos oficiais. Nesse sentido, a retórica é usada como ferramenta de persuasão para argumentos políticos. Por causa dessas nuances, encontramos algumas inconstâncias nas cartas, que, porém, não são aleatórias e podem ser explicadas por diferentes elementos.

As normatizações de regras de conduta, leis, linguagem, convenções e padrões de escrita, caracterizam um sistema diplomático para o mundo antigo; contudo, tais normas não são as únicas motivações para os agentes deste sistema. A reciprocidade, que era garantida por tais preceitos oficiais, também servia como um artifício para estabelecer uma “hierarquia” de cunho pessoal entre os reinos, por meio da economia de oferta. As relações político-econômicas neste momento, portanto, respeitam e funcionam a partir das noções de dom e contradom, mas, ainda, trazem uma ideia de superioridade vinculada em si, baseada nos materiais que são presentes nas trocas.

As cartas enviadas por Tushratta, assim, não estão livres de amarras. A escrita está carregada de elementos oficiais e retóricos, que, em conjunto, devem servir a um propósito. Por um lado, o rei mitânio segue de acordo com as regras do sistema, ainda que as convenções não sejam tão fixas. Um exemplo disso é o fato de Tushratta pedir pelas estátuas, quando, como dito no tópico 2.2.2., os presentes deveriam ser oferecidos e não requisitados. Isso, porém, é uma prática comum (entre os Grande Reis) e justificável, seja por construções ou projetos em andamento, ou, como no caso de Tushratta, uma cobrança de algo que, segundo ele, havia sido prometido anteriormente.

À primeira vista, as cartas enviadas de Mitani parecem expor problemas no governo de Akhenaton, quando, supostamente, acontecia uma negligência aos assuntos externos. Contudo, quando analisamos mais a fundo os argumentos, o contexto e as motivações de Tushratta, podemos encontrar respostas diferentes das que ele próprio

propõe. Isso significa que as reclamações constantes não implicam necessariamente em uma “aflição ao coração” de Tushratta, para emprestar as palavras do rei mitânio. Pelo contrário, mostrar-se insatisfeito poderia ser uma forma de manter uma relação vantajosa e cada vez mais crescente.

Ao mostrar os defeitos de seus correspondentes, Tushratta está, na realidade, apontando as suas qualidades, como a generosidade e grandiosidade de seu governo. Contudo, por mais que Mitani fosse, de fato, um reino bastante poderoso neste período, ele estava constantemente ameaçado por ataques hititas e organizar uma defesa, manter um exército e articular uma batalha iminente eram tarefas caras. Por isso, podemos entender que as investidas de Tushratta visavam, também, uma segurança militar, que garantiria o auxílio egípcio nos tempos de guerra, e servia como uma fonte econômica, de onde viria o ouro.

A questão militar e a busca por ganhos econômicos, então, são duas motivações possíveis que podemos interpretar pela arguição de Tushratta. Metodologicamente, esses fins são buscados com o uso da retórica, afirmando a conveniência em se manter uma relação amistosa com Mitani, por meio da crítica ao seu correspondente e do enaltecimento tanto de Mitani como do próprio Tushratta.

As atitudes de Tushratta não são exclusivas ou isoladas, o sistema de Amarna (e talvez até antes, na Era de Ebla ou de Mari) possuía, além das regras acordadas, convenções extraoficiais que visavam alcançar seus fins. Como afirmo no decorrer deste estudo, as relações no mundo antigo são frágeis e, apesar de argumentarem em favor da paz, sabemos que os propósitos pessoais dos reis vão além disso. Claro, manter a paz certamente garantia mais estabilidade para os reinos, mas também significava benefícios para a economia – isso em várias acepções, seja pela isenção de taxas para uso de rotas, seja pelos materiais trocados. Nesse sentido, o sistema em si já era uma convenção que defendia uma relação amistosa e igualitária, mas que, na prática, visava a manutenção do poder.

As questões diplomáticas na antiguidade, trazidas por meio das Cartas de Amarna, mais do que manter a paz, pretendiam garantir poderes hegemônicos, suas riquezas e seus territórios. A região do Levante sempre foi geograficamente estratégica (por questões econômicas e militares) e, por isso, se tornou alvo de disputas entre os reinos ao seu redor. O Antigo Oriente Próximo, assim, pode se sustentar mantendo um contato que garantia

acesso a materiais que não estavam disponíveis em todos os territórios. Podemos não conhecer muito sobre todos os agentes, mas sabemos que seus reinos e as relações estabelecidas por eles foram cruciais para estabelecer os parâmetros de interações entre povos, garantindo o desenvolvimento de culturas, como a própria Idade do Bronze, e sistemas. E por isso seremos sempre gratos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOCUMENTAÇÃO:

ABEL, L. A. Stück einer Tafel aus dem Fund von El-Amarna. IN: *Zeitschrift für Assyriologie und verwandte Gebiete*. Berlim, 1892, v.7. pp. 117 – 119. Disponível em: <http://menadoc.bibliothek.uni-halle.de/dmg/periodical/structure/102276>

BECKMAN, Gary M. *Hittite Diplomatic Texts*. Atlanta: Scholars Press, 1996.

BEZOLD, C.; BUDGE, E.A.W. *The Tell el-Amarna Tablets in the British Museum*. Londres: The British Museum, 1892. Disponível em: <https://archive.org/details/tellelamarnatab00budggoog>

DURANT, Jean-Marie. *Documents épistolaires du palais de Mari*. Paris: Les Editions du Cerf, v. 1, 1997.

FIGULLA, H. H. (dir.). *Vorderasiatische Schriftdenkmäler der Königlichen Museen zu Berlin*. Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1914, v. 13. Disponível em: <https://archive.org/details/vorderasiatische1113knuoft>

JOSEPHUS, Flavio. *Against Apion*. Trad. H. St. J. Thackeray. Londres: William Heinemann, 1926.

LICHTHEIM, Miriam. *Ancient Egyptian Literature*. Los Angeles: University of California Press, v. 2, 2006.

LUCKENBILL, D. D.; ALLEN, T. G. The Murch Fragment of an El-Amarna Letter. IN: *The American Journal of Semitic Languages and Literatures*. Chicago, n. 1, v. 33, 1916. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/528303?seq=1#page_scan_tab_contents

HEIMPEL, Wolfgang. *Letters to the King of Mari*. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2003.

HORNE, Charles Francis. *The Sacred Books and Early Literature of the East*. Londres: Parke, Austin, and Lipscomb, v. II Egypt., 1917. Disponível em: <https://archive.org/details/sacredbooksearly02hornuoft>

MORAN, William. *The Amarna Letters*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1992.

PRITCHARD, James B. (ed.). *Ancient Near Eastern Texts*. Princeton: Princeton University Press, 1969.

RAINEY, Anson F. *The el-Amarna Correspondence*. Leiden: Brill, 2 vol., 2015.

SCHEIL, V. **Tablettes d'El Amarna de la collection Rostovicz**. IN: *Mémoires publiés par les membres de la Mission Archéologique Française au Caire*. Paris: Ernest Leroux, v. 6, fascículo II, 1892, pp. 298 – 309.

SCHOREDER, Otto (dir.) *Vorderasiatische Schriftdenkmäler der Königlichen Museen zu Berlin*. Leipzig: J. C. Hinrichs'sche Buchhandlung, 1915, v. 11 – 12. Disponível em: <https://archive.org/details/vorderasiatische1113knuoft>

Assyrian Languages, Association Assyriophile de France (dicionário de acadiano, em inglês e francês): http://www.assyrianlanguages.org/akkadian/index_en.php

ORACC – Open Richly Annotated Cuneiform Corpus (transliteração das Cartas de Amarna): <http://oracc.museum.upenn.edu/contrib/amarna/corpus>

Reshafim.org (Estela de Kamés, em inglês): http://www.reshafim.org.il/ad/egypt/kamose_inscription.htm#oren

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

ALDRED, Cyril. *Os egípcios*. Editorial Verbo: Lisboa, 1966.

_____. *Akhenaten. King of Egypt*. Londres: Thames and Hudson, 1994.

ANTHONY, Flora Brooke. *Foreigners in Ancient Egypt. Theban Tomb Paintings from the Early Eighteenth Dynasty*. Nova York: Bloomsbury, 2017.

ARRAIAS, Nely Feitoza. *Os Feitos Militares nas Biografias do Reino Novo: ideologia militarista e identidade social sob a XVIIIª dinastia do Egito Antigo. 1550 a 1295 a.C.* 2011, 245 f, Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, Niterói, 2011.

ARIÈS, Philippe. *O Tempo da História*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

ARNOLD, Dorothea (org). *The Royal Women of Amarna: Images of Beauty from Ancient Egypt*. Nova York: Happy N. Abrams, Inc, The metropolitan Museum of Art, 1996.

ARTZI, Pinhas. **The Diplomatic Service in Action: The Mittani File**. IN: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds.). *Amarna Diplomacy. The beginnings of international relations*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002.

BIERBRIER, Morris L. *Historical Dictionary of Ancient Egypt*. Toronto: The Scarecrow Press, Inc., 2008.

BIENKOWSKI, Piotr & MILLARD, Alan. *Dictionary of the Ancient Near East*. Londres: British Museum Press, 2000.

BIETAK, Manfred. **From Where Came the Hyksos and Where did they go?**. IN: MARÉE, Marcel (ed.) *The Second Intermediate Period (Thirteenth–Seventeenth Dynasties)*. Leuven: Uitgeverij Peeters; Departement Oosterse Studies, 2010, pp. 139 - 182.

BLOCH, Marc. *A Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002.

BOURRIAU, Janine. The Second Intermediate Period (c. 1650 – 1550 BC). IN: SHAW, Ian (ed.). *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

BRUGSCH-BEY, Heinrich. *Egypt Under the Pharaohs*. Londres: The Guernsey Press Co. LTD, 1996.

BRYAN, Betsy M. **The 18th Dynasty Before the Amarna Period** (c. 1550 – 1352 BC). IN: SHAW, Ian (ed.). *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

_____. **The Egyptian Perspective on Mittani**. IN: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Amarna Diplomacy*. The beginnings of international relations. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002.

_____. **A ‘New’ Statue of Amenhotep III and the Meaning of the Khepresh Crown**. IN: HAWASS, Zahi A.; RICHARDS, Janet (eds.) *The Archaeology and Art of Ancient Egypt*. Cairo: The American University in Cairo Press, v. 1, 2007, pp. 151 – 167.

BRYCE, Trevor. *Letters of the Great Kings of the Ancient Near East*. The Royal Correspondence of the Late Bronze Age. Londres: Routledge, 2014.

_____. *The Kingdom of the Hittites*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

BUDIN, Stephanie Lynn. *The Ancient Greeks: an Introduction*. Nova York: Oxford University Press, 2004.

BURNEY, Charles. *Historical Dictionary of the Hittites*. Toronto: The Scarecrow Press, Inc., 2004.

CANHÃO, Telo Ferreira. *A literatura egípcia do Império Médio: espelho de uma civilização*. 2010. 522 f. Tese (Doutorado em História Antiga). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História, Lisboa, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/2461>

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Sete Olhares Sobre a Antiguidade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CASTRO, Celso. *Textos Básicos de Antropologia: cem anos de tradição*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016

CHAPOT, Gisela. Akhenaton e a Construção de uma Cosmologia Positiva durante a Reforma de Amarna. In: *XII Jornada de Estudos da Antiguidade, 2010*. Niterói. Anais da XII Jornada de Estudos da Antiguidade CEIA-UFF, 2010. Disponível em: <http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/praticas-discursivas/artigos/akhenaton.pdf>

COELHO, Liliane C. & SANTOS, Moacir E. A escrita da história do Egito Antigo. IN: *NEARCO*, Rio de Janeiro, ano VII, nº 1, 2014, pp. 260 - 284. Disponível em: <http://www.revistanearco.uerj.br/arquivos/numero13/16.pdf>

COELHO, Liliane C. **O Egito e seus vizinhos: relações de poder nas cartas de Amarna**. IN: BIRRO, R. M. & CAMPOS, C. E. da C. (org). *Relações de Poder: da Antiguidade ao medievo*. Vitória: Departamento de Línguas UFES, 2013, pp. 1 – 24.

_____. *Mudanças e permanências no uso do espaço: a cidade de Tell el-Amarna e a questão do urbanismo no Egito Antigo*. 2015, 308 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2015.

COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Amarna Diplomacy*. The beginnings of international relations. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002.

COLINS, Paul. *From Egypt to Babylon: the International Age 1550 – 500 BC*. Cambridge: Harvard University Press, 2008.

CORDANI, Violetta. *La Cronologia del Regno di Šuppiluliuma I*. 2009, 221 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Università Degli Studi di Trieste. Sede Amministrativa del Dottorato di Ricerca. Trieste, 2009. Disponível em: https://www.openstarts.units.it/dspace/bitstream/10077/3498/5/cordani_phd.pdf

DAVID, A. R.; DAVID, A. E. *A biographical dictionary of ancient Egypt*. London: Seaby, 1992.

DICKINSON, Oliver. *The Aegean Bronze Age*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

DODSON, Aidan. *Amarna Sunrise*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2014.

_____. *Amarna Sunset: Nefertiti, Tutankhamun, Ay, Horemheb, and the Egyptian Counter-Reformation*. Cairo: The American University in Cairo Press, 2009

ESTEVEZ, María de la Paz. **La conquista de Toledo em 1085. Génesis y desarrollo de una frontera a través de sus fuentes**. IN: NEYRA, Andrea V. & RODRÍGUEZ, Gerardo (dirs.), *Qué implica ser medievalista? Prácticas y reflexiones en torno del historiador*. Mar del Plata: Universidad de Mar del Plata, Sociedad Argentina de Estudios Medievales, 2012, v.2. pp. 23-43.

EVANS, Jean M. **The Mitanni State**. IN: ARUZ, Joan; BENZEL, Kim; EVANS, Jean M. (eds.). *Beyond Babylon. Art, Trade, and Diplomacy in the Second Millennium B.C.* Nova York: The Metropolitan Museum of Art, 2008, pp. 196 – 196.

FINKEL, Irving; TAYLOR, Jonathan. *Cuneiform*. Londres: The British Museum Press, 2015.

FLEMING, Daniel E. **Prophets and Temple Personnel in the Mari Archives**. IN: GRABBE, Lester L. & BELLIS, Alice Ogden. *The Priests in the Prophets. The Portrayal of Priests, Prophets and Other Religious Specialists in the Latter Prophets*. Londres: T&T Clark International, 2004, pp. 44 – 64.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOURNET, Arnaud. About the Mitanni-Aryan Gods. IN: *The Journal of Indo-European Studies*, v. 38, n. 1 e 2, 2010, pp. 1 – 15.

FREU, Jacques. *Histoire du Mitanni*. Paris: L'Harmattan, 2003.

FRIZZO, Fábio. De Kamés a Amenhotep I: a Fundação das Bases do Império Egípcio do Bronze Tardio (1541-1493 a.C.). IN: *Revista do Mestrado de História*. Vassouras, v. 12, n. 1, 2010, pp. 25 – 40. Disponível em: <http://www.uss.br/pages/revistas/revistaMestradoHistoria/v12n12010/index.html>

_____. *Estado, Império e Exploração Econômica no Egito do Reino Novo*. 2016, 401 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, Niterói, 2016.

FUNARI, Pedro Paulo (org.). *As religiões que o mundo esqueceu: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses*. São Paulo: Contexto, 2012.

FUNARI, Pedro P.; GARRAFFONI, Renata. História Antiga na Sala de Aula. IN: *Textos Didáticos*. Campinas, IFCH/UNICAMP, n. 51, 2004.

GALÁN, José Manuel; BRYAN, Betsy; DOORMAN, Peter F. (ed.). *Creativity And Innovation In The Reign Of Hatshepsut*. Papers from the Theban Workshop 2010. Chicago: Studies in Ancient Oriental Civilization. The Oriental Institute of the University of Chicago, n. 69, 2014.

GALÁN, José Manuel. “El paso del tempo y el recuerdo del pasado en el antiguo Egipto”. IN: *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, v. LIX, nº 1, 2014, pp. 37-55. Disponível em: <http://rdtp.revistas.csic.es>

_____. *Cuatro Viajes en la Literatura del Antiguo Egipto*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2000. Disponível em: http://digital.csic.es/bitstream/10261/36807/1/Cuatro_Viajes.pdf

GARELLI, Paul. *O Oriente Próximo Asiático: das origens às invasões dos povos do mar*. São Paulo: Pioneira, EDUSP, 1982

GEE, John. Egyptologists' Fallacies: fallacies arising from limited evidence. IN: *Journal of Egyptian History*, v. 3, n. 1, 2010, pp. 137 – 158. Disponível em: <http://booksandjournals.brillonline.com/>

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GELB, Ignace J. *Hurrians and Subsarians*. Chicago: The University of Chicago Press, 1973.

GESTOSO, Graciela. *El Intercambio de Bienes entre Egipto y Asia Anterior*. Desde el reinado de Tuthmosis III hasta el de Akhenaton. Aires: Society of Biblical Literature - Centro de Estudios de Historia del Antiguo Oriente, Universidad Católica Argentina, 2008.

_____. The Term “Love” in the Amarna Letters. IN: *The Bulletin of Australian Centre for Egyptology*, v. 14, 2003, pp. 81 – 84.

_____. Color in Ancient Egypt. IN: *Terrae Antiquae*. Online, 6.dez.2010. Disponível em: <http://terraeantiquae.com/profiles/blogs/color-in-ancient-egypt> ; https://www.academia.edu/386121/Color_in_Ancient_Egypt

GIORDAN, Mário Curtis. *História da Antiguidade Oriental*. Petrópolis: Vozes, 1969.

GOETZE, Albrecht. On the Chronology of the Second Millennium B. C. (Concluded). IN: *Journal of Cuneiform Studies - JCS*. v. 11, n. 3, 1957, pp. 63 – 73.

GRIMAL, Nicolas. *História do Egito Antigo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GUARINELLO, Norberto Luiz. *História Antiga*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

HAEKEL, Ernest. *O Monismo*. Tradução de Fonseca Cardoso. Porto: Livraria Charton, 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/monismo.pdf>

HALLIDAY, Fred. ‘Orientalism’ and Its Critics. IN: *British Journal of Middle Eastern Studies*, v. 20, n. 2, 1993, pp. 145 – 163.

HART, G. *The Routledge dictionary of Egyptian gods and goddesses*. London; New York: Routledge, 2005.

HOLMES, Y. Lynn. The Messenger of the Amarna Letters. IN: *Journal of the American Oriental Society (JAOS)*, v. 95, n. 3, Julho – Setembro, 1975, pp. 376-38. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/599349?seq=1&cid=pdf-reference#references_tab_contents

HORNUNG, E.; KRAUSS, R.; WARBURTON, D. (orgs.). *Ancient Egyptian chronology*. Leiden: Brill, 2006.

JAMES, Alan. **Egypt and Her Vassals: The Geopolitical Dimension**. IN: COHEN, Raymond; WESTBROOK. *Amarna Diplomacy*. The beginnings of international relations. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002.

JENKINS, Richard. *Rethinking Ethnicity. Arguments and Explorations*. Londres: SAGE Publications Ltd, 1998.

JOÃO, Maria Thereza David. *Dos Textos das Pirâmides aos Textos dos Sarcófagos: a "democratização" da imortalidade como um processo sócio-político*, 2008, 187 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Niterói. 2008.

_____. *Estado e elites locais no Egito do final do IIIº milênio a.C.* 2015, 281 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

JOHNSON, Paul. *Egito Antigo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

KIMRIN, Janice. The Aamu of Shu in the Tomb of Khnumhotep II at Beni Hassan. IN: *Journal of Ancient Egypt Interconnections*. Arizona, v. 1, n. 3, 2009, pp. 22 – 36. Disponível em: <http://jaei.library.arizona.edu/>.

_____. **The Procession of “Asiatics” at Beni Hasan**. IN: ARUZ, Joan; GRAFF, Sarah B; RAKIC, Yelena (ed.). *Cultures in Contact. From Mesopotamia to the Mediterranean in the Second Millennium b.c.* Nova York: The Metropolitan Museum of Art, 2013, pp. 156 – 169.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

LIVERANI, Mario. *Relaciones Internacionales en el Próximo Oriente Antiguo, 1600 – 1100 a.C.*. Barcelona: Edicions Bellaterra S.L., 2003.

_____. **The Great Powers’ Club**. IN: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Amarna Diplomacy. The beginnings of international relations*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002.

_____. Hurri e Mitanni. IN: *Oriens Antiquus*, v. I, 1962, pp. 253 – 257.

MARTINO, Stefano de. **The Mittani State: The formation of the Kingdom of Mittani**. IN: CANCIK-KIRSCHBAUM, Eva; BRISCH, Nicole; EIDEM, Jesper (eds). *Constituent, Confederate and Conquered Space. The Emergence of the Mittani State*. Berlin: De Gruyter, 2014, pp. 61 – 74.

_____. **A Tentative Chronology of the Kingdom of Mittani from its Rise to the Reign of Tušratta**. IN: HUNGER, H.; PRUZSINSKY, R. (eds). *Mesopotamian Dark Age Revisited*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2004, pp. 35 – 42.

McINERNEY, Jeremy (ed.). *Ethnicity in the Ancient Mediterranean*. Malden: Wiley Blackwell, 2014.

MEIER, Samuel A. **Diplomacy and International Marriages**. IN: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds). *Amarna Diplomacy*. The beginnings of international relations. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002.

MORAN, William L. **A Syntactical Study of the Dialect of Byblos**. (Tese – Johns Hopkins University, 1950). IN: HUEHNERGARDM John; IZE'EL, Shlomo (eds). *Amarna Studies*. Collected Writings by William L. Moran. Winona Lake: Eisenbrauns, 2003, pp. 9 – 130.

MORRIS, Ellen. **Mitanni Enslaved: Prisoners of War, Pride, and Productivity in a New Imperial Regime**. IN: GALÁN, José Manuel; BRYAN, Betsy M; DORMAN, Peter (eds). *Creativity and Innovation in the Reign of Hatshepsut*. Chicago: The Oriental Institute, Studies in Ancient Oriental Civilization n. 69, 2014, pp. 361 – 380.

MUMFORD, Gregory D. **Egypt and the Levant**. IN: STEINER, M.; KILLEBREW, A. E. (eds.). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant c. 8000–332 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2014, pp. 69 – 79.

NOVÁK, Mirko. **Mittani Empire and the Question of Absolute Chronology: Some Archaeological Considerations**. IN: BIETAK, M.; CZERNY, E. *The Synchronisation of Civilizations in the Eastern Mediterranean in the Second Millenium B.C*. Wien: Proceedings of the SCIEM 2000 – 2ndEuro Conference, 2007, pp. 389 – 401.

PODANY, Amanda H. *Brotherhood of Kings*. How international relations shaped the Ancient Near East. Nova York: Oxford University Press, 2010.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: Editora Unesp, 2011

POZZER, Katia M. P. Escritas e Escribas: o cuneiforme no antigo Oriente Próximo. IN: *Clássica*, São Paulo, v. 11/12, 1999, pp. 61 – 80.

_____. **A Palavra de Argila e a História da Memória**. IN: KARNAL, Leandro; NETO, José Alves de Freitas (orgs). *A Escrita da Memória. Interpretações e Análises Documentais*. Santos: Instituto Cultural Banco Santos, 2010, pp. 62 – 93.

REEVES, Nicholas. *Akhenaten and the Amarna Pharaohs*. Madri, 30/05/2002. (Palestra). Disponível em: <http://www.nicholasreeves.com/item.aspx?category=Events&id=168>

REDE, Marcelo. Relações Internacionais, Diplomacia e Direito na Antiga Mesopotâmia. IN: *Phoînix*. Rio de Janeiro, n. 13, 2007, pp. 167 – 177. Disponível em: http://phoenix.historia.ufrj.br/media/uploads/artigos/11_Relacoes_internacionais_diplomacia_e_direito_na_antiga_mesopotamia_Ma_kGGmUc3.pdf

RICHTER, Barbara A. The Amduat and its Relationship to the Architecture of Early 18th Dynasty Royal Burial Chambers. IN: *Journal of the American Research Center in Egypt* (JARCE), v. 44, 2008, pp. 73 – 104.

RICOEUR, PAUL. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

ROCHA, Everardo; FRID, Marina (orgs.). *Os Antropólogos. De Edward Taylor a Pierre Clastres*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2015.

ROCHA, Everaldo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo?*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

ROUX, Georges. *Ancient Iraq*. Londres: Penguin, 1992.

RUS, Andrej. *Features of Gift Exchange in Market Economy*. 2012, 467 f. Tese (Doutorado). Univerza V Ljubljani – Fakulteta za Družbene Vede, 2010. Ljubljani, 2010.

SAHLINS, Marshall. *Stone Age Economics*. Chicago: Aldine. Atherton, Inc., 1972.

SAID, Edward W. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

SANFELICE, Vinícius Oliveira. Imaginação em Paul Ricoeur: Percurso com Husserl e Kant. IN: *Thaumazein*. Santa Maria, ano V, v. 10, dez. 2012, pp. 89 – 99. Disponível em: <http://sites.unifra.br/thaumazein/N%C3%BAmerosAnteriores/AnoVN%C3%BAmero10/tabid/54/Default.aspx>

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. De tablet para tablet - novas ferramentas para a pesquisa e o ensino da história das culturas cuneiformes na era digital. IN: *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n. 12, maio/agosto, 2014, pp. 212 - 241.

SAUNERON, Serge. *The priests of ancient Egypt*. New York: Grove Press, 1980.

SCHNEIDER, Thomas. **Foreigners in Egypt: Archaeological Evidence and Cultural Context**. IN: WENDRICH, W. (ed). *Egyptian Archaeology*. Oxford: Blackwell Studies in Global Archaeology, 2010, pp. 143 – 163

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. Questões de fronteira: sobre uma antropologia da história. IN: *Novos Estudos – CEBRAP*. São Paulo, n. 72, 2005, pp. 119 – 135. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n72/a07n72.pdf>

SCOVILLE, Priscila. Senhoras da Casa: uma visão sobre a importância do feminino na sociedade egípcia da XVIII dinastia. IN: *Cadernos de Clio*, Curitiba, nº 5, 2014, pp. 283 – 303.

SEAWRIGHT, Caroline. Hatshepsut, The Woman Who Would be King. IN: *TALK: The International Magazine of Orascom Telecom Holding*, no. 6, 2008, p. 10-13. Disponível em: http://www.thekeep.org/~kunoichi/kunoichi/themestream/hatshepsut_talk.html#.VmnCb3arTDc#ixzz3twZNBb29.

SILVA, Guilherme A. & GONÇALVES, Williams. *Dicionário de Relações Internacionais*. Barueri: Manole, 2010.

SILVA, Kalina Vanderlei & SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2009.

SHAW, Ian & NICHOLSON, Paul. *British Museum Dictionary of Ancient Egypt*. Londres: The British Museum Press, 1995.

SHAW, Ian. *The Oxford History of Ancient Egypt*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

SOUZA, Anna Cristina Ferreira de. *Nefertiti, sacerdotisa, deusa e faraó*. Rio de Janeiro: Madras, 2012.

SPALINGER, Anthony J. *War in Ancient Egypt*. Oxford: Blackwell, 2005.

VAN DE MIEROOP, Marc. *A History of Ancient Egypt*. Oxford: Blackwell, 2011.

_____. *A History of the Ancient Near East ca. 3000-323 BC*. Oxford: Blackwell, 2007.

_____. *King Hammurabi of Babylon: A Biography*. Oxford: Blackwell, 2005.

VAN KOPPEN, Frans. **The Geography of the Slave Trade and Northern Mesopotamia in the Late Old Babylonian Period**. IN: HUNGER, H.; PRUZINSKY, R. (eds). *Mesopotamian Dark Age Revisited*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2004, pp. 9 – 33.

VAN SOLDT, Wilfred H. **Why did They Write? On Empires and Vassals in Syria and Palestine in the Late Bronze Age**. IN: VAN EGMOND, W.S.; VAN SOLDT, W. H. (eds). *Theory and Practice of Knowledge Transfer*. Studies in School Education in the Ancient Near East and Beyond. Papers Read at a Symposium in Leiden, 17-19 December 2008. Leiden: Nederlands Instituut Voor Het Nabije Oosten, 2012, pp. 103 – 113.

VILLELA, Jorge Luiz Mattar. A dívida e a diferença. Reflexões a respeito da reciprocidade. IN: *Rev. Antropologia*, São Paulo, v. 44, n. 1, 2001, pp. 185 – 220. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100006

VILSON, Steve. *Egyptian Boats and Ships*. Buckinghamshire: Shire publications LTD, 1994.

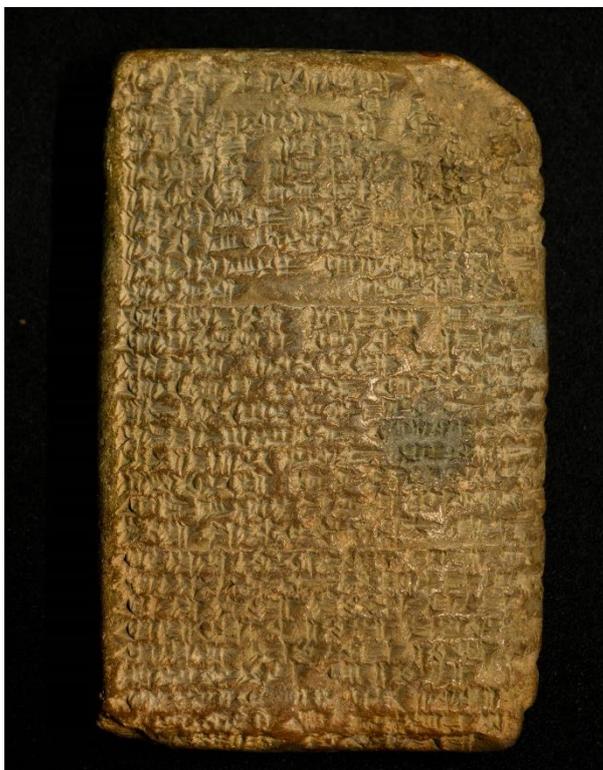
VON DASSOW, Eva. **Levantine Politics Under Mittanian Hegemony**. IN: : CANCIK-KIRSCHBAUM, Eva; BRISCH, Nicole; EIDEM, Jesper (eds). *Constituent, Confederate and Conquered Space*. The Emergence of the Mittani State. Berlin: De Gruyter, 2014, pp. 11 – 32.

WATTERSON, Barbara. *Amarna. Ancient Egypt's Age of Revolution*. Stroud: Tempus, 2002.

WESTBROOK, Raymond (ed.). *A History of Ancient Near Eastern Law*. Leiden: Brill, 2 vol., 2003.

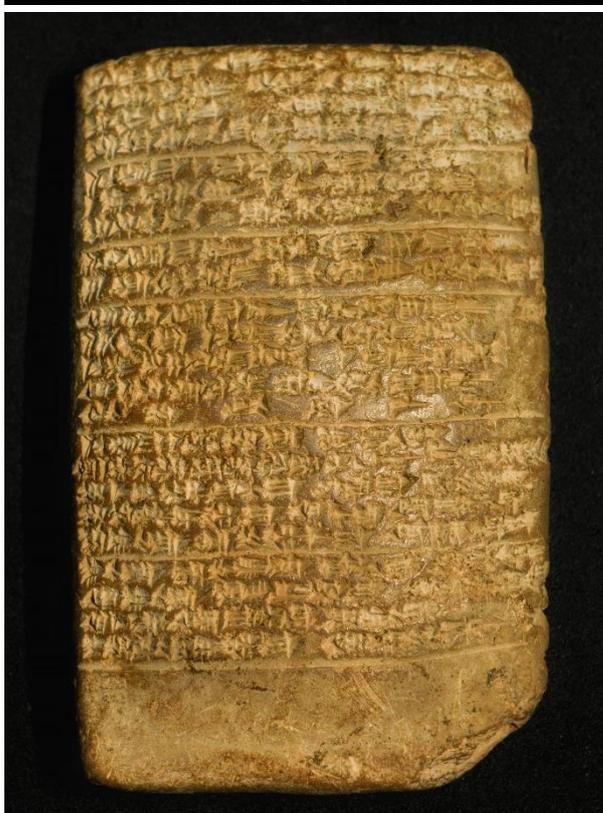
_____. **International Law in the Amarna Age.** IN: COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond (eds.). *Amarna Diplomacy. The beginnings of international relations.* Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002.

WILHELM, Gernot. *The Hurrians.* Warminster: Aris and Phillips Ltd, 1989.

EA 17

Carta EA17, frente.

Foto da autora, com a permissão do British Museum.



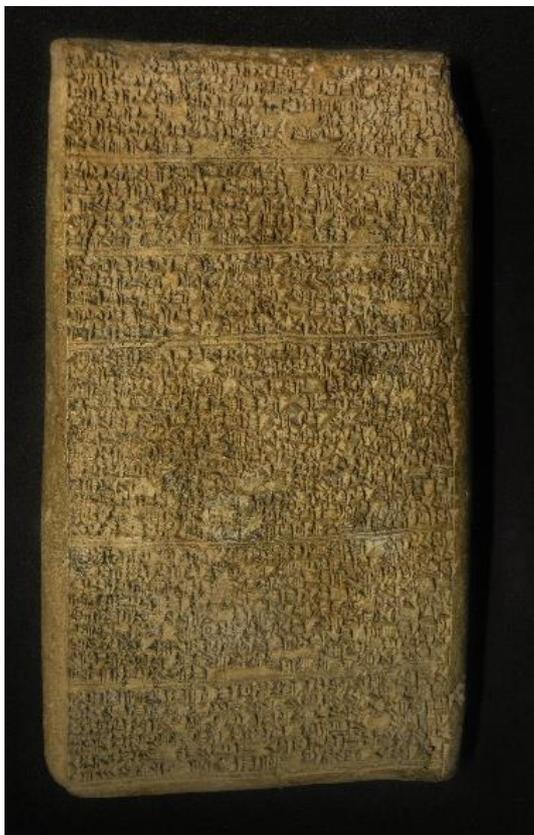
Carta EA17, verso.

Foto da autora, com a permissão do British Museum.

TRADUÇÃO:

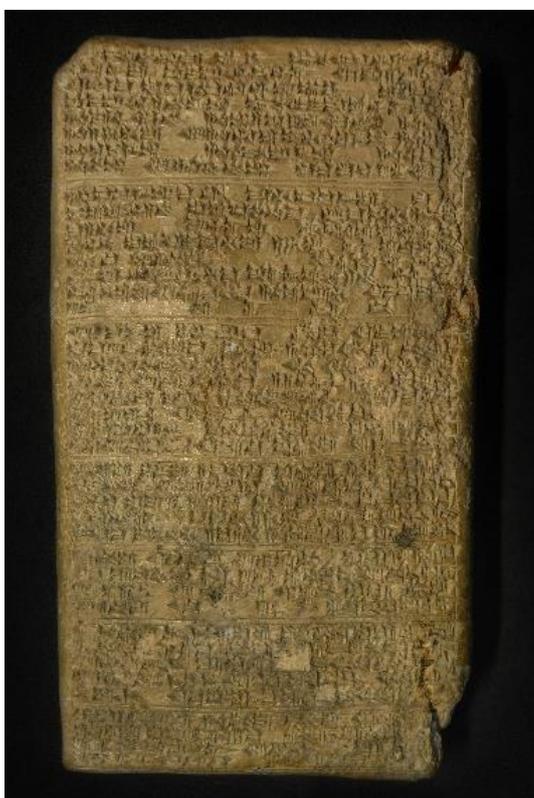
- (1-10). Para Nibmu‘areya, r[ei da terra do Egito], meu irmão, diga: Assim (diz) Tuisheratta, rei das terras de [Mi]tani, seu irmão. Tudo bem comigo. Que tudo esteja bem com Kelu-Heba, minha irmã. Com sua casa, com suas esposas, com seus filhos, com seus alto-oficiais, com a sua infantaria, com seus cavalos, com suas bigas, e dentro de suas terras, que tudo esteja muito bem.
- (11-20). Quando eu sentei no trono de meu pai, e eu era jovem, então Pirḫi cometeu atos indecorosos em minhas terras e matou seu senhor. E por causa disso ele não estava permitindo-me amizade com ninguém que me amava. Mas eu, além disso, por causa das coisas indecorosas que foram feitas em minhas terras, não fui negligente e como para as pessoas que mataram Artashumara, meu irmão, com tudo que lhes pertencia, eu os matei.
- (21-29). Uma vez que você foi amigável com meu pai, então, por causa disso eu tenho escrito e falado com você para que meu irmão saiba dessas coisas e então possa se alegrar. Meu pai te amava e você, em contrapartida, retribuía para meu pai, você o amava e meu pai, por causa (desse) amor, [d]eu para você minha irmã. E quem mais era com meu pai como você?
- (30-35). [Du]rante a vida, ademais, de meu irmão, quando retornou, quando as terras de Hatti em sua totalidade vieram como inimigas contra minhas terras; Teshub, meu senhor, deu-os em minhas mãos e eu os matei. Dentre eles não houve um que voltou para as terras deles.
- (36-38). Agora, uma biga, dois cavalos, um homem e uma mulher do espólio das terras de Hatti eu mando para você.
- (39-40). Para os presentes de meu irmão cinco bigas, (e) cinco parelhas de cavalo, eu envio para você.
- (41-45). E para os presentes de Kelu-Heba, minha irmã, um conjunto de broches de ouro, um conjunto de brincos de ouro, um anel *mashḫu* de ouro, e um recipiente de pedra que está cheio de óleo doce, eu envio para ela.

- (46-50). Agora, quanto Kelia, meu ministro-chefe, e Tunip-iwri, eu os mando. Que meu irmão deixo-os ir rapidamente para que eles tragam um reporte para mim então que eu ouça sobre o bem-estar de meu irmão e alegre-me.
- (51-54). Que meu irmão procure amizade comigo, e que meu irmão e envie seus mensageiros para mim, para que então os presentes de meu irmão venham para mim e eu possa saber.

EA 19

Carta EA19, frente.

Foto da autora, com a permissão do British Museum.



Carta EA19, verso.

Foto da autora, com a permissão do British Museum.

TRADUÇÃO:

- (1-8). [P]ara Nimmureya, o Grande Rei, rei das terras do Egito, [meu] irmão, meu [g]enro, quem me ama e quem eu a[mo], diga: Mensagem de Tushratta, o Grande Rei, seu sogro quem te ama, rei da terra de Mitani, seu irmão: Tudo está bem comigo; que esteja bem com você, com sua casa, com minha irmã e com o resto de suas esposas, com seus filhos, com suas bigas, com seus cavalos, com seu grande exército, com suas terras e com o que quer que lhe pertença, que tudo vá muito, muito bem.
- (9-16). Desde (os tempos de) seus antepassados, eles sempre amaram meus antepassados muito. Você, além disso, fez mais e sempre mostrou ainda mais amor por meu pai. Agora, você, na medida em que nós continuamos a amar um ao outro em afeto mútuo, aumentou dez vezes mais do que por meu pai. Que os deuses permitam que todas essas coisas que nós temos amado aqui (= até agora). Que Teshub, meu senhor, e Amon, o façam receptivo para sempre como agora.
- (17-24). Quando meu irmão mandou Mane, seu emissário, dizendo: “Por favor, meu irmão, envie-me uma filha para esposa, para ser a senhora das terras do Egito”, eu não causei aflição ao coração de meu irmão, mas disse, “com prazer! Sim!”. E como foi pedido por meu irmão, eu a mostrei para Mane e ele a viu. Como ele a viu e a elogiou enormemente, eu levá-la em segurança para a terra de meu irmão.
- Que Shaushga e Amon a façam à imagem do desejo de meu irmão.
- (25-29). Kelya, meu emissário, trouxe-me as palavras de meu irmão. Quando eu (as) ouvi, e elas eram muito agradáveis, então eu alegrei-me extremamente, e disse verdadeiramente “Isso é com certeza! Isso que há entre nós, é mútuo, nós amamos um ao outro. Agora, com tais palavras, permita-nos amarmos um ao outro para sempre”.
- (30-33). Quando eu escrevi para meu irmão, eu verdadeiramente disse: “que nós sempre amemos muito, muito um ao outro e que entre nós sempre haja

amizade. E para o meu irmão eu disse: que meu irmão sempre se supere em dez vezes o que ele fez por meu pai”.

(34-38). E eu pedi de meu irmão, muito ouro, dizendo: “Que ele exceda para mim o que foi feito por meu pai; que meu irmão me envie. E como para meu pai você enviou muito ouro para ele: vasos dourados grandes, jarros dourados grandes, você enviou para ele. Tijolos de ouro, no mesmo tamanho dos de cobre, você en[viou para ele]”.

(39-42). Quando eu enviei Kelia para meu irmão e eu pedi ouro, eu verdadeiramente disse: “Que meu irmão exceda para mim dez vezes o que ele fez por meu pai e que ele me envie muito ouro que não foi trabalhado”.

(43-48). Que meu irmão envie para [mim] muito mais do que para meu pai e assim eu disse para meu irmão, dizendo: “Eu estou construindo o mausolé[u] de meu avô”. Dizendo, verdadeiramente eu disse: “De acordo com a resposta positiva certa (um oráculo), eu estou fazendo os apetrechos”.

E assim, além disso, eu disse: “Quanto ao ouro que meu irmão está enviando, é para o preço da noiva que ele deveria mandar”.

(49-53). Agora, meu irmão enviou o ouro. Eu disse: “seja isso pouco ou não, não pouco mais muito, mas isso já foi trabalhado”. Mas se, no entanto, ele foi trabalhado, então, quanto a isso, eu alegro-me bastante e o que quer que meu irmão me envie, eu estou muito feliz sobre isso!

(54-58). Agora eu tenho escrito para meu irmão para que meu irmão aumente sua afeição muito mais do que para meu pai. Agora eu pedi ouro para meu irmão e quanto ao ouro que eu pedi para meu irmão, ele será expandido para atender a dois requisitos; a primeira (parte) é para o mausoléu e, em segundo lugar, ele é para o preço da noiva.

(59-70). Então, meu irmão, muito ouro que não tenha sido trabalhado, que meu irmão envie para mim; e que meu irmão me envie mais ouro do que para meu pai. E nas terras de meu irmão ouro é abundante como pó. Que os deuses garantam que assim como agora ouro é abundante nas terras de meu irmão, que ele aumente o ouro dez vezes mais do que é agora. E que o ouro que eu peço não aflija o coração de meu irmão. E que meu irmão não aflija o meu coração.

Então, que meu irmão me envie muito ouro que não foi trabalhado. E o que quer que meu irmão precise para sua casa, que ele me escreva e permita que ele tenha e eu vou verdadeiramente dar dez vezes o que meu irmão pediu. Essa terra é a terra de meu irmão e esta casa é a casa de meu irmão.

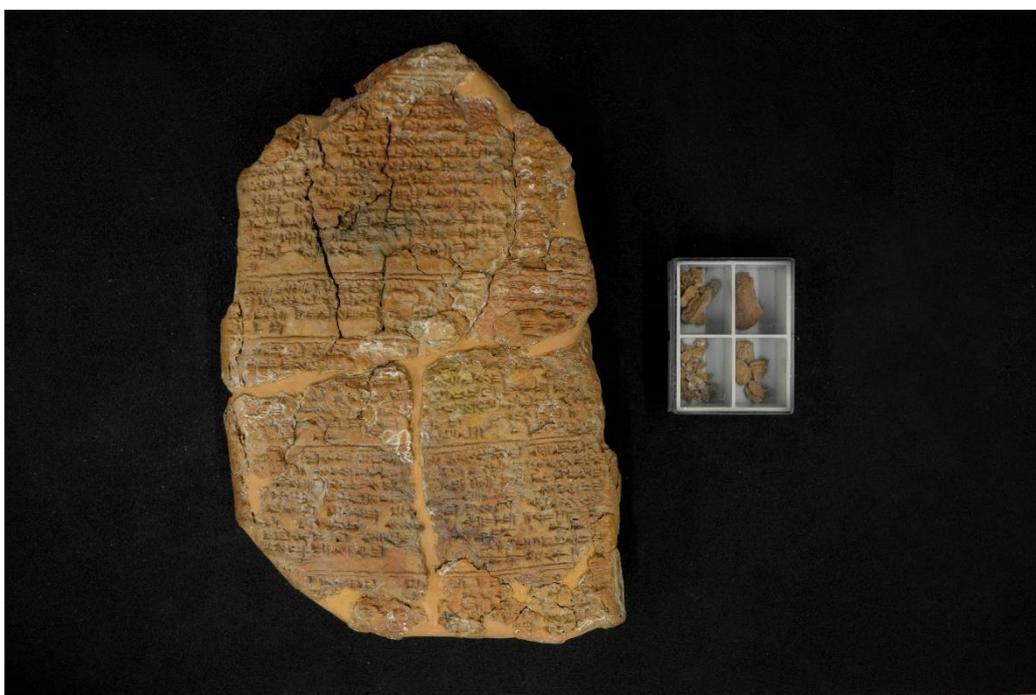
(71-79). Agora meu emissário, Keliya, eu o enviei para meu irmão e que meu irmão não o detenha, que ele libere-o rapidamente para que então ele possa ir. Quanto antes eu souber do bem-estar de meu irmão, eu alegrar-me-ei bastante. Para sempre que eu continue ouvindo que tudo está bem com meu irmão. E por essas palavras que nós vamos continuamente escrever, que Teshub, meu senhor, e Amon, garantam-as e que elas atinjam seus objetivos e que elas estejam, enquanto elas existiram, como elas estão agora. Assim como agora nós continuamente amamos (um ao outro), então como agora que nós amemos (um ao outro) para sempre!

(80-85). Agora quanto aos presentes de meu irmão, eu tenho enviado: um grande copo de ouro, com a alça embutida com genuína lápis-lazúli, um colar *maninnu* pesado com vinte pedras de genuínas lápis-lazúli e dezenove de ouro, cuja peça central é de genuína lápis-lazúli ajustada em ouro; um colar pesado *maninnu* com quarenta e duas genuínas pedras *hulalu*, quarenta triângulos públicos de Shaushga, em cujo peça central é em genuína pedras *hulalu* ajustadas em ouro; dez pares de cavalo, dez bigas de madeira com seus equipamentos e trinta mulheres (e) homens, como presentes para meu irmão.

EA 20

EA20, frente (cima) e verso (baixo), com fragmentos.

Fotos da autora, com a permissão do Vorderasiatisches Museum



TRADUÇÃO:

- (1-7). Diga [para Nim]muare‘ia, rei da terra do [Egito], meu genro [quem eu a]mo, quem [me] ama. [A mensagem de T]ushratta, rei da terra de Mit[ani], seu sogro [que ama] você, seu irmão. Está tudo bem [com]igo. Com você [que esteja b]em, com sua casa, com [suas] esposas, com seus [fi]lhos, com seus alto-oficiais, [com] suas bigas, com seus cavalos, com seus guerreiros, [co]m sua terra e suas possessões, que tudo esteja muito, muito bem.
- (8-13). Mane, o emissário de meu irmão, veio em amizade para pegar a esposa de meu irmão, a senhora da terra do Egito, e eu li e reli o tablete que ele trouxe [e] eu ouvi suas [pa]lavras e elas eram muito doces; as palavras de meu irmão como se eu tivesse visto meu irmão em pessoa. E eu alegrei-me naquele dia muito. E eu fiz aquele dia e noite uma celebração.
- (14-17). Eu vou carregar todas as palavras de meu irmão que Mane trouxe para mim. Nes[te] ano, agora, eu vou entregar a esposa de meu irmão, a senhora do Egito, e eles a levaram para meu irmão. Neste dia, Hanigalbat e Egito serão como [um homem].
- (18-22). E por causa disso, Mane irá se atrasar um pouco. Meu irmão, Keliya e Mane [eu vou] liberar prontamente e eu não vou sobrecarrega-los, [a]ssim, meu irmão, com a tarefa de finalizar o trabalho. Eu não realizei o trabalho para [fazê-lo] dez vezes (mais) para a esposa de meu irmão, mas agora eu vou fazer o trabalho.
- (23-27). Em seis meses, Keliya, meu emissário, e Mane, o emissário de meu irmão, eu vou liberar. A esposa de meu irmão eu vou ent[regar] e eles irão a levar para meu irmão. Que <Sha>ushka, minha senhora, a senho[ra das terras e] de [me]u [irmão], e Amon, o deus de meu irmão, faça [ela] corresponder ao [desejo de meu irmão].
- (28-32). Eles levarão [a esposa del]e para meu irmão, e que meu irmão, quando [eles a apresentarem] então [ele irá] a ver; ela se tornou muito madura, e ele [irá a desejar]. [Ela] é formada de acordo com o desejo de meu irmão. E, [além

disso], os [presente]es que eu dou, meu irmão [verá], [são melhores] do que se pode contar.

(33-38). [Agora] Haramashi, [qu]em meu irmão em pessoa [enviou] para [mim, eu envio], e eu confiei um tablete a ele. [Que ele le]ia a men[sagem para meu irmão] e que escute-se as palavras dele. [E agora Hara]mashi eu envio para meu irmão [para ... E,] meu [ir]mão não tratou be[m] suas tropas [....]

(39-41). [...] para meu irmão [...]

(42-45). [...] q[uando...] para Man[e, o emissário de meu irmão...] todos eles [...m]orreram diante de mim [.....].

(46-59). [E no que diz respeito ao ouro] que meu irmão enviou, eu conclamei todos os meus [convidad]os [estrangeiros]. [Meu] irmão, [o ouro que ele enviou] na presença de todos eles, agora, foram cortados em aberto [...t]odos eles, eles estavam selados e o ouro estava nã[o-trabalhado!]. [Eles ficaram ch]eios [de raiva] e eles lamentaram dolorosamente, [dizendo,] “Tudo isso é [real]mente de ouro? Isso não está trabalhado!” [E] eles disseram. “Na terra do Egito, ouro é mais abundante que pó”. [E], meu irmão, além do mais, “ele ama você muito. Como pela humanidade, [ele] que ama, então coisas como estas, para ele, ele não da[ria]. A pessoa que desejar, isso é mais abundante do que pó na terra do Egito, mas quem daria a alguém coisas assim cuja soma é tão mes[quinha! Mas] sem contar (que ele daria)”. Eu verdadeiramente disse assim “Eu não posso dizer diante de vocês, ‘Meu [irm]ão, o rei das terras do Egito, me ama muito’”.

(60-63). Mas, meu irmão levará ao coração que meu coração ficou um pouco aflito. E ele só pode ser amolecido. Nunca mais que Teshub permita-me que eu deva me enfurecer assim com meu irmão. Assim eu tenho falado com meu irmão para que ele saiba.

(64-70). Mane, o emissário meu irmão, e as tropas de meu irmão que o acompanharam. Eu honrei todos eles e eu os tratei com grande distinção. Agora Mane está indo e meu irmão pode interroga-lo extensivamente sobre como eu o honrei grandemente. Ele vai contar para meu irmão e meu irmão pode ouvir a eles de acordo com o que eu fiz com eles. Como se faltou a

Mane qualquer coisa ele não iria morrer. Ele ainda é ele mesmo e ele não está ficando doente.

(71-79). Então, meu irmão, que ele em envie muito ouro que não foi trabalhado; que meu irmão exceda o lote de meu pai. Que Teshub e Amon garantam que meu irmão revele amor por mim, que meu irmão me faça glorificado(!) na presença das minhas terras e na presença dos meus convidados estrangeiros. Que eu preencha o coração de meu irmão com desejo sempre. E que meu irmão preencha meu próprio coração com desejo. Como a humanidade ama o deus do sol, que nós, como agora – que os deuses nos garantam -, possamos continuar a amor [em] nossos [coraç]ões.

(80-84). [E ago]ra, como presente para eu irmão eu envio: uma fechadura de corda [o... que é de...] e sua base é de pedra *hiliba* cravada em ouro; [... que] tem em sua alça [...]; [...] com pérolas de genuína pedra *hiliba* cravadas em ouro, que é para a mão [...] ... eles irão.

EA 21

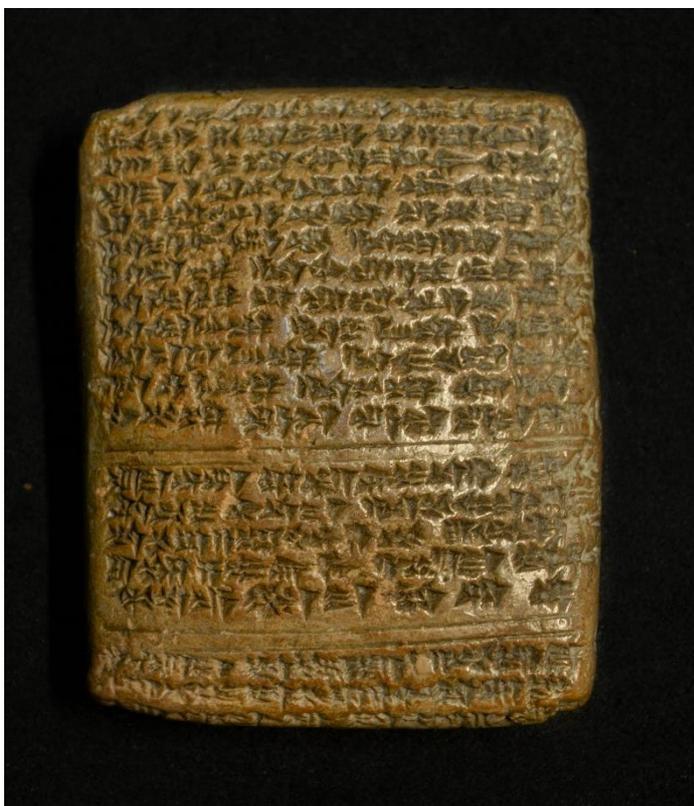
EA21, frente (cima) e verso (baixo)

Fotos da autora, com a permissão do Vorderasiatisches Museum



TRADUÇÃO:

- (1-12). Diga para Nimmure‘a, o grande rei, o rei da terra do Egito, meu irmão, meu genro, quem eu amo e que me ama; assim (disse) Tushratta, o grande rei, o rei da terra de Mitani, seu irmão, seu sogro e alguém que te ama: está tudo bem comigo. Com meu irmão e com meu genro que esteja tudo bem. Com sua casa e suas espo[sas], com seus filhos, com seus homens, com suas bigas, com seus cavalos, com sua terra e com suas possessões que tudo esteja muito bem.
- (13-23). Minha filha como a esposa de meu irmão quem eu amo, eu a dei. Que Shimigi e Shaushka a acompanhem. Que eles façam a imagem dela do coração de meu irmão. E, que meu irmão alegre-se ne[st]e dia. Que Shimigi e Shau[shka] dêem [para] meu irmão uma gra[nde] bênção e maravilh[oso] deleite. Que eles abençoem ele, e que meu irmão vi[va] para sempre.
- (24-32). Mane, o emissário d[e meu irmão], e Hane, o interprete de meu irmão eu exaltei como deuses. {Eu} dei [para eles] {muitos presentes}. Eu tratei os dois muito bem porque o reporte deles era excelente. Eu nunca, em nenhum momento, vi homens ambos tão bem formados. Que os meus deuses e os deuses de meu irmão os protejam.
- (33-41). Agora, uma *naḥra* polida para fazer espelho<s> para meu irmão eu mandei para ele, e um colar *maninnu* de pura lápis-lazúli, pura lápis-lazúli e de ouro, eu mandei e que ele permaneça no pescoço de meu irmão por cem mil anos!

EA 23

Carta EA23, frente.

Foto da autora, com a permissão do British Museum.



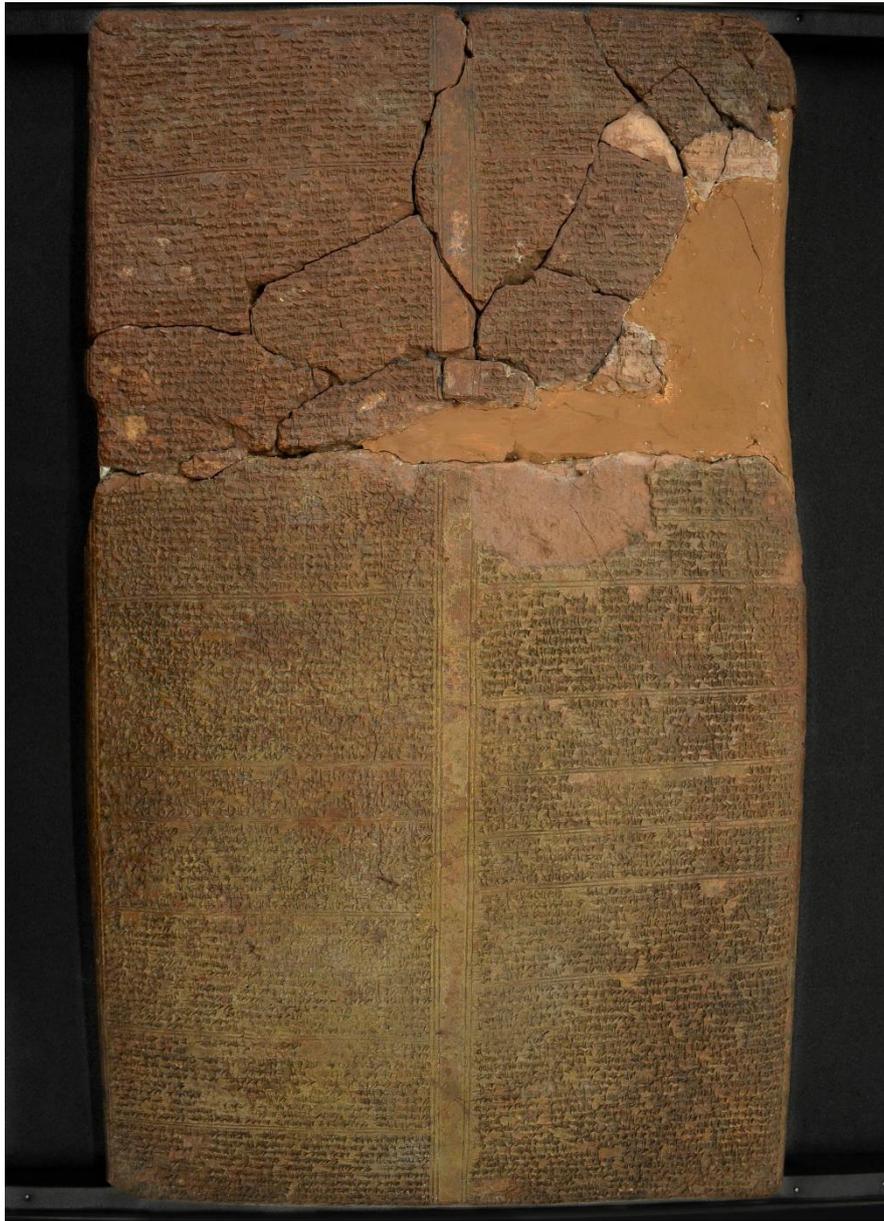
Carta EA23, verso.

Foto da autora, com a permissão do British Museum.

TRADUÇÃO:

- (1-3). Diga [pa]ra Nimmureya, rei da terra do Egito, meu irmão, meu genro, quem eu amo e que me ama;
- (4-12). Assim (diz) Tushratta, rei de Mitani, que te ama, seu sogro: Para mim tudo está bem, para você que esteja bem. Para sua casa, para Tadu-Heba, minha filha, para sua esposa quem você ama, que esteja tudo bem. Para suas esposas, para seus filhos, para seus alto-oficiais, para suas bigas, para seus cavalos, para suas tropas, para suas terras e quaisquer coisas que lhe pertençam, que esteja tudo muito, muito bem.
- (13-17). Assim (disse) Shaushka da cidade de Nineveh, senhora de todas as terras: “Para a terra do Egito, para as terras que eu amo, eu verdadeiramente iria e então eu verdadeiramente voltaria”. Agora eu (a) mandei, ela já saiu.
- (18-25). Agora, foi no tempo de meu pai que Shaushka, a senhora foi para aquela terra, e assim como formalmente residiu lá e eles a honraram, então agora, quanto ao meu irmão, que ele a honre dez vezes mais do que antes. Quanto ao meu irmão, que ele a honre; com alegria que ele a libere e que ela retorne.
- (26-30). Que Shaushka, a senhora do céu, nos proteja, meu irmão e eu, por centenas de milhares de ano; e que nossa senhora nos garanta, para nós dois, grande alegria e que nós hajamos como amigos.
- (31-32). É Shaushka minha divindade e não a divindade de meu irmão?

Ano [de gover]no 36, quarto mês, dia 1. Ele (o rei) estava na vila sul da casa de regozijo.....

EA 24

Carta EA24, frente (cima), com fragmentos (baixo).

Fotos da autora, com a permissão do Vorderasiatisches Museum



TRADUÇÃO:**Parte I:**

- (I,1-7). [Diga para Nim]murey[a, o grande rei do Egito, meu irmão, meu genro], q[uem eu amo (e) que me ama: Assim (diz) Tu]shra[tt]a, o r[ei da terra de Mitani, seu sogro, que ama você, seu irmão]. Tudo está bem comigo. [Que tudo] vá b[em com você]. Para m[eu g{ }]enro, suas esposas, [seus filhos, seus] alto-oficiais, seus [cav]alos, suas bigas, su[as tropas], sua terra e suas [pos]sessões, que tudo vá muito bem.
- (8-15). Verdadeiramente, nossos antepassados [os meus(?) e] os de meu irmão, estavam em relações amigáveis, [...] tudo... da(?) terra do Egito. Os hititas são *heri* da [terra] hurrita [...] eles são numerosos(?). Como [...]. Os hititas são inimigos do [rei] hurrita.
- (16-20). [...] Assim isso é. [...]... não é como um inimigo. [...] meu irmão deu(?)..... [E nós queremos ser bons um ao outro] (e) amar um ao outro.
- (21-27). A [terra] hurrita e [a] terra [egípcia] [...]... Teshob e Amon(?)... e...nós/nosso [...]muito, muito.....
- (41-46).eles [não?] existem Eu estou fazendo e eu vou [...] isso..... Quatro.....e ele deu.....
- (47-58). ...de novo, a filha de meu pai Shuttarna[.....], em contraste, ele fez [dez vezes] para meu avô. dois... meu irmão [...] Quando ele me enviou (com as palavras:) “Tado-Heba,] sua filha, dê-me como esposa”. [...] Eu não disse “Não!” par Ashshutemi, e [...] para Mane, seu emissário [.....] dos..... meu irmão, que [...] graciosamente [...] se(?) [...].... eu/mim tudo [mui]to, muito [...] tudo que [...] eu fiz graciosamente.
- (59-64). [...] Mane, seu emissário, [...] e você senviou um presente em forma de um bom óleo para a cabeça dela [...] e você ungiu a cabeça dela com óleo; a esposa de meu irmão é(?) a Senhora da terra do Egito, e tudo [...] ele levou [...].
- (65-73). [...] agora meu irmão enviou. E o preço da noiva [...] e minha {terra} inteira [...] meu irmão [...] muito, muito [...] e eu fiz tudo totalmente [...] muito, muito

gracioso com meu/minha [...] (e) com aqueles que eu amo. Mane, seu emissário, viu todas as coisas que eu fiz.

(74-82). Como agora meu irmão me ama, como agora eu amo meu irmão, então que Teshop, Shaushka, Amanu, Shimige, Ea-sharri e todos os deles nos amem em seus corações muito, muito para que [nós] por muitos anos regozijemos. E as coisas que nós desejamos para nós, que nós graciosamente façamos generosamente, um para o outro, entre nós.

(83-109). E Keliya, meu emissário, falou as seguintes palavras, e ele falou como segue: “Seu irmão, Nimmureya, o senhor do Egito fez um presente *abli* e para Ionu(?), a cidade de Shimige, ele o enviou. E para Shimige, seu deus, seu pai, ele (o) conduziu. E ele realizou todos os presentes de seus antepassados”. E a terra de seu irmão ficou maravilhada com todos os objetos(?) de saque. Então o presente foi enviado e seu irmão em pessoa ficou satisfeito(?) em ver os presentes. E Keliya observou o seu departe e disse como segue: “Ele tem por volta de dez mil *hari* Assim ele fez isso para que chegasse na cidade de Shumige, e eu..... muito”. Assim ele escreveu (lit. falou) seu ato. Quanto as (coisas que) ele está fazendo para si na terra de meu irmão como *eroshki*, isto é, o *eroshki* que meu irmão fez a respeito de seus presentes, que Shimige, Amon e Eâ-sharri envie gloriosamente, em [...] e em vida. As coisas que meu irmão fez como presentes para Shimige, seu senhor, seu pai, que Shimige dê ao meu irmão e tudo que meu irmão desejar de coração, ele vai enfrentar. Que assim seja (lit. assim é).

(110-114). Então que meu irmão não se aflija sobre isso. Os envios de meu irmão que eu e, estes eu(?) de forma alguma (?) atrasei(?), e que meu irmão os ouça, [...] Keliya, meu emissário, e Mane, seu emissário, eu permiti que partissem e eles estão indo para meu irmão.

Parte II:

(II, 1-11). [...] e meu irmão.... eles.... e muito rapidamente que eles retornem. Quanto ao que eu (ainda) não fiz para a esposa de meu irmão, quando eu ouvi Keliya e Mane (pessoalmente), quando eles partiram, eu.... e... para o dote da esposa de meu irmão eu estou.... e eu vou estar muito, muito ocupado(?) de mesmo modo como o coração de meu irmão [...] {parte inconclusiva}

- (12-24). E eu queria dizer mais uma coisa ao meu irmão e que meu irmão aceite. Assim (agora) Mane, o emissário de meu irmão está vindo. Quando o dote for trazido(?) – o preço da noiva que meu irmão enviou [como] meu presente, quando Mane [o entregar], eu vou reunir todas as minhas terras, e meus convidados estrangeiros, quantos eles são, estavam lá. E eu disse para Mane: “Todas as embarcações(?), que meu irmão enviou, todos os recipientes(?) de tabletes que meu irmão enviou, eles estavam sem danos(?). [o selo/recipientes selados(?)] deviriam estar todos quebrados, eles deveriam ser catalogados(?), os presentes deveriam ser espalhados”
- (25-33). E ele fez muito sobre o que foi mencionado [.....] e eu disse: “Minha terra vai.... mim, meus honrados convidados (estrangeiros) estavam.... mim. Se todos es[ses(?)]..... Recipientes de tabletes(?) e todos os vasos(?)... eu todos... para minha terra (e) para meus honrados convidados (estrangeiros)..... Como el[es] mu[ito].
- (34-56). Eu {inconclusivo} (linhas 35-37 estão muito danificadas e 38-47 completamente destruídas). m[eu] irmão eu. Se eu excessivamente muito[...] meu irmão vai informar-me imediatamente(?) que eu/meu [...] e quanto as coisas(?) terríveis, que os deuses não permitam, [eu...] ofendi [...]. Se ele dever vir com isso meu irmão deveria mandar um carregamento de ouro como meu presente, por isso eu deveria alegre-me de coração, excessivamente, totalmente. E assim eu agora disse-as (essas palavras) para meu irmão (e) que (ele as) saiba.
- (57-64). Agora, entretanto, que meu irmão envie Mane, seu emissário. Se ele puder trazer aqui vasos(?), quatro de ébano, dois de marfim, [...] falta ouro, em todo[...], como eu regozijei excessivamente pelo grande ébano o que meu irmão irá enviar, atentando-me eu vou [regozijar](?) excessivamente.
- (65-83). E as coisas que Teshub e Amon fizeram por nós, deveriam Assim como amamos um ao outro, então nós entre nós, e entre nós somos um. A terra hurrita e a terra egípcia estão entre eles como uma única terra e apoiam uma a outra. Eu sou como o se[nhor] da terra egípcia e meu irmão é como o se[nhor] da terra hurrita. Então todas essas terras, tão bem como nós, seus senhores, se as grandes coisas como.... em nossa igualdade de *status*, nossas

divindades trouxeram, nós não enviamos de nossas divindades, Teshub e Amon? Ninguém cultivou um contato de afeição em respeito aos nossos antepassados (e) eu. Outra coisa é: e todas as coisas que..., por nós... verdadeiro!... terra... Por nós que eles....

- (84-85). Todas.... outras terras, que meu irmão... visando suas únicas palavras, eu vou cultivar com meu irmão um contato de afeição. Então que seja (lit. então sou eu).
- (86-94). Que meu irmão envie Mane. Quando ele estava presente, eu dei uma recepção de forma adequada e as outras terras(e) todos os emissários estavam presentes. Quando eu.... minha cabeça.... quando Mane não estava lá,... todas as outras (coisas), que eu faço. Então que meu irmão nutra uma associação cordial... e todas as terras....
- (95-98). Mane, {seu} emissário, está muito bem: não existe nenhum outro [ho]mem como (ele) em todas as terras, então que meu irmão o envie de volta mais uma vez para minha terra..... que eu já vi.
- (99-106). o que ele fez em minha terra, não existe; meu próprio irmão fez um grande negócio para Mane. não existe. A palavra que Mane levará para meu irmão é gra[ciosa] e verdadeira. E meu irmão deve {...}, ele não é mau, ele não muda nada para meu irmão d[e] sua p[alavra], ele não muda uma palavra para mim. Ele fala (e) eu ouço [s]uas [palavr]as(?). Ele não troca falsidade por verdade e falsidade ele não repete como verdade.
- (107-115). Agora, porém, m[eu] irmão [env]iou e (seguramente) [meu ir]mão enviou Mane. O [preço] da noiva qu[e me]u irmão [enviou](?) aqui. {trecho bastante fragmentado}
- (116-125). Isso que...meus irmãos, que vieram com Mane, eu honrei grandemente, eu entretive [...] As tropas de meu irmão [...] eu os engordei de boa forma, assim eu os entretive. Assim isso é verdade, assim isso é verdade, isso pode..... como eu entretive a tropa de meu irmão como eu (os) engordei.

Parte III:

- (III, 1-10). E meu irmão quis uma esposa, uma pr[incesa do] Egit[o] e eu a entreguei, e ela foi [para meu] irm[ão]. {...} Tudo foi medido, todos deveriam ver isso

tudo! Isso é tudo uma grande alegria, e em verdade! Enquanto (interessar) a terra hurrita em todos os sentidos então também o que (pertence) a terra egípcia, através, foi a esposa de meu irmão mostrada para meu irmão, em relação a tudo isso.....não é cego. Verdadeiramente, verdadeiramente.

(11-20). E agora eu dei uma esposa para o meu irmão e ela foi para meu irmão. Quando ela chegar, meu irmão a verá, *que ela foi dada(??)*. E ela vai ao meu irmão, ela corresponde ao desejo de meu irmão, *como ela foi dada(??)*. E de novo meu irmão verá o dote, *que ele foi dado(??)*. E nós, ... de nosso... (As coisas) que eu mandei para meu irmão, eu enviei, e meu irmão os verá, eles vão ao meu irmão e eles..., e eles...

(21-34). E agora, quando a esposa de meu irmão chegar, quando ela vai ser mostrada ao meu irmão, que ela esteja vestida como minha carne de minha carne, e como minha carne que ela seja mostrada. E que meu irmão reúna toda sua terra e todas as outras terras e os honrados convidados (e) todos os emissários devem estar presentes. E que eles mostrem seu dote para o meu irmão, e que eles espalhem tudo sob os olhos de meu irmão. Quando isso estiver espalhado diante dos olhos de meu irmão, que eles..... em um lugar. E que meu irmão pegue todos os nobres convidados e todos os envios e todas as outras terras e as bigas de guerra que meu irmão desejar, e que meu irmão entre e que ele espalhe o dote e que eles se adequem (aos desejos dele).

(35-43). Agora, a filha de meu pai, minha irmã, está em pessoa ai e o tablete de seu dote está disponível; e a filha de meu avô, a irmã de meu pai, está em pessoa ai. Que meu irmão tenha os tabletas de ambas e que ele ouça as suas palavras. E o tablete do dote que eu dei, que ele também seja entregue a ele e que meu irmão o escute (e entenda) que o dote é extenso, que isso é esplendido, que isso é condizente com meu irmão.

(44-48). Se, por outro lado, os tabletas do dote de minha irmã e da irmã de meu pai não estiverem disponíveis, --- meu irmão... {...} e não há alguém que não saiba isso, e meu irmão sabe o que (tablete) não existe, em respeito ao rei e ele não está informado.

- (49-50). Para meu irmão eu vou dizer apenas (uma coisa) e que meu irmão ouça isso. Eu dei para meu irmão muito mais do que meus antepassados,
- (51-65). de uma forma amável..., e eu com uma única (embarcação) fiz dez vez mais. Novamente, as (coisas) que meu avô e (meu) pai enviaram para o seu pai e para você como presente, agora, eles foram generosos, mas eles estavam de acordo com seu valor, mas o valor não era igual ao [valor] da minha (embarcação). E agora meu irmão verá (as coisas) ele mesmo, que eu despachei. Assim, eu vou enviar para meu irmão (presentes) com certeza! Então eu vou tratar o meu irmão fielmente. Assim eu vou mostrar amor recíproca, com certeza!
- (66-70). E quanto aos cavalos, meu irmão não os banhou a ouro do modo que meus antepassados faziam. O ouro de....., que seu pai mandou para meu avô como preço da noiva, o (ouro) que você mandou para meu pai como o preço da noiva era muito maior do que o de seu pai. E meu irmão não fez o mesmo para mim,
- (71-91). como ele mandou para meu pai como o preço da noiva. E que meu irmão me faça glorioso aos olhos dos reis, meus colegas (e) as outras terras. Com ouro em grande quantidade, que meu irmão veja que eu estou munido e que eles me contemplem. E que meu irmão, além disso, olhe por minhas relações exteriores uma vez e que ele não aflija meu coração. E que meu irmão dê, do modo desejado, [em acordo c]om meu coração, [aquilo que] (corresponde aos meus desejos). E que meu irmão garanta para mim muito mais do que meus antepassados, e que meu irmão (me) faça muito esplêndido nos olhos (lit. singular) de minhas terras, e que meu irmão não aflija meu coração! Aliás, uma vez eu desejei uma imagem de ouro fundido de minha filha.
- (92-107). Eu sei que meu irmão me ama excessivamente, mas eu também sei, pelo meu irmão, ouro, se é isso.... na terra dele, é abundante; aos olhos de meu irmão isso não é caro, então que meu irmão não o retenha, que ele não aflija meu coração, e que na quantidade disponível....que meu irmão me dê de acordo (com meus desejos). Quanto ao outro, que meu irmão me dê uma imagem em marfim. Como eu vou falar com minha divindade, Sha(w)oshka de Niniveh. “Uma imagem de ouro deveria para mim como minha... estar disponível!”.

Então, que esteja (lit. então está). Diante da Terra e diante do Céu as palavras estão ditas(?), como elas foram faladas, então que seja (lit. então é)! “Essa imagem fundida é Taduheba, a filha de Tushratta, o senhor de Mitani, que ele deu como esposa para Immoriya, o senhor do Egito. E Immuriya fez uma imagem fundida de ouro e enviou amavelmente para Tushratta.”

(108-109). E por causa disso tudo, nós somos uma mente um com o outro, e ambos amamos um ao outro excessivamente. E nossas terras

(110-124). Ajudam(?) uma a outra. Se apenas um inimigo de meu irmão não existisse! Mas no caso de em algum momento um inimigo de meu irmão invadir sua terra, (e) meu irmão escrever para mim e a terra hurríta, amaduras, armas e tudo junto que pertencer aos inimigos de meu irmão estarão a sua disposição. Contudo, por outro lado, se houver um inimigo meu – se eles apenas não existissem! – eu vou escrever para o meu irmão e meu irmão vai enviar a terra egípcia, armaduras, armas e tudo junto que pertença ao meu inimigo..... nosso inimigo.... Grandes(?) Reis, Grandes(?) Reinos.... inimigos..... aquele inimigo, que.... um inimigo nosso não está presente, e não há ninguém como nós apesar disso tudo.

Parte IV:

(IV, 1-5). E eu quero dizer mais uma coisa ao meu irmão: Na presença de meu irmão palavras más são numerosas; aquele, que fala (para ele), não está (entretanto) imediatamente disponível, essas palavras más não vêm diante dos olhos de alguém grande. (Agora, no entanto,) uma palavra má foi dita para meu irmão em <em relação a> minha pessoa, ele me denunciou

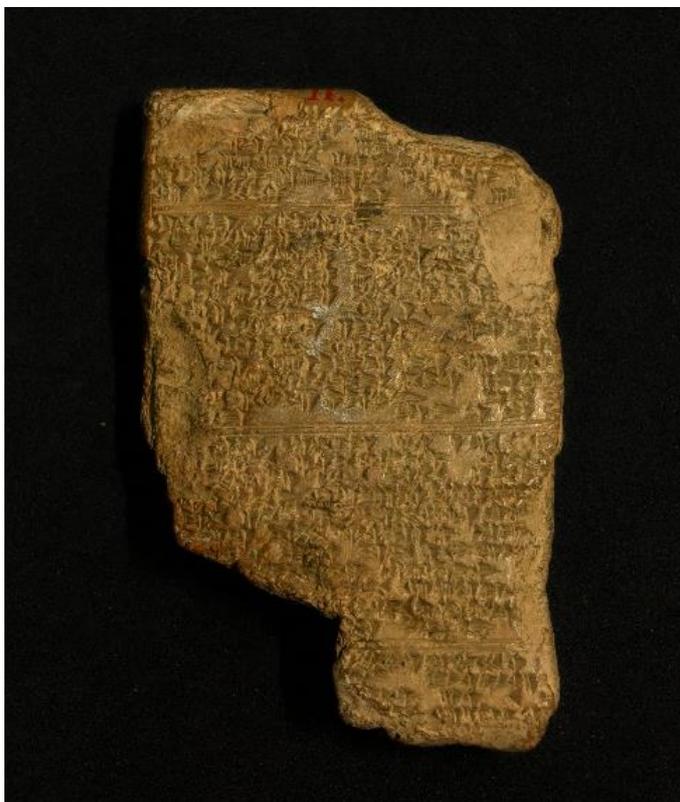
(6-29). e eu, por outro lado, ouvi que meu irmão fez um/uma... coisa e um grande... meu irmão...e para (ou entre) as pess[oas] de Awari ele proveu e ele.... Eu ouvi sobre isso e eu regozizei. Se meu irmão não tivesse agido de tal forma eu teria ficado muito triste. E de novo não um fofoqueiro(?) falou: Parattuiranna disse isso: Meu irmão é fraternal. A palavra relevante é imediata, a palavra relevante está.... modo de falar, e que meu irmão.... isso em sua mão, a respeito do Grande....eles por exemplo....aquele não falou uma palavra má para meu irmão. Quanto a uma palavra má que alguém, por exemplo, disse para meu irmão em relação a mim (ou) em relação a minha terra, essa palavra

não deve ser ouvida se Mane ou Keliya não a disser. Quanto a (palavra), entretanto, que Mane e Keliya dizem em relação a mim (ou) em relação as minhas terras, isso é verdade e correto, então que meu irmão as escute! Quanto ao que também alguém pode expressar para mim em relação ao meu irmão (ou) em relação as suas terras, eu não vou ouvir. Se Keliya e Mane falarem em relação ao meu irmão (ou) em relação a suas terras, isso (a palavra) é verdade e correto e eu vou a ouvir!

- (30-39). Agora todas as coisas que meu irmão nomeou (e) quer. Isso eu fiz dez vezes maior. E com nenhuma palavra eu afligi o coração de meu irmão. A esposa de meu irmão eu dei, que combina com o desejo de meu irmão. Agora, eu mandei Mane novamente, o emissário mais magnífico de meu irmão. Agora, também, (eu despachei) Keliya e Ar-Teshob e Asali – Keliya é um alto-oficial e Asali é meu escriba de tablete.... para meu irmão e meu irmão os verá.
- (40-44). E que meu irmão não detenha meus emissários, que ele não.... e que meu irmão não.... mim. E que meu irmão os libere rapidamente e uma palavra... eu. Sobre o bem-estar (e a) boa situação de meu irmão, que eu escute e eu vou regozijar grandemente sobre o bem-estar de meu irmão.
- (45-50). Meu irmão talvez diga: “Você em pessoa também deteve meus emissários!”. Não, eu não os detive. Eu estive ocupado com o dote da esposa de meu irmão e meu irmão em pessoa irá ver o dote da esposa de meu irmão, que eu dei... (ele está) chegando, com isso, ele será espalhado sob os olhos de meu irmão.
- (51-57). Que meu irmão liberte meus emissários o quanto antes para então ele poderem partir. E meu irmão mande Mane para que ele possa viajar com meu envio. Que meu irmão não envie outro emissário, que ele mande apenas Mane. Se meu irmão não enviar Mane e mandar um outro, eu não o quero, e meu irmão deve saber isso! Não, que meu irmão apenas envie Mane!
- (58-60). E quanto a esposa de meu irmão, que eu dei, essa (mulher) é pura. E que meu irmão saiba disso. Se.. ela.. foi.... ela deveria falar. O que é relevante...
- (61-68). E ela também é gêmea(?), como minha.... minha... ambas..... minha mãe tem... eles/elas e eu tenho.... eles. E a gêmea(?)... três dele... então que minhas

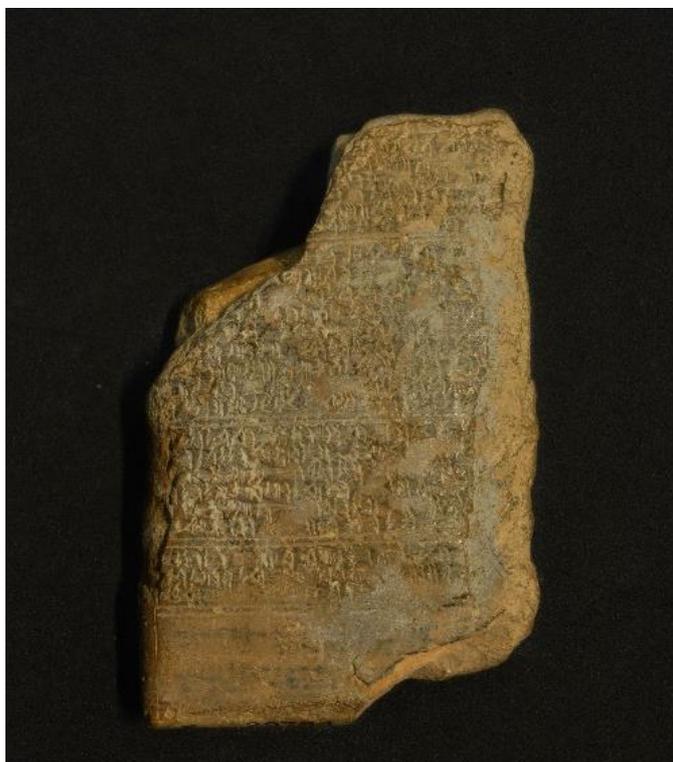
divindades sabem, e então as divindades de meu irmão sabem, que em um bom modo Tadoḥeba é..., que ela é..... para ela.

- (69-74). Ainda outro assunto de.... {....}.Aquele de..., todo.....novamente..... esposa..... que... todo....
- (75-84). [A] esposa de meu [irmã]o..... Para meu irmão[...] Para meu irmão outro[...] [Isso] é [...] [...] ele pediu [...] [...] outro [...] (espaço vazio)
- (85-110). [...] Mane... ele... ouviu. Tadoḥe[ba] tem no modo, que eu eu a dei...[...] Diante dos olhos dele ela se abriu... [...] Eu ouvi isso... Sua filha... talvez. Para as terra(s)[...]Jeu dei. Nos babilônicos e eles se aliaram em desejo mútuo os egípcios[...] que meus antecessores[...]... meus antecessores [...] não ouvi{ou ouviu} isso. [...] Isso ele diz: ...esse [...] não é..... para os egípcios.... {....} {muito danificado} Essa é a coisa que [foi pedida] e que meu irmão saiba. Da mesma forma [...] como um informante fala em alguma outra forma, que meu irmão não ouça isso (as palavras)!
- (11-128). Em meu coração eu desejo estar nos melhores termos com meu irmão e amar um ao outro. E que meu irmão tenha fé perfeitamente. E nós desejamos ser amigáveis (um ao outro), (e) nós deveríamos amar um ao outro e em nossos corações [...]....[...], além disso minha terra[...] nos[...] em nossa[...] Quanto a/ao....(e) de seu deus nossa vida (e) nossa glória será desejada, que os deuses deixem nós dois – Teshob e Amon, nossos senhores, nossos pais – (que) nós vivamos. Que seja! (lit. que é). {Que} nós... e que nós...! Então... nós, e entre nós que haja irmandade {e ligação próxima de} amar um ao outro. Como o homem ama o deus do sol quando o vê, assim nós queremos, entre nós, amar um ao outro, e que entre nós que nós desejemos a glória um do outro. Todas as terras que existem, que o sol une, todas as [quais] eles podem nos servir...que eles.... [Amb]os Tushratta, o rei hurrita, [e tamb]ém Immuriya, o rei egípcio, se eles....
- (129-130). Entre eles... enquanto eles forem... amar um ao outro excessivamente.

EA 26

Carta EA26, frente.

Foto da autora, com a permissão do British Museum.



Carta EA26, verso.

Foto da autora, com a permissão do British Museum.

TRADUÇÃO:

- (1-6). [Diga] para [Teye], a senhora da terra do Eg[ito]: A[ssim (diz) Tush]ratta, rei da te[rra de Mitani. Comigo] está [{tudo} bem]; que esteja {tudo} b[em] com você. Que esteja {tudo} bem [com sua casa, com] seu filho; que esteja {tudo} bem com Tadu-Heba, sua nora. Que {tudo} esteja muito, muito [bem] com suas terras, c[om suas tropas] e sua propriedade.
- (7-18). Você é quem me conhece, como [eu] se[mpre] mostrei amor {para} Mimmureya, seu marido, e Mimmureya [seu] marido, por outro lado, como ele sempre mostrou amor para mim. [Quanto a mim], o que eu ir[ia escrever e] o que eu diria para Mimmureya, seu marido, e quanto a Mimmure[ya, por outro] lado, seu marido, [quais] palavras para mim [ele iria escrever] sempre e diria sempre, você, [Kel]ia e Mane sabem e é você, [por outro lad]o, mais do que todos eles, quem sabe as palavras [que] nós dissemos um ao outro. Ninguém [mai]s as sabe.
- (19-29). [E agora], você [falo]u para Keliya: “Diga para seu senhor, M[im]mureya, meu marido, continuamente mostrou amor por seu pai e por você ele manteve isso; e para o seu pai ele não esqueceu seu amor e as [ca]ravanas que ele costumava mandar, ele não as interromp[eu]. E agora você não deve esquecer o seu [a]mor para Mimmu[reya], seu irmão; que Naphurreya, aumentou e manteve is[so]. E a caravana que você alegremente esteve mand[ando], você não deve interromper”.
- (30-39). O amor para Mimmureya, seu marido, eu não vou esquecer. Mais do que formalmente, até mesmo agora, eu estou [express]ando dez vezes mais amor por Naphurreya, seu filho. Mas quanto as palavras de Mimmureya, [seu] mar[ido, é você que (as) sabe, mas] meus presentes que [seu marido disse] que man[daria], você não {os} mandou conforme, [e as] [estátuas de ouro] sólido fundido [que] eu pedi [de seu marido], dizendo, “[Meu] ir[mão, estátuas de ouro] e real lápis-lazúli [que ele envie] p[ara mim]”.
- (40-48). Mas agora, quanto ao Nap[hurreya, seu filho], ele banhou [estátuas] de madeira [e (as) enviou. Mas na terra de seu filho] ouro é (como) pó; [p]or que

ele {ouro} iria afligir o cora[ção] de seu filho para que ele não (as) desse para mim ao invés das que ele me deu? Isso é amor? Eu disse: “Dez vezes mais do que o pai dele, Naphurre[ia seu filho] vai superar por mim, mas agora ele [não me deu] nem mesmo o que seu pai costumava dar”.

- (49-57). Quanto as palavras q[ue você p]rópria falou pa[ra mim], por que você não as disse para Nap[hurreia]? Se [você] não (as) disser par[a e]le, então quem m[ais] sabe? Estátuas de ouro só[lido], que Naphurreia me dê. Que ele não me cause nenhuma aflição qualquer! Que [ele não...] Dez vezes mais do que seu pai, que ele supere p[or mim] com amor e respeito.
- (58-63). [E] que seus próprios envios v[enham] regularmente com os em[baixadores] de Naphurreia, que um pre[sente par]a Yuni, minha esposa, e [que] os envio[s] d[e] Yuni, minha esposa, vão até [você] regularmente.
- (64-66). [A]gora, para os seus presentes, [eu enviei] um recipiente para perfume [cheio] de óleo doce; um conjunto de pedras [cravadas em ouro].

{Em hierático: duas linhas ilegíveis no verso e sinais ilegíveis do lado esquerdo do BM 29794. No A 9356;} Senhora das Duas Terras (Esposa do Rei) {[nb.t t3wy] (hm.t nswt)}.

EA27

TRADUÇÃO:

- (1-6). [Diga para Naphurreya, o rei da terra do Eg]lito, meu irmão, meu genro, quem [eu amo e que me ama; assim {diz} T]ushratta, o Grande Rei, rei da terra de Mi[tani, seu sogro que ama você, seu irmão]. Está {tudo} bem comigo. Q[ue esteja {tudo} bem] com você. Que esteja {tudo} be[m com Teye, sua mãe, com] sua Casa. Com Tadu-Heba,[minha] fil[ha, sua esposa, com o resto de suas esposas,] com [seus] filhos, [com seus alto-oficiais]s, com suas bigas, [com] seus [ca]valos, c[om suas tropas, com sua terra, e] com [su]as possessões, que esteja {tudo} excessivamente bem.
- (7-8). [Ma]ne, o emissário de meu irmão, [veio e] eu ouvi {sobre} o [be]m-estar d[e meu irmão] e [eu] regozijeí grandemente; os materiais que meu irmão [ma]ndou eu vi e eu re[g]ozijeí grandemente.
- (9-12). Meu irmão disse isso: “As[sim] como você continuou expressando amor para m[eu] pai, Mimmureya, então, de mesmo modo, agora expressa amor [para mim] continuamente”. [Uma ve]z que meu irmão deseja uma relação amável comigo, não iria eu desejar uma relação amável com meu irmão? Até mesmo agora, eu estou ex[pressando] excessivo [am]or por você, dez vezes mais do que por seu pai.
- (13-15). E seu pai, Mimmureya, d[isse] isso na carta dele; quando Mane trouxe o preço da noiva, assim meu irmão Mimmureya disse: “Esses materiais que eu envio agora não são nada e meu irmão não deve reclamar.
- (16-18). Eu enviei nada. Esses materiais que eu enviei para você agora, assim eu enviei para você, mas quando meu irmão der a esposa que eu requisitei (e) eles (a) trouxerem aqui, (e) eu (a) vir, então dez vezes mais do que isso eu vou enviar para você”.
- (19-27). E estátuas de ouro sólido fundido, uma estátua de mim e outra estátua para a estátua de Tadu-Heba, minha filha, eu requisitei de seu pai, Mimmureya. E

seu pai disse: “desista de estátuas apenas de ouro fundido, e eu vou te dar (estátuas) de lápis-lazúli e outro ouro, além disso, (e) muitos materiais sem limite com as estátuas eu vou te dar”. E quanto ao ouro para as estátuas, todos os meus emissários que estavam no Egito o viram com seus próprios olhos, e quanto as estátuas, foi seu pai, na presença de meus emissários, que as moldou, as trabalhou, as finalizou, as purificou. E quando a modelagem aconteceu, meus emissários viram com seus próprios olhos e quando elas {estátuas} foram terminadas e elas foram purificadas, com seus próprios olhos eles {emissários} viram.

- (28-31). E ele {Mimmureya} mostrou muito outro ouro, sem limites, que ele estava enviando para mim. E ele disse para meus emissários, “Agora as estátuas e agora muito ouro e muitos materiais sem limites eu estou enviando para meu irmão, então veja com seus próprios olhos”. Então meus emissários viram com os seus próprios olhos.
- (32-34). E agora, meu irmão, as estátuas sólidas que seu pai ia enviar, você não enviou. Mas você mandou elas de madeira revestida; os materiais que seu pai ia me mandar, você não enviou e você (os) reduziu bastante.
- (35-36). E não há assunto em que eu conheça em que eu fui negligente com meu irmão. Em qualquer dia que eu ouvi sobre o bem-estar de meu irmão, eu fiz uma ocasião festiva.
- (37-40). Quanto a [H]amashi, o emissário de meu irmão, quando ele veio até mim e quando ele contou as palavras de meu irmão e eu ouvi, então eu disse: “Assim como com Mimmureya, seu pai, eu continuamente mostrei amor, então agora dez vezes mais eu vou continuamente mostrar muito amor para Naphurreya”. Então, assim eu disse para Hamashi, seu emissário.
- (41-42). Mas agora meu irmão não mandou estátuas de ouro sólido, e o resto dos materiais que seu pai ordenou para ser mandado, também, não foi mandado.
- (43-44). Agora, que meu irmão me dê as estátuas de ouro sólido que eu requisitei de seu pai. Que ele [nã]o as retenha.
- (45-51). Os territórios, todos [eles...] ele d[isse para] dar, e agora se [...] todo[s eles]. Se uma vez [...] sem bom [...] ele disse [para] dar as estátuas. Mas na terra de

[meu] irmã[o, ouro é abundante como pó; porque as estatuas] causara tanta aflição [no coração de meu] irmão que ele não [as deu como foi prometido] para m[im por Mimmureya, se]u [pai]?

- (52-54). Quanto a Hamashi, o [emissário de meu irmão, quando] ele veio [para mim...] ele não tr[ouxe] nada [...] e [...] e assi[m porqu]e [meu] irmão [deu]?
- (55-58). Quanto a [Ha]ma[shi, o emissário de seu pai, eu o envio] com toda pressa [e em três meses] com toda a pressa, ele o enviou de volta. [E seu pai] enviou [muito ouro] e (isso foi) quatro sacos [cheios de ouro que ele enviou]. Então que meu irmão pergunte a [Ha]mashi, seu emissário.
- (59-62). [...] depois ele vai deixar Keliya v[ir] e assim com [... e] assim, [Perissi] e Tulubri, [meus emissários], eu enviei [e] a propriedade [...] Agora, o ou[ro estava em s]acos que seu pai [comandou dar. Mas] o ouro [.....] meu [irmão.]
- (63-68). E assim seu pai disse: “Esses objetos de [ou]ro [e es]ses [materiais...] Agora [para meu irmão] eu envio o seu preço da noiva”. E seu pai [re]tornou amor para mim em um relacionamento amável. E as[sim o] presente [públi]co [...] quando [.... Mas] ele não en[viou m]eu [irmão], pod[er....] que [...]
- (69-73). [As palav]ras que [eu costumava falar] p[ara seu pai] e [que p]ai [costumava falar para m]im, ninguém [sabe. Teye, sua mãe, sabe]. Keli[a e Mane não s]abem, e ninguém mais [as] sabe mas a mãe [de meu irmão] [sabe] elas [to]das: como seu pai [falaria] comigo e não esq[ueceu seu] amo[r por meu par]. Da mesma forma, eu falaria com seu pai (e) [meu] am[or por seu pai e não esqueceria].
- (74-78). [E ag]ora, meu irmão disse, “Como ao meu pai, você [continuamente expressou amor, então], de mesmo modo, pa[ra mi]m, ex[preste amor continua]mente”. E, meu irmão verá, como para meu irmão eu vou c[ontinuamente e]xpr[essar amor e] eu [di]sse,”meu irmão, qu[e ele per]gunte {para} sua mãe [... meu irmão ve]rá, assim como [... e ago]ra [...] grande[ment eu] re[gozije]i”.

- (79-82). Mane, [o emissário d]e [meu] ir[mão], assim como ele veio para [mim] d[e...] o pai [de] meu irmão[... eu ouvi] as palavras de meu irmão e eu regozijei gran[demente].
- (83-88). E agora, quanto a Mane, [n]es[se] anos [eu vou o deixar ir se meu irmão não] deter [meus emissários...] e por causa disso [...] e muito alegremente [...] ele verá um dia festivo. Que Teshub e Amo[n...] permitam e eu e você [...]
- (89-92). Agora Pirissi e [Tulubri, com os emissários de meu irmão, eu envie] para meu irmão com pressa [eu mandei que eles se apressassem] e [que] meu irmão não [os detenha; com toda a pressa que ele os liberte; a mensagem] que ele retorno. [Que eu] ouça [sobre o bem-estar] de meu irmão e que eu [regozije].
- (93-98). E [que os emissários] de meu irmão venham com [pressa para mim c]om Pirissi por mi[nha] tropa. Por eles eu estive [olhando] até [...] eles vão retornar. E assim, [Mane, o emissário de] meu [irmão] será liberto e quanto aos meu emissários, [que meu irmão os liberte e] Mane será mandado com alegria para a te[rra de] meu irmão.
- (99-103). E quand[o] o emissário de meu irmão [chegar] com [Pirissi e Tulubri, isso é p]ara um grande festival de plenitude que eu vou [fazer para eles. Então agora]a que eles cheguem. E se assim eles [me alcançarem], então o que eu deveria fazer por eles? [Então que eles c]hegu[em... para] a festa.
- (104-109). Então que meu irmão envie muito ouro para a festa de plenitude então [com] muitos materiais [que] meu irmão [me honre. Na terra] de meu irmão, ouro é abundante [co]mo pó. [Que] meu irmão [não faça] meu coração {se} afligir. Que ele mande [tanto] o[uro] quanto meu irmão tem. [E com] muitos [materiai]s meu [irmão] ira me honrar mais do que seu pai. [...] que ele exceda por mim.
- (110-110). [Agora como se]us [presentes, uma] camiseta estilo hurríta, uma camiseta estilo urbana, um robe, uma pedra [preciosa], [um par]a a mão com pedras-“olho” de genuína pedra *hulalu*, cinco {por corda}, cravadas em ouro.
- (112). [Um recipiente para perfume] che[io] de [óle]o doce, um conjunto de pedras cravadas em ouro para Teye, [sua] mãe.

(113-114). [Um recipiente para perfume, cheio [com óleo doce]; um conjunto de pedras
[moldadas] em ouro, para Tadu-Heba, [minha filha], [su]a es[posa], eu envio.

{Escrita hierática, colofão}

[An]o 2, primeiro mês de inverno, dia[9], quando aquele (faraó) estava na cidade sul, no
palácio de *H'-m-3ht* (“Rogozijo do horizonte”); cópia da carta de Naharina, que o
emissário Pirissi e o emissário [Tulubri] trouxeram.

EA 28

Carta EA28, frente, com fragmentos.

Foto da autora, com a permissão do British Museum.



Carta EA28, verso.

Foto da autora, com a permissão do British Museum.

TRADUÇÃO:

- (1-11). Diga para Naphurireya, rei da terra do Egito, meu irmão, meu genro, que [me] a[ma] e quem eu amo. Assim {diz} Tushratta, rei da terra de Mitani, seu sogro, que te ama, seu irmão: Para mim tudo está bem; para você que esteja tudo bem, para sua casa, para Teye, sua mãe, a [se]nhora do Egito, para Tadu-Heba, minha filha, sua esposa, para o resto de suas esposas, para seus filhos, para seus alto-oficiais, para suas bigas, para seus cavalos, para suas tropas, para sua terra, para sua propriedade, que {tudo} esteja muito, muito bem.
- (12-19). Pirissi e Tulubri, [m]eus emissário, eu enviei com grande pressa para meu irmão e eu os disse para realmente se apressarem. E quanto a eles, eu os enviei com uma escolta muito pequena. E anteriormente eu enviei essa mensagem ao meu irmão: “Mane, o emissário de [meu irmão], eu estou detendo até [meu] irmão libertar meu emissário e ele vier para mim”.
- (20-28). E agora meu irmão se recusou a liberá-los e os pôs sob uma detenção muito estrita! O que são emissários? Eles não são pássaros que deveriam voar e voltar! Meu irmão, por que ele sofre tanto por causa dos emissários? Por que não pode um [segura]mente ir diretamente ao outro e cada um ouvir as saudações [do ou]tro [para então] nós podermos regozijar extremamente todos os dias?
- (29-36). Que meu [irmão] liberte meu emissário prontamente [e] deixe-me ouvir as saudações [de] meu [irm]ão.....
- (37-41). [Quanto a Mane], eu quero libertá-lo e eu quero enviar [meus] emissários [para me]u [irmão] como no passado e [como nos tem]pos passados eu q[ueiro ouvir] (as saudações) de meu irmão. Ele foi ao meu irmão, então, que meu irmão faça todas as coisas que eu quero e que ele não me cause af[lição].
- (42-49). E quanto a todas as palavras que eu falei para se[u] pai, Teye, sua mãe, as sabe. Ninguém mais as sabe. Pergunte essas coisas para Teye, sua mãe, {para que} então ela possa te contar. Assim como seu pai sempre mostrou amor para mim, então agora, que meu irmão sempre mostre amor para mim. E que meu irmão não ouça nada de ninguém mais.

EA 29

Carta EA29, frente (cima), com fragmentos (baixo e cima).
Fotos da autora, com a permissão do Vorderasiatisches Museum



TRADUÇÃO:

- (1-5). [Diga para Naphureya, o rei da terra do Egito, m]eu [irmão], meu genro, quem eu [am]o e que [me] am[a; a mensagem de Tush]ra[tta,] o r[ei da terra de Mitan]ji, seu irmão, seu sogro, [qu]e te ma. Está {tudo} be[m] comigo. [Que esteja {tudo} bem com você. Com] Teye, qu[e esteja tudo b]e[m. Co]m Tadu-Heba, [mi]nha filha, sua esposa, que [esteja {tudo} bem. Com o re]sto [de suas esposas] que esteja {tudo} bem. Com seus filhos, com seus alto-oficiais, com suas bigas, com [seus] cavalo[s], [com suas tropas, com] sua ter]ra e com suas possessões, que esteja tudo muito, muito [bem].
- (6-10). [Do início de meu reina]do, enquanto Nimmureya, seu pai, continuamente escreveu para mim, [ele continuamente escreveu] sobre paz. Não havia outro assunto que ele continuamente costumasse escrever. Quaisquer que fossem todas as palavras [de Nimmurey]a, seu pai, que ele continuamente escreveu [para] mim, Teye, a grande esposa de Nimmureya, sua [amada] mãe, sabe todas elas. É para Teye, sua m[ã]e, que você deveria perguntar sobre todas elas, [as coisas que] seu pai [costumava continuamente escrever], as palavras que ele estava continuamente falando para mim.
- (11-15). [Meu amor por] meu [irmão] é dez vezes mais do que nós sempre tivemos com Nimmureya, seu pai. [E qualquer coisa que] Nimmureya, seu pai, continuamente discutiria comigo, ele nunca me causou aflição de nenhuma [forma]. E qualquer palavra que eu dissesse, então, naquele mesmo dia, [ele] as fazia. [E quanto a mim], em sentido algum eu causei aflição a ele, e qualquer [palavra que ele iria di]zer para mim, então naquele mesmo dia, eu faria aquilo.
- (16-20). Quando [Min-kheperu-Re´], o pai de [Ni]mmureya, escreveu para Artatama, meu avô, e requisitou a filha de [meu] a[vô], ele escreveu cinco vezes ou seis vezes, mas ele não a deu. Apenas quando [ele escre]veu [para meu avô] a sétima vez, então sob tal pressão ele a deu. Quando Nimmureya, seu pai, [escreveu] para Shut[arna], me[u] pai, e requisitou a filha de meu pai, minha própria irmã, três vezes ou quatro vezes ele escre[veu], mas [ele não deu] ela.

Apenas quando ele escreveu a quinta vez ou sexta vez, então sob tal pressão, ele [a] d[e]u.

- (21-27). Qua[ndo] Nimmureya, [seu pai], escreveu para mim e requisitou minha filha, então eu [não] disse “Não”. Na [mesma] primeira v[ez], eu disse [para] seu emissário, “eu certamente a darei”. Quanto ao emissário, na segunda vez [que] ele veio, ele derramou óleo [sobre] [a cabe]ça dela e eles trouxeram o preço da noiva dela, e então eu de[i] ela. [E o] preço [da no]iva de Nimmure[ya], seu [pai], que ele [trou]xe era sem limite; isso ultrapassou céu e terra. Eu não [disse], “eu [nã]o vou a dar”. Eu enviei com toda a devida velocidade Haanash[i], o [emissário] de m[eu] irmão, [p]ara Nimmureya. [E e]m três mese[s co]m grande pressa [ele envi]ou[-o de volta] e ele enviou quatro sa[cos] cheios de [ou]ro, [sem inclu]ir as joias [que seu] pai en[viou] separadamente.
- (28-30). [E aquela] mesma vez quando eu dei minha [fil]ha e [eu] a enviei, e Nimmureya, seu pai, a viu, ele re[gozizou]. Havia alguma coisa [para] ele [nã]o regozijar sobre? Ele regozizou mui[to], muito! E meu irmão disse, “Com todo s[eu] coração, [Tushratta, meu irmão, de]u ela”, e ele fez aquele dia uma celebração para sua terra, em honra ao meu emissário.
- (31-34). [E seu pai, assim] como se vê seus pares, então ele o honrou e assim no palácio para Tadu-Heba, meus [emissários habitaram]. Todos eles que estavam lá, ele enviou novamente e entre os meus emissários que entraram (no Egito), não houve [um que ele não de]u. Ele deu um lingote de ouro para Keliya que era mil shekels em peso.
- (35-39). Nimmureya deu [... sacos che]ios [de ouro] para [Tadu-Heb]a e Tadu-Heba {os} entregou [para] meus [embaixada]ores. E pa[ra] meus [embaixado]res Nimmureya sempre os mostrou honra em amor [e em respeito]. [E Nimm]ureya enviou Niuy, seu emissário, [com Keliya], meu próprio [emissário], e ele deixou [eles irem com p]ressa para mim. [Ele enviou] sete sacos de ouro [com aquele lingo]te de ou[ro] de [mil sh]ekels [em peso] de Keliya. E assim

- (40-42). [Nimmureya, como seus p]ais, sempre excederam [em a]mor p[ara mim]. Antes meus emissários [iriam adiante e partiam,] ele n[ão d]isse “Não”, [para] liberá-los; ele os mandou com pressa [para mim]. E ele [os] deu um comando, “[Não] se atras!”
- (42-44). Ao mandá-lo com pressa, ele [não] enviou [as estátuas]; da pr[opriedade], o que [quer qu]e ele enviou, isso não tinha limite. E assim, [Nimmu]reya, seu pai, não permitiu aflição a ser causada em nenhu[m] assu[nto, nem mesmo na meno]r medida.
- (45-50). [Quanto a] todas [as coisas] que eu digo, eu não chamo [out]ra testemunha. Teye, [sua mãe], é ela que eu chamo, então pergunte de Teye, sua [mãe]: se entre as palavras que eu falo, tem [um]a palavra {que} não {seja} verdadeira; [se tem uma pala]vra que não seja de Nimmureya, seu pai; se [Nimm]ureya, seu pai, [não] gerou [amor] mutualmente comigo; se Nimmureya, seu pai, [nã]o disse: “Quando eu tiver causado o ouro [da terra do Eg]ito suficiente na terra de Hanigalbat, então, certamente, eu não vou enviar [ou]ro”.
- (50-54). Eu requisitei duas [estátuas de] [ouro] só<l>ido fundido de Nimmureya, seu [pai], e Nimmureya, [seu] p[ai], disse, “O que são estátuas de ouro sem nada, [que] meu [ir]mão requisitou? Deixe isso! De ou[ro] e de real [lápiz-lazú]li, eu farei e eu enviarei para você”. [Então] assim Nimmureya, seu pai, de nenhuma maneira, jamais repudiou um assunto como não importante. [E] de nenhuma maneira ele me causou aflição.
- (55-60). [E] quando meu [irmão], Nimmureya foi ao seu destino, eles reportaram isso e [eu ouvi] o que eles disseram; [e] n[inguém] cozinhou; e eu próprio chorei naquele dia. [E no meio da noite, eu] sentei; eu não tive pão ou água naquele dia e eu sofri, [dizendo, “Se ao menos fosse] eu [que tivesse morrido] ou se ao menos [seis mil] tivessem morrido em minha terra ou seis mil na [terra de] meu [irm]ão, [enquanto meu irmão quem eu am]o e que me ama, pudesse estar vivo, como céu e terra. Aquele [amor que] nós amamos em nossos corações e pudéssemos ter o feito durar”.
- (61-64). [Mas quando eles anunciaram, dizendo, “Na]p[hurey]a, o filho mais velho de Nimmureya (e) de Teye, sua [grande] esposa, está exercendo {o} [re]inado

[no lugar dele”], então eu disse, dizendo, “Nimmureya, [meu irmão], não está morto! [Naphure]ya, o fi[lho] mais velho [de]le, de Teye, sua grande esposa, no lugar dele [está exercendo {o} reinado]. Nad[a] irá mudar da situação como era antes”.

(65-68). [E agora, em m]eu [coração] eu estou dizendo: “N[ap]hureya é meu irmão. É em nosso coração que nós amamos. [Isso, agora, mais do que] Nimmureya, o pai dele, ele vai aumentar dez vezes porque Teye, sua mãe, que é a amada [grande] esposa [de Nummureya] está viva e ela irá confirmar {os} assuntos na presença de Naphureya, [o filho de Nimmur]eya, o marido dela, que nós sempre amamos (um ao outro) muito, muito”.

(69-79). [Mas quando meu irmão] escreveu para [mim pela] primeira vez, quando ele liberou Keiya, [e quando meu irmão] envi[ou Ma]ne, e meu irmão enviou estátuas de madeira, mas as de ouro [que Nimmure]ya tinha dito que eu as veria, não eram ouro e não eram sólido[...] seu [our]o e eu [estava], além disso, muito mais [triste] que antes. [... os objeto]s, além disso, que Nimm[urey]a, meu irmão, tinha me dado, meu irmão [diminuiu] e eu estava bravo e eu {me} tornei excessivamente antagônico [...] e eu, assim, [estava dizendo], “Nimmureya, meu irmão, env[iou] um presente [para mim]”. Quanto aquele ou[tr]o (presente) de Naphureya, [m]eu irmão, ele não adicionou nada aos [materiais de] seu pai, que ele enviou, e quando [eles] des[embrulharam] seus [materiai]s, eu causei aflição ao meu coração. [...] na presença de Mane, eu [não] causei aflição ao [coração dele] de forma alguma.

(80-85). [E quando Mane chegou com] os materiais que meu irmão havia dado, ele (os) trouxe e quan[do eu vi os materiais que meu irmão havia mandado, eu disse pa]ra meus alto-oficiais, dizendo, “Com meu irmão em to[do meu coração, eu continuamente mostrei amor e assim como] meus pais, além disso, com os pais [de meu irmão, sempre mostrei amor, então] presentes que meu irmão mandou [... Que] nós regozijemos grandemente, e que nós façamos uma celebração [...] vai adiante [e n]o meio da noite eu sentei

(86-90). [...] que iria adiante e Mane [...] os materiais”. [...] e ele trouxe os materiais em minha presença [...] ele vai atrasar. E eu regozijei na[quele] dia [...] com

os nobres estrangeiros, Mane, o emissário de [meu irmão...] regozijei então deixe-o dizer [para você].

- (91-93). [Pirissi e Tulup]ri, com urgência e com toda velocidade eu enviei [...] eu enviei e [...] eu enviei [para ele], e eu enviei [...] trezentos [...]
- (94-107). {trecho muito danificado. As poucas palavras que entendemos parecem dizer sobre Nimmureya e o conhecimento de Tiye sobre os assuntos tratados}
- (108-110). [e essas eram as palavras que você] disse e agora as palavras de sua mãe, que ela [f]a[lo]u para Keli[ya... estátuas d]e ouro fundido sólido eu requisitei e [meus] pedid[os que eu requisitei de Nimmureya, eu não] vi e quanto aos meus emissários, meu irmão não os liberou e [eles] não [vieram].
- (111-114). E as saudações de meu irmão, ele não devolveu e ele não tomou uma decisão em meu nome e as estátuas d[e ouro fundido sólido que eu requisitei de Nimmureya], agora eu requisitei de você e você não deu e [meus] pedi[dos que eu requisitei de você, eu não vejo e] você não tomou uma [decisão] sobre mim, [e] desde quatro anos atrás, meus emissários você [deteve... e m]eus [emissários que] foram adiante [trouxeram meus presentes para m]eu [irmão;] para v[ocê eles (os) deram.
- (115-118). E os emissários de m]eu [irmão], quando eles vierem [para mim, vão trazer os presentes de meu irmão para mim e os emissários de meu irmão], eu vou permitir [para viajarem com toda pre]ssa [e eu não vou] det[ê-los....]. Teye, sua mãe [...] se [...] deter, rapidamente não [os] [li]berar.
- (119-129). [E quando meus emissários foram], eles {se} apressaram. Ess[es eram co]mo no período de [seu] p[ai...] que para quem [...] isso e que nós sempre mostramos am[or] mais que [previamente... na e]ra de nossos pais [...] de m[eu] coração [...]. Nenhuma [... n]os corações deles, eles mo[straram amor m]uito e [meu] irmão fez um juramento; que ele na verdade não ouviu [... como anti]gamente uma margem estreita [do] período de seu pai, que ele na verdade não... [... A Te]ye, sua mãe, verdadei[ramente, você deveria] escutar, se Teye, te der, comigo [... Meu irmão] está dizendo, “[Você] n[ão] está mostrando amor”, mas você não está mostrando amor e de acordo com o texto [do juramento.... apressa]damente que ele verdadeiramente retorne e [eu

próp]rio, [disse], uma palavra que é para [meu irmão, verdadeiramente, eu vou realizar e is]so, você, agora, para [seu irmão, que v]ocê realize e qualquer [palavra de Nimmureya, seu pai, qu]e era para [mim], que foi sempre realizada, [então ess]as agora você dez vezes mais [para seu irmão, que você realize, diligentemente. [U]m não pode mudar as palavras do outro.

(130-135). [Qualquer palavra que eu possa dizer, q]eu meu irmão verdadeiramente re[alíze] e qualquer palavra que meu irmão [possa dizer, eu vou verdadeiramente realizar]. Um, [verdadeiramente, não deve causar aflição] para o outro em maneira nenhuma. [... Que] nós mostremos amor e que nós regozijemos enquanto nós estivermos vivos. [E mais do que todos os outros reinos, n]ossos [reinos vão] enriquecer sua abundância e eles vão dizer assim, “ Como [os reis da terra de Hanigalbat e da terra do Egi]to [mostram amor um ao outro]”. Se isso é assim, mais do que todas as terras, [nossas terras vão florescer muito [e] todas as terras irão falar de nós.

(136-140). [E agora, além] disso, verdadeiramente, [eu requisitei está]tuas de ouro fundido s<ó>lido para Nimmureya, [seu pai, e] eu requisitei muito, muito [ou]ro que não tivesse sido trabalhado. Agora, que meu irmão, dê estátuas [de] [ouro] fundido [sólido] e [que] meu irmão [dê] muito, muito ouro que não tenha sido trabalhado. Foi seu pai que d[eu] para mim [está]tuas de ouro. Por que isso é doloroso para seu coração para que voc[ê não pergunte] se [eu] não requisitei [de seu pai] e seu pai [além disso] não deu? E agora eu requisitei de meu irmão.

(141-147). [E verdadeiras são essas pa]lavras ou não {são} verdade? Não? Além disso, as estátuas que eu requisitei de seu pai, ele deu. E agora [de meu irmão não são outras que eu] requisitei. Então meu irmão não fará outras e ele não dará (e) me causará aflição? [...] de todas as palavras. Teye, ela é sua mãe, então per[gunte] {para} sua mãe [se eu não requis]itei [estátuas de ou]ro e muito [our]o para seu pai, e (se) seu pai não as deu. Então, [me]u irmão, que meu [irmão] me dê [estátuas de] [ouro] fundido sólido e muito ouro. E que meu irmão não faça meu coração ado[ecer. Na terra de meu irmão, ou]ro é abundante como p[ó]. E verdadeiramente eu nunca fiz o [coração de] meu

[irmão] adoecer. Se eu não posso fazer um mausoléu [para meus ancestrais], o que eu vou fazer para eles?

- (148-154). [E eu disse, “Meu] irmão, que Keliya retorne para ele. Meu irmão não deve ficar chateado. Keliya vai retornar para ele”. [Para meu irmão], eu (disse): “os emissários de meu irmão [vã]o retornar para você rapidamente”. Quando meu irmão [detém] meus emissários, eu detenho-os aqui. Eu verdadeiramente disse: “Quando ele liberar meus emissários e [eles vierem para mim e quan]do eles me derem um reporte, então eu vou liberar Ma[ne] e Keliya com ele como antigamente”. [Sou eu que vou env]iar ele de volta. Quando meu irmão os atrasar como algo esquecido então [eu vou fazer] como eu havia planejado. Agora, além disso, é a questão de meu irmão que está se tornando algo como um esc[ând]alo; por que a [mãe] de meu irmão [disse], “ele é um homem crescido, ele tomou o trono de seu falecido pai”, e meu irmão verdadeiramente faz o que ele quer.
- (155-158). [E] eu, [próprio], disse: “Meu irmão não liberou meus emissários e ele os detém por muito {tempo}”. Eu vee[mente]mente protestei! [Eu enviei] Masibadli, meu emissário, o tio de Keliya, e eu o enviei pa[ra] meu [irmão] alegremente, então meu irmão não deveria ficar bravo porque eu não mandei Keliya. Eu não o mandei [alegremen]te? E quanto ao outro emissário que eu mandei para meu irmão, o irmão de Keliya e o filho da mãe dele [é ele].
- (159-161). [E] eu o enviei [para m]eu [irmão] com muita pressa. Como meu irmão não o liberou, ele não retorna rapidamente. E meu irmão não fez um reporte para [mim no assunto de] meus [pe]didos que eu requisitei e por causa disso, eu não en[viei] Keliya. [E] que [meu irmão] não repita a queixa ou nada.
- (162-165). [E Masiba]dli, que eu enviei para meu irmão, é o tio de Keliya, então, estátuas de ouro fundido sólido, [que meu irmão dê] e muito ouro que não foi trabalhado, para o mausoléu, que eu requisitei de meu irmão, que meu irmão dê [para mim. E] que [meu irmão] não me cause [afl]ição e que ele não retenha; pois na ter[ra de] meu [irm]ão ouro é abundante como pó. [E que] eu não [cause afl]ição pata meu irmão.

- (166-172). [E] que [meu irmão] exceda em amor e [irman]dade dez vezes mais que seu pai e comigo nós vamos com[tenuamente mos]trar muito, muito amor. [E] quanto aos meus emissários, que meu irmão os libere rapidamente e [q]ue meu irmão envie Mane com meus emissários e que [eles] venham [para mim]. [Como] minha própria boca [falou], que meu irmão dê e que eu envie Keliya para meu [irmão] e uma grande caravana [eu verdadeiramente vou enviar] para meu [irmão] e [quai]squer coisas, todas elas, que [meu] irmão vai dizer, então elas eu vou verdadeiramente fazer. [Elas] que eu faça [e] que elas sejam feitas! E agora eu não tenho escrito para meu irmão como antes. Como [eu tenho escrito], então, [que] meu irmão me entenda. Que meu irmão não fique bra[vo]. E para meu irmão [eu preparei] uma grande embarcação e Keliya [eu vou] enviar e uma grande embarcação eu vou enviar para meu [ir]mão.
- (173-181). [E meu irmão] disse [sobre Ar]teshuba e Asali; ele disse, “eles cometeram um delito no reino de seu irmão”. Eles trouxeram [em dois] deles e eles trouxeram no resto de meus servos que tem estado lidando com o Egito. Ma[ne, seu emissário], veio em minha presença e eles conderam-os em minha presença e eles de[clararam, “Nós fizemos isso”]. Então, eu disse para eles, “Por que vocês [desgraçam] seu nome?”. [Meu irmão, pergunt]ou {para} Mane como eu os tratei. Eu p[us eles] em correntes e grilhões. [E ambos], um ao lado do outro, eu env[ie]i para uma de minhas cidades na fronteira da {minha} terra. E além disso, [meu irmão não disse {o crime}], e por esse motivo eu não os matei. Meu irmão, eles verdadeiramente com[eteram um delito, mas meu irmão] não disse {o crime}. Então, meu irmão, eu não perguntei. Agora, que meu irmão defina a atividade pela qual [eles pecaram] e de ac[ordo] com o desejo dele para eles, então assim eu farei para eles.
- (182-185). [Agora quan]to aos presente de [meu irmão], um pente de ouro encrustado genuíno, com a cabeça de um búfalo, uma maçã [... genuína] lápis-lazúli [...] um par para as mãos, de pedra genuína; um ornamento *šuruhtu* encrustado com [ou]ro; três roupas; três peças de [...] roupas; [uma] camiseta estilo urbano; [x] arcos, três aljavas revestidas com ouro; 9[0 ar]cos de bronze, aparados; [x.....x] de alta qualidade; três ma[ças; co]mo presentes de meu irmão eu [mandei].

(186-187). [... de] ouro; um par para as mãos, de [...] pedra; [x pares de] brincos; [...];
duas roupas, como presen[tes de Te]ye, sua mãe, eu [mandei].

(188-189). [...] um par para as mãos, de [...] pedra [... x pares de bri]nc[os;x] roupas,
como presentes pa[ra Tadu]eba], minha [filh]a, [eu mandei].

EA 30

Carta EA30, frente (cima) e verso (baixo).
Fotos da autora, com a permissão do British Museum.



TRADUÇÃO:

- (1-2). Para os reis de Cana[ã], os servos de meu irmão, assim (diz) o rei:
- (3-6). Agora, quanto a Akiya, meu emissário, eu o despachei com pressa com toda a velocidade para o rei da terra do Egito, meu irmão.
- (7-13). Não deixe que ninguém o detenha. Providencie a ele entrada segura para a terra do Egito e o entregue para o comandante da fortaleza da terra do Egito. Deixe ele ir rapidamente. E não deixe haver sub<ornos> exigidos dele.
-

(Impressão de selo cilíndrico)

APÊNDICE

TABELA 1: REIS DE MITANI

Kirta (?)	?
Shuttarna I (?)	?
Parattarna I	?
Shaushtatar	c. 1475– 1450
Parshatatar	c. 1450– 1435
Shaushtatar II	c. 1435 - 1410
Barattarna II	c. 1410 - 1400
Artatama I	c. 1400 - 1375
Shutarna II	c. 1375 - 1355
Artashumara	c. 1355 - 1352
Tushratta	c. 1352 - 1335

TABELA 2: REIS DO EGITO (INÍCIO DO REINO NOVO)

Ahmés	c. 1539–1515
Amenhotep I	c. 1514–1494
Thutmose I	c. 1493–1483
Thutmose II	c. 1482–1480
Thutmose III	c. 1479–1425
Hatshepsut	c. 1479–1458
Amenhotep II	c. 1425–1400
Thutmose IV	c. 1400–1390
Amenhotep III	c. 1390–1353
Amenhotep IV /Akhenaten	c. 1353–1336

TABELA 3: CRONOLOGIA *

	Síria	Mesopotâmia	Egito	Anatólia	Mediterrâneo
3500 - 3400		Primeiras cidades Colônias de Uruk	Objetos mesopotâmicos no Egito		
3399 – 3300					
3299 – 3200			Primeiros reis		
3199 – 3100		Invenção do cuneiforme	Invenção dos hieróglifos		
3099 - 3000					Fundação de comunidades minoicas
2999 - 2900	Fundação de Mari	Primeiros reis.			
2899 – 2800					
2799 – 2700	Fundação de Ebla e outras cidades				
2699 – 2600			Importação de cedro do Líbano	Primeiras cidades	
2599 – 2500			Construção das três grandes pirâmides		
2499 – 2400		Tumbas reais de Ur Negociações com Umma Aliança com Uruk			
2399 - 2300	Irkab-damu de Ebla (2300) Aliança entre Ebla, Mari e Hamazi	Sargon da Acádia (2334 – 2279) Barcos de Magan, Meluhha e Dilmun na Acádia	Pepi I (2321 – 2287)	Possível chegada de hititas na Anatólia	

* A tabela possui todas as datas aproximadas, em AEC, e foi baseada em PODANY, Amanda H. *Op. Cit.*, com adaptações a partir de FREU, Jacques. *Op. Cit.* e HORNUNG, E.; KRAUSS, R.; WARBURTON, D. (orgs.). *Op. Cit.*

2299 – 2200	Ishar-damu (2285) Presentes do Egito Negociações com Mari Destruição de Ebla	Expansão do Império acádio. Negociações com Elam	Pepi II (2278 – 2184) Envio de campanha para negociação com Punt		
2199 – 2100		Importações de Meluhha e Magan Casamento diplomático entre Ur e Elam			
2099 - 2000		Casamento diplomático entre Ur e Elam Fim de Ur III (2004)			Primeiras cidades em Creta
1999 - 1900			Início da XII dinastia Senuseret I (1956 – 911) Sinuhé em Canaã	Colônias assírias para negociações.	
1899 - 1800		Antecessores de Hammurabi iniciam governo (1894)			Negociações minoicas com o Egito
1799 - 1700	Zimri-Lim de Mari (1775 – 1761) Aliança de Mari com a Babilônia e com Eshnunna Destruição de Mari (1761)	Hammurabi da Babilônia (1792 – 1750) Hammurabi constrói seu Império Ishme-Dagan de Ekallatum (1775 – 1741) Vários acordos diplomáticos		Fim das colônias assírias (1750)	Creta comprada de Mari. Artistas minoicos decoram alguns palácios no Levante. Cidades na Alashiya. Alashiya vende cobre para Mari

1699 – 1600	Hana subjugada para Babilônia	Hititas conquistam a Babilônia (1595)	Hicsos governam o norte do Egito (1630 – 1539)	Ataque ao norte da Síria. Adoção do cuneiforme. Mursili I (1620 – 1590) Ataque na Babilônia	Auge da civilização minoica
1599 – 1500	Independência de Hana Fundação de Mitani (1560)	Início da dinastia cassita Negociação com os hititas e com a Assíria	Expulsão dos hicsos Início da XVIII dinastia	Negociações entre Hatti e Kizzuwatna	
1499 – 1400	Shaushtatar (1475– 1450) Parshatatar (1450– 1435) Negociações com Alalakh (território subjugado) Shaushtatar II (1435 - 1410) Mitani conquista a Assíria Negociações com o Egito Barattana II (1410 -1400)	Negociações com Assíria e Egito	Tothmés I (1504 – 1492) Ataque a Mitani Hatshepsut (1479 – 1458) Campanha comercial com Punt Tothmés III (1458 – 1425) Ataque a Mitani Casamento com Canaã Envios para a Assíria, Hatti e Babilônia Amenhotep II (1427 – 1400) Negociações com Mitani, Hatti e Babilônia	Negociações com Egito e Kizzuwatna	Artistas minoicos decoram palácios no Egito Destruição de cidades em Creta (1450)
1399 – 1300	Artatama I (1400 – 1375)	Casamentos da Babilônia com Egito, Elam e Assíria.	Tothmés IV (1400 -1391) Casamento entre Egito e Mitani	Tudhaliya II (1360 - 1344)	Dominação micênica na Grécia e Creta

	<p>Negociações e casamento diplomático entre Egito e Mitani</p> <p>Shutarna II (1375 -1355) Casamento e aliança entre Mitani e Egito</p> <p>Artashumara (1355-1352) Negociações com Amenhotep III do Egito</p> <p>Tushratta (1352-1335) Negociações com o Egito</p>	<p>Burna-buriash II da Babilônia (1359 – 1333)</p> <p>Ashur-uballit da Assíria (1363 - 1328) Assíria independente de Mitani</p>	<p>Amenhotep III (1391 -1353) Casamentos com Mitani, Babilônia e Arzawa</p> <p>Akhenaton (1353 -1336) Casamento com Mitani</p> <p>Horemheb (1323 -1295) Batalha contra os hititas em Canaã</p>	<p>Expansão do Reino Hitita</p> <p>Suppiluliuma (1344 -1322) Aliança entre Hatti e Egito. Casamento e aliança com a Babilônia. Guerra contra Mitani. Negociação e casamento com Mitani</p> <p>Mursili II (1321 - 1282) Batalhas contra o Egito em Canaã</p>	<p>Alashiya vende cobre para todos os lugares</p>
1299 – 1200	<p>Fim de Mitani, agregado aos territórios de Hatti e Assíria⁵²³</p>		<p>Ramsés II (1279 - 1213) Batalha de Kadesh, contra os hititas (1275) Negociação e casamento com Hatti (1258)</p>	<p>Batalha de Kadesh, contra o Egito. Negociação e casamento com o Egito. Aliança com a Babilônia</p>	

⁵²³ Para COHEN, Raymond; WESTBROOK, Raymond. *Op. Cit.*, o fim de Mitani acontece entre 1332 – 1322 AEC, após o assassinato de Tushratta. Para FREU, Jacques. *Op. Cit.*, o desmembramento de Mitani acontece entre 1340 e 1260 AEC, após a perda do poder imperial e a consequente dominação de hititas e assírios.

TABELA 4: FONTES

Fonte	Assunto	Local	Medida	Argila	Trechos citados
<p>EA17</p> 	<p>Tushratta concorda em enviar sua filha em casamento para Amenhotep III, para reafirmar a aliança.</p>				<p>Página 66: <i>a-na Ni-ib-um-a-re-ia L[UGAL KUR Mi-is-ri-i] SHESH-ia qí-b [í-ma]um-ma Tu-ish-e-rat-ta LUGAR KUR [Mi-]it-ta-na-[n]i</i></p>
	<p>Original: BM E29792 Cópia: BB, 9</p>				<p>Para Nibmu‘areya, r[ei da terra do Egito], meu irmão, diga: Assim (diz) Tuisheratta, rei das terras de [Mi]tani</p>
	<p>IN: Rainey, pp. 134 – 137. Moran, pp. 41 – 42</p>				<p>Página 134: <i>iš-tu i-na GIŠ.GU.ZA ša a-bi-ia ú-ši-bu ù še-eḫ-re-ku ù Pir-ḫi a-ma-ta la bá-ni-ta a-na KUR-ti-ia i-te-pu-uš-ma ù be-el-šu id-du-uk ù aš-šum an-ni-tì ia-ši it-ti ša i-ra-’a-ma-an-ni-ni ṭa-bu-ú-ta la ú-ma-aš-ša-ra-an-ni ù a-na-ku ap-pu-na-ma aš-šum a-ma-a-ti an-na-tì la bá-na-a-tì ša i-na KUR-ti-ia in-né-ep-šu ul em-te-ki ù LÚ.MEŠ dá-i-ka-ni-’šú’ ša IAr-ta-aš-šu-ma-ra ŠEŠ-ia qa-du mi-im-mu-šu-nu ad-du-uk-šu-nu-ti.</i></p>
	<p>12,3825 cm x 7,62 cm</p>				
	<p>A análise da argila não teve nenhuma evidência conclusiva sobre sua origem específica</p>				<p>Quando eu sentei no trono de meu pai, e eu era jovem, então Pirḫi cometeu atos indecorosos em minhas terras e matou seu senhor. E por causa disso ele não estava permitindo-me amizade com ninguém que me amava. Mas eu, além disso, por causa das coisas indecorosas que foram feitas em minhas terras, não fui negligente e como para as pessoas que mataram Artashumara, meu irmão, com tudo que lhes pertencia, eu os matei</p>

		<p>Página 134:</p> <p><i>ki-i at-ta it-ti a-bi-ia ta-ba-a-ta ù aš-šum an-ni-tì al-ta-pár-ma aq-ta-ba-ak-ku ki-me-e ŠEŠ-ia i-še-em-me-šu-nu-ma ù i-ḥa-ad-du a-bu-ia i-ra-’a-am-ka ù at-ta ap-pu-na-ma a-bu-ia ta-ra-’a-am-šu ù a-bu-ia ki-i ra-a-mi a-ḥa-a-ti a-na ka-a-ša [it]-ta-na-ak-ku ù ma-an-nu-um-ma ša-n[u-ú] [ša k]i-i ka-a-ša it-ti a-bi-ia</i></p> <p>Uma vez que você foi amigável com meu pai, então, por causa disso eu tenho escrito e falado com você para que meu irmão saiba dessas coisas e então possa se alegrar. Meu pai te amava e você, em contrapartida, retribuía para meu pai, você o amava e meu pai, por causa (desse) amor, [d]eu para você minha irmã. E quem mais era com meu pai como você?</p>
<p>EA19</p> 	<p>Tushratta pede ouro para construir um mausoléu e o dote de sua filha que será enviada para casar-se no Egito.</p> <p>Original: BM E29791 Cópia: BB, 8</p> <p>IN: Rainey, pp. 140 – 147. Moran, pp. 43 – 46.</p> <p>22,225 cm x 12,7 cm</p>	<p>Página 24 (nota 15):</p> <p><i>ù ŠEŠ-ia KÙ.GI.MEŠ ma-’a-dì-iš dan-niš ša a-na ši-ip-ri la ep-šu ŠEŠ-ia li-še-bíl-an-ni ù ŠEŠ-ia el ša a-bi-ia KÙ.GI li-še-bi-la ù i-na lib-bi KUR ša ŠEŠ-ia KÙ.GI.MEŠ ki-i e-pè-ri ma-a-dá-at</i></p> <p>E nas terras de meu irmão ouro é abundante como pó</p> <hr/> <p>Página 67:</p> <p><i>[a-]na Nì-im-um-re-ia LUGAL GAL shàr KUR Mi-is-ri-i SHESH-[ia] [h]a-ta-ni-ia sha i-ra-’a-am-na-ni ù sha a-ra-a[m-um-ush] qí-bí-ma um-ma Tu-ush-rat-ta LUGAL GAL e-mi-i-[ka] sha i-ra-’a-a-um-ù-ka shàr KUT Mi-i-it-ta-na-ni SHESH-ka-ma</i></p>

Os materiais usados neste tablete e no EA17 são parecidos. Assim como a EA17, a origem específica não é conhecida.

[P]ara Nimmureya, o Grande Rei, rei das terras do Egito, [meu] irmão, meu [g]enro, quem me ama e quem eu a[mo], diga: Mensagem de Tushratta, o Grande Rei, seu sogro quem te ama, rei das terras de Mitani, seu irmão [...]

Página 67:

a-na ŠEŠ-ia ki-i aš-pu-ru ù aq-ta-bi um-ma lu-ú a-na-ku-ma ki-ma ma-a-du-ti dá-an-ni-iš6 lu ni-ir-ta-na- 'a-am ù i-na be-ri-ni lu-ú tá-a-bá-nu ù a-na ŠEŠ-ia aq-ta-bi um-ma-a ŠEŠ-ia el a-bi-ia 10-šu lu-ú ú-te-et-te-ra-an-ni [...] ù ŠEŠ-ia KÙ.GI.MEŠ ma- 'a-dì-iš dan-niš ša a-na ši-ip-ri la ep-šu ŠEŠ-ia li-še-bíl-an-ni ù ŠEŠ-ia el ša a-bi-ia KÙ.GI li-še-bi-la ù i-na lìb-bi KUR ša ŠEŠ-ia KÙ.GI.MEŠ ki-i e-pè-ri ma-a-dá-at DINGIR.MEŠ li-me-eš-še-ru-šu-ma ki-i-me-e ki-i ša i-na-an-na i-na KUR ša ŠEŠ-ia KÙ.GI.MEŠ ma- 'a-dá-at ù 10-šu el ki-i ša i-na-an-na 'KÙ.GI'.MEŠ li-še-em- 'i-id ù KÙ.GI.MEŠ ša e-ri-šu i-na ŠÀ ŠEŠ-ia lu-ú la-a im-mar-ra-aš ù at-tù-ia lìb-bi ŠEŠ-ia lu-ú la-a ú-ša-am-ra-aš ù 'ŠEŠ'-ia KÙ.GI.MEŠ ša a-na ši-ip-ri la ep-šu ma-a-dì-iš da-an-ni-iš li-še-e-bi-la-an-ni ù mi-nu-um-me-e ša ŠEŠ-ia ḥa-aš-ḥu a-na É-šu li-iš-pur-ma li-il-qè ù a-na-ku 10-TA.ÀM ša ŠEŠ-ia i-ri-šu lu-ud-dì-in KUR an-ni-tu4 ša ŠEŠ-ia KUR-sú ù É an-ni-tu4 ša ŠEŠ-ia É-sú

Quando eu escrevi para meu irmão, eu verdadeiramente disse: “que nós sempre amemos muito, muito um ao outro e que entre nós sempre haja amizade. E para o meu irmão eu disse: que meu irmão sempre se supere em dez vezes o que ele fez por meu pai [...]. Que os deuses garantam que assim como agora ouro é abundante nas terras de meu irmão, que ele aumente o ouro dez vezes mais do que é agora. E que o ouro que eu peço não aflija o coração de meu irmão. E que meu irmão não aflija o meu coração. Então, que meu irmão me envie muito ouro que não foi trabalhado [...]

Página 133:

KUR an-ni-tu ša ŠEŠ-ia KUR-sú ù É an-ni-tu ša ŠEŠ-ia É-sú

Essa terra é a terra de meu irmão e esta casa é a casa de meu irmão

<p>EA20</p> 	<p>Tushratta promete atender a todos os pedidos de Amenhotep III e faz pedidos.</p>	<p>Página 127:</p> <p><i>ù aš-šum an-ni-ti IMA-[n]é-e i[k-ka-la-a] ú-bá-an ŠEŠ-ia IKé-li-ia ù IMA-né-e ḥa-mu-ut-ta [ú-ma-aš-š]ar-šu-nu-ti ù la aq-ti-ip!-šu-nu a-ka-an-na ŠEŠ-ia a-na dú-u[l-li-i]m-ma a-na mu-uš-šu-r[i] ù dú-ul-la ul e-pu-uš a-na [e-pé-eš] 10-šu a-na DAM-šu ša ŠEŠ-ia ù i-na-an-na dú-ul-la e-ep[pu-uš i-na ITI 6-KAMV IKé-li-ia LÚ.KIN-ia ù IMA-né-e L[Ú.KIN-šu] [š]a ŠEŠ-ia ú-ma-aš-ša-ar-šu-nu ša ŠEŠ-ia DAM-sú a-n[a-an-din].</i></p>
	<p>Original: VAT 191 (não agrupadas) Cópia: WA 22, VS 11, 9.</p> <p>IN: Rainey, pp. 148 – 155. Moran, pp. 47 – 50.</p>	<p>E por causa disso, Mane irá se atrasar um pouco. Meu irmão, Keliya e Mane [eu vou] liberar prontamente e eu não vou sobrecarrega-los, [a]ssim, meu irmão, com a tarefa de finalizar o trabalho. Eu não realizei o trabalho para [fazê-lo] dez vezes (mais) para a esposa de meu irmão, mas agora eu vou fazer o trabalho.</p>
	<p>Não disponível.</p>	<p>Em seis meses, Keliya, meu emissário, e Mane, o emissário de meu irmão, eu vou liberar. A esposa de meu irmão eu vou ent[regar] e eles irão a levar para meu irmão. Que <Sha>ushka, minha senhora, a senho[ra das terras e] de [me]u [irmão], e Amon, o deus de meu irmão, faça [ela] corresponder ao [desejo de meu irmão].</p>
	<p>Igual à EA17.</p>	<p>Página 127:</p> <p><i>ù ŠEŠ-ia i-na ŠÀ-šu i-ša-ab-ba-ta-an-ni ki-i lib-bi im-ra-šu mi-im-ma ù la lu-ú pa-aš-ra im-ma-ti-ma IŠKUR be-li lu-ú la ú-ma-aš-ša-raan-ni-ma it-ti ŠEŠ-ia lu-ú la ut-ta-az-za-am ka-a-am-ma a-na ŠEŠ-ia aq-ta-bi ki-i-me-e ŠEŠ-ia i-du-ú</i></p> <p>Mas, meu irmão levará ao coração que meu coração ficou um pouco aflito. E ele só pode ser amolecido. Nunca mais que Teshub permita-me que eu deva me enfurecer assim com meu irmão. Assim eu tenho falado com meu irmão para que ele saiba</p>

<p>EA21</p> 	<p>Tushratta, contente, envia um colar para o faraó Amenhotep III, para durar 100.000 anos</p>	<p>Página 137:</p> <p><i>ša ŠEŠ-ia ša a-ra-am-mu-uš DAM-sú DUMU.MUNUS-ti at-ta-an-na-aš-šu UTU ù INNIN a-na pa-n`-ša l[i-i]l-lik ki-i lib-bi ša ŠEŠ-ia li-me-eš?-[ši-l]u-uš ù ŠEŠ-ia i-na u-mi š[a-a-š]i l[i-i]iḫ-du UTU ù I[NNIN a-na] ŠEŠ-ia ka-ra-ba ra-[ba-a] ḫi-du-ú-ta ba-ni-i[-ta] li-id-din-ú-niš-šu li[k-ru-bu-šu] ù ŠEŠ-ia lu-ú bal-ṭ[á-ta] a-na da-ra-a-tim-[ma]</i></p> <p>Minha filha como a esposa de meu irmão quem eu amo, eu a dei. Que Shimigi e Shaushka a acompanhem. Que eles façam a imagem dela do coração de meu irmão. E, que meu irmão alegre-se ne[st]e dia. Que Shimigi e Shau[shka] dêem [para] meu irmão uma gra[nde] bênção e maravilh[oso] deleite. Que eles abençoem ele, e que meu irmão vi[va] para sempre</p>
	<p>Original: VAT 190 Cópia: WA 21, VS 11, 10.</p> <p>IN: Rainey, pp. 156 – 159. Moran, pp. 50.</p>	
	<p>Não disponível</p>	
	<p>Igual à EA19.</p>	
<p>EA23</p> 	<p>Tushratta manda a estátua da deusa de Ninevite, Ishtar (Shaushka), para o Egito, para restaurar a saúde do faraó.</p>	<p>Página 68:</p> <p><i>[a-n]a INi-im-mu-re-ia šàr KUR Mi-iš-ri-i ŠEŠ-ia ḫa-ta-ni-ia ša a-ra-a-a-mu ù ša i-ra-a-a-ma-an-ni qí-bí-ma um-ma Tù-uš-rat-ta šàr Mi-i-ta-an-ni ša i-ra `a-a-mu-ka e-mu-ka-ma a-na ia-ši šul-mu a-na ka-a-ša lu-ú šul-mu a-na É-ka a-na Ta-a-du-Ḫé-bá DUMU.MUNUS-ia a-na DAM-ka ša ta-ra-a-a-mu lu-ú šul-mu a-na DAM.MEŠ-ka a-na DUMU.MEŠ-ka a-na LÚ.MEŠ GAL-ka a-na GIŠ.GIGIR.MEŠ-ka a-na ANŠE.KUR.RA.MEŠ-ka a-na ÉRIN.MEŠ-ka a-na KUR-ka ù a-na mim-mu-ka dan-niš dan-niš dan-niš lu-ú šul-mu</i></p> <p>Diga [pa]ra Nimmureya, rei da terra do Egito, meu irmão, meu genro, quem eu amo e que me ama; Assim (diz) Tushratta, rei de Mitani, que te ama, seu sogro: Para mim</p>
	<p>Texto: BM E29793 Cópia: BB, 10</p> <p>IN: Rainey, pp. 184 – 187. Moran, pp. 61 – 62</p>	

	9 cm x 5 cm.	tudo está bem, para você que esteja bem. Para sua casa, para Tadu-Heba, minha filha, para sua esposa quem você ama, que esteja tudo bem. Para suas esposas, para seus filhos, para seus alto-oficiais, para suas bigas, para seus cavalos, para suas tropas, para suas terras e quaisquer coisas que lhe pertençam, que esteja tudo muito, muito bem.
	Igual à EA17.	
<p>EA24</p> 	Tushratta fala com Amenhotep III sobre assuntos diversos. Esta é a única carta, entre as EA, escrita em língua hurrita.	<p>Página 89:</p> <p><i>še-e-ni-íw-wu-ú-ul-la-a-an pa-aš-ši-i-it-ḥi-íw-we šu-ra-a-maš-ti-en naak-ki-en ita-i-šal-la-a-an Ma-né-en-na-a-an še-e-ni-íw-wu-uš šu-ka pa-aš-šien it-ta-in-na-a-an pa-aš-ši-i-it-ḥi-íw-wu-ra šu-ka u-u-le-e-en še-e-ni-íw-wu-uš pa-aš-ši-i-it-ḥé pa-aš-ša-ri-i-wa-a-en Ma-né-en-na-ma-an pa-aš-ši-en a-i-ma-a-ni-i-in Ma a-né-en še-e-ni-íw-wu-uš pa-aš-ši-a-a-ma u-u-li-ma-a-an pa-aš-šee-e-ta ú-ú-ri-úw-wu-un-na-a-an še-e-ni-íw-wu-uš-ša-a-an pal-la-a-en u-ia-ma-a-an še-e-ni-íw-wu-ša-an Ma-né-en-na-ma-an pa-aš-ši-em</i></p> <p>E meu irmão mande Mane para que ele possa viajar com meu envio. Que meu irmão não envie outro emissário, que ele mande apenas Mane. Se meu irmão não enviar Mane e mandar um outro, eu não o quero, e meu irmão deve saber isso! Não, que meu irmão apenas envie Mane!</p>
	<p>Original: VAT 422 Cópia: WA 27, VS 12, 200</p> <p>IN: Rainey, pp. 188 – 241. Moran, pp. 63 – 71.</p>	
	Não disponível.	
	A análise da argila não teve nenhuma evidência conclusiva sobre sua origem específica.	

Página 92:

*še-e-ni-íw-we-en-na-a-an ħi-il-lu-le-e-wa e-ta-la-an pa-aš-ši-i-it-ħiíw- we ku-su-u-
šu u-ia-ma-a-an ku-su zu-u-ši-úw-wu-la-an še-e-ni-íw-wu-ú-e-né-e-wa-a-tan aš-ti-i-
i-we ni-ħa-a-ri-i-ta ú-ru-u-mu wu-re-e-ta-a-an še-e-ni-íw-wu-uš-ša-ma-an še-e-ni-
íw-wu-ú-e-né-e-we aš-ti-i-we ni-ħa-a-ri a-ru-u-ša-uš-še ip-šu-ši-i-in ti-i-ħa-niš-ħi-i-
in ú-ú-na-a-an še-e-ni-íw-wu-⟨ú⟩-e-né-e a-a-i-i-e-e be-te-eš-ta-iš*

Meu irmão talvez diga: “Você em pessoa também deteve meus emissários!”. Não, eu não os detive. Eu estive ocupado com o dote da esposa de meu irmão e meu irmão em pessoa irá ver o dote da esposa de meu irmão, que eu dei... (ele está) chegando, com isso, ele será espalhado sob os olhos de meu irmão.

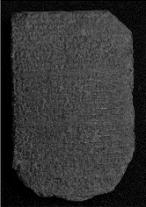
Página 139:

*ša-a-at-ti-la-an an-nu-tan šu-e-né-e-tan iš-ta-ni-íw-wa-ša šug-gu-úud-du-u-ħa ta-a-
du-ka-a-ri-i-til-la-a-an te-u-u-na-e tiš-ša-an tiš-ša-an KUR u-umi-i-ni-íw-wa-aš-ša-
a-an iš-ta-ni-a-ša bi-id-du-ka-a-ra in-na-a-am-ma-ma-an še-e-ni-íw-wu-ú-e du-ru-
bi ú-ru-u-we-en a-i-ma-a-ni-i-in šuk-ku-u-um-ma-ma-an duru-be še-e-ni-íw-wu-ú-a
KUR u-u-mi-i-ni-i-ta wa-še-e-wa pa-aš-ši-na-na še-e-ni-íw-we šu-ú-ú-ta ħur-wu-u-
hé-ma-a-an KUR u-u-mi-i-ni kar-kar-ni nu-ú-ú-li šuk-kán-ni-ma-a-an šu-e-ni še-e-
ni-íw-wu-ú-e-né-e-wa du-ru-bi-i-i-wa e-ti-i-ta [tub-b]i-in ú-ru-le-e-wa-ma-a-ni-i-in
gu-ru šu-u-u-we du-u-ru-b[i] du-ru-bi-íw-we in-na-a-am-ma-ma-an ú-ru-u-we-en
pa-aš-še-ti-i-tan še-e-ni-í[w-wu]-ta [g]e-pa-a-né-e-ta-ma-a-an še-e-ni-íw-wu-uš
KUR ma-a-áš-ri-a-a-an-ni KUR u-u-mi-i-ni kar-kar-ni nu-ú-ú-li šuk-kán-ni-ma-a-
an šue-ni du-ru-bi-íw-wu-⟨ú⟩-a e-ti-i-ta ú-be-e-ti (erasure) i-i-ma-a-an gu-ru ħa-a-
ra-a-am-ma-ma-an dur-bi-íw-⟨wa⟩-aš ši-né-e-W[A..]-i-in ew-re-en-na ta-li-im-te-
na KUR u-u-mi-i-ni [...] ta-li-im-te-na du-ru-pa ti-i-ti a-ú-un-ni-ma-a-an an-ni du-
ru-bi e-ti-iš ta-a-ar-ra-ša ħu-ši-a-a-aš-še du-ru-bi-íw-w[e.....] ú-ru-uk-ku*

		<p>(<i>erasure</i>) <i>i-i-ri-i-in-⟨ni-⟩iw-wa-aš-ša-a-[an] ú-ru-uk-ku-un-na-ma-an an-nu-tan šu-e-né-e-t[an]</i></p> <p>E por causa disso tudo, nós somos uma mente um com o outro, e ambos amamos um ao outro excessivamente. E nossas terras ajudam uma a outra. Se apenas um inimigo de meu irmão não existisse! Mas no caso de em algum momento um inimigo de meu irmão invadir sua terra, (e) meu irmão escrever para mim e a terra hurrita, amaduras, armas e tudo junto que pertencer aos inimigos de meu irmão estarão a sua disposição. Contudo, por outro lado, se houver um inimigo meu – se eles apenas não existissem! – eu vou escrever para o meu irmão e meu irmão vai enviar a terra egípcia, armaduras, armas e tudo junto que pertença ao meu inimigo..... nosso inimigo.... Grandes Reis, Grandes Reinos.... inimigos..... aquele inimigo, que.... um inimigo nosso não está presente, e não há ninguém como nós apesar disso tudo</p>
<p>EA26</p> 	<p>Com a morte de Amenhotep III, Tushratta escreve para Tiye para assegurar as relações entre Egito e Mitani.</p> <p>Original: BM E29794 (+) A9356 (Oriental Institute)</p> <p>Cópia: BB, 11 (+) Luckenbill (1916:7-8). Cópias anteriores da A 9356: Abel (1892:118) e Scheil (1892: 310)</p> <p>IN: Rainey, pp. 276 – 281. Moran, pp. 84 – 86.</p>	<p>Página 140 – 141:</p> <p><i>it-ti IMi-im-mu-re-ia[] mu-ti-i-ki ra-'a-mu-ut-t[a la] a-ma-aš-ši el ša pa-n[a-n]a-nu i-na-an-na-a-m[a] it-ti Na-ap-ḥur-re-i[a] DUMU-ka a-na 10-š[u] dan-niš dan-niš ar-ta[-na-'a]-am ù a-ma-a-te Mi-im-mu-re-ia m[u-ti-i-ki at-ti-i-ma ti-i-de ù] šul-ma-a-ni ša a-na[šu-bu-li mu-ut-ki iq-bu-ú] mi-it-ḥa-ri-iš la tu-š[e-e-bi-li ù ALAM.MEŠ ša KÙ.GI.MEŠ] ša-ap-ku-ú-ti ub-bu-[qú-ú-ti ša a-na mu-ti-i-ki] e-te-ri!(TI)-iš um-ma Š[EŠ-ia ALAM.MEŠ ša KÙ.GI.MEŠ] ù ša NA4.ZA.GÌN KUR a-n[a ia-ši li-še-bi-la-ma] ù i-na-an-na Na-ap[-ḥur-re-ia DUMU-ka ALAM.MEŠ] ša GIŠ ù-te-eḥ-ḥi-iz-ma [uš-te-bi-il ù i-na KUR ša DUMU-ka] KÙ.GI.MEŠ e-pé-ru šu-ú [am-]mi-i-ni i-na Š[A-šu] ša DUMU-ka im-tar-šú-ma [l]a id-dì-na ù an-ni-t[a-ma] ap-pu-na a-na ia-[š]i a[-n]a na-dá-a-ni i-te[-pu-uš] ra-a-'a-mu-tu an-nu-ú[] šu-ú um-ma a-n[a-ku-ma] el a-bi-i-šu a-na 10[]-šu Na-ap-ḥur-re[-ia DUMU-ka] ù-ut-ta-ra-an-ni-mi[] ù a-nu-um-ma i-na[-an-na-a-ma] ša a-bu-ú-šu-ú-ma [] i-na-an-dì-nu la[id-dì-na]</i></p>

	14,7 cm x 9,5 cm.	<p>O amor para Mimmureya, seu marido, eu não vou esquecer. Mais do que formalmente, até mesmo agora, eu estou [express]ando dez vezes mais amor por Naphurreya, seu filho. Mas quanto as palavras de Mimmureya, [seu] mar[ido, é você que (as) sabe, mas] meus presentes que [seu marido disse] que man[daria], você não {os} mandou conforme, [e as] [estátuas de ouro] sólido fundido [que] eu pedi [de seu marido], dizendo, “[Meu] ir[mão, estátuas de ouro] e real lápis-lazúli [que ele envie] p[ara mim]”.</p> <p>Mas agora, quanto ao Nap[hurreya, seu filho], ele banhou [estátuas] de madeira [e (as) enviou. Mas na terra de seu filho] ouro é (como) pó; [p]or que ele {ouro} iria afligir o cora[ção] de seu filho para que ele não (as) desse para mim ao invés das que ele me deu? Isso é amor? Eu disse: “Dez vezes mais do que o pai dele, Naphurre[ia seu filho] vai superar por mim, mas agora ele [não me deu] nem mesmo o que seu pai costumava dar”.</p>
	Idêntica à EA17.	
<p>EA27</p> <p>foto não disponível</p>	<p>Discute-se sobre os presentes enviados por Akhenaton.</p>	<p>Página 129:</p> <p><i>ù ALAM.MEŠ ša KÛ.GI ša-ap-ku-tu up-pu-qu-ú-tu 1-en ALAM a-na [i]a-ši ù ša-ni-tu ALAM a-na ALAM Tá-a-du-Ĥé-e-bá DUMU.MUNUS-ia a-šar a-bi-ka-ma IMi-im-mu-`re`-ia e-te-ri-iš ù iq-ta-bi a-bu-ka-ma muš-šèr a-na ša KÛ.GI-ma ša-pí-ik-ta up-puu[q]-ta na-dá-a-an-sú-nu-mì ù ša NA.ZA.GÌN KUR a-na-an-din-ak-kum-mì ù KÛ.GI ap-pu-na šana-a ma-`a-dá ú-nu-ta ša pa-tá la i-šu-ú it-ti ALAM.MEŠ a-na-an-din-ak-kum-mì ù KÛ.GI ša [A]LAM.MEŠ LÚ.DUMU.MEŠ KIN-ia [gá]b-bi-i-šu-nu-ma ša i-na KUR Mi-iš-ri-i aš-bu i-na IGI.MEŠ-šu-nui-ta-am-ru ù ALAM.MEŠ a-bu-ka-ma [a-n]a pa-ni LÚ.DUMU.MEŠ KIN-ia a-na ši-ip-ki ut-te-e-er-šu-nu i-tepu-us-sú-nu ig-ta-mar-šu-nu u-ze-ek-ki-šu-nu ù ki-i a-na ši-ip-ki tù-ur-ru Ú.DUMU.MEŠ.KIN-[i]a i-na IGI-šu-nu i-tam-ru ù ki-i gám-ru-ma za-ku-ú i-na IGI.MEŠ-šu-nu i-ta-am-ru ù KÛ.GI ša-nu-ú ma-`a-du ša pa-tá la i-šu-ú ša a-na ia-ši ú-še-e-[e]b-bélu uk-te-li-im-ma ù iq-ta-bi a-na LÚ.DUMU.MEŠ KÛ.GI-ia a-nu-um-ma ALAM.MEŠ ù anu-um-ma KÛ.[GI] ma-a-dá ù ú-nu-ta ša-a pa-tá la-i-šu-ú</i></p>
	<p>Original: VAT 233 (+) 2197, nº. 1; 2193 Cópia: WA 23 (apenas VAT 233); VS 11, 11</p> <p>IN: Rainey, pp. 282 – 295. Moran, pp. 86 – 90.</p>	
	Não disponível.	
	<p>Similar as demais. Origem específica não é conhecida.</p>	

		<p><i>ša a-na ŠEŠ-ia ú-še-bé-lu ù i-na IGI.MEŠ-ku-nuam-ra-a-mì ù LÚ.DUMU.MEŠ KIN-ia i-na IGI.MEŠ-šu-nu i-ta-am-ru”</i></p> <p>E estátuas de ouro sólido fundido, uma estátua de mim e outra estátua para a estátua de Tadu-Heba, minha filha, eu requisitei de seu pai, Mimmureya. E seu pai disse: “desista de estátuas apenas de ouro fundido, e eu vou te dar (estátuas) de lápis-lazúli e outro ouro, além disso, (e) muitos materiais sem limite com as estátuas eu vou te dar”. E quanto ao ouro para as estátuas, todos os meus emissários que estavam no Egito o viram com seus próprios olhos, e quanto as estátuas, foi seu pai, na presença de meus emissários, que as moldou, as trabalhou, as finalizou, as purificou. E quando a modelagem aconteceu, meus emissários viram com seus próprios olhos e quando elas {estátuas} foram terminadas e elas foram purificadas, com seus próprios olhos eles {emissários} viram.</p> <p>E ele {Mimmureya} mostrou muito outro ouro, sem limites, que ele estava enviando para mim. E ele disse para meus emissários, “Agora as estátuas e agora muito ouro e muitos materiais sem limites eu estou enviando para meu irmão, então veja com seus próprios olhos”. Então meus emissários viram com os seus próprios olhos.</p>
EA28	<p>Tushratta insiste para que Akhenaton libere seus mensageiros e protesta sobre seu atraso.</p> <p>Original: BM E37645 Cópia: Scheil (1892: 302)</p> <p>IN: Rainey, pp. 296 – 299. Moran, pp. 90 – 92.</p>	<p>Página 91:</p> <p><i>Pi-ri-is-sí ù Tul-ub-ri LÚ.DUMU.MEŠ.KIN-ri-[i]a a-na ŠEŠ-ia a-na kál-le-e al-ta-pár-šu-nu ù a-[na] du-ul-lu-ḥi dan-níš dan-níš aq-ta-bá-a-šu-nu-t[i] ù šu-nu mi-i-šú-ú-ta-am-ma al-ta-pár-šu-nu ù a-ma-ta an-ni-ta i-na ma-aḥ-ri-i-im-ma a-na ŠEŠ-ia aq-ta-bi Ma-né-e LÚ.DUMU.KIN-šu ša [ŠEŠ-ia] a-kál-la-a-šu-ú-mì a-dú LÚ.DUMU.KIN-ri-ia-mì ŠEŠ[-ia] ú-maš-ša-ru-ú-ma-a-mì i-il-la-ku-ú-ni[m] ù i-na-an-na ŠEŠ-ia a-na ga am-ra-ti-im-ma la ú-maš-šar-šu-nu-ti a-na a-la-ki ù ik-ta-la-a-šu-`nu`-ti dan-níš dan-níš LÚ.DUMU.MEŠ.KIN-ri mi-nu-ú ú-ul iṣ-šú-ru-ú ip-par-ra-šu-ú-ma i-il-la-ku ŠEŠ-ia aš-šum LÚ.DUMU.MEŠ.KIN-ri am-mi-ni ŠÁ-šu [i-i]k-</i></p>

	<p>14,605 cm x 10,16 cm</p>	<p><i>kál-šu am-mi-ni ul-lu-ú a-na pa-ni ul-l[i-i] [né-šu]-ru la in-né-eš-šèr ù ul-lu-[ú] [ša ul]-li-i šul-ma-an-sú la-a i-še-em-m[e] [ù]ħa-da-nu dan-niš dan-niš u-mi-šà[m-ma]</i></p>
	<p>Idêntica à EA17</p>	<p>Pirissi e Tulubri, [m]eus emissário, eu enviei com grande pressa para meu irmão e eu os disse para realmente se apressarem. E quanto a eles, eu os enviei com uma escolta muito pequena. E anteriormente eu enviei essa mensagem ao meu irmão: “Mane, o emissário de [meu irmão], eu estou detendo até [meu] irmão libertar meu emissário e ele vier para mim”.</p> <p>E agora meu irmão se recusou a liberá-los e os pôs sob uma detenção muito estrita! O que são emissários? Eles não são pássaros que deveriam voar e voltar! Meu irmão, por que ele sofre tanto por causa dos emissários? Por que não pode um [segura]mente ir diretamente ao outro e cada um ouvir as saudações [do ou]tro [para então] nós poderemos regozijar extremamente todos os dias?</p>
<p>EA29</p> 	<p>Tushratta retoma os laços entre Egito e Mitani, e insiste para que Akhenaton fale com sua mãe sobre as relações.</p>	<p>Páginas 111 - 112:</p>
	<p>Original: VAT 271 + frags: 1600, 1618-1620, 2195-2196, n.ºs. 3-4, 2197, n.ºs 3-5, e dois sem número. Cópia: WA 24 (sem frags.); VS 11, 12.</p> <p>IN: Rainey, pp. 300 – 323. Moran, pp. 92 – 99.</p>	<p><i>e-nu[-ma (Mn-ħprw-r´)] a-bu-šu ša [Ni-i]m-mu-u-re-ia a-na IA[r]-ta-ta-a-ma a-bá a-bi-ia iš-pu-ru ù DUMU.MUNUS -[sú] ša a[-bá a-bi-ia a-ħa-at] a-bi-ia i-te-[ri]-is-sí 5-šu 6-šu i[l]-ta-pár ù ú-ul id-di-na-aš-ši im-ma-ti-i-me-e 7-šu [a-na a-bá a-bi-ia il-t]a-pár ù i-na e-mu-ú-qí-im-ma it-[ta]-dìn-ši un-du Ni-im-mu-u-re-ia a-bu-ka a-na Šut-t[ar-na] a-bi-i[a ki-i iš-pu-ru] ù DUMU.MUNUS-sú ša a-bi-ia a-ħa-a-tiat-tùia ki-i i-ri-šu 3-šu ù 4-šu il-ta-[pár] ù [ù-ul id-di-]na-aš-ši im-ma-ti-i-me-e 5-šu ù 6-šu il-ta-pár ù i-na e-mu-ú-qí-im-ma i[t-ta-dìn-ši]</i></p>
	<p>Não disponível.</p>	<p>Quando [Min-kheperu-Re´], o pai de [Ni]mmureya, escreveu para Artatama, meu avô, e requisitou a filha de [meu] a[vô], ele escreveu cinco vezes ou seis vezes, mas ele não a deu. Apenas quando [ele escre]veu [para meu avô] a sétima vez, então sob tal pressão ele a deu. Quando Nimmureya, seu pai, [escreveu] para Shut[arna], me[u] pai, e requisitou a filha de meu pai, minha própria irmã, três vezes ou quatro vezes</p>

	<p>Idêntica à EA17</p>	<p>ele escre[veu], mas [ele não deu] ela. Apenas quando ele escreveu a quinta vez ou sexta vez, então sob tal pressão, ele [a] d[e]u</p> <hr/> <p>Página 125:</p> <p><i>e-nu[-ma (Mn-hprw-r´)] a-bu-šu ša I[Ni-i]m-mu-u-re-ia a-na IA[r]-ta-ta-a-ma a-bá a-bi-ia iš-pu-ru ù DUMU.MUNUS -[sú] ša a[-bá a-bi-ia a-ḥa-at] a-bi-ia i-te-[ri]-is-sí 5-šu 6-šu i[l]-ta-pár ú-ul id-di-na-aš-ši im-ma-ti-i-me-e 7-šu [a-na a-bá a-bi-ia il-t]a-pár ù i-na e-mu-ú-qí-im-ma it-[ta]-din-ši un-du INi-im-mu-u-re-ia a-bu-ka a-na IŠut-t[ar-na] a-bi-i[a ki-i iš-pu-ru] ù DUMU.MUNUS-sú ša a-bi-ia a-ḥa-at-tiat-tùia ki-i i-ri-šu 3-šu ù 4-šu il-ta-[pár] ù [ù-ul id-di-]na-aš-ši im-ma-ti-i-me-e 5-šu ù 6-šu il-ta-pár ù i-na e-mu-ú-qí-im-ma i[t-ta-din-ši] un[-du] INi-im-mu-u-re-ia [a-bu-ka] a-na ia-ši ki-i iš-[pu]-ru ù DUMU.MUNUS-ti ki-i [i-]ri-šu ù ú[-ul-la] [la-a] aq-bi i-na ma-aḥ-[ri-im-ma a-na LÚ.]DUMU. KIN-ri-šu aqta-bi um-ma-a a-na-an-din-aš-ši-i-ma-a-ku DUMU.NIN-ka i-na ša!-nu-ut-t[im]-m[a] [ki-i] il-li-ka ù Í.MEŠ [a-na qa-]aq-qa-dì-ša it-tab-ku ù [te]-er-ḥati- i-ša ki-i il-qú-ú ù at-ta-di[n-ši] [ù te-]er-ḥa-tu4 ša [I]Ni-im-um-re[-ia a-bi-i-]ka ša [ú-še-b]i-lu ZAG.MEŠ la i-šu AN ù KI uš-te-el-li la-a [aq-bi] [ul-la] a-na-an-din-aš-ši ù IḤa-a-ma-aš-š[i] LÚ.DUMU. KIN-r]i ša ŠEŠ-[i]a a-na kál-l[e-e a-n]a INi-im-mu-re-[i]a al-tap-ra-aš-[šu] [ù i-n]a 3 ITI.ME[Š a-n]a ḥa-mut-ti dan-niš-ma [il-ta-pár-aš-šu] ù 4 K[UŠ.MEŠ K]Û.[GI] ma-lu-ú ul`[-te-bil] [muš-š]èr šu-kut-tù [ša] a-bi-[ka] a-ḥe-én-na-a TA.ĀM ša ú-š[ebi-lu]</i></p> <p>Quando [Min-kheperu-Re´], o pai de [Ni]mmureya, escreveu para Artatama, meu avô, e requisitou a filha de [meu] a[vô], ele escreveu cinco vezes ou seis vezes, mas ele não a deu. Apenas quando [ele escre]veu [para meu avô] a sétima vez, então sob tal pressão ele a deu. Quando Nimmureya, seu pai, [escreveu] para Shut[arna], me[u] pai, e requisitou a filha de meu pai, minha própria irmã, três vezes ou quatro vezes</p>
--	------------------------	--

		<p>ele escre[veu], mas [ele não deu] ela. Apenas quando ele escreveu a quinta vez ou sexta vez, então sob tal pressão, ele [a] d[e]u.</p> <p>Qua[ndo] Nimmureya, [seu pai], escreveu para mim e requisitou minha filha, então eu [não] disse “Não”. Na [mesma] primeira v[ez], eu disse [para] seu emissário, “eu certamente a darei”. Quanto ao emissário, na segunda vez [que] ele veio, ele derramou óleo [sobre] [a cabe]ça dela e eles trouxeram o preço da noiva dela, e então eu de[i] ela. [E o] preço [da no]iva de Nimmure[ya], seu [pai], que ele [trou]xe era sem limite; isso ultrapassou céu e terra. Eu não [disse], “eu [nã]o vou a dar”. Eu enviei com toda a devida velocidade Haanash[i], o [emissário] de m[eu] irmão, [p]ara Nimmureya. [E e]m três mese[s co]m grande pressa [ele envi]ou[-o de volta] e ele enviou quatro sa[cos] cheios de [ou]ro, [sem inclu]ir as joias [que seu] pai en[viou] separadamente</p> <hr/> <p>Página 127:</p> <p><i>[ù mi-nu-um-me-e ša] INi-im-mu-u-re-ia a-bu-ka it-ti-ia id-dá-[na]bbu-bu šu-ú ia-ši lib-bi i-na mi-ni-im-m[a] [a-ma-ti ú-ul ul-te]-em-ri-iš ù mi-nu-um-me-e a-ma-tu ša a-qáb-buú-ma ù am-mi-tu i-na u-mi ša-a-š[u] [i-te-pu-uš ù a-na-ku] at-tù-šu ŠÀ-šu i-na mi-ni-im-ma a-ma-ti ú-ul ulte-em-ri-iš ù mi-nu-um-me[-e] [a-ma-tu ša i-qáb-ba-]am-ma ù am-mi-tu i-na u-mi ša-a-šu-ma e-te-pu-u[š]</i></p> <p>[E qualquer coisa que] Nimmureya, seu pai, continuamente discutiria comigo, ele nunca me causou aflição de nenhuma [forma]. E qualquer palavra que eu dissesse, então, naquele mesmo dia, [ele] as fazia. [E quanto a mim], em sentido algum eu causei aflição a ele, e qualquer [palavra que ele iria di]zer para mim, então naquele mesmo dia, eu faria aquilo.</p>
--	--	--

Página 142:

[ù ŠEŠ-ia aš-šum Ar-]te-eš-šu-bá ù A-sa-li iq-ta-bi-šu-nu um-ma šu-ú-[m]a i-na KUR ša ŠEŠ-ka iḥ-ta-tù-mì ul-te-r[i-bu] [ki-la-al-la]-šu-nu ù ul-te-r-bu ÍR.MEŠ-ia re-e-ḥu-tu ša i-na KUR M[i-]iṣ-ri-i ú-ši-bu Ma[-né-e] [LÚ.DUMI.KIN-ka] a-na pa-ni-ia i[-te-]ru-ub ù ub-ti-i-ir-ru-ú-šunu a-na pa-[ni-i]a ù i-dáb[-bu-bu-ma] [ni-te-pu-uš-mì] ù aq-ta-bi a-na pa-ni-šu-nu šu-um-ku-nu am-mi-i-ni[.....]ma-mì [ù ŠEŠ-ia] [Ma-né-e ša-a-]al-šu ki-i-me-e e-te-pu-us-sú-nu i-na šèr-šèr-re-ti ù iz-ŠU a[l-ták-na-šu-nu] [ù ki-la-al-la]-šu-nu 1-en a-na i-di 1-en a-na URU-ia ša qa-an-ni KUR-ti ul[-te-bi]l ù ša-ni-ta [ŠEŠ-ia] [ul iq-ta-bi] ù aš-šum an-ni-ti la a-du-uk-šu-nu ŠEŠ-ia šu-nu ki-i i[ḥ-ta-tù] [ù ŠEŠ-ia ú-]ul iq-bi ù ŠEŠ-ia ù-ul as-’a-al i-na-an-na ŠEŠ-ia né-e-pé-el-t[i] š[a] [iḥ-tù] li-iš-[ku]-un ù k[i-i-me]-e ŠEŠ-ia ḥa-še-eḥ-šu-[n]u ù a-ka-an-na lu-ú-pu-us-su-[nu]-t[i]

[E meu irmão] disse [sobre Ar]teshuba e Asali; ele disse, “eles cometeram um delito no reino de seu irmão”. Eles trouxeram [em dois] deles e eles trouxeram no resto de meus servos que tem estado lidando com o Egito. Ma[ne, seu emissário], veio em minha presença e eles conderam-os em minha presença e eles de[clararam, “Nós fizemos isso”.] Então, eu disse para eles, “Por que vocês [desgraçam] seu nome?”. [Meu irmão, pergunt]ou {para} Mane como eu os tratei. Eu p[us eles] em correntes e grilhões. [E ambos], um ao lado do outro, eu env[iei] para uma de minhas cidades na fronteira da {minha} terra. E além disso, [meu irmão não disse {o crime}], e por esse motivo eu não os matei. Meu irmão, eles verdadeiramente com[eteram um delito, mas meu irmão] não disse {o crime}. Então, meu irmão, eu não perguntei. Agora, que meu irmão defina a atividade pela qual [eles pecaram] e de ac[ordo] com o desejo dele para eles, então assim eu farei para eles

EA30 	Tushratta pede passagem de seu mnsageiro para o Egito.	Página 132 – 133: <i>a-na LUGAL.MEŠ ša KUR Ki-na-a-aḥ[-ḥi] ÌR.MEŠ ŠEŠ-ia um-ma LUGAL-ma a-nu-um-ma IA-ki-ia LÚ.DUMU KIN-ia a-na UGU šàr ʾKUR ʾMi-iš-ri-i ŠEŠ-ia a-na du-ul-lu-ḥi a-na kál-le-e al-ta-pár-šu ma-am-ma lu-ú la i-na-aḥ-ḥi-is-sú na-aṣ-ri-iš i-na KUR Mi-iš-ri-i šu-ri-bá ù a-na ŠU LÚ ḥal-zu-uḥ-li ša KUR Mi-iš-ri-i id-na-šu(?) ḥa-mut-ta li!-il-li!-ik! ù kad<ru>-sú mi-im-ma i-na muḥ-ḥi-šu lu-ú la ib-bá-aš-ši</i>
	Original: BM E29841 Cópia: BB, 58. IN: Rainey, pp. 324 - 325. Moran, pp. 100.	
	6,0325 cm x 4,7625 cm	Para os reis de Cana[ã], os servos de meu irmão, assim (diz) o rei: Agora, quanto a Akiya, meu emissário, eu o despachei com pressa com toda a velocidade para o rei da terra do Egito, meu irmão. Não deixe que ninguém o detenha. Providencie a ele entrada segura para a terra do Egito e o entregue para o comandante da fortaleza da terra do Egito. Deixe ele ir rapidamente. E não deixe haver sub<ornos> exigidos dele.
	Parecida com a EA17.	